

REVISTA HON NO MUSHI

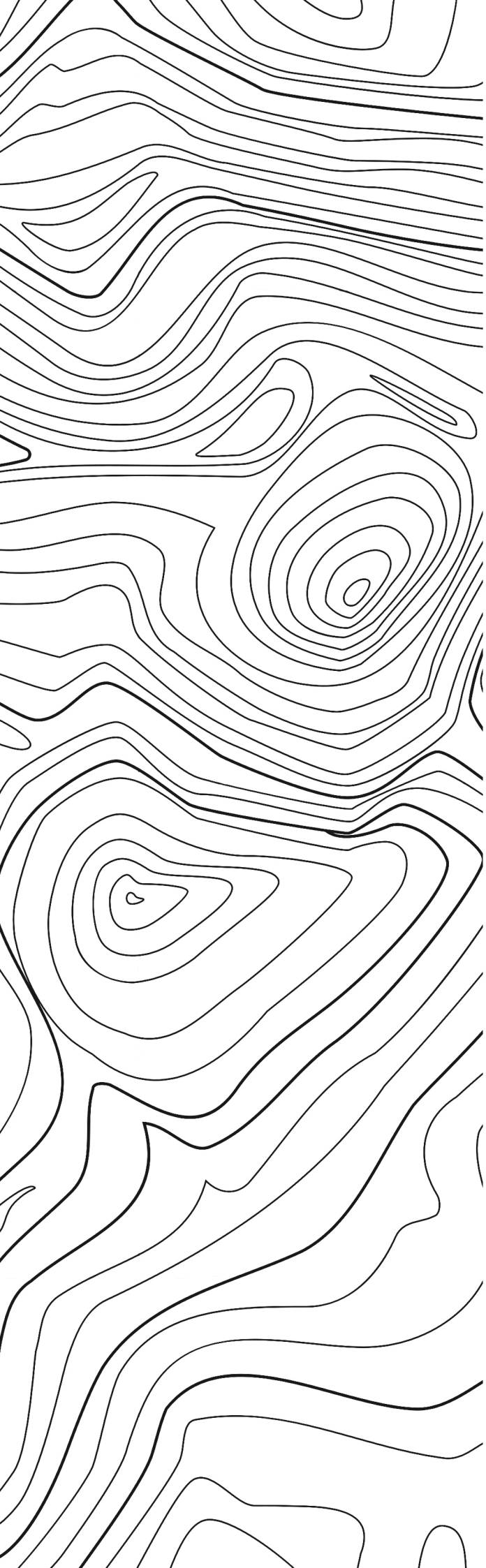
# 本の虫

ESTUDOS JAPONESES MULTIDISCIPLINARES

V. 5, N. 8, 2020

ISSN 2526-3846

Coletânea em Linguística Japonesa



Estudos  
Multidisciplinares  
Japoneses

---

HON NO MUSHI 5

Revista do Curso de Letras - Língua e Literatura Japonesa  
Vol. 5, N. 8, 2020 - ISSN 2526-3846

---

## Missão

---

A *Revista Hon no Musbi* configura-se em um espaço crítico e reflexivo voltado à promoção e expansão da interlocução de ideias, culturas, bem como a convergência de estudos científicos diversos e novos conhecimentos nos campos da literatura, da língua e da cultura japonesas e do ensino de línguas. Assim, acolhe os desdobramentos revelados nas mais distintas formas de expressão científica, constituindo-se em verdadeiro e legítimo convite a diferentes inscrições a partir da fecunda multiplicidade de olhares.

### Editor-chefe

Cacio José Ferreira

### Organizadores e editores desta edição

Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka

Kaoru Tanaka de Lira Ferreira

### Universidade Federal do Amazonas

Reitor: Sylvio Mário Puga Ferreira

Vice-Reitor: Jacob Moysés Cohen

### Curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa

Coordenador: Ernesto Atsushi Sambuichi

Vice-Coordenadora: Ruchia Uchigasaki

### Editores Responsáveis pela *Revista Hon no Musbi*

Cacio José Ferreira

Rodrygo Yoshiyuki Tanaka

### Capa

Marcus Vinicius de Lira Ferreira

### Organização

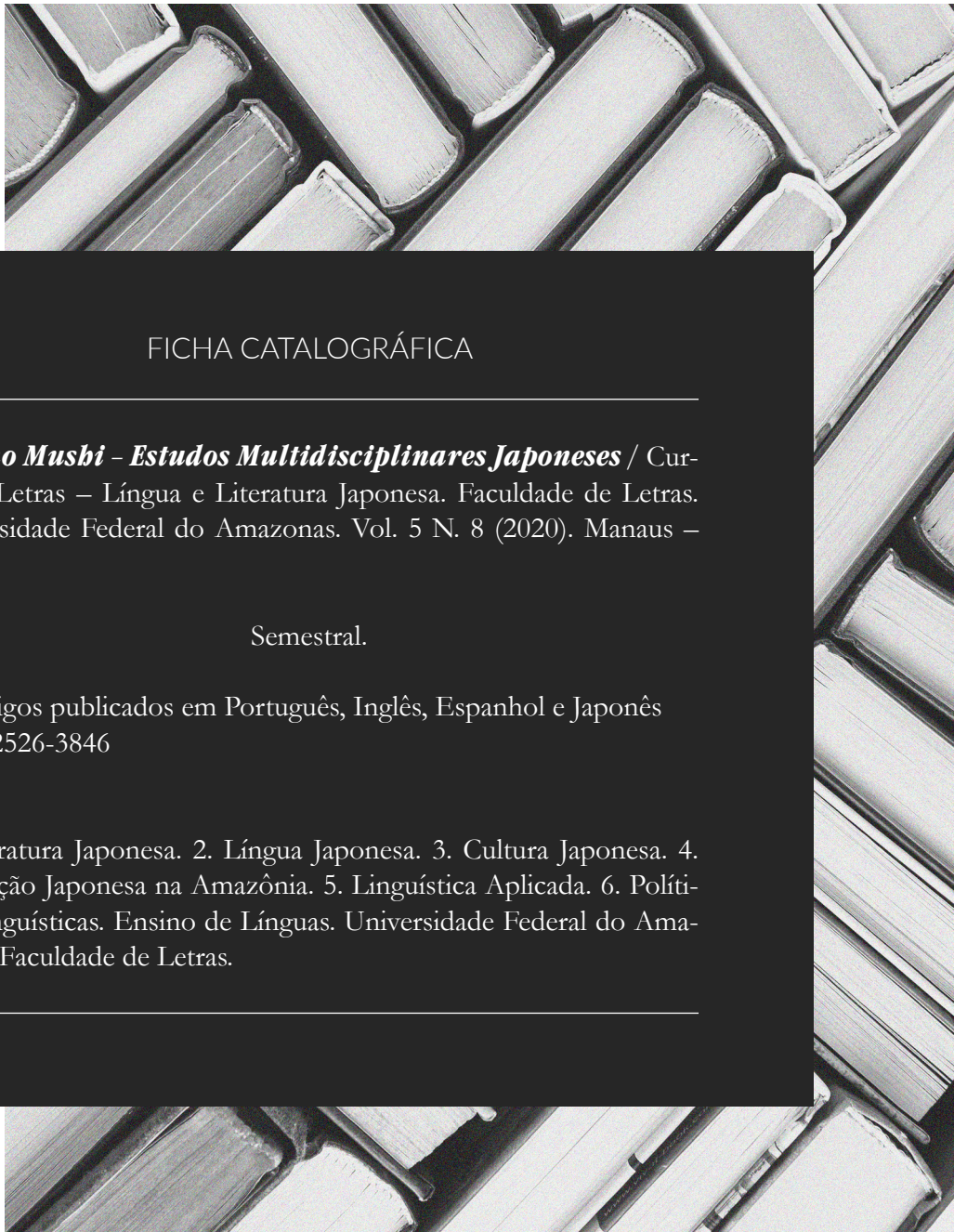
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Faculdade de Letras - FLet

Curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa – UFAM

### Conselho Editorial Consultivo

Andrei dos Santos Cunha (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS – Rio Grande do Sul, Brasil); Cacio José Ferreira (Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus-AM, Brasil); Francismar Ramírez Barreto (Universidade de Brasília, UnB/Caracas -Venezuela); Hiroki Okada (Kobe University – Japan); Juciane dos Santos Cavaleiro (Universidade Estadual do Amazonas, UEA, Manaus – AM, Brasil); Kinya Sugiyama (Kanazawa University – Japan); Lucélia de Sousa Almeida (Universidade Federal do Maranhão, UFMA, Bacabal – MA, Brasil); Luísa Leite dos Santos de Freitas (Universidade de Brasília, UnB, Brasília – DF, Brasil); Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka (Universidade de Brasília, UnB, Brasília – DF, Brasil); Mina Isotani (Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba – PR, Brasil); Monica Setuyo Okamoto (Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba - PR, Brasil); Norival Bottos Junior (Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia - GO, Brasil); Patrícia Nakagome Trindade (Universidade de Brasília, UnB, Brasília – DF, Brasil); Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus – AM, Brasil); Satoshi Udo (Meiji University, Japão); Saturnino José Valladares López (Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus – AM, Brasil); Serge Dominique Margel (Université de Lausanne, Suíça); Wagner Barros Teixeira (Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus – AM, Brasil); William Alves Biserra (Universidade de Brasília, UnB, Brasília – DF, Brasil); Yuki Mukai (Universidade de Brasília, UnB, Brasília – DF, Brasil); Yūsuke Sakai (Kagoshima University – Japan)



## FICHA CATALOGRÁFICA

---

***Hon no Musbi – Estudos Multidisciplinares Japoneses*** / Curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Amazonas. Vol. 5 N. 8 (2020). Manaus – AM

Semestral.

Artigos publicados em Português, Inglês, Espanhol e Japonês  
ISSN 2526-3846

1. Literatura Japonesa. 2. Língua Japonesa. 3. Cultura Japonesa. 4. Imigração Japonesa na Amazônia. 5. Linguística Aplicada. 6. Políticas Linguísticas. Ensino de Línguas. Universidade Federal do Amazonas. Faculdade de Letras.

---

Diagramação

Wagner Araujo Fernandes

Tradução

Marcus Vinicius Tanaka de Lira

Revisão

Cacio José Ferreira

Marcus Vinicius Tanaka de Lira

## Autores

---

Anna Benedicta Gomes de Sousa

Fabio Pomponio Saldanha

Isabella Mozzillo

Julia Toffoli

Kaoru Tanaka de Lira

Marcus Tanaka de Lira

Minoru Uchigasaki

Valdeilton Oliveira

Vinicius Borges de Almeida

Wanderson Tobias Rodrigues

# Sumário

## 5 APRESENTAÇÃO

### SEÇÃO TEMÁTICA

- 11 SEMELHANÇAS E DISCREPÂNCIAS ENTRE AS PARTÍCULAS MARCADORAS DE TÓPICO E SUJEITO NA LÍNGUA JAPONESA E NA LÍNGUA COREANA  
Anna Benedicta Gomes de Sousa
- 31 MORFEMAS ASPECTUAIS NA VARIEDADE BRASILEIRA DA LÍNGUA JAPONESA  
Kaoru Tanaka de Lira
- 50 CLASSES ADJETIVAIS NO NORDESTE ASIÁTICO: REVENDO AS LÍNGUAS JAPONESA E COREANA  
Marcus Tanaka de Lira
- 84 ブラジル・ポルトガル語を母語とする日本語学習者における「結果残存のテイル N がある」の使用に関する一考察  
Julia Toffoli

### SEÇÃO LIVRE

- 103 IDEOLOGIAS, POLÍTICAS LINGUÍSTICAS FAMILIARES E BILINGUISMO: ESTUDO DE CASO DE UMA FAMÍLIA DE DESCENDENTES DE JAPONESES RESIDENTES EM PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL  
Vinicius Borges de Almeida  
Isabella Mozzillo
- 118 A INTERMODALIDADE NA LEITURA DE JOGOS NÃO DIDÁTICOS EM LÍNGUA JAPONESA – UM ESTUDO EXPLORATÓRIO  
Valdeilton Oliveira
- 138 VOZES DE ERIKO: UMA ANÁLISE *QUEER* SOBRE *KITCHEN*  
Wanderson Tobias Rodrigues
- 150 NO SANGUE ESCORRIDO: *TAKASEBUNE*, *HAN NO HANZAI* E A MORTE  
Fabio Pomponio Saldanha

### TRADUÇÃO

- 163 NOVA COLÔNIA JAPONESA DA GRANDE AMAZÔNIA (*DAI AMAZON NO NIHON SHOKUMINCHI*), DE TSUKASA UETSUKA  
Minoru Uchigasaki

# APRESENTAÇÃO

O volume 5, número 8 da *Revista Hon No Musubi - Estudos Multidisciplinares Japoneses* organizado por Kaoru Tanaka de Lira e Marcus Tanaka de Lira, é o resultado de um convite à comunidade acadêmica para a publicação de pesquisas que tenham como alvo diferentes tópicos em linguística japonesa.

Afinal, a língua japonesa está entre as 10 línguas mais faladas no mundo com aproximadamente 128 milhões de falantes. Muitas das pessoas que comunicam em língua japonesa se encontram no Brasil, destino de milhares de emigrantes do arquipélago durante o século passado. No entanto, há várias lacunas no nosso conhecimento sobre a língua, como a relação do japonês com as outras línguas naturais faladas ao redor do globo, entre outros pontos. Esta revista busca preencher algumas dessas lacunas.

Na seção temática temos o artigo *Semelhanças e Partículas entre as Partículas Marcadoras de Tópico e Sujeito na Língua Japonesa e na Língua Coreana* de Anna Benedicta Gomes, que explora as convergências e as divergências no uso das partículas que marcam sujeito e tópico em japonês e em coreano. O comportamento majoritariamente semelhante é contrastado, com destaque às situações em que o uso das partículas difere nas línguas.

Na sequência, *Morfemas Aspectuais -yor e -tor na Variedade Brasileira da Língua Japonesa*, de autoria de Kaoru Tanaka de Lira traz um levantamento feito com falantes da Variedade Brasileira da Língua Japonesa falada no Distrito Federal em que analisa dois morfemas aspectuais: *-yor* e *-tor*. Os dados então são analisados de acordo com noções de transitividade e perfectividade, a fim de explicar seus significados.

Marcus Tanaka de Lira então apresenta *Classes Adjetivais no Nordeste Asiático: Revendo as Línguas Japonesa e Coreana*, em que se faz um levantamento das possíveis classes adjetivais em coreano e japonês e aplicam-se testes para verificar se seu comportamento é condizente com o que é descrito na literatura sobre adjetivos dentro de uma perspectiva funcional tipológica.

Ainda na seção temática, Julia Toffoli apresenta *Um Estudo Sobre Como os Falantes de Português do Brasil Estudantes de Japonês Utilizam a Estrutura 'TEIRU N GA ARU'*. Como explica a autora, em situações em que falantes nativos usariam a construção “N GA V-TEIRU”, falantes nativos da língua portuguesa do Brasil que estudam japonês usam “TEIRU GA ARU”. Sob a hipótese de que isso é uma

influência baseada no uso de artigos indefinidos em português, a autora aplica possíveis causas e apresenta a aplicação de testes para julgamentos gramaticais aplicados à língua portuguesa do Brasil.

*A Intermodalidade na Leitura de Jogos Não Didáticos em Língua Japonesa – Um Estudo Exploratório*, de Valdeilton Oliveira, o autor explora a eficácia na aprendizagem de línguas estrangeiras da utilização de jogos eletrônicos voltados para o entretenimento, e não necessariamente para o ensino. Acompanhando os hábitos de leitura em língua japonesa de três participantes do estudo, o autor relata a que o conhecimento na língua influencia a compreensão do conteúdo escrito e aparenta ter um impacto positivo no estímulo dos jogadores mesmo em níveis iniciais de aprendizagem da língua.

Já em *Ideologias, Políticas Linguísticas Familiares e Bilinguismo: Estudo de Caso de uma Família de Descendentes de Japoneses Residentes em Pelotas, Rio Grande do Sul*, Vinicius Borges de Almeida e Isabella Mozzillo fazem uma análise das ideologias e políticas linguísticas adotadas por uma família, em contato com a língua portuguesa e a língua japonesa, em suas escolhas entre as línguas. O trabalho mostra as atitudes demonstradas pelos membros da família em relação ao bilinguismo através da análise de entrevistas feitas pelos autores.

Em seguida, *Vozes de Eriko: Uma Análise Queer sobre Kitchen* interpreta, com base em teorias *queer*, as possíveis leituras sobre a personagem Eriko, de *Kitchen*, obra escrita por Banana Yoshimoto. As leituras são feitas com referência a debates sobre violência contra transexuais na literatura, a negligência de lutos referentes à comunidade e o combate a tradições heterocisnormativas que são perpetuadas na cultura

*No Sangue Escorrido: Takasebune, Han no Hanzai e a Morte* de Fabio Pomponio Saldanha, traz discussões sobre a problemática discursiva da morte. Selecionando alguns contos japoneses, o autor busca entender como eles lidam com morte e ética em relação com a literatura, a partir de estruturas narrativas que tratam de elementos como assassinatos.

Por fim, Minoru Uchigasaki apresenta uma tradução do texto *Nova Colônia Japonesa Da Grande Amazônia*, um plano para o desbravamento da Amazônia escrito por Tsukasa Uetsuka. Uetsuka foi o responsável por uma modalidade de imigração japonesa que consistia na formação de um grupo de líderes, chamados *koutakusei*, e no desenvolvimento de um instituto de pesquisa no município de Parintins, no Amazonas. O texto explica como se deu a organização deste processo migratório e inclui o contrato de concessão de um milhão de hectares aos imigrantes por parte do então governador do Amazonas, Efigênio Salles.

Esses são os frutos dos diversos pesquisadores que participaram desta edição. Esperamos que esses trabalhos possam servir para embasar e aperfeiçoar pesquisas futuras na área de estudos japoneses.

Kaoru Tanaka de Lira  
Marcus Tanaka de Lira  
**Editores**

# FOREWORD

*Volume 5, Issue 8 of the Hon No Musubi – Japanese Multidisciplinary Studies organized by Kaoru Tanaka de Lira and Marcus Tanaka de Lira, is the result of an invitation to the academic community for the publication of research that has as its aim different topics in Japanese linguistics.*

*The Japanese language is, after all, among the 10 most spoken languages in the world, with approximately 128 million speakers. Quite a few people who communicate in Japanese language are in Brazil, destination of thousands of emigrants from the archipelago in the last century. There are, however, many gaps regarding our knowledge about the language, as it relates with other natural languages spoken around the world, among other things. This issue seeks to fill some of these gaps.*

*In the thematic section, we have the paper Similarities and Discrepancies between the Topic and Subject marking particles in Japanese Language and Korean Language by Anna Benedicta Gomes de Sousa, which explores the convergences and divergences in the use of particles that mark the subject and topic in Japanese and Korean. The largely similar behaviour is contrasted, with focus on the situations in which the use of the particles differs in the languages.*

*In sequence, Aspect Morphemes in the Brazilian Variety of the Japanese Language, by Kaoru Tanaka de Lira showcases a survey made with speakers of the Brazilian Variety of the Japanese Language spoken in the Federal District which analyses two aspect morphemes: -yor and -tor. The data is analysed based on notions of transitivity and perfectivity, in order to explain its meaning.*

*Marcus Tanaka de Lira then presents Adjective Classes in Northeast Asia: Revisiting the Japanese and Korean languages, in which the author designs a survey of possible adjective classes in Korean and Japanese and carries out tests to check if they behave according to what is already described in the literature about adjectives through a functional typological perspective.*

*Still in the thematic section, Julia Toffoli presents A Study about How Brazilian-Portuguese Speakers Learning Japanese Uses the Structure “TEIRU N GA ARU”. As the author explains, in environments where native speakers would use the construction “N GA V-TEIRU”, native speakers of Brazilian Portuguese that study the Japanese language use “TEIRU GA ARU”. Under the hypothesis that this is an influence of indefinite articles in Portuguese, the author tests possible causes and presents the application of tests for grammatical tests applied to Brazilian Portuguese.*



*In the free section, The Intermodality on the Reading of Non-Pedagogical Japanese Games - An Exploratory Research by Valdeilton Oliveira, the author explores the efficacy in learning foreign languages through the use of electronic games aimed at entertainment and not necessarily for teaching. Following the reading habits in Japanese language of three participants in the study, the author explains that knowledge in the language influences the comprehension of written content and appears to have a positive impact as a stimulus for players even in beginner levels.*

*As for Ideologies, family language policies and bilingualism: case study of a Japanese descendant family living in Pelotas, Rio Grande Do Sul Vinicius Borges de Almeida and Isabella Mozziello analyse the ideologies and the language policies adopted by a family in contact with the Portuguese and Japanese languages, in their choices among the languages. The work demonstrates the attitudes shown by family members in relation to bilingualism through the analysis of interviews carried out by the authors.*

*Next, Wanderson Tobias Rodrigues' Eriko's Voices: a Queer Analysis about Kitchen interprets the possible readings about the character Eriko, from Kitchen, written by Banana Yoshimoto. The readings are made in reference to debates about violence against transsexuals in literature, the negligence of mourning referring to the community and the battle against heterocisnormative traditions that are perpetuated in culture.*

*In Drawn Blood: Takasabune, Han no Hanzai and Death by Fabio Pomponio Saldanha brings discussions about the discursive problems of death. Choosing some Japanese short stories, the author seeks to understand how they deal with death and ethics as they relate to literature, through narrative structures which treat elements such as murders.*

*At last, Minoru Uchigasaki presents a translation of Great Amazon's New Japanese Colony a plan for the exploration of the Amazon by Tsukasa Uetsuka. Uetsuka was responsible for a modality of Japanese immigration which consisted in the formation of a group of leaders, called koutakusei, and in the development of a research institute in the city of Parintins, in Amazonas. The text explains how the organization of this migratory process unfolded and includes the concession contract of a million hectares by the then governor of the Amazonas state, Efigênio Salles.*

*These are the fruits of the work of several researchers that took submitted to this issue. We hope these works can enhance future research in the field of Japanese studies.*

Kaoru Tanaka de Lira  
Marcus Tanaka de Lira  
**Editors**



# Seção Temática

---

SEMELHANÇAS E DISCREPÂNCIAS ENTRE AS PARTÍCULAS MAR-  
CADORAS DE TÓPICO E SUJEITO NA LÍNGUA JAPONESA E NA  
LÍNGUA COREANA

Anna Benedicta Gomes de Sousa

MORFEMAS ASPECTUAIS NA VARIEDADE BRASILEIRA DA LÍNGUA  
JAPONESA

Kaoru Tanaka de Lira

CLASSES ADJETIVAIS NO NORDESTE ASIÁTICO: REVENDO AS  
LÍNGUAS JAPONESA E COREANA

Marcus Tanaka de Lira

ブラジル・ポルトガル語を母語とする日本語学習者における  
「結果残存のテイル N がある」の使用に関する一考察

Julia Toffoli

# SEMELHANÇAS E DISCREPÂNCIAS ENTRE AS PARTÍCULAS MARCADORAS DE TÓPICO E SUJEITO NA LÍNGUA JAPONESA E NA LÍNGUA COREANA<sup>1</sup>

## SIMILARITIES AND DISCREPANCIES BETWEEN THE TOPIC AND SUBJECT MARKING PARTICLES IN JAPANESE LANGUAGE AND KOREAN LANGUAGE

Anna Benedicta Gomes de Sousa<sup>2</sup>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8514-6364>

Recebido em: 17/04/2020

Aprovado em: 02/06/2020

**RESUMO:** O presente trabalho, seguindo uma linha funcional tipológica e baseada em Li e Thompson (1976), tem como objetivo listar e perscrutar as semelhanças entre as partículas marcadoras de tópico e sujeito na língua japonesa e na língua coreana. As partículas de tópico têm como função topicalizar um elemento na sentença, em sua maioria este elemento estará no início da frase e é conhecido pelo locutor e pelo interlocutor. Já a partícula de sujeito irá exercer a função de marcar o sujeito da frase, porém se diferenciando do tópico, o sujeito traz uma informação nova. Os dados seguintes apresentados foram retirados de gramáticas descritivas do coreano e do japonês. Os resultados obtidos apontam que as funções das partículas marcadoras de tópico e sujeito em ambas línguas são muito semelhantes, porém ainda há pequenas diferenças.

**Palavras-chave:** Tópico. Sujeito. Coreano. Japonês.

**ABSTRACT:** *The present research, following a functional typological approach and based on Li and Thompson (1976), aims to list and scrutinize the similarities between the topic and subject marking particles in the Japanese language and the Korean language. The topic particles have the function of topicalizing an element in the sentence, most of which this element will be at the beginning of the sentence and is known by both speaker and interlocutor. The subject particle has the function of marking the subject of the sentence, but differing from the topic, the subject brings a new piece of information. The following data presented were taken from Korean and Japanese descriptive grammars. The results show that the functions of the topic and subject marker particles in both languages are very similar, but there are still slight differences.*

**Keywords:** *Topic. Subject. Korean. Japanese.*

<sup>1</sup> A presente pesquisa foi iniciada dentro do Programa de Iniciação Científica da UnB de 2018/2019, sob orientação de Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka e, em virtude da interrupção por ter a autora sido contemplada por bolsa recebida no exterior, foi completada fora do programa.

<sup>2</sup> Graduando em Letras - Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de Brasília (UnB); Brasília. Realizou intercâmbio em Ciência Humana Global pela Universidade de Kobe; Kobe – Japão (2019-2020). E-mail para contato: [annabenedicta@gmail.com](mailto:annabenedicta@gmail.com)

## Introdução

O trabalho aqui exposto tem como objetivo identificar e listar as semelhanças e discrepâncias de uso e função entre as partículas marcadoras de tópico e sujeito nas línguas japonesa e coreana.

De acordo com Li e Thompson (1976, p. 459) existem quatro tipos de línguas: línguas que são orientadas pelo sujeito; línguas que são orientadas pelo tópico; línguas que são igualmente orientadas tanto pelo sujeito quanto pelo tópico e línguas que não são orientadas nem pelo sujeito e nem pelo tópico.

Esta pesquisa irá perscrutar o terceiro tipo de língua, aquela que se orienta tanto pelo sujeito e pelo tópico, no caso como é explanado no artigo, a língua coreana e japonesa. As duas línguas fazem uso de partículas para identificar os Tópicos e os Sujeitos: a língua coreana usa o *em/neun* (은/는) para tópicos e *ga/i* (가/이) para sujeitos e a língua japonesa usa o *wa* (は) para tópicos e *ga* (が) para sujeitos.

Sendo japonês e coreano línguas orientadas por tópico e sujeito e que fazem uso de partículas para marcá-los, algumas semelhanças possivelmente podem existir. Desta forma, esta pesquisa busca listar as possíveis semelhanças e diferenças existentes na marcação de tópicos e sujeitos em ambas as línguas.

O motivo da pesquisa se dá com o propósito de ajudar trabalhos futuros sobre as duas línguas e auxiliar estudantes que buscam estudá-los a ter um melhor entendimento de línguas orientadas por tópico e sujeito.

## 1 Definições

O tópico deve ser definido como algo que já é conhecido ou já mencionado anteriormente pelo locutor e pelo interlocutor, e uma propriedade importante do tópico é que ele não precisa ter uma relação seletiva com qualquer verbo em uma sentença. Isto é, não precisa ser um argumento de um constituinte do predicado. (LI e THOMPSON, 1976, p. 461).

Exemplo:

Tópico	Comentário
1. As for education, John prefers Bertrand Russell's ideas.	Quanto à educação, John prefere as ideias de Bertrand Russell (LI e THOMPSON, 1976, p. 459).

A educação não tem relação com o verbo, já que a mesma não praticou a ação e não está relacionada ao predicado. Porém, ela delimita o assunto do que é exposto, sendo desta forma “a educação” o tópico. Como exemplo em japonês e coreano temos:

### Japonês

2. *Kyoko-san wa sensei desu.*  
Kyoko-HON TOP professora COP

‘Em se tratando de Kyoko, é professora.’

### Coreano

3. *Kyoko-si neun seonsaengnim ibnida.*  
Kyoko-HON TOP professora COP

‘Em se tratando de Kyoko, é professora.’

Em contrapartida, o sujeito não necessariamente precisa estar definido. Entretanto, deve estar relacionado ao predicado.

Um correlato do fato de que um sujeito é seletivamente relacionado ao verbo é o fato de que, com certas qualificações, é possível predizer qual será o sujeito de qualquer verbo.<sup>3</sup> (LI e THOMPSON, p. 463, 1976).

Exemplo:

### Sujeito Predicado

4. *John hit Mary.*  
John bateu em Mary’

(LI e THOMPSON, 1976, p. 459).

O sujeito John não foi antes mencionado, é desconhecido, porém ele pratica a ação de bater em Mary; está relacionado ao predicado. Desta forma John é um sujeito.

### Japonês

5. *E ga kirei.*  
Imagem SUJ linda

‘A imagem é linda.’

### Coreano

6. *geulim i yeppenda.*  
Imagem SUJ linda

‘A imagem é linda.’

<sup>3</sup> No original: *A correlate of the fact that a subject is selectionally related to the verb is the fact that, with certain qualifications, it is possible to predict what the subject of any given verb will be.*

## 2 Metodologia

A presente pesquisa irá seguir uma linha funcional tipológica, baseada em Croft (2002), mais precisamente com a abordagem de comparação interlinguística.

A abordagem de comparação interlinguística - que é a construção de generalizações tipológicas - nos permite progredir nas características universais da distribuição de artigos, por exemplo, e, por sua vez, nos leva a reavaliar uma análise formulada sem referência aos fatos em outros idiomas<sup>4</sup>(CROFT, 2002, p. 8).

Além de Croft (2002), esta pesquisa se baseará em Li e Thompson (1976), mais precisamente nas definições de tópico e sujeito que os autores explanam.

Para levantamentos de dados foi feita uma revisão bibliográfica com gramáticas descritivas do japonês e do coreano, com enfoque nas funções e usos das partículas marcadoras de tópico e sujeito em ambas as línguas.

## 3 Análise de dados

### 3.1 Tópico

#### 3.1.1 Semelhanças

De acordo com Yeon e Brown (2011, p. 123), a partícula marcadora de tópico (PdeT) da língua coreana tem a função de “topicalizar” a palavra ou frase à qual ela está anexada. Mukai (2014, p. 33) cita que a PdeT da língua japonesa é comumente definida com a função principal de indicar o “tópico da frase” ou “contraste” entre alguns itens. Ambas definições, do coreano e japonês, se convergem com a de Li e Thompson (1976), permitindo então, semelhanças funcionais que serão estudadas a seguir, com ressalvas de discrepâncias.

Nas duas línguas, o tópico por definição já é conhecido pelo locutor e pelo interlocutor. Entretanto, em suas explicações, Yeon e Brown (2011, p. 124) define o tópico como “informação velha”, informação anteriormente compartilhada, enquanto Mukai (2014, p. 51) define como função anafórica, algo que remete ao elemento anterior. Abaixo estão exemplos levantados por Yeon e Brown (2011, p. 124) e por Noda (1996 apud MUKAI, 2014, p. 52).

<sup>4</sup> No original: *Cross-linguistic comparative approach -that is the construction of typological generalizations - allows us to make progress on universal characteristics of the distribution of articles, for example, and in turn causes us to reassess an analysis formulated without reference to the facts in other languages.*

**Coreano**

7. Yumi-ssi **ga** wa-sseoyo. Yumi-ssi **neun** maegjuleul sagajigo wa-sseoyo.  
 Yumi-HON SUJ veio-PSD yumi-HON TOP cerveja comprar vir-PSD

‘A Yumi veio. Ela comprou cerveja.’<sup>5</sup> (lit. A Yumi [nova informação] veio. A Yumi [informação velha] comprou cerveja (YEON e BROWN, 2011, p.124)

8. A: Yumi-ssi **ga** wa-sseoyo.  
 Yumi-HON SUJ vir-PSD

‘Yumi [nova informação] veio.’<sup>6</sup>

- B: geulaeyo? Yumeo-ssi **neun** naeil oljul ala-ssneunde.  
 Sérió? Yumi-HON TOP amanhã vir achar-PDS

‘Sérió? Eu achei que Yumi [informação velha/função anafórica] ia vir amanhã’<sup>7</sup>... (YEON e BROWN, 2011, p.124)

**Japonês**

9. P: Kodomotachi **ga** i-nai ne.  
 As crianças SUJ existir-NEG né

‘As crianças [Informação nova] não estão, né?’

- R: Kodomotachi **wa** ima mukō de karē o tsukut-te i-ru yo.  
 As crianças TOP agora ali LOC curry OBJ preparar-CONJ estar-NPSD ÊNF

‘As crianças [informação velha/função anafórica], agora, estão preparando o curry ali.’ (NODA, 1996 apud MUKAI, 2014, p. 52)

Como observado nos exemplos acima, primeiro, um novo elemento é apresentado pelo locutor. Logo em seguida, como o elemento já apresentado e ambos, locutor e interlocutor, tendo conhecimento do assunto, a partícula de sujeito (PdeS) dá lugar a PdeT.

Ademais, em ambas as línguas o elemento que mais frequentemente é topicalizado é o sujeito gramatical, como observado nos exemplos (10) de Yeon e Brown (2011, p. 124) e a tradução para o japonês em (11).

<sup>5</sup> No original: *Yumi [new information] has come. She (Yumi) [old information] has brought beer.*

<sup>6</sup> No original: *Yumi [new information] has come.*

<sup>7</sup> No original: *Really? I thought Yumi [old information] was coming tomorrow.*

10. 아이들 은 엄마 한테 선물 을 주었어요.  
*Aideul eun eomma hante seonmul eul jueo-sseoyo*  
 crianças TOP mãe para presente OBJ dar-PSD

‘As crianças deram o presente para sua mãe.’<sup>8</sup>

(YEON e BROWN, p. 123, 2011)

11. 子供たちは お母さんに プレゼント をあげました。  
*Kodomotachi wa okasan ni purezento o agemashi-ta*  
 Crianças TOP mãe para presente OBJ dar-PSD

‘As crianças deram o presente para minha mãe.’

(Tradução do coreano para japonês pela autora)

Entretanto, é também possível topicalizar outros elementos como o objeto direto, o objeto indireto, a fonte, o tempo e a localização. Vejamos abaixo exemplos (12-16) de Yeon e Brown (2011, p. 124) com suas respectivas traduções para o japonês feita pela autora (17-21).

Tabela 1 – Exemplos de coreano e japonês com outros elementos sendo topicalizados

	Coreano	Japonês
Tópico = Objeto Direto	12. 선물 은 아이들 이 Seonmul eun aideul i presente TOP crianças SUJ  엄마 한테 주었어요. eomma hante jueo-sseoyo sua.mãe para dar-PSD  ‘Quanto ao presente, as crianças deram à sua mãe’ <sup>1</sup>	17. プレゼント は 子供たちが Purezento wa kodomotachi ga presente TOP crianças SUJ  お母さん にあげた。 okasan ni age-ta mãe para dar-PSD  ‘Quanto ao presente, as crianças deram a minha mãe’. 
Tópico = Objeto Indireto	13. 엄마 에게 는 아이들 이 eomma ege neun aideul i Mãe para TOP crianças SUJ  선물 을 주었어요. seonmul eul jueo-sseoyo presente OBJ dar-PSD  ‘Para a mãe, as crianças deram o presente.’ <sup>2</sup>	18. お母さんには子供たちがプレゼントを Okasan ni wa kodomotachi ga purezento o mãe para TOP crianças- SUJ presente-OBJ  くれました。 kuremashi-ta. dar-PSD  ‘Para minha mãe, as crianças deram o presente.’
Tópico = Fonte	14. 엄마 한테서 는 아이들 이 Eomma hanteseo neun aideul i sua.mãe de TOP crianças SUJ  선물 을 받았어요. seonmul eul bada-sseoyo presente OBJ receber PSD  ‘De sua mãe, as crianças receberam o presente’ <sup>3</sup>	19. お母さんから は子供たちが okasan kara wa kodomotachi ga sua.mãe de TOP crianças SUJ  プレゼント を受けました。 purezento o ukemashi-ta. presente OBJ receber-PSD  ‘De sua mãe, as crianças receberam o presente.’

(1) No original: *As for the present, the children gave it to their mother.*

(2) No original: *To their mother, the children gave the present.*

(3) No original: *From their mother, the children received the present.*

<sup>8</sup> No original: *The children gave a gift to their mother.*



Tópico = Tempo	15. 어제 는 유미 가 Eoje <b>neun</b> yumi <b>ga</b> Ontem <b>TOP</b> yumi <b>SUJ</b>	20. 昨日 は ユミ が Kinō <b>wa</b> Yumi <b>ga</b> Ontem <b>TOP</b> yumi <b>SUJ</b>
	바빴어요. bappa-sseoyo. ocupada -PSD  'Ontem, Yumi estava ocupada.' <sup>4</sup>	忙しかった。 isogashi-katta. ocupada-PSD  'Ontem, Yumi estava ocupada.'
Tópico = Localiza- -ção	16. 학교 에서 는 선생님 이 Haggyo eseo <b>neun</b> seonsaengnim <b>i</b> Escola <b>LOC</b> <b>TOP</b> professor <b>SUJ</b>	21. 学校 で は 先生 が 英語 を Gakkō de <b>wa</b> sensei <b>ga</b> eigo o escola <b>LOC</b> <b>TOP</b> professor <b>SUJ</b> inglês <b>OBJ</b>
	영어를 가르칩니다. yeong-eo leul galeuchi-bnida inglês <b>OBJ</b> ensinar-NPSD  'Na escola, o professor ensina inglês.' <sup>5</sup>	教えて います。 oshie-te i-masu ensinar-CONJ estar-NPSD  'Na escola, o professor ensina inglês'

(4) No original: *Yesterday, Yumi was busy*

(5) No original: *At school, the teacher teaches English.*

Tabela retirada de Yeon e Brown (2011, p. 124)

Além disso, de acordo com Li e Thompson (1976, p. 465), nas duas línguas frequentemente o elemento topicalizado se move para o início da sentença, mesmo o elemento sendo um objeto direto ou indireto, como observado nos exemplos anteriores.

Uma outra semelhança encontrada nas duas línguas é a tendência de a partícula de tópico aparecer com sujeitos incluídos em declarações de fato universalmente reconhecidos ou de senso comum (MUKAI, 2014, p. 36; YEON e BROWN, 2011, p.125).

**Coreano**

22. 지구 는 둥글어요.  
*Jigu neun dunggenleo-yo*  
Terra **TOP** redonda-NPSD

'A terra é redonda.'<sup>9</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p.125)

23. 여름 은 더워요.  
*Yeoleum eun deowo-yo*  
Verão **TOP** quente- NPSD

'Verão é quente.'<sup>10</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p.125)

**Japonês**

24. 空 は 青い です.  
*Sora wa aoi desu*  
Céu **TOP** azul **COP**

'O céu é azul.'

(exemplo simplificado de KUNO, 1973a apud MUKAI, 2014, p.30)

<sup>9</sup>No original: *The earth is round.*

<sup>10</sup>No original: *Summer is hot.*

25. 人 は いつか 死ぬ.  
*Hito wa itsuka shin-u*  
 Pessoa TOP um dia morrer-NPSD

‘As pessoas um dia morrerão.’

(TERAMURA, 1991, p. 54)

Uma outra função da PdeT em ambas as línguas é a de contraste explícito, exemplos dados como nas orações coordenadas adversativas e aditivas abaixo (MUKAI, p. 41, 2014).

**Coreano**

Aditiva

26. 형 은 의사고 누나 는 선생 입니다.  
*Hyeong eun uisago nuna neun seonsaeng ibnida*  
 Irmão.mais.velho TOP médico irmã mais velha TOP professora COP

‘Meu irmão mais velho é médico e minha irmã é professora.’<sup>11</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p.126)

Adversativas

27. 영화 는 많이 안 보지 만 드라마 는  
*Yeonghwa neun manb-I an -boji man deulama neun*  
 Filmes TOP muitos NEG-assistir mas drama TOP

자주 봐요.  
*jaju bwayo*  
 frequentemente assistir.

‘Eu não assisto muitos filmes, mas assisto frequentemente dramas.’<sup>12</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p.126)

28. 내일 은 시간 이 없지 만 내일모레 는  
*Naeil eun sigan I eobsji man naeilmole neun*  
 Amanhã TOP tempo SUJ ter.NEG.NPSD mas depois de amanhã TOP

시간 이 있어요.  
*sigan I isseo-yo*  
 tempo SUJ ter-NPSD

Amanhã não tenho tempo, mas depois de amanhã tenho tempo.

(YEON e BROWN, 2011, p.126)

<sup>11</sup> No original: *Older brother is a doctor and older sister is a teacher.*

<sup>12</sup> No original: *I don't watch many films, but I often watch dramas.*

**Japonês**

Aditiva

29. 肉 は スーパーで 買い、魚 は 市場 で 買う。  
*Niku wa sūpā de kai, sakana wa ichiba de ka-u*  
 Carne TOP mercado LOC comprar peixe TOP feira LOC comprar-NPSD

Compro carne no mercado e peixe na feira.

(NODA, 1996, p.202 apud MUKAI, 2014, p. 42)

Adversativa

30. 天気 は 良い けど、風 は 冷たい。  
*Tenki wa yoi kedo, kaze wa tsumetai*  
 Tempo TOP bom mas vento TOP frio

‘O tempo está bom, mas o vento está frio.’

(NODA, 1996, p.202 apud MUKAI, 2014, p. 42)

Além do contraste explícito, as duas línguas também compartilham do contraste implícito. No caso, o contraste não se apresenta na frase, mas implicitamente, como nos exemplos a seguir:

**Coreano**

31. 동생 은 안 갔어요.  
*Dongsaeng eun an ga-sseoyo*  
 Irmão.caçula TOP NEG ir-PSD

‘Meu irmão caçula não foi. [mas o resto da família foi.]’<sup>13</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p.127)

32. 언니 는 예뻐요.  
*Eonni neun yeppeoyo*  
 irmã.mais.velha TOP bonita

‘Sua irmã é linda [mas você não é.]’<sup>14</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p.127)

33. 토요일 에 는 시간 이 없어요  
*toyoil e neun sigan i eobseo-yo*  
 sábado no TOP tempo SUJ ter.NEG-NPSD

‘Não tenho tempo no sábado. [mas outro dia será possível]’<sup>15</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p.127)

<sup>13</sup> No original: *Younger brother didn't go. [but the rest of the family did]*

<sup>14</sup> No original: *Your older sister is pretty. [but you're not]*

<sup>15</sup> No original: *I don't have time on Sunday. [but another time may be possible]*

34. 간호사 에게 는 인사 못 했어요.  
*ganbosa ege neun insa mos-hae-sseoyo*  
 enfermeira para TOP cumprimento poder.NEG-fez-PSD

‘Eu não pude dizer olá para a enfermeira. [mas pude para o doutor]’<sup>16</sup>  
 (YEON e BROWN, 2011, p.127)

**Japonês**

35. 私 は 파리 に は 行かない.  
*Watashi wa Pari ni wa ikanai*  
 eu TOP paris LOC TOP ir-NEG

‘A Paris, eu não vou. [mas à outra cidade, sim]’  
 (IORI et al., 2000, p. 257)

36. 파리 는 나는 行かない.  
*Pari ni wa watashi wa ikanai.*  
 Paris LOC TOP eu TOP ir-NEG

‘Eu, a Paris, não vou [mas outra pessoa vai]’ (id., ibid.)

37. 私 は みかん は 好き です.  
*Watashi wa mikan wa suki desu*  
 eu TOP tangerina TOP gosto COP

‘De tangerina, eu gosto. [mas de outra fruta, não gosto]’ (id., ibid.)

Ademais, nas duas línguas, em muitos exemplos a palavra marcada com PdeT poderia ser facilmente excluída na conversação natural. Assim, a PdeT geralmente ocorre depois de palavras que não são informações antigas como tais, mas são dadas anteriormente, ou óbvias e que podem ser descartadas. O coreano, como o japonês, são línguas em que o óbvio pode ser deixado de fora. Por essa razão, PdeT geralmente aparece depois do pronome ‘eu’, em coreano *저(jeo)* e em japonês *私(watashi)*, quando é óbvio que o locutor está falando sobre si (YEON, BROWN, 2011, p. 125).

Tabela 2 – Exemplos de coreano e japonês em que o óbvio é descartado

Coreano			Japonês		
38. 저 는 아르헨티나 사람 입니다.(CP <sup>(6)</sup> ) <i>Jeo neun areubentina salam ibnida.</i> Eu TOP argentina pessoa COP ‘Eu sou argentino.’ <sup>(7)</sup>		39. 私 は アルゼンチン 人 です。(CP) <i>Watashi wa Aruzenchin jin desu</i> Eu TOP argentina pessoa COP ‘Eu sou argentino.’			
(YEON e BROWN, 2011, p. 125)			<i>Tradução do coreano para o japonês pela autora.</i>		
40. 아르헨티나 사람 입니다.(SP <sup>(8)</sup> ) <i>Aleubentina salam ibnida.</i> Argentina pessoa COP ‘Sou Argentino.’ <sup>(9)</sup>		41. アルゼンチン 人 です。(SP) <i>Aruzenchin jin desu.</i> Argentina pessoa COP ‘Sou Argentino.’			
(YEON e BROWN 2011, p. 125)			<i>Tradução do coreano para o japonês pela autora.</i>		

- (6) Com partícula
- (7) No original: *I am Argentinian.*
- (8) Sem partícula
- (9) No original: *I am Argentinian.*

Tabela retirada de Yeon e Brown (2011, p. 125)

<sup>16</sup> No original: *I didn't manage to say hello to the nurse. [but I did to the doctor]*

Como uma explicação mais detalhada sobre “informação dada anteriormente”, temos a explicação de Mukai (2014), que explica que quando uma informação já foi topicalizada anteriormente, o tópico se mantém oculto. Em outras palavras, ele é descartado.

42. 新宿 は 大きな町 だ。夜 11 時 でも 大勢の 人で  
*Shinjuku wa ōkina machi da. Yoru 11ji demo ōzeino hito de*  
 Shinjuku TOP grande bairro COP. noite11horas mesmo muitas pessoas  
 にぎわって いる。若者 が 好き な 町 だ。  
*nigiwatte iru. Wakamono ga sukina machi da*  
 agitado-CONJ estar-NPSD Jovens SUJ gostar COP.ADJ bairro COP

‘Shinjuku é um bairro grande. É agitado com muitas pessoas mesmo às 11 horas da noite. É um bairro do qual os jovens gostam.’

(ICHIKAWA, 2005, p. 171) tradução (MUKAI, 2014, p. 53)

Igualmente ocorre em coreano.

43. 신주쿠 는 큰 도시 이다. 밤 11시에 도 많은  
*Sinjuku neun keun dosi ida. bam 11sie do manbeun*  
 Shinjuku TOP grande bairro COP. Noite 11 horas mesmo muitas  
 사람들로 붐빈다. 젊은이들 이 좋아하는 도시 이다.  
*salamdeullo bumbinda. jeolmeunideul i jobabaneun dosi ida.*  
 pessoas agitado. jovens SUJ gostam bairro COP

‘Shinjuku é um bairro grande. É agitado com muitas pessoas mesmo às 11 horas da noite. É um bairro do qual os jovens gostam’

(versão coreana pela autora)

Outrossim, em ambas línguas as PdeTs podem seguir outras partículas<sup>17</sup> como a partícula que expressa movimento em direção a um local ou objetivo *e* (에) e *ni* (に)/ *e* (へ):

**Coreano**

44. 파리 에 는 간다.  
*Pari e neun ga-nda*  
 Paris LOC TOP ir-NPSD.

‘Vou para Paris.’

(Tradução do japonês para o coreano pela autora)

**Japonês**

45. 파리에 는 行く.  
*Pari ni wa ik-u*  
 Paris LOC TOP ir-NPSD.

‘Vou para Paris.’

(versão simplificada de IORI et al., 2000, p. 257)

<sup>17</sup> Note que dependendo da partícula que se segue a função gramatical do elemento se altera, mas continua sendo o tópico da frase.

Em coreano e japonês, a partícula *esó* (에서) e *kara* (から) em sua função de expressar afastamento de um determinado ponto de partida.

**Coreano**

46. 영국           에서        는            왔습니다.  
*Yeonggug*     *eseo*        **neun**        *wassseubnida*  
 Inglaterra     da            **TOP**            ir-PSD

‘Eu vim da Inglaterra.’<sup>18</sup>

(YEON e BROWN, p. 107, 2011)

**Japonês**

47. 英国           から        は            来ました。  
*Igirisu*        *kara*        **wa**            *kimashi-ta*  
 Inglaterra     da            **TOP**            ir-PSD

‘Eu vim da Inglaterra.’

(Coreano para o japonês pela autora.)

Em coreano e japonês, a partícula usada quando se fala em dar, enviar ou transmitir algo para uma pessoa, “에게(-ege)” | “に(ni)” também pode vir seguida de PdeT:

**Coreano**

48. 닭            에게        는            모이        를        주었어요.  
*Dalg*        *ege*        **neun**        *moi*        *leul*        *jueo-sseoyo*  
 galinha     para        **TOP**        ração        OBJ        dar-PSD

‘Dei ração para a galinha.’<sup>19</sup>

(YEON, BROWN, 2011, p. 109)

**Japonês**

49. 鶏            に        は            餌        を        あげました。  
*Nivatori*     *ni*        **wa**        *esa*        *o*        *agemashi-ta.*  
 Galinha     para        **TOP**        ração        OBJ        dar-PSD

‘Dei ração para a galinha.’

(Coreano para o japonês pela autora)

Em coreano e japonês, a partícula “에게서(egeso)” | “から(kara)” em sua de função de expressar “receber algo “de” uma entidade humana ou animal, e também podem vir seguidas de PdeT:

50. 직장           선배        에게서    는        충고        를        들었어요.  
*jigjang*        *seonbae*    *egeseo*    **neun**    *chunggo*    *leul*        *denleo-sseoyo.*  
 trabalho     sênior     de        **TOP**     conselho    OBJ        receber-PSD

‘Eu recebi conselhos de um sênior no trabalho.’<sup>20</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p. 111)

<sup>18</sup> No original: *I came from the UK. (I come from the UK)*

<sup>19</sup> No original: *I gave feed to the chickens.*

<sup>20</sup> No original: *I received advice from a senior at work.*

51. 職場 の 先輩 から は アドバイス を もらった。  
*Shokuba no senpai kara wa adobaisu o morat-ta.*  
 trabalho de sênior de TOP conselho OBJ receber-PSD

‘Eu recebi conselhos de um sênior no trabalho.’

(Coreano para o japonês pela autora)

Em coreano e japonês, a partícula usada para marcar o instrumento pelo qual uma tarefa é executada, “(으)로[(eu) rô]” | “(으)로[(eu) rô]” | “(으)로[(eu) rô]” também pode vir antes de PdeT:

52. 연필 로 는 편지 를 썼어요.  
*Yeonpil lo neun pyeonji leul sseo-sseoyo*  
 Lápis com TOP carta OBJ escrever-PSD

‘Eu escrevi uma carta com um lápis.’<sup>21</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p. 113)

53. 鉛筆 で は 手紙 を 書いた。  
*Enpitsu de wa tegami o kai-ta.*  
 Lápis com TOP carta OBJ escrever-PSD

‘Eu escrevi uma carta com um lápis.’

(Coreano para o japonês pela autora)

Entretanto, em nenhuma das línguas a PdeT não pode coocorrer com as partículas de sujeito e objeto direto. Se PdeT for usado para marcar o sujeito ou objeto, ela deverá ser a única partícula, em vez de ocorrer ao lado dessas partículas (YEON e BROWN, 2011, p. 123).

E por último, para expressar o sentido negativo, ambas as línguas utilizam a PdeT. Como observado anteriormente, em grande maioria das frases de contraste implícito, os verbos estão em sua forma negativa, pois a PdeT de sentido negativo é uma derivação do sentido de contraste (MUKAI, 2014, p.48).

No nosso julgamento, primeiramente existe uma frase afirmativa, e deve-se negar a frase afirmativa. A frase negativa é o ato de negar a afirmação, ou seja, contra-põe-se à afirmação (ICHIKAWA, 2005, p. 175 apud MUKAI, 2014, p. 48).

**Não ter/não existir**

54. 고양이 는 없습니다.  
*Goyangi neun eobs-seubnida*  
 Gato TOP existir.NEG-NPSD

‘Não há gato.’

(LEE, 2014, p. 79)

<sup>21</sup> No original: *I wrote a letter with a pencil.*

55. 猫 は いません。  
*Neko wa i-masen*  
 Gato TOP existir-NEG

‘Não há gato.’

(LEE, 2014, p. 79)

### Forma negativa de verbos

56. 책 은 읽지 않습니다.  
*Chaeg eun ilgji anbsesubnida*  
 Livro TOP ler NEG

‘Não leio livro.’

(LEE, 2014, p. 87)

57. 本 は 読みません。  
*Hon wa yomi-masen*  
 Livro TOP ler-NEG

‘Não leio livro.’

(LEE, 2014, p. 87)

## 3.1.2 Discrepâncias

Entretanto, para negação de cópula, o coreano se difere do japonês. Em coreano se utiliza a PdeS antes dos verbos em sua forma negativa, e em japonês igualmente às outras formas negativas utiliza-se a PdeT.

58. 연필 이 아닙니다.  
*Yeonpil i anibnida*  
 Lápis SUJ ser-NEG

‘Não é um lápis.’ (LEE, 2014, p. 73)

59. 鉛筆で は ありません。  
*Enpitsude wa ari-masen.*  
 Lápis TOP ser-NEG

‘Não é um lápis’ (LEE, 2014, p. 73)

Além da discrepância citada acima, diferente da PdeT do japonês, a PdeT coreana pode às vezes ser usada para dar ênfase a uma certa parte da sentença. Neste uso, *eun* (은)(*eun*) / *neun* (는) pode aparecer anexado a alguns conectivos como – *nikka* (니까), e um conectivo causativo – *daga* (다가), que tem o significado subjacente de “transição”.



60. 비 가 오 니까 는 우산 을 가지고 가야지.  
*Bi ga o nikka neun usan eul gajigo gayaji.*  
 Chuva **SUJ** chove por que **TOP** guarda-chuva OBJ pegar ir-deve-NPSD.

‘Porque está chovendo, você deve pegar um guarda-chuva.’<sup>22</sup>

61. 유미 가 코트 를 입 다가 는 벗었어요.  
*Yumi ga koteul eul ib daga neun beoseo-sseoyo*  
 Yumi **SUJ** casaco OBJ vestiu e **TOP** tirou-PSD

‘Yumi vestiu o casaco e tirou novamente.’<sup>23</sup> (YEON e BROWN, 2011, p. 127)

## 3.2 Sujeito

### 3.2.1 Semelhanças

De acordo com Yeon e Brown (2011, p. 96), a partícula marcadora de sujeito da língua coreana tem a função de sinalizar que o substantivo ao qual está ligado é o sujeito gramatical da sentença. Do mesmo modo, Noda (1996 apud MUKAI, 2014, p. 59) afirma que a natureza de *ga* é indicar a relação de caso gramatical entre o sujeito e o predicado.

A primeira semelhança se dá devido ao fato de que, nas duas línguas, a PdeS tem a função de introduzir algo novo, que não é compartilhado nem pelo locutor e nem pelo interlocutor.

#### Coreano

62. 유미씨 가 왔어요.  
*Yumi-ssi ga wa-sseoyo*  
 Yumi-HON **SUJ** ir-PSD

- 유미씨 는 맥주 를 사가지고왔어요.  
*Yumi-ssi neun maegju leul sa-gajigo-wa-sseoyo*  
 Yumi-HON **TOP** cerveja OBJ comprar-trazer-vir-PSD

‘A Yumi veio. Ela comprou cerveja (lit. A Yumi [nova informação] veio. A Yumi [informação velha] comprou cerveja)’<sup>24</sup> (YEON e BROWN, 2011, p. 124).

#### Japonês

63. P: 子供たち が いない ね。  
*Kodomotachi ga i-nai ne.*  
 crianças **SUJ** estar-NEG NÉ.

‘As crianças [Nova informação] não estão, né?’

<sup>22</sup>No original: *You have to take an umbrella because it's raining.*

<sup>23</sup>No original: *Yumi put on her coat then took it off again.*

<sup>24</sup>No original: *Yumi [new information] has come. She (Yumi) [old information] has brought beer.*

R: 子供たちは今向こうでカレーを作っているよ。  
*Kodomotachi wa ima mukō de karē o tsukut-te i-ru yo*  
 Crianças TOP agora ali LOC curry OBJ preparar-CONJ estar-NPSD ÊNF

‘As crianças [velha informação/função anafórica], agora, estão preparando o curry ali.’

(MUKAI, 2014, p. 52)

A segunda semelhança é o caso da substituição da PdeT pela PdeS para dar mais ênfase no substantivo anterior. Está função diz respeito à escolha de apenas um item de uma lista (mental), no sentido de “não é ‘X’, nem ‘Y’. É ‘Z!’”. Definido como “seleção de um item da lista (mental)”. (MUKAI, 2014, p. 65)

### Coreano

64. 내 가 뱀 이 싫어요.  
*Nae ga baem i silbeo-yo*  
 Eu SUJ cobra SUJ odeio.

[(tradução literal) ‘Eu cobra odeio’] [Sou eu quem odeia cobras.]<sup>25</sup>

(YEON e BROWN, 2011, P. 97) Tradução pela autora

### Japonês

65. 私 が 蛇 が 嫌い だ。  
*Watashi ga bebi ga kirai da*  
 Eu SUJ cobra SUJ odeio COP.

[(tradução literal) ‘Eu cobra odeio’] [Sou eu quem odeia cobras.]

(Versão do coreano para o japonês pela autora.)

Seguindo a mesma lógica da função de “seleção de um item da lista (metal)”, de acordo com Mukai (2014, p.64), PdeS igualmente é utilizada comumente como resposta a uma pergunta na qual existe uma pressuposição por parte dos interlocutores.

### Japonês

66. A: 誰 が 学生 ですか。  
*Dare ga gakusei desu ka*  
 Quem SUJ estudante COP Q

‘Quem é o estudante?’

B: 太郎 が 学生 です。  
*Taro ga gakusei desu.*  
 Taro SUJ estudante COP

[(tradução literal) ‘Taro é estudante’] [O Taro que é estudante]]

(MUKAI, p. 65, 2014)

<sup>25</sup> No original: *It is I who hates snakes.*

**Coreano**

67. A: 누 가 학생 입니까?  
*Nu ga hagsaeng ibni-keka?*  
 Quem SUJ estudante COP-Q

‘Quem é o estudante?’

B: 타로 가 학생 입니다.  
*Taro ga hagsaeng ibnida*  
 Taro SUJ estudante COP

[(tradução literal) ‘Taro é estudante’] [O Taro que é estudante]

(versão japonês para coreano pela autora)

No exemplo acima, a pressuposição já existente entre os interlocutores corresponde ao fato de “alguém ser estudante” e a informação nova (aquilo de que o interlocutor deseja tomar conhecimento) MUKAI (2014, p. 66).

E por fim, substituindo a partícula possessiva *no* (의) em japonês e *ui* (의) em coreano pela PdeS, temos outra função derivada da “seleção de um item da lista (mental)”

**Com a partícula possessiva**

**Coreano**

68. 유미 의 동생 이 예뻐요.  
*Yumi ui dongsaeng i yeppoyo.*  
 Yumi GEN irmã.mais.nova SUJ bonita

‘A irmã mais nova da Yumi é bonita’<sup>26</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p. 97)

69. 민수 의 눈 이 커요.  
*Minsu ui nun i keoyo*  
 Minsu GEN olho SUJ grande

‘Os olhos do Minsu são grandes.’<sup>27</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p. 97)

**Japonês**

70. ユ미 の 妹 が 綺麗 だ.  
*Yumi no imōto ga kirei da.*  
 Yumi GEN irmã.mais.nova SUJ bonita COP

‘A irmã mais nova da Yumi é bonita’

(Tradução do coreano para japonês pela autora)

<sup>26</sup> No original: *Yumi's younger sister is pretty.*

<sup>27</sup> No original: *Minsu's eyes are big.*

71. ミンス の 目 が 大きい です.  
*Minsu no me ga okii desu.*  
 Minsu GEN olho suj grande COP

‘Os olhos do Minsu são grandes.’

(Tradução do coreano para japonês pela autora)

### Substituindo pela PdeS

#### Coreano

72. 유미 가 동생 이 예뵈요.  
*Yumi ga dongsaeng i yeppeoyo*  
 ‘Yumi suj irmã.mais.nova suj bonita’

‘É Yumi cuja irmã mais nova é bonita.’<sup>28</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p. 97)

73. 민수 가 눈 이 커요.  
*Minsu ga nun i keoyo.*  
 Minsu suj olho suj grande

‘É Minsu cujos olhos são grandes.’<sup>29</sup>

(YEON e BROWN, 2011, p. 97)

#### Japonês

74. 유미 가 妹 가 綺麗 だ.  
*Yumi ga imōto ga kirei da*  
 Yumi suj irmã mais nova suj bonita COP

‘É Yumi cuja irmã mais nova é bonita’

(Tradução do coreano para japonês pela autora)

75. ミンス が 目 が 大きい です.  
*Minsu ga me ga okii desu.*  
 Minsu suj olho suj grande

‘É Minsu cujos olhos são grandes.’

(Tradução do coreano para japonês pela autora)

O uso da PdeS no lugar da partícula possessiva coloca o primeiro substantivo em foco, e resulta na função “Seleção de um item da Lista (mental)” explicada anteriormente.

### 3.2.2 Discrepância

No japonês, diferente do coreano, a PdeS também tem a função de descrição neutra. Em japonês, essa função é chamada genshōbun, frases em que se expressam fenômenos naturais/Estados Temporários.

<sup>28</sup> No original: *It is Yumi whose younger sister is pretty.*

<sup>29</sup> No original: *It is Minsu whose eyes are big.*

76.	あつ、	西	の	空	が	真っ赤	だ。
	<i>A</i>	<i>nishi</i>	<i>no</i>	<i>sora</i>	<b><i>ga</i></b>	<i>makka</i>	<i>da</i>
	ah	Oeste	GEN	céu	SUJ	bem.vermelho	COP

‘Olha, o céu do oeste está bem vermelho.’

(NODA, 1985, p. 41 apud MUKAI, 2014, p. 61)

Mukai (2014) explica o exemplo acima.

Supõe-se que (1) o locutor olhou para o céu, (2) ficou surpreso com sua cor e (3) enunciou a frase acima, apenas para transmitir a impressão que teve no momento da enunciação. [...] o uso do *ga* no *gênsobun* é na realidade, baseado na “percepção” por parte de locutor, ou seja, naquilo que ele sentiu exatamente no momento da enunciação (MUKAI, 2014, p.61).

Nas gramáticas descritivas do coreano não foi encontrada tal função para a partícula de sujeito, concluindo-se assim que o coreano talvez não utilize esta partícula desta forma.

## Conclusão

Pode-se concluir que, como anteriormente suposto, em grande maioria, as funções das partículas de tópico e sujeito do coreano e do japonês se convergem, seguindo conforme o que foi explanado por Li e Thompson (1976) no ponto sobre línguas que são orientadas tanto por tópico quanto por sujeito. Infelizmente, existem outros casos que ainda precisam ser melhor analisados e que não puderam ser explanados nesta pesquisa, devido à necessidade de fazer um levantamento mais específico sobre estes casos. Desta forma, eles serão deixados como pesquisa futura.

Finalmente, com as semelhanças e discrepâncias listadas aqui neste trabalho, espera-se que este trabalho forneça um melhor entendimento sobre as funções de PdeT e PdeS das línguas coreana e japonesa.

## Lista de Abreviaturas

CONJ – conjuntivo

COP – cópula

COP.ADJ – forma adjetiva de cópula

ÊNF – ênfase

GEN – genitivo

LOC – locativo

NEG – negativo

NPSD – não passado

OBJ – objeto

PSD – passado

Q – questão

SUJ - sujeito

TOP - tópico

## Referências

CROFT, William. **Typology and Universals Second Edition**. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 2002.

LEE, Chang-Ho. **Yasashiku shikumi ga wakarû kankoku-go shokyû kôgi nôto**. 3 ed. Tóquio: Hakutei-sha, 2018, (1. ed., 2014)

MUKAI, Yuki. **Wa e Ga - As partículas gramaticais da língua japonesa**. Campinas - SP: Pontes Editores, 2014

N LI., Charles.; THOMPSON, Sandra A. **Subject and Topic: A New Typology of Language**. In: LI, C. N. (Org.). *Subject and Topic*. Nova York: Academic Press, Inc., 1976. p. 457-489.

TERAMURA, H. **Nihongo no shintakusu to imi I (Sintaxe e semântica da língua japonesa I)**. 1. ed. Tóquio: Kuroshio, 1982.

YEON, Jaehoon.; BROWN, Lucien. **Korean A Comprehensive Grammar**. 2 Park Square, Milton Park, Abingdon, Oxon OX14 4RN: Routledge, 2011

# MORFEMAS ASPECTUAIS NA VARIEDADE BRASILEIRA DA LÍNGUA JAPONESA<sup>1</sup>

## ASPECT MORPHEMES IN THE BRAZILIAN VARIETY OF THE JAPANESE LANGUAGE

Kaoru Tanaka de Lira<sup>2</sup>

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-4270-3009>

Recebido em: 05/03/2020

Aprovado em : 11/05/2020

**RESUMO:** A imigração japonesa no Brasil deu origem a uma variedade da língua japonesa distinta daquela falada no arquipélago japonês. Uma das características do falar dos imigrantes japoneses e seus descendentes residentes no Distrito Federal é a presença dos morfemas aspectuais *-yor* e *-tor* que são vistas em construções verbais como *mi-yor-u*, *mi-tor-u* ‘ver-ASP-NPSD’. A presença destes morfemas na língua japonesa falada no Brasil é confirmada em levantamentos preliminares do que é denominado, nesta pesquisa, de Variedade Brasileira da Língua Japonesa (VBLJ) como os de Takano (2013) e de Ferreira (2009). O presente trabalho tem como objetivo descrever o uso e a distribuição destes morfemas aspectuais na VBLJ. A fonte da análise foi coletada solicitando aos colaboradores a narrativa do vídeo Pear Stories. Participaram desta pesquisa, 34 nipo-brasileiros compostos por imigrantes, filhos e netos de imigrantes japoneses residentes no Distrito Federal. As ocorrências do morfema *-yor* deram aos verbos uma leitura aspectual progressiva, enquanto o morfema *-tor* oscilou entre leitura progressiva e resultativa de acordo com a transitividade do verbo ao qual se afixa com exceções em alguns verbos.

**Palavras-chave:** *-yor*. *-tor*. *ari-yor-u*. Morfemas aspectuais. Variedade Brasileira da Língua Japonesa.

**ABSTRACT:** Japanese immigration to Brazil gave rise to a variety of Japanese language distinct from that spoken in the Japanese archipelago. One of the characteristics of the speech of the Japanese immigrants and their descendants in the Federal District is the presence of the aspect morphemes *-yor* and *-tor*, which are seen in verb constructions such as *mi-yor-u*, *mi-tor-u* ‘look-asp. npsd’. The presence of these morphemes in the Japanese language spoken in Brazil is confirmed by preliminary surveys of what is called, in this research, the Brazilian Variety of the Japanese Language (BVJL), such as Takano (2013) and Ferreira (2009). The present paper has as its aim the description of the use and distribution of these aspect morphemes in BVJL. The source of the analysis was collected through the solicitation to collaborators for comment on the video ‘Pear Stories’. 34 Japanese Brazilians, made up of immigrants, children and grandchildren of immigrants residing in the Federal District, took part in this research. The occurrences of the *-yor* morpheme gave verbs a progressive aspect reading, whereas the *-tor* morpheme oscillated between a progressive and a resultative reading according to the transitivity of the verb to which it’s affixed, with exceptions in a few verbs.

**Keywords:** *-yor*. *-tor*. *ari-yor-u*. Aspect morphemes. Brazilian Variety of the Japanese Language.

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte da pesquisa de doutorado em andamento intitulado *Relatos de eventos em língua japonesa: um levantamento*, sob orientação da Professora Flávia de Castro Alves.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Letras – Japonês do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET da Universidade de Brasília – UnB. É doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB (2017-2020). E-mail: [kaoru.tanaka@unb.br](mailto:kaoru.tanaka@unb.br)

## Introdução

O marco inicial da imigração japonesa no Brasil é a chegada do navio *Kasato Maru* no porto de Santos - SP em 1908. Desde então, muitos dos japoneses migraram dentro do território brasileiro. O fluxo migratório dos japoneses para a Capital Federal ocorreu na segunda metade da década de 1950 (TAKANO, 2013, p. 27). Segundo o Censo 2010 do IBGE, no Distrito Federal um pouco mais de 41 mil pessoas se autodeclararam de cor amarela, representando 1,6 % da população do DF.

A presença de imigrantes japoneses e seus descendentes proporciona, não só na Capital como em todo o país, desdobramentos em aspectos sociais e culturais. Um dos desdobramentos é a variedade linguística que surgiu a partir do contato entre a língua portuguesa e japonesa conhecida popularmente como *koroniago*, uma variedade da língua japonesa usada nas comunidades em todo o país. Contato este de diversas variedades linguísticas, uma vez que são imigrantes japoneses provenientes de vários fluxos migratórios e originários de diversas regiões do Japão que vieram em momentos distintos para o Brasil e posteriormente para o Distrito Federal.

Uma das peculiaridades do falar dos imigrantes e filhos de japoneses residentes no Distrito Federal é a presença dos morfemas *-yor* e *-tor* vistos em construções verbais como *iki-yor-u* e *it-tor-u* ‘ir-ASP-NPSD’. Estes morfemas, sufixados aos verbos, têm leituras aspectuais que serão discutidas ao longo do texto.

Pesquisas preliminares sobre a língua japonesa falada no Brasil, chamada nesta pesquisa de Variedade Brasileira da Língua Japonesa (VBLJ), como a de Ferreira (2009) e a de Takano (2013), já registram a presença dos morfemas *-tor* e *-yor*, apesar de não terem sido o alvo da pesquisa.

Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo descrever o uso e a distribuição destes morfemas aspectuais na VBLJ. A hipótese inicial é a de que *-yor* é utilizado para expressar aspecto progressivo e o morfema *-tor* alterna entre leituras aspectuais progressiva e resultativa de acordo com a transitividade do verbo. Assim, a hipótese é de que *-tor* com verbos intransitivos expresse aspecto resultativo e afixados aos verbos transitivos promova uma leitura aspectual progressiva.

## 1 Alguns conceitos

Nesta seção, serão tratados brevemente conceitos básicos sobre aspecto relevantes para compreensão dos fenômenos expressos pelos morfemas *-tor* e *-yor* presentes na VBLJ.

Comrie (1976, p. 2) afirma que para os estudantes de linguística, o aspecto tende ser a categoria verbal menos familiar dentre as categorias de tempo, modo e aspecto. Além disso, a distinção entre tempo e aspecto nem sempre é clara. No entanto, a divisão entre as duas categorias é necessária para compreender como o aspecto se manifesta nas línguas. Ao discorrer sobre a importância



de distinguir as categorias verbais tempo e aspecto, Velupillai (2012, p. 208) esclarece que, enquanto o tempo gramatical localiza um determinado evento<sup>3</sup> na linha temporal, o aspecto é o dispositivo pelo qual se expressa gramaticalmente a perspectiva de um evento. A distinção das duas categorias é demonstrada com os exemplos abaixo:

1.
    - a. *He coughed* (once)  
'Ele tossiu (uma vez).'
    - b. *He was coughing* (repeatedly or over a period of time)  
'Ele tossia' (repetidamente por um período de tempo)'
  
  2.
    - a. *He will cough* (once)  
'Ele vai tossir (uma vez)
    - b. *He will be coughing* (repeatedly or over a period of time)  
'Ele estará tossindo' (repetidamente por um período de tempo)'
- (VELUPILLAI, 2012, p. 209)

Em 1a e 1b, o tempo passado é mantido nas orações, enquanto o aspecto é modificado. Nos exemplos em 2a e 2b ocorre o mesmo contraste: o tempo futuro é mantido, enquanto o aspecto é alterado. A possibilidade de se manter o tempo enquanto o aspecto é alterado demonstra se tratarem, o tempo e o aspecto, de duas categorias verbais distintas.

Basicamente, o aspecto se refere à perspectiva de um determinado evento. Ou ainda como define Comrie (1976, p. 3), “aspectos são maneiras diferentes de ver a *constituição temporal interna* de uma situação”<sup>4</sup>.

## 1.1 Perfectivo vs Imperfectivo

A divisão primária da categoria aspectual é entre **perfectivo** e **imperfectivo**. Um mesmo evento pode ser visto tanto como um todo delimitado quanto como durante o seu curso. Os eventos observados como um todo único, sem menção às fases que compõem um determinado evento, se referem ao **aspecto perfectivo**. E a perspectiva do evento em curso que foca na sua estrutura interna se refere ao **aspecto imperfectivo** (VELUPILLAI, 2012, p. 210; COMRIE, 1976, p. 3).

<sup>3</sup> A palavra *evento* no presente artigo está sendo empregada abrangendo ações, situações e estados, assim como faz Palmer (2001, p.1).

<sup>4</sup> No original: “Aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.” (Comrie, 1976, p. 3)

Como ilustração mais concreta do perfectivo e do imperfectivo, Comrie (1976) traz, dentre outros, um exemplo da língua espanhola.

3. Juan leía cuando entré  
João lia quando entrei.<sup>5</sup>

(COMRIE, 1976, p. 3)

Na oração acima, o verbo da primeira oração, *leía*, traz o contexto situacional, enquanto o verbo da segunda oração, *entré*, introduz um novo evento. *Entré* expressa um evento completo sem referência à constituição temporal interna, sendo um exemplo do aspecto perfectivo. *Leía* que, por sua vez, é focado na constituição temporal interna, exemplifica o aspecto imperfectivo.

Ainda segundo Comrie (1976), muitas vezes, a perfectividade é equivocadamente associada a eventos de curta duração ou de duração limitada. No entanto, línguas como o russo com marcas aspectuais morfológicas claras demonstram ser essa interpretação errônea. O perfectivo traz em si o sentido de completude, ou seja, expressa um evento com início, meio e fim. Desse modo, a perfectividade indica a omissão, e não a ausência, de uma estrutura interna.

Em muitas das línguas que fazem distinção formal entre perfectivo e imperfectivo, a forma perfectiva de alguns verbos, principalmente de verbos estativos, expressa a ingressividade, ou seja, o início de uma ação. São exemplos, verbos como *conocer* e *saber* também do espanhol. Em orações como *Conoci a Pedro hace muchos años, conocí* (passado perfectivo) se refere ao início da situação conhecer (COMRIE, 1976, p. 19).

Enquanto a forma perfectiva pode ser usada para se referir a eventos que têm estrutura interna, a forma imperfectiva necessariamente se refere eventos com estrutura interna (COMRIE, 1976, p. 25). A imperfectividade engloba duas categorias semânticas distintas: a habitual e a progressiva.

A habitualidade se refere a eventos característicos de um período prolongado de tempo, não incidental, sejam elas situações repetidas (iterativas) ou não (COMRIE, 1976, p. 27). O progressivo, por sua vez, expressa um evento em andamento (VELUPILLAI, 2012, p. 212).

É importante destacar que as línguas variam em como agrupam e codificam essas categorias semânticas aspectuais. a) Algumas línguas expressam ambas as categorias semânticas de uma única maneira, b) outras expressam cada uma das categorias de forma distinta, c) por fim, há ainda línguas que uma determinada categoria expressa apenas uma parte da imperfectividade (COMRIE, 1976, p. 24-25).

O russo e francês têm uma forma imperfectiva geral que corresponde a ambas às formas, habitual e progressiva. Ou seja, a frase em russo *On čital Pravda* pode significar ‘Lia Pravda<sup>5</sup>’ ou ‘Estava lendo Pravda’ (COMRIE, 1976, p. 26). O português, por sua vez, é uma das línguas que expressam a habitualidade e a progressividade de forma distinta. Confira os exemplos abaixo:

<sup>5</sup> Pravda: nome de um jornal russo.

4.
  - a. Pinky, meu gato, comeu peixe. (perfectivo)
  - b. Pinky comia peixe. (imperfectivo)
  - c. Pinky estava comendo peixe. (imperfectivo)

O exemplo 4a expressa um evento em sua totalidade com início, meio e fim representando o aspecto perfectivo. A oração em 4b expressa aspecto imperfectivo trazendo uma leitura habitual, apesar de não excluir a leitura progressiva. A frase em 4c também é um exemplo de aspecto imperfectivo expressando progressividade.

## 1.2 Perfeito

Segundo define Comrie (1976, p. 52), “o perfeito indica a relevância contínua de uma situação anterior”<sup>6</sup>. Ou seja, o perfeito se refere à relevância de uma situação ocorrida anteriormente ao ponto de enunciação ou referência.

O inglês é exemplo de uma língua que expressa formalmente o perfeito, como observado nos exemplos abaixo:

5.
  - a. *My cat disappeared.*
  - b. *My cat has disappeared*  
‘Meu gato desapareceu’

Enquanto em 5a, o gato pode já ter sido encontrado, em 5b essa interpretação não é possível. O perfeito é, assim, expresso pelo exemplo 5b em que o evento do desaparecimento é anterior à enunciação e o efeito se mantém também até o momento do enunciado.

O resultativo e experiencial são alguns dos tipos específicos do perfeito (COMRIE, 1976, p. 56). Comrie (1976) se refere perfeito de resultado como “uma das manifestações mais claras da relevância atual de uma situação passada”<sup>7</sup> (p. 56). Ou seja, o próprio conceito de perfeito. O experiencial descreve um evento que ocorreu ao menos uma vez ao longo de um determinado tempo antecedente ao presente (COMRIE, 1976, p. 58).

<sup>6</sup> No original “the perfect indicates the continuing present relevance of a past situation.” (Comrie, 1976, p. 52)

<sup>7</sup> No original “one of the clearest manifestations of the present relevance of a past situation.” (Comrie, 1976, p. 56)

## 2 Metodologia

Participaram deste estudo 34 colaboradores, dos quais 18 (53%) do sexo feminino e 16 (47%) do sexo masculino, com idade entre 18 a 79 anos no momento da pesquisa. A média aritmética da idade dos colaboradores é de 49 anos.

Quanto às nacionalidades, das 34 pessoas, quatro colaboradores têm nacionalidade japonesa (chegaram ao Brasil em 1955, 1957, 1960 e 1971), 28 são brasileiros e dois têm dupla nacionalidade.

Os extratos da VBLJ foram obtidos a partir dos seguintes procedimentos: primeiro, aos colaboradores foi solicitado que assistissem a um vídeo de aproximadamente seis minutos de duração. Em seguida, solicitou-se ao participante que narrasse a história, com o maior detalhamento possível, a uma imigrante japonesa sem conhecimento do conteúdo do vídeo. Assim, a narrativa foi contada a outro membro da comunidade linguística dos colaboradores.

Tentou-se amenizar os impactos de fala monitorada solicitando descrever o curta-metragem a uma terceira pessoa que não fosse a autora desta pesquisa. As narrativas foram gravadas em áudio.

Além da narrativa, foi solicitado aos colaboradores que respondessem ao questionário relativo ao seu perfil. A pesquisa foi aplicada ao longo do ano de 2018. Em média, a participação de cada colaborador durou de 20 a 25 minutos.

É pertinente, ainda, esclarecer que a presente pesquisa obedeceu às diretrizes e normas da Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS do Ministério da Saúde relativos às pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Assim, a proposta desta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) por meio da Plataforma Brasil sob o CAAE: 74722117.1.0000.5540.

Foi utilizado o vídeo *Histórias de Peras (Pear Stories)*, criado pelo linguista e professor americano Wallace Chafe nos anos 70. Com duração de aproximadamente seis minutos, o vídeo não tem falas, apenas efeitos sonoros e foi confeccionado para extrair amostras de línguas de todo o mundo (ERBAUGH, 2001).

O curta-metragem conta uma breve aventura de um menino que rouba as frutas de um camponês. O cenário inicial é um homem no campo subindo em uma árvore com o auxílio de uma escada para colher peras. Embaixo da árvore estão três cestos grandes onde as frutas colhidas são colocadas. Enquanto o camponês está concentrado na colheita, passa por ali um menino em uma bicicleta que coloca um cesto cheio da fruta na bicicleta e o leva embora. Em meio à fuga, o menino se distrai ao cruzar com uma menina que também está montada em uma bicicleta, bate em uma pedra e cai. Espalham-se as peras na estrada. Em seguida, aparecem aí três jovens garotos que o ajudam a se recompor e a recolher as peras. Em agradecimento, o menino dá a cada um dos garotos uma das peras furtadas, e então se separam. Ao seguirem o caminho, os garotos passam pelo mesmo camponês. O vídeo acaba quando o homem confuso já notando a falta de um dos cestos, observa os três garotos que passam diante de seus olhos comendo as peras.

### 3 –*tor* e –*yor* na Variedade Brasileira da Língua Japonesa

Os morfemas –*yor* e –*tor* surgem no relato de 11 falantes da VBLJ, de um total de 34 participantes desta pesquisa. Nem todos os 11 colaboradores usaram os dois morfemas durante as narrativas. Uns utilizaram apenas –*yor*, outros somente –*tor*. Utilizaram exclusivamente o morfema –*yor* três colaboradores, outras quatro pessoas apenas –*tor*. E por fim, três outras utilizam tanto –*yor* como –*tor*.

Em relação à frequência dos morfemas, –*yor* e –*tor* somam um total de 41 ocorrências. No presente levantamento, a ocorrência –*yor* (25/41) foi maior que a de –*tor* (16/41). Além dos dados gerais como a frequência dos morfemas nas narrativas, a análise foi feita quanto à distribuição destes morfemas.

Assim como a língua japonesa comum<sup>8</sup>, a VBLJ apresenta a categoria aspecto no verbo, da mesma maneira como o tempo, modo, modalidade, negação, valência e coordenação. Essas categorias são expressas por morfemas sufixados à raiz verbal. Cada morfema expressa apenas um sentido, se apresentando como uma língua aglutinante em relação aos verbos. As raízes verbais são dependentes, ou seja, não ocorrem na língua sem ao menos o morfema que indica tempo ou o sufixo conjuntivo –*te* e seus alomorfes.

Ao se abordar um verbo em específico, as raízes verbais serão apresentadas junto com o morfema de tempo não passado –(*r*)*u*, como são feitas as entradas dos verbos no dicionário da língua japonesa.

#### 3.1 Morfema –*yor*

Um dos morfemas aspectuais que surgem nos dados coletados é o morfema –*yor*. Usado para expressar o progressivo, –*yor* é sufixado imediatamente após à raiz verbal e é seguido por um morfema de tempo ou por um morfema conjuntivo<sup>9</sup>. O sufixo aspectual –*yor* também se realiza por meio do alomorfe –*yot* diante da consoante *t*. Abaixo exemplos com base no verbo *mi-ru* ‘ver-NPSD’:

<sup>8</sup> O termo língua comum (共通語 *kyotungo*) se refere à variedade que surgiu de forma espontânea e natural (Kuno, 2007) como meio de comunicação entre falantes de diferentes dialetos do Japão (Shibatani, 1990, p. 186) em distinção à língua padrão (標準語 *hyoudyungo*). O termo língua padrão carrega consigo a noção de língua ideal que induz a errônea interpretação de inferioridade das variedades dialetais (Kuno, 2007, p. 8). Esta distinção entre os termos língua padrão e língua-comum adotada pelos linguistas japoneses será adotada também no presente artigo.

<sup>9</sup> A forma conjuntiva aqui se refere ao morfema –*te* sufixado a verbos (forma –*te*) e utilizado para ligar orações e para algumas locuções verbais.

6. a. *mi-yor-u*  
ver-PROG-NPSD  
'está vendo'<sup>10</sup>
- b. *mi-yot-ta*  
ver-PROG-PSD  
'estava vendo'
- c. *mi-yot-te*  
ver-PROG-CONJ  
'está vendo e...'

Os exemplos em 7a e 7b mostram, respectivamente, o verbo *miru* 'ver' sem e com o morfema *-yor* que expressa aspecto progressivo. Enquanto *miru*, sem marca aspectual, expressa 'ver', *mi-yor-u* significa a ação de ver em progresso.

### *miru* 'ver'

7. a. *otokonoko wa zubon wo age-te,*  
menino TOP calça OBJ levantar-CONJ
- hiza, kega si-te i-nai ka mi-ru*  
joelho machucado fazer-CONJ existir-NEG Q ver-NPSD

'O menino levanta a calça e vê se o joelho não está machucado.'

(2017-06-25 HAS)<sup>11</sup>

- b. *okasii na tte omot-te mi-yor-u uti ni*  
estranho COP.ADJ CIT pensar-CONJ ver-PROG-NPSD enquanto LOC
- sono kodomo-tati san-nin ga tabe-nagara,*  
esse criança-PL três-CLS.PES SUJ comer-enquanto
- asobi-nagara toot-te ik-u.*  
brincar-enquanto passar-CONJ ir-NPSD

'Enquanto o (homem) está olhando e pensando "Que estranho!", essas três crianças passam comendo e brincando.

(2017-06-25 HAS)

<sup>10</sup> Os verbos da VBJL não têm marcas nem de pessoa, nem de gênero e nem de número. No entanto, a tradução livre será feita na terceira pessoa do singular por questão de padronização.

<sup>11</sup> A notação entre parênteses corresponde a data da coleta (ano, mês e dia) seguido pelas iniciais do colaborador.

O mesmo contraste, sem e com *-yor*, ocorre com o verbo *ku-ru*<sup>12</sup> ‘vir-NPSD’ nos exemplos 8a e 8b.

### *kuru* ‘vir’

8. a. (*hito-ri ga*) *bousi no mot-te ki-ta no*  
um-CLS.PES SUJ chapéu OBJ trazer-CONJ vir-PSD ENF

‘Uma pessoa trouxe o chapéu.’

(2017-07-23 YS)

- b. *Onna ga hantai de zidensya de ki-yot-te*  
mulher SUJ oposto LOC bicicleta INST vir-PROG-CONJ  
*sono hito ni at-te, (...) acho que onna ni*  
esse pessoa com encontrar-CONJ acho que mulher LOC  
*tyotto atat-te(...)* *koron-da no*  
um pouco bater-CONJ cair-NPSD NMLZ

‘Uma mulher vinha do outro lado de bicicleta e encontrou essa pessoa, acho que (essa pessoa) esbarrou na mulher e caiu.’

(2017-07-23 YS)

O morfema *-yor* ocorre inclusive em verbos estativos, *ar-u* ‘existir-NPSD’. Ao se combinar com o verbo *ar-u* ‘existir-NPSD’, o morfema *-yor* também toma uma leitura aspectual progressiva, como pode ser visto nos exemplos abaixo.

### *aru* ‘existir’

9. a. *Erai toko ga ar-u ga*  
louvável parte SUJ existir-NPSD ENF

‘Tem uma parte louvável (na história)’

(2017-12-12 KI)

- b. *mukasi no hito-tati wa kirei na kokoro de*  
antigamente GEN pessoa-PL TOP bonito ADJ coração COP.LIG  
*tasukeat-te, yat-te ik-ou tte iu*  
colaborar-CONJ fazer-CONJ ir-VOL CIT dizer  
*kimoti ga ari-yot-ta keredo ne*  
sentimento SUJ existir-PROG-PSD mas ENF

‘As pessoas de antigamente tinham coração bonito e tinham o sentimento de ir ajudando um ao outro.’

(2017-12-12 KI)

<sup>12</sup> O verbo *kuru* ‘vir’ é irregular tendo como raiz do verbo a consoante *k*. A vogal que segue a raiz varia de acordo com os morfemas sufixados, sendo *-u* diante do morfema não-passado, *-i* diante do sufixo passado *-ta* e também do morfema em tela, *-yor*.

É preciso registrar que de todos os verbos listados neste levantamento, *aru* ‘existir’ é o único verbo estativo existencial em que um dos morfemas aspectuais foi encontrado. Os demais verbos onde os morfemas ocorreram são todos eventivos.

No quadro abaixo estão listadas todas as ocorrências do morfema na presente pesquisa.

Quadro 1: Ocorrências de *-yor*

Ocorrência	Verbo	Colaborador
<i>mi-yor-u uti</i>	ver	2017-06-25 HAS
<i>iki-yot-ta toki</i>	ir	2017-07-16 YN
<i>iki-yot-ta-ra</i>	ir	2017-07-16 YN
<i>ki-yot-te</i>	vir	2017-07-23 YS
<i>ki-yot-te</i>	vir	2017-07-23 YS
<i>iki-yot-ta-ra</i>	ir	2017-12-08 RU
<i>iki-yot-ta-ra</i>	ir	2017-12-08 RU
<i>iki-yo-ta</i>	ir	2017-12-08 RU
<i>kaeri-yot-te</i>	voltar	2017-12-08 RU
<i>tori-yot-ta</i>	tirar	2017-12-08 RU
<i>ari-yot-te</i>	existir	2017-12-12 KI
<i>yari-yot-ta</i>	fazer	2017-12-12 KI
<i>ire-yot-ta-n</i>	inserir	2018-03-03 KSH
<i>tori-yor-u</i>	tirar	2018-03-03 KSH
<i>nige-yot-ta-ra</i>	fugir	2018-03-03 KSH
<i>aruki-yot-ta</i>	andar	2018-03-03 KSH
<i>kaeri-yot-ta-ra</i>	voltar	2018-03-03 KSH
<i>aruki-yot-ta-ra</i>	andar	2018-03-03 KSH
<i>tori-yot-ta</i>	tirar	2018-03-03 KSH
<i>mi-yot-ta-ra</i>	ver	2018-03-03 KSH
<i>toori-yot-ta</i>	passar	2018-03-03 KSH
<i>tori-yor-u</i>	tirar	2018-03-03 YY
<i>iki-yot-ta-ra</i>	ir	2018-03-03 YY
<i>nusumi-yot-ta</i>	roubar	2018-03-03 YY
<i>de-yot-ta-ra</i>	sair	2018-03-03 YY

### 3.2 Morfema *-tor*

Outro morfema aspectual encontrado nos dados coletados é o *-tor*. Diferente de *-yor*, o morfema *-tor* ora expressa aspecto progressivo, ora aspecto resultativo. A transitividade dos verbos parece ser definidora de qual leitura aspectual o verbo toma, apesar de se observarem algumas exceções.



Este morfema, assim como o *-yor*, é sufixado à raiz verbal e é seguido pelos morfemas temporais ou conjuntivo, *-te*. Abaixo exemplos com base no verbo *mi-ru* ‘ver-NPSD’ e *tabe-ru* ‘comer-NPSD’<sup>13</sup>. Sendo estes verbos transitivos, a ocorrência deste sufixo expressa aspecto progressivo.

10. a. *mi-tor-u*  
ver-PROG-NPSD  
‘está vendo’
- b. *mi-tot-ta*  
ver-PROG-PSD  
‘estava vendo’
- c. *tabe-tot-te*  
comer-PROG-CONJ  
‘está comendo e’

### 3.2.1 *-tor* com verbos intransitivos

Na presente pesquisa, o morfema *-tor*, quando ocorre com verbos intransitivos tem, com exceção do verbo *iku* ‘ir’, leitura aspectual resultativa. O morfema ocorreu com os verbos intransitivos *koeru* ‘engordar’, *kuru* ‘vir’, *naru* ‘tornar-se’, *nakunaru* ‘sumir’ e *otiru* ‘cair’.

A oração abaixo traz a ocorrência do morfema com o verbo *koeru* ‘engordar-NPSD’ em uma oração nominal do tipo tópico predicado em que o nome *hito* ‘pessoa’ é modificado pela oração relativa entre colchetes *tyotto koe-tor-u* ‘um pouco engodada’, traduzido literalmente:

*koeru* ‘engordar’

11. (sono hito wa) [tyotto **koe-tor-u**] hito  
(essa pessoa TOP) um pouco engordar-RES-NPSD pessoa  
‘Essa pessoa é uma pessoa um pouco gorda.’  
(lit. ‘Essa pessoa é uma pessoa que está um pouco engodada’)

(2018-03-03 KSH)

Os exemplos 12a e 12b mostram o verbo *nar-u* ‘tornar-se-NPSD’ sem e com o morfema *-tor*, respectivamente.

<sup>13</sup> Nos dados desta pesquisa, não foi obtido um mesmo verbo que ocorresse nas três flexões. Desse modo, os exemplos foram dados com os verbos *miru* ‘ver’ e *taberu* ‘comer’.

**naru** ‘tornar-se’

12. a. *kago ga buta-tu at-te, [ippai nat-ta] yatu ga*  
cesto SUJ dois-CLF existir-CONJ cheio tornar-PSD isso SUJ  
‘Havia dois cestos, os quais tinham ficado cheios.’

(2018-03-03 YY)

- b. (*otokonoko ga sono kago wo [ippai ni*  
menino SUJ esse cesto OBJ cheio ADV  
**nat-tor-u]** *kago wo tot-te,*  
tornar-se-RES-NPSD cesto OBJ pegar-CONJ  
*ziten-sya nosi-te, mot-te it-ta*  
bicicleta colocar-CONJ levar-CONJ ir-PSD

‘E (o menino) pegou esse cesto tornado cheio, colocou na bicicleta e levou.’

(2018-03-03 YY)

Com o verbo *naru* ‘tornar-se’, ambas as orações sem ou com o sufixo *-tor*, trazem a ideia de o cesto estar cheio ou completo. Isso porque na oração 12a *nat-ta* ‘tornar-PSD’, no perfectivo, tem a leitura ingressiva como descrito anteriormente. Ou seja, o *yatu* que se refere a ‘cesto’, modificado pela oração relativa entre colchetes [*ippai nat-ta*], foi preenchido e continua completo. Já *nat-tor-u*, em 12b, expressa o resultativo, aspecto perfeito. Isto é, a ação de encher ocorreu antes do enunciado e a sua completude tem efeitos que continuam no momento da enunciação. Desse modo, as duas orações expressam que o cesto está completo, no entanto, 12a com o aspecto perfectivo e 12b por meio do aspecto resultativo (perfeito).

O verbo *iku-u*<sup>14</sup> ‘ir-NPSD’ não se comporta da mesma forma, ao menos neste levantamento, que os demais verbos intransitivos. Nas duas ocorrências de *iku* com o sufixo *-tor*, a oração tem uma leitura progressiva como pode ser observado nos exemplos 13a e 13b abaixo:

**iku** ‘ir’

13. a. *kaeri ni nasi wo tabe-nagara it-tot-ta ra,*  
volta LOC pera OBJ comer-enquanto ir-PROG-PSD COND  
*miti da kara sono nasi tot-ta*  
estrada COP por isso esse pera tirar-PSD  
*hito no toko ni tyoudo at-ta no yo*  
pessoa GEN local LOC exatamente existir-PSD NMLZ ENF

‘Na volta, quando (os meninos) seguiam comendo, como era uma estrada, (ela) levava exatamente ao local da pessoa que colheu essa pera.’

(2017-07-23 YS)

<sup>14</sup> A raiz verbo *iku* ‘ir’, *ik* em alomorfe *it* quando seguidos de morfemas iniciados com a consoante *t*.

b. <i>Sokoo</i>	<i>sugi-te</i>	<i>arui-te/</i>	<i>it-tor-u/</i>	<i>itt/</i>	<i>it-te</i>	<i>(i)-ru</i>
aí	passar-CONJ	andar-CONJ	ir-PROG-NPSD	ir	ir-CONJ	existir-NPSD
<i>tokoro</i>	<i>de</i>	<i>maa,</i>	<i>bousi</i>	<i>ga</i>	<i>oti-te</i>	<i>(i)-ta</i>
momento	LOC	eee,	chapéu	SUJ	cair-CONJ	existir-PSD
						devido a
<i>sono</i>	<i>bousi</i>	<i>wo</i>	<i>mata</i>	<i>sono</i>	<i>otokonoko</i>	<i>ni</i>
esse	chapéu	OBJ	novamente	esse	menino	DAT
<i>modosi-te</i>	<i>yar-u</i>					
devolver-CONJ	dar-NPSD					

‘Como tinha um chapéu caído no momento que ia passando andando, fez o favor de devolver para esse menino esse chapéu.’

(2017-12-08 KY)

A presença do sufixo verbal *-nagara* que expressa ação simultânea no exemplo 13a não permite a leitura resultativa do verbo. E em 13b, apesar da hesitação e da troca do morfema *-tor* por outra expressão, o contexto de achar o chapéu enquanto outra ação está em andamento também descarta a leitura resultativa do verbo *iku* ‘ir’. Uma possível explicação para essa aparente exceção é o fato de nas duas ocorrências com o morfema *-tor*, o verbo *iku* ‘ir’ aparece em uma locução verbal. Isto é, não houve ocorrências de *iku* ‘ir’ como o único verbo da oração. Não é o caso deste levantamento, mas há a possibilidade de ter, assim como o restante dos verbos intransitivos, leitura resultativa nas orações em que este verbo seja o único verbo da oração.

No quadro abaixo estão listadas todas as ocorrências do morfema *-tor* na presente pesquisa.

Quadro 2: Ocorrências de *-toru* com verbos intransitivos

Ocorrência	Português	Aspecto	Colaborador
<i>it-tot-ta-ra</i>	ir	Progressivo	2017-07-23 YS
<i>it-tor-u</i>	ir	Progressivo	2017-12-08 KY
<i>koe-tor-u</i>	engordar	Resultativo	2018-03-03 KSH
<i>nakunat-tor-u</i>	sumir	Resultativo	2018-03-03 KSH
<i>nat-tot-ta</i>	tornar-se	Resultativo	2018-03-03 TY
<i>ki-tot-te</i>	vir	Resultativo	2018-03-03 TY
<i>nat-tor-u</i>	tornar-se	Resultativo	2018-03-03 YY
<i>oti-tot-ta-n</i>	cair	Resultativo	2018-10-27 TS

### 3.2.2 *-tor* com verbos transitivos

Quando sufixados nos verbos transitivos, o morfema *-tor* expressa uma semântica aspectual progressiva, na maior partes das ocorrências. Nos dados coletados nesta pesquisa, *miru* ‘ver’, *motu* ‘pegar’, *toru* ‘tirar’, *taberu* ‘comer’, *suru* ‘fazer’ e *wasureru* ‘esquecer’ foram os verbos transitivos que ocorreram com este morfema.

O exemplo 14a e 14b mostram o verbo *s-uru* ‘fazer-NPSD’ sem e com o morfema *-tor*.

*suru* ‘fazer’

14. a. *nasi wo cesta ni ire-ru no tetudat-te*  
 pera OBJ cesta LOC inserir-PSD NMLZ ajudar-CONJ  
*sonna ii kouji wo si-ta no*  
 assim bom ação OBJ fazer-PSD NMLZ

‘(Os três meninos) fizeram uma boa ação ao ajudar a colocar as peras na cesta.’

(2017-09-30 THA)

- b. [*Ozisan éee tte si-tor-u*] *tokoro de owari-masi-ta*  
 senhor ué CIT fazer-PROG-NPSD momento LOC acabar-POL-PSD

‘Acabou no momento em que o senhor está fazendo ‘ué?!’

(2017-09-30 THA)

*taberu* ‘comer’

15. a. *san-nin de wake-te ne, kou yat-te, tabe-masi-ta*  
 três-CLS.PS entre dividir-CONJ né assim fazer-CONJ comer-POL-PSD

‘Dividiu entre os três, fizeram assim e comeram.’

(2017-07-16 YN)

- b. *kodomo-tati ga too-te, nasi tabe-tot-te sorede,*  
 criança-PL SUJ passar-CONJ pera comer-PROG-CONJ e  
*mukou mo wakar-an you na kao*  
 outro lado (homem) também entender-NEG parecer COP.ADJ cara  
*si-tot-ta n des-u*  
 fazer-PROG-PSD NMLZ COP.POL-NPSD

‘As crianças passaram comendo as peras e o homem também estava fazendo cara de quem não compreendia.’

(2018-10-27 TS)

Em contraste com os verbos transitivos com leitura progressiva, estão os verbos *wasureru* ‘esquecer’ e *motu* ‘pegar’ que, ao serem sufixados com o morfema *-tor*, tomam leitura resultativa. Os exemplos 16a e 16b a seguir demonstram esse contraste com o verbo *wasure-ru* ‘esquecer-NPSD’ sem o morfema e com o morfema, respectivamente:

*wasureru* ‘esquecer’

16. a. *Oou, bousi wo wasure-ta yo*  
 Oou, chapéu OBJ esquecer-PSD ENF  
 ‘Eei, você esqueceu o chapéu.’

(2018-03-03 HHS)

- b. *Ah, bousi wasure-tor-u yo*  
 Ah, chapéu esquecer-RES-NPSD ENF  
 ‘Ah, você esqueceu o chapéu.’

(lit. ‘Ah, você está esquecido do chapéu.’)

(2018-03-03 YY)

Há uma distinção semântica relevante entre os exemplos 16a e 16b. Em 16a, *wasureta* está no perfectivo, evento observado como um todo único. Assim, a ação de esquecer pode já ter sido finalizada. Em outras palavras, o agente pode já ter se dado conta do esquecimento. Já em 16b, em que o mesmo verbo expressa o aspecto resultativo, essa interpretação não é possível. Exemplos análogos em 17a e 17b ilustram melhor a distinção de leitura aspectual.

17. a. *Hiroshi wa keitai wo wasure-ta kara tori ni ki-ta*  
 Hiroshi TOP celular OBJ esquecer-PSD por isso pegar DAT vir-PSD  
 ‘Hiroshi esqueceu o celular por isso veio buscar’

- b. \**Hiroshi wa keitai wo wasure-tor-u kara tori ni ki-ta*  
 Hiroshi TOP celular OBJ esquecer-RES-NPSD por isso pegar DAT vir-PSD  
 ‘Hiroshi está esquecido do celular por isso veio buscar’<sup>15</sup>

A sentença em 17a é perfeitamente gramatical, mas 17b é agramatical, ao menos, sendo Hiroshi autor da ação de buscar, uma vez que é incompatível a leitura resultativa e não-passada de um verbo com a ação tomada em consequência do seu resultado.

O verbo *mot-u* ‘pegar-NPSD’ com o morfema *-tor* também traz uma leitura resultativa.

*motu* ‘pegar’

18. a. *(otokonoko ga) nasi wo mot-ta mama toot-ta no*  
 menino SUJ pera OBJ pegar-PSD como está passar-PSD NMLZ  
 ‘(O menino) passou em posse da pera.’

(lit. ‘(O menino) passou do jeito que pegou a pera.’)

(2017-12-15 ATO)

<sup>15</sup> Conhecimento da autora.

b. (*kodomo ga takkyuu no are wo*  
criança SUJ tênis de mesa GEN aquilo OBJ

***mot-tot-ta*** *no kana*  
portar-RES-PSD NMLZ será

‘(A criança) estava em posse daquilo (raquete) de tênis de mesa, será?!’

(lit. ‘(A criança) tinha pegado daquilo (raquete) de tênis de mesa, será?!’)

(2017-12-08 RU)

Dentre os significados do verbo *motu* que constam no dicionário digital *Daikodien*, três são relevantes neste contexto: a) levar nas mãos, como em *Migite ni pen wo motu* ‘Segurar a caneta na mão direita’; b) portar, levar consigo, como em *Saifu wo motanai de dekakeru* ‘Sair de casa sem levar a carteira’; c) ter, possuir, tornar seu, como em *Eijousi no sikaku wo motu* ‘ter licença de nutricionista’.

Como visto anteriormente, a forma perfectiva de alguns verbos expressa ingressividade. É o caso do verbo *motta*, forma perfectiva no tempo passado do verbo *motu*, em 18a que expressa o ingresso no estado de ‘estar em posse ou porte de/provido de’, resultado do ato inicial ‘pegar, tomar para si’. Ou seja, o menino em algum momento passado pegou a pera e passou em posse dela. O fato de, diferente de *wasure-ta* ‘esquecer-PSD’, em que a ação de esquecer já havia sido concluída, o menino continuar com a pera na mão, é evidenciado por *mama* em *nasi wo motta mama* que significa ‘da maneira como, do jeito como pegou a pera’.

Em 18b, *mot-tot-ta* com o morfema *-tor* significa ‘estava em posse de’, no caso, da raquete, expressando a relevância de um evento ocorrido anteriormente, a ação de pegar, com pertinência no momento referido. Ou seja, aspecto perfeito com leitura resultativa.

No quadro abaixo estão listadas todas as ocorrências do sufixo *-tor* nos verbos transitivos na presente pesquisa.

Quadro 3: Ocorrências de *-toru* em verbos transitivos

Ocorrência	Português	Aspecto	Colaborador
<i>si-tor-u</i>	fazer	Progressivo	2017-09-30 THA
<i>mot-tot-ta</i>	segurar	Resultativo	2017-12-08 RU
<i>mi-tor-u</i>	ver	Progressivo	2017-12-08 RU
<i>mi-tot-ta</i>	ver	Progressivo	2017-12-08 RU
<i>tot-tot-ta-ra</i>	tirar	Progressivo	2018-03-03 YY
<i>wasure-tor-u</i>	esquecer	Resultativo	2018-03-03 YY
<i>si-tot-ta</i>	fazer	Progressivo	2018-10-27 TS
<i>tabe-tot-te</i>	comer	Progressivo	2018-10-27 TS

## Conclusões preliminares

De forma geral, a partir dos dados obtidos nesta pesquisa, é possível afirmar que *-yor* tem leitura aspectual progressiva independente da transitividade e da natureza semântica do verbo.

A leitura aspectual dos verbos que levam o morfema *-tor*, por sua vez, não é regular como o morfema *-yor*. Adicionados aos verbos intransitivos, as orações tomam leitura aspectual resultativa, com exceção do verbo *iku* ‘ir’. Quando acrescidos aos verbos transitivos, *-tor* tem leitura progressiva (imperfectivo) também com exceções. São os casos de verbos transitivos *wasureru* e ‘esquecer’ *motu* ‘portar’ que ao serem sufixados com *-tor* passam a ter interpretação resultativa (perfeito). O comportamento dos verbos desta pesquisa foi organizado no quadro 4 abaixo:

Quadro 4: Transitividade e leituras aspectuais de *-yor* e *-tor*

	morfema <i>-yor</i>	morfema <i>-tor</i>
verbos intransitivos	Aspecto Progressivo	Aspecto Resultativo* (exceção: verbo <i>ir</i> )
verbos transitivos	Aspecto Progressivo	Aspecto Progressivo* (exceções: verbos <i>seguir</i> e <i>esquecer</i> )

Os resultados obtidos foram além das hipóteses traçadas inicialmente em relação ao morfema *-tor*. O morfema *-yor*, como previsto inicialmente, expressa aspecto progressivo. No entanto, quanto ao morfema *-tor*, foi diferente do conjecturado a princípio. Inicialmente, a hipótese era de que *-tor* com verbos intransitivos expressasse aspecto resultativo e, afixados aos verbos transitivos, fosse obtida uma leitura aspectual progressiva. No entanto, as ocorrências do verbo intransitivo *iku* ‘ir’ com o sufixo *-tor*, nos dados obtidos nesta pesquisa, tiveram leitura progressiva. Além disso, com os verbos transitivos *motu* ‘pegar’ e *wasureru* ‘esquecer’ tiveram leitura aspectual resultativa (perfeito).

Por fim, é importante ressaltar que os dados apresentados foram coletados por meio de narrativas espontâneas. Assim, os resultados se limitam às ocorrências nessas narrativas. Uma investigação com dados mais robustos poderia apresentar mais ocorrências desses morfemas e ajudar a esclarecer algumas lacunas que ainda precisam ser esclarecidas.

## Lista de Abreviaturas

ADJ - adjetivo

ASP – aspecto

CIT – citação

CL – classificador

CL.PES – classificador de pessoa  
CONJ – conjuntivo  
COP – cópula  
COP.ADJ - forma adjetiva da cópula  
COP.POL – forma polida da cópula  
DAT – dativo  
ENF – ênfase  
GEN – genitivo  
INST – instrumental  
LOC - locativo  
NEG – negativo  
NMLZ – nominalizador  
NPSD – não passado  
OBJ – objeto  
PL – plural  
POL – polidez  
PROG – progressivo  
PSD – passado  
Q – questão  
RES - resultativo  
SUJ – sujeito  
TOP – tópico  
VBLJ –Variedade Brasileira da Língua Japonesa

## Referências

COMRIE, B. **Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems.** Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

ERBAUGH, M. S. What Are 'The Pear Stories'? **The Chinese Pear Stories - Narrative Across Seven Chinese Dialects**, 2001. Disponível em: <<http://www.pearstories.org/docu/ThePearStories.htm>>. Acesso em: Agosto 2017.



FERREIRA, M. D. L. Análise dos morfemas *-toru* e *-te iru* no japonês do Distrito Federal. **Anais do XX ENPULLCJ / VII CIEJB**, São Paulo, agosto 2009. 337-344.

MASE, Y. A língua japonesa dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. **Estudos Japoneses**, São Paulo, v. 7, p. 137-146, 1987. ISSN 1413-8298.

TAKANO, Y. **Esboço do atlas do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal: Aspecto Semântico-Lexical**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese, 2013. 361 p. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-07062013-110156/pt-br.php>.

VELUPILLAI, V. **An introduction to linguistic typology**. Amsterdão: John Benjamins Publishing Company, 2012.

# CLASSES ADJETIVAIS NO NORDESTE ASIÁTICO: REVENDO AS LÍNGUAS JAPONESA E COREANA

## ADJECTIVE CLASSES IN NORTHEAST ASIA: REVISIT- ING THE JAPANESE AND KOREAN LANGUAGES

Marcus Tanaka de Lira<sup>1</sup>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1750-8727>

Recebido em: 20/05/2020

Aceito em: 01/06/2020

**RESUMO:** Descrições de línguas do nordeste asiático frequentemente precisam lidar com a questão do reconhecimento ou não de uma classe adjetival em seu sistema lexical. Essa discussão tem estado presente nos estudos de línguas da região como Ainu (REFSING, 1986; SHIBATANI, 1990), falado no norte do Japão; Coreano (CHANG, 1996; SOHN, 2004; SOHN, 1999; YEON e BROWN, 2011), falado na península coreana; e Nivkhe (NEDJALKOV e OTAINA, 2013; GRUZDEVA, 1998; MATTISSSEN, 2003), falado ao norte do Japão. No Brasil, essa mesma discussão tem estado presente na área de estudos japoneses devido a descrições como a de Suzuki (2016). A fim de melhor entender as dificuldades envolvidas na descrição das classes adjetivais da região, foram analisadas em coreano e japonês as classes lexicais cuja classificação são objeto de debate. Aplicaram-se 17 critérios morfossintáticos e semânticos encontrados em Dixon (2010) e Givón (2001) e, após a análise, constatou-se que é possível verificar mais diferenças do que semelhanças no comportamento gramatical de verbos e adjetivos em ambas as línguas, justificando a divisão em duas classes lexicais.

**Palavras-Chave:** Classes Adjetivais. Língua Coreana. Língua Japonesa. Nordeste Asiático.

**ABSTRACT:** Descriptions of languages from North-east Asia must frequently grapple with the question of whether they should recognise the existence of an adjective class in its lexical system. This discussion has been present in studies of languages from the region, such as Ainu (REFSING, 1986; SHIBATANI, 1990), Korean (CHANG, 1996; BYON, 2009; YEON e BROWN, 2011) and Nivkhe (NEDJALKOV e OTAINA, 2013; GRUZDEVA, 1998; MATTISSSEN, 2003) and, in Brazil, it has been present in the field of Japanese studies thanks to descriptions such as Suzuki (2016). In order to better understand the difficulties involved in the description of adjective classes in the region, the lexical classes whose classification has been disputed in Korean and Japanese have been analysed. After the application of 17 morphosyntactic and semantic criteria found in Dixon (2010) e Givón (2001), it has been noted that it is possible to spot more differences than similarities in the grammatical behaviour of verbs and adjectives in both languages, justifying the division into two different lexical classes.

**Keywords:** Adjective classes. Korean language. Japanese language. Northeast Asia.

<sup>1</sup> Mestre e Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília e professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília. Coordenador do Núcleo de Estudos Asiáticos da Universidade de Brasília (NEASIA/CEAM/UnB) e Diretor do Instituto Rei Sejong Brasília.

## Introdução

Comparações e classificações interlinguísticas são ferramentas que podem ajudar um pesquisador a entender sobre o funcionamento das línguas naturais, mas que também podem trazer diversos problemas caso não sejam tomadas as devidas precauções. Entender o que as línguas compartilham em comum, e o que elas apresentam de diferente, nos ajuda a compreender melhor não só como funcionam as línguas, mas o quão adequadas são as descrições que temos. Para poder se tornar possível qualquer tipo de comparação, é comum que os diferentes autores compartilhem de um mesmo léxico e de ideias similares quanto à estrutura das línguas. Uma das ideias mais básicas sobre a estrutura das línguas é a existência de classes lexicais.

A ideia de que as línguas possuem classes lexicais, ou seja, que seu léxico pode ser organizado de acordo com propriedades morfossintáticas, possui uma longa história nos estudos linguísticos. Essa classificação já fazia parte da *Téchnē Grammatiké*, a gramática escrita por Dionísio da Trácia há 2100 anos (BAKER, 2004, p. 1). Desde então, temos descoberto que as línguas divergem bastante na distinção de suas classes lexicais, como no caso dos adjetivos. Tradicionalmente, adjetivos são vistos como sendo a classe de palavras que descrevem qualidades ou atributos (SCHACHTER e SHOPEN, 2007, p. 13), havendo autores, como Givón (2001, p. 49), que admitem a possibilidade de nem todas as línguas apresentarem essa classe lexical e outros, como Baker (2004), que defende a existência das mesmas classes lexicais em todas as línguas naturais. O reconhecimento da presença ou da ausência de uma classe adjetival nas línguas preenche uma lacuna no nosso conhecimento sobre como as línguas naturais podem se comportar.

A dificuldade no reconhecimento de uma classe adjetival em muitas das línguas asiáticas se dá devido ao fato de que não é raro encontrarmos, em descrições de línguas do sudeste do continente, certa inconsistência em relação à existência de classes adjetivais, como no caso do tailandês (SMYTH, 2002, p. 83) e do vietnamita (NGUYÊN, 1997, p. 119). Nessas línguas, os termos “adjetivos” e “verbos descritivos” são usados concomitantemente, especialmente quando há alguma inconsistência na literatura da língua quanto à descrição da classe. Hajek (2004, p. 349-350) defende que tais inconsistências se devem à lentidão no reconhecimento da classe de adjetivos na região da Ásia-Pacífico, similar à hesitação que houve na história das gramáticas europeias, ainda que seja possível perceber diferenças morfossintáticas entre adjetivos e verbos e nomes. A defesa das diferenças entre essas três classes tem uma longa história em tipologia linguística.

Levantamentos, como os de Stassen (2005, p. 479), ao dividir as classes adjetivais das línguas naturais entre predicativas e não predicativas, por exemplo, vê o leste e o sudeste asiáticos, assim como as ilhas da Indonésia, Melanásia e Polinésia, como regiões em que os adjetivos apresentam características predicativas com maior frequência. Nesse levantamento, baseado em apenas três características morfossintáticas, as classes adjetivais deveriam apresentar as propriedades para serem consideradas predicativas: exibir concordância morfológica similar à verbal (no caso de a língua apresentar verbos com esse tipo de concordância), não requererem o uso da cópula ou outro

elemento gramatical e apresentarem a mesma estratégia que os verbos para codificar negação. Não há, em levantamentos desse tipo, uma exploração maior de elementos semânticos.

Ainda assim, tanto nas gramáticas das línguas do sudeste asiático supracitadas, como no levantamento mencionado, as descrições deixam claro que há pelo menos uma classe adjetival, e que apenas ocorre uma interseção de características entre verbos e adjetivos.

Seria possível detectar a mesma ambiguidade mais especificamente nas línguas do nordeste asiático<sup>2</sup>?

A semelhança no comportamento morfossintático de uma possível classe adjetival e os verbos é registrada em várias gramáticas de línguas do nordeste asiático, como em Ainu (REFSING, 1986; SHIBATANI, 1990) falado no norte do Japão; Coreano (CHANG, 1996; BYON, 2009; YEON e BROWN, 2011), falado majoritariamente na península coreana; e Nivkhe (NEDJALCOV e OTAINA, 2013; GRUZDEVA, 1998; MATTISSEN, 2003), falado ao norte do Japão, e em regiões vizinhas ao estreito da Tartária. Com exceção da língua Ainu, em que nenhum dos autores reconhece uma classe de adjetivos que difira o suficiente dos verbos intransitivos da língua, nem sempre há consenso entre os autores. Devido à insuficiência de dados das línguas Ainu e Nivkh, entretanto, elas não serão analisadas aqui.

Também há línguas da região cujas gramáticas parecem fazer uma distinção mais clara entre os adjetivos e as outras classes lexicais, como em Evenki (NEDJALCOV, 1997), a língua oki-nawana de Irabu (SHIMOJI, 2008) e Udihe (NIKOLAEVA e TOLSKAYA, 2001).

Mas, existem línguas em que ainda há algum debate. Em descrições estrangeiras da língua japonesa, não parece haver percepção de ambiguidade ou indefinição quanto à existência e à categorização de pelo menos duas classes adjetivais (HINDS, 1986; IWASAKI, 2013; KAISER, ICHIKAWA, *et al.*, 2013; SHIBATANI, 1990; TSUJIMURA, 2007; BACKHOUSE, 2004), motivo pelo qual o termo “classes adjetivais” é aqui usado no lugar de “adjetivo”. Já em descrições da língua japonesa em português, entretanto, trabalhos como Suzuki (2016, p. 95) usam a expressão “predicador de qualidade”, em oposição a “adjetivo” porque a classe de palavra que poderia ser descrita como adjetivo “não só tem as mesmas formas de flexão que os verbos, como também desempenha as mesmas funções sintáticas”, com o uso da expressão “adjetivo” se devendo a circunstâncias históricas.

Caso a afirmação acima esteja correta, e as classes adjetivais em japonês compartilhem as mesmas formas de flexão dos verbos e funções sintáticas, ou seja, se eles se comportarem morfossintaticamente como verbos, de fato não haveria razão para reconhecermos uma classe adjetival por motivações e critérios que não fossem semânticos.

Mas, caso contrário, se houver diferenças entre os verbos e as classes adjetivais da língua japonesa, é preciso confirmar se (1) são características já reconhecidas na literatura sobre o funcionamento das categoriais adjetivais nas línguas naturais, (2) se há alguma inovação e, (3) se é algum

<sup>2</sup> Para efeitos deste levantamento, o nordeste asiático será definido como a região que inclui o arquipélago japonês, a península coreana, a região da Manchúria e os kraís russos do Litoral e Khabarovsk, com adição dos oblasts de Amur e de Sacalina.

fenômeno comum à região, a fim de verificar se é uma característica específica da língua japonesa, ou algo mais comum nas línguas naturais. Justifica-se então, a necessidade de se fazer esse levantamento, num primeiro momento, com categorias adjetivais e verbos, a fim de testar a hipótese de que não só há categorias adjetivais bem definidas em ambas as línguas, mas elas também apresentam características comuns, apontando para uma possível tendência de convergência morfossintática entre as duas línguas.

Os objetivos do levantamento, portanto, são:

- **Confirmação de identidade:** confirmar se há, ou não, uma identidade entre o comportamento morfossintático entre verbos e adjetivos, nas línguas do nordeste asiático para as quais temos dados suficientes (Coreano, Japonês);
- **Verificação de literatura:** analisar se as características morfossintáticas encontradas nos dados foram descritas previamente nas obras de referência como sendo características comuns em adjetivo, ou se há alguma inovação;
- **Comparação areal:** por fim, ver se as características encontradas em cada uma das línguas são comuns às duas línguas analisadas, ou se não há semelhança nas características morfossintáticas dos adjetivos das duas línguas.

Para poder responder a essas perguntas, o artigo seguirá a seguinte estrutura. Primeiro, será feita uma revisão bibliográfica, recapitulando os estudos sobre categorias adjetivais segundo uma linha teórica funcional tipológica, com foco seguinte nas línguas analisadas. Em seguida, será descrita a metodologia utilizada, descrevendo as características dos testes aplicados aos dados. Na sequência, serão expostos os dados de descrições linguísticas da língua japonesa e da língua coreana, com adição de dados do conhecimento do autor quando houver lacunas na literatura consultada. Então, será feita a análise dos dados apresentados, a fim de se testar a hipótese central. Por fim, serão discutidos os próximos passos necessários em pesquisas futuras sobre classes lexicais e convergência gramatical nas línguas do nordeste asiático.

## 1 Revisão Bibliográfica

A menção ao comportamento de adjetivos nas diferentes línguas do mundo, e a busca por correlações entre seu comportamento e outras características gramaticais, estão presentes desde os trabalhos pioneiros em tipologia funcional como Greenberg (1990, p. 68-70), originalmente publicado em 1963. Na ocasião, a posição em que os adjetivos se encontravam ante o termo modificado era correlacionado com a ordem do verbo e de seus argumentos numa oração, assim como o tipo de aposição presente na língua. E, a partir de então, foram feitas análises mais aprofundadas a fim de melhor entender (e reconhecer) o comportamento das classes adjetivais nas línguas naturais.

Como mencionado acima, não há consenso entre os tipólogos sobre a necessidade de uma língua apresentar uma classe adjetival: Schachter e Shopen (2007, p. 13) afirmam que, enquanto todas as línguas aparentemente fazem distinção entre nomes e verbos, nem sempre há uma classe de adjetivos (com palavras cuja semântica se assemelha à dos adjetivos em português sendo expressa ou por nomes ou por verbos).

Já Dixon (2010, p. 62), sugere que mesmo nessas línguas que não teriam classe adjetival, é possível reconhecer uma classe distinta de palavras se aplicarmos critérios mais cuidadosos e reconhecermos parâmetros de variação tais como:

- **Tamanho e abertura:** enquanto há línguas cujas classes adjetivais são abertas, podendo contar com inúmeros membros, também acontece de línguas apresentarem classes fechadas de adjetivos com poucos membros, como no caso da língua Igbo, em que há apenas oito adjetivos, com significados relacionados a dimensão, cor, idade e julgamentos de valor (SCHACHTER e SHOPEN, 2007, p. 14);
- **Proximidade com outras classes:** nem sempre as classes adjetivais compartilham características morfosintáticas com nomes e/ou verbos, mas é muito mais comum que compartilhem características com pelo menos uma dessas duas outras classes lexicais (DIXON, 2010, p. 63-64), tendo o levantamento feito por Ferreira (2015, p. 213) com classes adjetivais de 60 línguas encontrado que em 38% das classes adjetivais apresentam características verbais, 35% apresentam características nominais, 9% compartilham características presentes em ambas as classes e apenas 18% possuem características ausentes nas outras duas classes lexicais.

Ainda assim, há, nas línguas do nordeste asiático aqui mencionadas, uma tendência de se reconhecer pelo menos uma classe adjetival, com menção à presença de múltiplas classes em pelo menos uma das línguas, o japonês.

## 1.1 Adjetivos em Japonês

Em japonês, há o frequente reconhecimento nas fontes encontradas de pelo menos duas classes adjetivais, as quais são resultado de diferentes processos de gramaticalização: os *keiyoushi* (形容詞) e os *keiyoudoushi* (形容動詞), rótulos esses geralmente traduzidos na literatura estrangeira como adjetivos e adjetivos nominais (ou nominais adjetivos), respectivamente (HINDS, 1986, p. 171; IWASAKI, 2013, p. 57; SHIBATANI, 1990, p. 144; FRELLESVIG, 2010, p. 235).

O motivo pelo qual há essa pluralidade de classes adjetivais, como são reconhecidas por esses autores, se deve a diferentes processos de gramaticalização na história da língua.

No caso dos *keiyoushi*, ela já era uma classe lexical presente na língua desde os primeiros registros em japonês antigo (700~800 DC). Dentre suas características morfossintáticas da classe de *keiyoushi* na época, estava a presença de diferentes morfemas dependendo de sua função: predicativa, como núcleo de predicado intransitivo, e atributiva, modificando o núcleo de um sintagma nominal.

1. *A ga mune ita-si* (morfologia predicativa de *keiyoushi* em japonês antigo)  
 1.SG GEN peito dolorido-PRED  
 “Meu peito doi”

(FRELLESVIG, 2010, p. 83)

2. *Kurwo-ki mi-kyesi* (morfologia atributiva de *keiyoushi* em japonês antigo)  
 preto-ATR HON-roupas  
 “Roupas pretas”

(FRELLESVIG, 2010, p. 83)

Durante meados do milênio passado (1200~1600 DC), devido a processos de mudanças fonética, as consoantes dos morfemas predicativo e atributivo acima caíram, levando a uma reanálise como sufixo de tempo não-passado (FRELLESVIG, 2010, p. 340), não mais havendo variação devido à presença dentro de um sintagma nominal. O comportamento contemporâneo dessa classe será visto com mais detalhes na análise de dados.

Já *keiyoudoushi* significa, literalmente, “verbos adjetivos”, em referência a questões razões históricas, ainda que seja traduzido como “adjetivos nominais” ou “nomes adjetivais” em descrições contemporâneas (HINDS, 1986, p. 171; IWASAKI, 2013, p. 57; SHIBATANI, 1990, p. 144; FRELLESVIG, 2010, p. 235). Isso ocorre porque, em japonês medieval (cerca de 800~1200 DC), ainda no início do processo de gramaticalização da classe lexical, as palavras vinham seguidas de uma cópula adjetival (então considerada um verbo), como visto nos exemplos abaixo, a qual possuía características verbais:

3. *Siduka nar-i* (uso de cópula adjetival com *keiyoudoushi* em japonês medieval)  
 calmo COP.ADJ-INF  
 “Está calmo”

(FRELLESVIG, 2010, p. 235)

4. *Siduka nar-azu* (uso de cópula adjetival com *keiyoudoushi* em japonês medieval)  
 calmo COP.ADJ-NEG  
 “Não está calmo”

(FRELLESVIG, 2010, p. 235)

Com o tempo, a cópula em língua japonesa foi apresentando formas supletivas, diferenciando-se nas funções predicativas e atributiva mostrada acima (FRELLESVIG, 2010, p. 395), como serão mostradas nas análises abaixo. A presença da obrigatoriedade da cópula, tanto na função atributiva como na função predicativa, como ocorre com os nomes, é o motivo pelo qual em língua inglesa essa classe é frequentemente chamada de adjetivos nominais ou nomes adjetivais.

Como mencionado na introdução, entretanto, os rótulos utilizados em língua portuguesa não são os mesmos: ao utilizar o termo predicadores de qualidade, no lugar do termo “adjetivo”, trabalhos do Grupo Interinstitucional de Estudos de Língua Japonesa, GRIELJB, defendem que “a função predicadora é a característica mais importante dessas palavras” (MORALES, 2012, p. 164) e de que o rótulo foi utilizado em detrimento a adjetivo porque “respeitou-se sua propriedade intrínseca (...) a de formar predicados” (SUZUKI, 2012, p. 9).

O uso, entretanto, não é uniforme: Morales (2012, p. 164) aplica o rótulo apenas aos *keiyoushi*, chamando os *keiyoudoushi* de “qualificadores”, enquanto Suzuki (2012, p. 9) utiliza o termo para *keiyoushi* e *keiyoudoushi*, considerando-os grupos de uma mesma classe (SUZUKI, 2016, p. 96). Também há outros trabalhos do grupo, como Tashiro-Perez (2012), que usam o rótulo “adjetivo” para as mesmas classes. Não foram encontrados nos trabalhos consultados, testes ou menções a arcabouços teóricos que justifiquem as definições utilizadas, o que talvez explique a variação no uso dos rótulos.

O argumento de Suzuki (2016, p. 95) de que os adjetivos possuem as mesmas características morfosintáticas dos verbos será analisado durante a apresentação de dados.

## 1.2 Adjetivos em coreano

Há, em coreano, tanto autores que tratam as classes verbal e adjetival de forma conjunta, por considera-las próximas o suficiente (SONG, 2005, p. 77), e autores que reconhecem que se tratam de duas classes lexicais distintas, ainda que compartilhem algumas similaridades (CHANG, 1996, p. 47; SOHN, 2004).

O argumento de Song (2005, p. 77-80), se assemelha ao de Suzuki (2016, p. 95), mas com restrições: são reconhecidas algumas diferenças morfosintáticas entre as categorias, como a impossibilidade de adjetivos receberem alguns morfemas de aspecto, por exemplo, e a impossibilidade de verbos receberem alguns outros morfemas específicos dos adjetivos na língua, como veremos abaixo.

Chang (1996, p. 47-49) considera que, apesar das semelhanças, não se trata de uma mesma classe lexical devido às restrições aplicadas aos adjetivos (algumas presentes em Song (2005): a inexistência de morfologia para o tempo presente, a não existência de uma morfologia para o modo imperativo ou propositivo, a impossibilidade de ocorrerem com as marcas de aspecto progressivo e perfectivo usadas nos verbos, morfemas que têm significados distintos em verbos e adjetivos, e a possibilidade de receberem alguns adverbializadores, além de poderem apresentar diferentes tipos



de complementos. Sohn (2004, p. 224), adiciona aos pontos levantados o não uso do sufixo de modo indicativo em adjetivos, o uso de intensificadores que não é possível nos verbos, a impossibilidade de verbos formarem advérbios e ocorrerem em construções comparativas e superlativas, entre outros. Essas diferenças justificariam, segundo o autor, a descrição de duas categorias, e não apenas uma.

## 2 Metodologia

A análise será feita seguindo uma linha funcional tipológica, com base em autores como Dixon (2010), Croft (2003) e Givón (2001), com os dados sendo tirados de uma revisão bibliográfica em descrições das línguas japonesa e coreana, além do conhecimento do autor quando houver lacunas nas descrições mencionadas.

Para reconhecer as categorias de adjetivo nas línguas do nordeste asiático, serão usados os critérios expostos em Dixon (2010, p. 70-72) e Givón (2001, p. 81-87), aplicando testes com base nas descrições gerais fornecidas pelos autores.

É importante frisar que, apesar de ser possível estabelecer uma ideia rígida de como uma classe adjetival deva se comportar, e exigir que uma classe adjetival obedeça a todos os critérios semânticos, morfológicos e sintáticos propostos, há variabilidade entre as línguas naturais, podendo haver casos em que uma classe adjetival não aja em conformidade com todos os critérios estabelecidos (GIVÓN, 2001, p. 49).

O que será proposto nos testes abaixo é um protótipo, constituído um feixe de características gramaticais, dentre as quais algumas são centrais e outras, periféricas, de natureza variável ou difusa (CROFT, 2003, p. 162). Não é necessário, portanto, que as classes lexicais a serem analisadas se comportem de forma igual à prototípica em todos os casos, mas um grande número de convergências com as características adjetivais analisadas nos testes abaixo mostraria que se trata, muito possivelmente, de classes adjetivais.

Como visto na revisão bibliográfica, há casos documentados de adjetivos que possam ser núcleos de predicado intransitivo, sendo necessário diferenciar os verbos de uma possível classe adjetival. Nesse caso, podemos nos orientar pelos dez critérios abaixo para podermos diferenciar classes adjetivais de verbos (DIXON, 2010, p. 105-106):

- i. **Limitações morfológicas:** se a classe adjetival puder aparecer na função de núcleo de predicado intransitivo, a mesma gama de processos morfológicos e marcação de Tempo-Modo-Aspecto também pode ser usada?
- ii. **Diferenças semânticas:** no caso de ambas as classes receberem os mesmos morfemas, os significados são os mesmos, ou há uma diferença no significado deles?
- iii. **Modo imperativo:** os possíveis adjetivos podem aparecer no modo imperativo?

- iv. **Processos derivacionais:** os candidatos a classes adjetivais podem passar pelos mesmos processos derivacionais do que os verbos na língua, através das mesmas estratégias?
- v. **Transitividade:** classes adjetivais geralmente aparecem como núcleos de predicados intransitivos. Quais são as possibilidades de transitividade com os quais os adjetivos em potencial ocorrem?
- vi. **Reduplicação:** Os verbos da língua, ou as classes adjetivais, apresentam processos de reduplicação? E, se apresentarem, há diferenças semânticas entre os verbos e as classes adjetivais?
- vii. **Nominalização:** as estratégias de nominalização são as mesmas entre verbos e o que suspeitamos serem classes adjetivais?
- viii. **Função atributiva:** a possibilidade de ocorrer em função atributiva, modificando um nome dentro de um sintagma nominal, é uma das funções das classes adjetivais nas línguas. Isso ocorre de maneira similar aos verbos direta e/ou indiretamente?
- ix. **Núcleo de argumento verbal:** as categorias que suspeitamos serem adjetivos podem ser núcleo de um argumento verbal? Caso possam, os verbos também podem? Há diferença nas estratégias, e existe a necessidade de nominalização?
- x. **Núcleo de predicado subordinado:** o adjetivo, assim como o verbo, apresenta as mesmas possibilidades para ser núcleo do predicado de uma oração subordinada?

Além desses critérios para clarificar ambiguidades entre adjetivos e verbos, Dixon (2010, p. 107-108) e Givón (2001, p. 82) apresentam outros sete testes de características comuns em adjetivos, independentemente de sua semelhança com outras classes lexicais da língua. Para verificarmos se temos, de fato, uma classe adjetival em análise, também serão feitos os seguintes testes que se referem a características comuns em adjetivos:

- xi. **Função Adverbial:** as classes adjetivais apresentam alguma função adverbial, modificando os verbos? Enquanto é comum que advérbios derivem de adjetivos para mudar os verbos, é mais raro que verbos sejam modificados assim por outros verbos (DIXON, 2010, p. 82). Caso apresentem essa possibilidade, isso se dá em conjunto com alguma mudança morfológica ou algum outro processo derivacional? E, esses processos são compartilhados por verbos ou nomes na língua?
- xii. **Parâmetro de comparação:** em construções comparativas, os adjetivos podem funcionar como parâmetros de comparação? Alguma outra classe lexical pode aparecer no mesmo lugar?
- xiii. **Modificação por intensificadores:** os adjetivos (pelo menos aqueles com significados gradáveis) podem ser modificados por intensificadores e quantificadores como “muito” e “tão”?

- xiv. **Marcação de Negação:** que tipo de morfologia os adjetivos recebem para expressar negação? Ela é uma marcação distinta da usada por verbos e nomes?
- xv. **Afixos exclusivos:** os adjetivos apresentam algum afixo que não é compartilhado por outras classes lexicais, como formas comparativas, superlativas, aumentativas ou diminutivas?
- xvi. **Restrições morfossintáticas:** há alguma outra restrição gramatical presente no comportamento dos adjetivos que não se aplica a outras categorias lexicais?
- xvii. **Pares antônimos:** há, nas categorias encontradas, pares antônimos que se refiram a tamanho, extensão horizontal, extensão ou elevação vertical, grossura, distância, clareza ou nível de som?

Expostos os critérios através dos quais as classes lexicais serão analisadas, passemos aos dados.

### 3 Dados

Serão vistos, primeiro, os dados relacionados à língua japonesa presente nas seguintes descrições da língua: Backhouse (2004), Hinds (1986), Iwasaki (2013), Kaiser et al. (2013), Shibatani (1990) e Tsujimura (2007). Em seguida, serão vistos os dados sobre a língua coreana disponíveis nas seguintes descrições do idioma: Byon (2009), Chang (1996), Sohn (1999), Sohn (2004), Song (2005) e Yeon & Brown (2011).

#### 3.1 Dados da Língua Japonesa

Como mencionado anteriormente, há em língua japonesa pelo menos duas possíveis classes adjetivais, chamadas na língua de *keiyoushi* e *keiyoudoushi* (IWASAKI, 2013, p. 57), e que na apresentação de dados serão denominadas “descritivos flexionados” e “descritivos não-flexionados”.

A diferença entre descritivos flexionados e descritivos não-flexionados é que, assim como os nomes da língua, os descritivos não-flexionados não recebem morfologia verbal. Além disso, os descritivos não-flexionados compartilham a mesma forma da cópula que ocorre com outras categorias nominais em construções predicativas (5 e 6), apesar de requererem uma versão especial da cópula na versão atributiva (7 e 8) (IWASAKI, 2013, p. 62):

- 5. *Kirei da* (descritivo não-flexionado em função predicativa)  
bonita COP.Ñ.PSD  
“É bonita”

6. *Gakusei da* (nome em função predicativa)  
Estudante COP.Ñ.PSD  
“É estudante”
7. *Kirei na hito* (descritivo não-flexionado em função atributiva)  
bonita COP.ATR pessoa  
“Pessoa bonita”
8. *Nibon-jin no hito* (nome modificando outro nome)  
Japão-pessoa ADN pessoa  
“Japonês” (lit. pessoa japonesa)

Dito isso, o critério (i) não pode ser aplicado a esses descritivos por não poderem ser núcleo de predicado intransitivo – isso se deve à necessidade do uso da cópula, assim como acontece com os nominais da língua. Já os descritivos flexionados podem, assim como os verbos, ser núcleo de predicado intransitivo, não requerendo a presença de cópula nem na função atributiva nem na função predicativa. Abaixo, os exemplos (9) e (11) mostram o comportamento dos descritivos flexionados com (10) e (12) nos quais temos os verbos:

9. *Ooki-i* (Categorias de TAM em descritivo flexionado em função predicativa)  
grande.ser-Ñ.PSD  
“É grande”
10. *Ki-ta* (em verbo)  
vir-PSD  
“Vim/Veio/Vieram”
11. *Ooki-i hito* (em função atributiva)  
grande.ser-Ñ.PSD pessoa  
“Grande pessoa”
12. (...) *Ki-ta hito* (em verbo)  
(...) vir-PSD pessoa  
“(…) A pessoa que veio”

Então, temos o mínimo necessário para poder aplicar o critério (i) ao menos com esse tipo de descritivos. O mesmo pode ser dito sobre o critério (viii), referente à função atributiva como visto na oração (9) acima, os descritivos não-flexionados se apresentam junto com a forma atributiva da cópula antes de um termo modificado, enquanto verbos (exemplo 12) e descritivos flexionados (exemplo 11) acima.

Seguindo para o critério seguinte, em relação às diferenças semânticas na morfologia de verbos e descritivos, os descritivos flexionados apresentam uma morfologia diferenciada de Tempo-Modo-Aspecto quando comparados com os verbos da língua:

Quadro 1 – Sufixos de TMA em Descritivos Flexionados e Verbos Japoneses

	Ñ.PSD	ATR	PSD	CONJ	COND
Desc. Flexio.	-i	-i	-katta	-kute	-kereba
Verbos	-(r)u	-(r)u	-ta	-te	-(r)eba

Adaptado de Tranter e Kizu (2012, p. 281-282)

Não há, em nenhum dos morfemas, uma correspondência de igualdade entre os morfemas que ocorrem em verbos e os que ocorrem nos descritivos flexionados. Ainda que alguns morfemas, como o de tempo passado, sejam similares ao dos descritivos flexionados, eles se ligam aos radicais de forma diferente (13 e 14), não sendo possível que o morfema utilizado nos verbos possa se ligar ao radical do descritivo flexionado da mesma forma (15):

13. *Ooki-katta hito* (desc. flex. em função atributiva com morfologia de tempo)  
grande.ser-Ñ.PSD pessoa  
“Pessoa que era grande”
14. (...) *Ki-ta hito* (verbo em função atributiva com morfologia de tempo)  
(...) vir-PSD pessoa  
“(…) A pessoa que veio”
15. \**Ooki-ta hito* (agramatical: desc. flex. com morfologia verbal de tempo)  
grande.ser-Ñ.PSD pessoa  
“Pessoa que era grande”

Assim, nem os descritivos flexionados, nem os descritivos não-flexionados passam pelo critério (i) e, portanto, nem pelo critério (ii), já que não é necessário procurar por diferenças semânticas caso houvesse morfemas iguais.

O critério (iii), que se refere à presença de uma forma imperativa dos descritivos na língua, oferece problemas similares.

Há diferentes morfemas que marcam o imperativo em língua japonesa, dependendo do radical do verbo. Nos verbos regulares cujo radical termina em consoante, o morfema é {-e}, e nos verbos regulares cujo radical termina em vogal, o morfema é {-ro}. Não há variação de acordo com número, ou com outras variáveis de tempo, modo e aspecto (TAM):

16. *Ik-e* (sufixo de imperativo em verbo com radical terminado em consoante)  
Ir-IMP  
“Vai!”
17. *Yame-ro* (sufixo de imperativo em verbo com radical terminado em vogal)  
Parar-IMP  
“Pare!”

Durante a primeira metade do milênio passado, quando o paradigma morfológico dos descritivos estava em formação, houve um período em que os descritivos flexionados possuíam formas imperativas (FRELLESVIG, 2010, p. 340), mas essas formas se perderam ao longo do processo de gramaticalização. Não há, hoje, uma forma imperativa de nenhuma das duas classes de descritivos na língua, sendo necessária uma construção perifrástica, na qual um verbo recebe a marca de imperativo (18 com um descritivo não-flexionado e 19 com um descritivo flexionado):

18. *Shizuka ni shi-ro* (construção perifrástica imperativa com desc. infl.)  
quieto COP.ADV fazer-IMP  
“Fica quieto!”
19. *Ooki-ku nar-e yo* (construção perifrástica imperativa com desc. flex.)  
grande-ADV tornar-IMP EMPH  
“Cresce!”

Mesmo nas estratégias de pedido indireto da língua, como o uso da forma conjuntiva do verbo (IWASAKI, 2013, p. 319), o uso não se estende para os descritivos flexionados, os quais também possuem uma morfologia conjuntiva:

20. *Ki-te* (kudasai) (forma imperativa verbal com morfologia conjuntiva)  
vir-CONJ (POR.FAVOR)  
“Vem (por favor)!”
21. *\*Ooki-kute* (kudasai) (agramatical: forma imperativa com morfologia conjuntiva)  
grande-CONJ (POR.FAVOR)  
“Cresce (por favor)!”

Os morfemas que podem ser utilizados para marcação de imperativo na língua portanto são os seguintes:

Quadro 2 – Sufixos de Imperativo em Verbos e Descritivos

	Verbos	Descr. Flex.	Descr. Ñ Flex.
Imperativo Padrão	-e / -ro	Não	Não
Pedido Indireto (Forma conjuntiva)	-te	Não com esse sentido	Não com esse sentido

Fonte: Autoria Própria

Assim, nenhuma das classes de descritivos passa pelo critério (iii).

Destacam-se entre os processos derivacionais os sufixos derivacionais de voz presentes nos verbos, como os de voz causativa e passiva, assim como a forma desiderativa (IWASAKI, 2013, p. 81). Os dois primeiros sufixos (o de voz causativa, voz passiva, e forma desiderativa) podem inclusive aparecer simultaneamente, como em (22, 23 e 24). É válido notar que, com a forma desiderativa, o verbo passa a apresentar paradigmas flexionais similares aos dos descritivos flexionados:

22. *Ike-ase-ru* (verbo com morfologia de voz causativa)  
ir-CAUS-Ñ.PSD  
“Fazer/Deixar ir”
23. *Ike-ase-rare-ru* (verbo com morfologia de vozes causativa e passiva)  
ir-CAUS-PSV-Ñ.PSD  
“Ser permitido ir”
24. *Ike-ase-rare-ta-i* (verbo com morfologia de vozes causativa, passiva e desiderativa)  
ir-CAUS-PSV-DESID-Ñ.PSD  
“Querer que façam ir”

Mas, esses sufixos não podem ocorrer com nenhum dos descritivos da língua, como podemos ver nos exemplos (25) e (26):

25. *\*Shizuka-sase-ru* (agramatical: desc. infl. com morfologia de voz causativa)  
quieto-CAUS-Ñ.PSD  
“Aquietar”
26. *\*Ooki-sase-ru* (agramatical: desc. flex. com morfologia de voz causativa)  
grande-CAUS-Ñ.PSD  
“Engrandecer”

Assim, os descritivos não passaram também pelo quarto critério proposto, não podendo passar pelos mesmos processos derivacionais que os verbos.

Outra característica marcante dos verbos em língua japonesa é que eles formam diversos pares variando de acordo com a transitividade, formando algumas centenas de pares transitivo-intransitivo, com diferentes morfemas – por vezes contraditórios – para formar o paradigma (IWASAKI, 2013, p. 85). Vemos em (27) e (28) um dos pares:

27. *Hana-re-ru* (par intransitivo do radical verbal “Hana”)  
largar-INTR-Ñ.PSD  
“Se distanciar”
28. *Hana-s-u* (par transitivo do radical verbal “Hana”)  
largar-TRANS-Ñ.PSD  
“Soltar (algo)”

Não há, nas obras consultadas, nenhuma referência a algum fenômeno similar com descritivos flexionados ou não-flexionados. Para haver alguma mudança de valência, é necessário fazer uso de construções perifrásticas diferentes daquelas encontradas nos verbos. O critério (v) também separa, portanto, os verbos dos descritivos da língua.

Até aqui temos, então, a seguinte situação:

Quadro 3 – Sistematização de Dados com Critérios I-V

		Verbos	Desc. Flex.	Desc. Não Flex.
I	Limitações Morfológicas	Recebe sufixos de TAM diretamente	Recebe diferentes sufixos de TAM	Expressa TAM por meio de cópula
II	Diferenças Semânticas	Recebem sufixos diferentes		
III	Modo Imperativo	Recebe sufixos de modo imperativo	Não	Não
IV	Processos Derivacionais	Vozes Passiva, Causativa e Desiderativa	Não	Não
V	Transitividade	Apresenta pares com radicais	Não	Não

Fonte: Autoria Própria

Os processos de reduplicação, que vem a ser a base do critério (vi), também afetam os descritivos flexionados em japonês e verbos de formas distintas, não tendo sido encontrado exemplos com descritivos não-flexionados. No caso dos descritivos flexionados, a reduplicação ocorre apenas com o radical (29), produzindo algumas expressões adverbiais, enquanto nos verbos há uma reduplicação mantendo os morfemas de tempo-modo-aspecto (30):



29. *Chika-jika* (reduplicação com descritivos flexionados)

perto-perto  
“Em breve”

(IWASAKI, 2013, p. 100)

30. *Mi-ru-mi-ru* (reduplicação com verbos)

olhar-Ñ.PSD-olhar-Ñ.PSD  
“Num instante”

(IWASAKI, 2013, p. 100)

Para que os verbos possam ser nominalizados, a fim de ocorrer como argumentos, por exemplo, eles vêm seguidos do nominalizador *no* ou da palavra *koto* (coisa), como na oração abaixo:

31. *Yom-u koto/no ga suki da* (nominalização com verbos)

Ler-Ñ.PSD coisa/NMLZ NOM agradável COP.Ñ.PSD

“Gosto de ler (lit. É agradável ler)”

Os descritivos flexionados podem receber os mesmos nominalizadores, como vemos abaixo:

32. *Aka-i no ga hoshi-i* (nominalização com desc. flex.)

vermelho-Ñ.PSD NMLZ NOM desejável-Ñ.PSD

“Quero o vermelho (lit. Vermelho é desejável)”

33. *Hido-i koto wo shi-ta* (nominalização com desc. flex.)

cruel-Ñ.PSD NMLZ ACU fazer-PSD

“Fiz uma crueldade”

Além dessa limitação, os descritivos não-flexionados requerem a presença da cópula em sua forma atributiva antes do nominalizador:

34. *Shizuka na no wo mi-ta* (nominalização com desc. ñ-fl.)

quieto COP.ATR NMLZ ACU ver-PSD

“Vi o quieto”

35. *Hen na koto wo mi-ta* (nominalização com desc. ñ-fl.)

esquisito COP.ATR NMLZ ACU ver-PSD

“Viu uma esquisitice”

Assim, é possível encontrar diferenças na nominalização de verbos e descritivos na língua.

Por fim, é perfeitamente possível em japonês que verbos, e ambos os descritivos aqui mencionados, possam aparecer como núcleos de orações subordinadas, ainda que com algumas diferenças.

Há, segundo Hinds (1986, p. 50) diferentes graus de subordinação entre orações em língua japonesa. Em geral, elas vêm antes das orações principais, seus núcleos tendem a não receber marcas de polidez, não costuma ser possível haver topicalização dos argumentos do núcleo, e o sujeito pode vir acompanhado tanto da marca de nominativo como pela marca de genitivo.

Quando há a possibilidade de os verbos e descritivos apresentarem marcas de polidez, ambos os descritivos vêm seguidos da forma polida da cópula (36 e 38), assim como no caso dos nominais (37), enquanto os verbos possuem morfologia própria (39). Essas marcações de polidez são equivalentes às presentes nas orações principais, as quais poderiam ser formadas com a omissão da marca de ablativo *kara*:

36. *Tenki ga i-i des-u kara...* (descritivo flexionado)  
 Tempo NOM **bom-Ñ.PSD** COP.POL-Ñ.PSD ABL...
- “Porque o tempo está bom...”
37. *Sora ga kirei des-u kara...* (descritivo não-flexionado)  
 Céu NOM **bonito** COP.POL-Ñ.PSD ABL...
- “Porque o céu está bonito...”
38. *Kyou na kyuuujitsu des-u kara...* (nominal)  
 Hoje TOP **feriado** COP.POL-Ñ.PSD ABL...
- “Porque hoje é feriado...”
39. *Sora ga bare-te i-mas-u kara...*  
 Céu NOM **ensolarar-CONJ** **ser-POL-Ñ.PSD** ABL... (verbo)
- “Porque está ensolarado...”

O comportamento de verbos e descritivos não se dá de igual maneira neste ambiente, e uma exploração entre outros tipos de orações subordinadas fugiria do escopo do trabalho, mas esta diferença já faz com que o critério (x) também sirva para que diferenciemos os verbos de ambas as classes de descritivo.

Quadro 4 – Sistematização dos Dados com Critérios VI-X

		Verbos	Desc. Flex.	Desc. Não. Flex
VI	Reduplicação	Com morfemas de TAM	Sem morfemas de TAM	Não foram encontrados
VII	Nominalização	Com nominalizadores <i>koto</i> e <i>no</i>	Com nominalizadores <i>koto</i> e <i>no</i>	Com cópula + <i>no</i> ou <i>koto</i>
VIII	Função Atributiva	Sim	Sim	Sim, com uso de cópula
IX	Núcleo de Argumento Vrb.	Sim, com nominalizador	Sim, com nominalizador	Sim, com nominalizador e cópula
X	Núcleo de Pred. Subord.	Pode receber sufixo de polidez	Apresentam polidez com a cópula	Apresentam polidez com a cópula

Fonte: Autoria Própria

Os outros seis critérios, para definir se de fato as classes de descritivos são adjetivos, também podem ser aplicados.

Tanto os descritivos não-flexionados quanto os descritivos flexionados apresentam formas adverbiais, ainda que utilizando diferentes estratégias morfossintáticas: no caso dos descritivos flexionados, através de um sufixo ligado ao radical (40), enquanto no caso dos descritivos não-flexionados, o descritivo é seguido de uma forma específica da cópula (41).

40. *Haya-ku* *tabe-ta* (descritivo flexionado)  
rápido-ADV comer-PSD  
“Comi rapidamente”
41. *Kirei ni* *tabe-ta* (descritivo não-flexionado)  
bonito COP.ADV comer-PSD  
“Comi direitinho (lit. Comi bonitamente)”

Também é possível que ambas as classes de descritivos sejam usadas como padrão de comparação em construções comparativas, como nas orações (42) e (43), as quais tendem a aparecer com a presença de uma marca de ablativo, *yorì*, como é comum em línguas frequentemente classificadas como altaicas (SHIBATANI, 1990, p. 96), com o superlativo sendo formado com a adição da palavra *ichiban* “número um” anteposto ao descritivo (44), comportando-se de acordo com o esperado pelo critério (xii):

42. *Burajiria na Toukyou yorì shizuka da* (comparação com desc. inflx.)  
Brasília TOP Tóquio ABL tranquila COP.Ñ.PSD  
“Brasília é mais tranquila do que Tóquio”

43. *Tokyou wa Burajiria yori hito ga oo-i* (comp. com desc. flex.)  
Tóquio TOP Brasília ABL pessoa NOM numeroso-Ñ.PSD  
“Tóquio é mais povoada do que Brasília (lit. Falando de Tóquio, comparada a Brasília, as pessoas são numerosas)”

44. *Taguatinga wa ichiban kirei da* (superlativo com desc. infl.)  
Taguatinga TOP SUPERLAT bonito COP.Ñ.PSD  
“Taguatinga é a mais bonita”

Também é possível que os descritivos apareçam com intensificadores, como visto nos exemplos (45) e (46), como previsto pelo critério (xiii):

45. **Totemo** *uma-i* (intensificador com descritivo flexionado)  
**muito** delicioso-Ñ.PSD  
“Muito delicioso”

46. **Totemo** *kirei da* (intensificador com descritivo não-flexionado)  
**muito** bonito COP.Ñ.PSD  
“Muito bonito!”

Uma outra característica dos descritivos é que eles apresentam estratégias diferentes dos verbos para expressar polaridade negativa. Descritivos flexionados apresentam a forma adverbial seguida do auxiliar negativo *nai* (47), o qual não é considerado aqui um sufixo por ser possível a presença de uma partícula de tópico entre o descritivo e o auxiliar (48):

47. **Taka-ku** *na-i* (negação com descritivo flexionado)  
Caro-ADV NEG-Ñ.PSD  
“Não é caro”

48. **Taka-ku wa** *na-i* (negação com ênfase em descritivo flexionado)  
Caro-ADV TOP NEG-Ñ.PSD  
“NÃO é caro”

(IWASAKI, 2013, p. 87)

No caso dos descritivos não-flexionados, a negativa se faz com o descritivo não-flexionado sendo seguido por uma forma conjuntiva da cópula mais a partícula de tópico e o auxiliar negativo “*nai*” (49):

49. *Kirei de wa na-i* (negação com descritivo não-flexionado)  
bonito COP.CONJ TOP NEG-Ñ.PSD  
“Não é bonito”

A estratégia utilizada para a negação dos descritivos flexionados não é compartilhada com verbos ou nomes, enquanto os nomes apresentam uma forma de negação similar ao uso da cópula com o descritivo não-flexionado (IWASAKI, 2013, p. 88), fazendo com que o critério (xiv) seja parcialmente sucedido.

Alguns sufixos, como {-garu}, são comuns com adjetivos referentes a estados psicológicos, não sendo produtivos com verbos. Com nomes, tem um significado distinto (IWASAKI, 2013, p. 88), servindo de exemplo portanto para o critério (xv), que avalia se os afixos usados nas classes adjetivais são as mesmas usadas com os verbos. Abaixo, exemplo com os descritivos *samui* (frio) e *zannen* (pesaroso):

50. *Samui-gar-u* (exemplo de {-garu} com descritivo flexionado)

Frio-parecer.Ñ.1-Ñ.PSD

“Parece sentir frio”

(BACKHOUSE, 2004, p. 58)

51. *Zannen-gar-u* (exemplo de {-garu} com descritivo não-flexionado)

pesaroso-**parecer.Ñ.1**-Ñ.PSD

“Parecer sentir pesar”

(BACKHOUSE, 2004, p. 58)

Uma exclusividade dos descritivos flexionados é a forma de “hiperpolidez”, segundo Iwasaki (2013, p. 87), no qual o descritivo apresenta o sufixo adverbial {-ku} com a elisão da consoante e é seguido pelo verbo *gozaru*. Devido à elisão da consoante do morfema, há um processo de assimilação por parte da última vogal do radical do descritivo, o qual muda a sua qualidade:

52. *Atsu-u* *gozai-mas-u* (exemplo de forma “hiperpolida” com desc. flex)

Quente-ADV estar.POL-POL-Ñ.PSD

“Está quente” (muito polido)

53. *O-hayo-u* *gozai-mas-u* (exemplo de forma “hiperpolida” com desc. flex)

HON-cedo-ADV estar.POL-POL-Ñ.PSD

“Bom dia!” (lit. Está cedo!)

Outra dificuldade de se classificar os descritivos como verbos se deve ao fato de que eles possuem várias restrições morfológicas, como previsto pelo critério (xvi). Entre eles, está a inexistência de uma forma imperativa ou hortativa dos descritivos, como mencionado pelo critério (iii). Além dessa limitação, há outras formas comuns nos verbos, como a negação conjuntiva “-(a)zu” que não existe nos descritivos (BACKHOUSE, 2004, p. 53):

54. *Doko-ka* *e* *ik-azu* (*ni*) (negação conjuntiva com verbo)  
 onde-IND DIR ir-NEG.CONJ (COP.CONJ)  
 “Sem ir para algum lugar...”
55. \**Ooki-zu* (agramatical: negação conjuntiva com verbo)  
 grande-NEG.CONJ  
 “Sem ser grande...”
56. \**Shizuka-zu* (agramatical: negação conjuntiva com verbo)  
 quieto-NEG.CONJ  
 “Sem estar quieto...”

Por fim, como esperado pelo critério (xvii), os descritivos tendem a aparecer em pares antônimos, seja por dimensão (*ooki-i*, grande; *chisa-i*, pequeno), por propriedade física (*atsu-i*, quente; *samu-i*, frio), cor (*akaru-i*, claro; *kura-i*, escuro; *shiro-i*, branco; *kuro-i*, preto), entre outros (IWASAKI, 2013, p. 61-62). Não parece haver um número igualmente produtivo de pares entre os descritivos não-flexionados, não tendo sido encontrado na literatura nenhuma referência à possibilidade. Os últimos seis critérios aplicados às classes lexicais analisadas da língua japonesa podem ser sistematizados da seguinte forma:

Quadro 5 – Sistematização dos Dados com Critérios XI-XVII

		Descritivos Flexionados	Descritivos Não Flexionados
XI	Função Adverbial	Apresentam	Apresentam
XII	Parâmetro de Comparação	Apresentam	Apresentam
XIII	Modificação Intensificador	Apresentam	Apresentam
XIV	Marcação de Negação	Distinta dos Verbos	Distinta dos Verbos
XV	Afixos Exclusivos	Apresentam	Apresentam
XVI	Restrições Morfossintact	Apresentam	Apresentam
XVII	Pares Antônimos	Apresentam	Não produtivo

Fonte: Autoria Própria

### 3.2 Dados em Coreano

Assim como na subseção anterior, a classe lexical analisada será, por enquanto, chamada de “descritivos” a fim de evitar juízo antes da análise. Diferente da subseção anterior, entretanto, não parece haver necessidade para dividirmos a possível classe de descritivos em duas. Sempre que possível, foi utilizada a mesma romanização dos dados originais.

No caso dos dados da língua coreana, nem sempre foi possível encontrar dados suficientes para testar todos os critérios, só sendo aqui referidos os dados quando a (não) aplicação do critério estava descrita na fonte original.

Já no primeiro critério, podemos encontrar diferenças entre os verbos e os descritivos em coreano, no sentido em que nem toda a marcação de tempo-modo-aspecto encontrada nos verbos pode aparecer nos descritivos.

Como exemplo temos o fato de que a marca de não-passado, que nos verbos é representado pelo sufixo {-*(nu)n*} (57), nos descritivos é zero (58) (CHANG, 1996, p. 47; SOHN, 1999, p. 210).

57. *Alb-nun-ta* (verbo em tempo não-passado)  
adoecer-Ñ.PSD-DECL  
“(Alguém) está doente”  
(SOHN, 2004, p. 228)
58. *cob-∅-ta* (descritivo em tempo não-passado)  
bom-Ñ.PSD-DECL  
“(Alguém) é bom”  
(SOHN, 2004, p. 228)

Também não é possível que descritivos apareçam no aspecto progressivo, ainda que verbos possam:

59. *nay ka al-ko iss-ta* (verbo no aspecto progressivo)  
1.SG NOM saber-CONJ estar-DECL  
“Estou sabendo”  
(SOHN, 1999, p. 275)
60. *\*Nami ka kenkangha-ko iss-ta* (agramatical: descritivo progressivo)  
Nami NOM saudável-CONJ estar-DECL  
“Nami está sendo saudável”  
(SOHN, 1999, p. 276)

O critério (iii) também apresenta problemas, uma vez que não é possível que os descritivos apareçam no modo imperativo (KIM-RENAUD, 2012, p. 138), com exceção a ser vista posteriormente, hortativo (SOHN, 2004, p. 229; CHANG, 1996, p. 47) e proibitivo:

61. *\*noph-**ula!*** (agramatical: descritivo com imperativo com sentido de ordem)  
alto-IMP  
“Fique alto!”  
(CHANG, 1996, p. 48)
62. *cal ca-**la*** (verbo na voz imperativa)  
bem dormir-IMP  
“Durma bem!”  
(CHANG, 1996, p. 87)
63. *\*noph-**ca!*** (descritivo na voz hortativa)  
alto-HORT  
“Fiquemos altos!”  
(CHANG, 1996, p. 48)
64. *Ka-ca* (verbo na voz hortativa)  
ir-HORT  
“Vamos!”  
(CHANG, 1996, p. 103)
65. *\*Kenkangha-ci mal-**ca*** (descritivo em construção proibitiva)  
saudável-SUS parar-HORT  
“Não sejamos saudáveis!”  
(CHANG, 1996, p. 103)
66. *Ka-ci mal-**ca*** (verbos em construção proibitiva)  
ir-SUS parar-HORT  
“Não comamos!”  
(CHANG, 1996, p. 103)

Como mencionado anteriormente, há uma exceção quanto ao uso do imperativo com descritivos, em que o morfema é utilizado para dar uma leitura exclamativa:

67. *Aiko chwum-**ela!*** (morfologia imperativa com significado exclamativo)  
INTERJ frio-EXCL  
“Ai, que frio!”



De acordo com o critério (iv), também há diferença no comportamento de processos derivacionais em descritivos e verbos da língua. Diferentes afixos derivacionais que ocorrem com descritivos não ocorrem com verbos, e vice-versa (SOHN, 2004, p. 229), como é o caso do morfema {-kyep} que serve para transformar nomes em descritivos:

68. *Nwunmul-kyep-ta*  
lágrimas-**cheio**-DECL  
“Ser tocante”

(SOHN, 1999, p. 228)

O processo de nominalização, entretanto, pode ser similar em descritivos e verbos, não havendo diferença marcante em construções como as exemplificadas nos exemplos (69) e (70) abaixo, com ambas as classes sendo núcleo de argumento verbal com o uso de estratégias similares:

69. *ka-ss-um-ul* *a-n-ta* (nominalização com verbos)  
ir-PSD-NMLZ-ACU saber-Ñ.PSD-DECL  
“Sei que ele foi”

(SOHN, 2004, p. 231)

70. *cob-ass-um-ul* *a-n-ta* (nominalização com descritivos)  
bom-PSD-NMLZ-ACU saber-Ñ.PSD-DECL  
“Sei que ele era bom”

(SOHN, 2004, p. 231)

Temos, com esses critérios, a seguinte situação

Quadro 6 – Critérios I-VII aplicados aos Descritivos Coreanos

	Critério	Verbos	Descritivos
I	Limitações Morfológicas	Podem receber todos morfemas de TAM	Não recebem aspecto progressivo
II	Diferenças Semânticas	{-la} indica imperativo com verbos, mas exclamação com	
III	Modo Imperativo	Apresenta	Não Apresenta
IV	Processos Derivacionais	Não recebe morfema {-kyep-}	Recebe morfema {-kyep-}
VII	Nominalização	Recebe morfema {um}	Recebe morfema {um}
VIII	Função Atributiva	Ocorrem nos tempos passado e não-passado	Não ocorre no tempo não-passado

Fonte: Autoria Própria

Na função atributiva, há uma limitação em descritivos, que não ocorre com verbos, em relação às marcas de tempo que podem aparecer ao modificarem um sintagma nominal. Enquanto um verbo pode aparecer no tempo passado (71), assim como com morfologia de não-passado (72), a mesma variação não é permitida aos descritivos (73), uma vez que o morfema passado usado para marcar tempo passado em orações relativas é similar à morfologia atributiva de descritivos. Não é possível fazer a mesma variação temporal com descritivos (74) nesse contexto:

71. *Alb-un* *salam* (verbo no passado em função atributiva)  
doente-PSD *pessoa*  
“Pessoa que estava doente”  
(SOHN, 2004, p. 230)
72. *Alb-nun* *salam* (verbo em tempo não-passado em função atributiva)  
Doente-Ñ.PSD *pessoa*  
“Pessoa que está doente”  
(SOHN, 2004, p. 230)
73. *Cob-un* *salam* (descritivo em função atributiva)  
bom-ATR *pessoa*  
“Boa pessoa”  
(SOHN, 2004, p. 230)
74. \**Cob-nun* *salam* (agramatical)

Os descritivos em coreano podem receber morfologia específica para modificar verbos, ou seja, para aparecer em função adverbial (75). Em contraste, não é possível que o mesmo ocorra com os verbos para modificar outros verbos em função adverbial:

75. *Kupha-key* (descritivo com morfologia adverbial)  
apressado-ADV  
“Apressadamente”  
(SOHN, 1999, p. 230)

Diferente da língua japonesa, tanto descritivos como verbos em coreano podem receber sufixos causativos, tornando verbos intransitivos e descritivos em verbos transitivos através de um processo morfológico derivacional:

76. *Mek-i-ta* (verbo com morfologia causativa)  
comer-CAUS-DECL  
“alimentar”

(SOHN, 2004, p. 233)

77. *Kb-iwu-ta* (descritivo com morfologia causativa)  
grand-CAUS-DECL  
“alargar/levantar”

(SOHN, 2004, p. 233)

Segundo Chang (1996, p. 40), os sufixos são motivados por condições lexicais, estando geralmente dicionarizados como palavras independentes. Não há, entretanto, nas fontes consultadas, alguma explicação sobre uma possível interseção entre as classes lexicais e os afixos causativos.

Os descritivos também podem ocorrer como parâmetro de comparação, como demonstrado no exemplo abaixo:

78. *Reosia-neun*      *bankuk-pota*      *keo-yo*  
Rússia-TOP      coreia-COMP      grande-DECL  
“A Rússia é maior do que a Coreia”

(YEON E BROWN, 2011, p. 147)

Não foram encontradas construções similares com verbos na língua. Também não é documentada como sendo gramatical a presença de morfemas intensificadores, como {-ti} com verbos da língua, ainda que sejam produtivos com os descritivos:

79. *\*mek-ti*      *mek-nun-ta*  
comer-TI      comer-Ñ.PSD-DECL  
“Come muito”

(SOHN, 2004, p. 231)

80. *Cha-ti*      *cha-ta*  
frio-TI      frio-DECL  
“Muito frio”

(SOHN, 2004, p. 231)

As marcas de negação, entretanto, trazem um quadro um pouco mais complexo. Por um lado, o advérbio negativo *an(i)* pode ocorrer preposto a verbos e descritivos, sem restrições quanto a essas classes lexicais:

81. *Nalssi-ka*      **an**      *cob-ta* (negação com descritivo)  
 clima-NOM      NEG      bom-DECL  
 “O clima não está bom”

(CHANG, 1996, p. 101)

82. *Yong-um*      *TV-lul*      **an**      *pwa-yo* (negação com verbo)  
 Yong-TOP      TV-ACU      NEG      ver-DECL  
 “Yong não assiste TV”

(CHANG, 1996, p. 101)

Mas, há construções negativas, como a que faz uso do prefixo {-mos} que não pode ocorrer com descritivos da língua, mas apenas com verbos:

83. *Ne-nun*      *keki-ey*      **mos-ka-n-ta** (negação alternativa com verbo)  
 2.SG-TOP      lá-ALA      **mos-ir-Ñ.PSD-DECL**  
 “Você não pode ir lá”

(CHANG, 1996, p. 104)

Seguindo para o critério (xv), em relação ao compartilhamento de afixos entre as duas classes, há afixos que podem aparecer nos descritivos, mas que não ocorrem com os verbos. Um exemplo é a construção necessária com descritivos que se referem a fenômenos psicológicos (similar ao sufixo {-garu} mencionado nos dados em japonês), na qual se utiliza o verbo auxiliar {-ha}, originalmente fazer, junto ao descritivo:

84. \**Ku*      *Ai-nun*      *chwup-ta* (agramatical)  
 Essa      criança-TOP      frio-DECL  
 “Essa criança está com frio”

(SONG, 2005, p. 79)

85. *Ku*      *ai-nun*      *chwue-ba-n-ta* (gramatical)  
 Essa      criança-TOP      frio-fazer-Ñ.PSD-DECL  
 “Essa criança está com frio”

(SONG, 2005, p. 79)

Por fim, há a constatação de que os pares antônimos, comuns em categorias adjetivais, relacionados a dimensão (*kebuta*, grande; *caeta*, pequeno), valor (*cobta*, bom; *napputa*, ruim/errado), ou cor (*kemta*, preto; *huyta*, branco) (SOHN, 2004, p. 255).

Sistematizando os critérios aplicados aos descritivos da língua coreana, temos então o seguinte quadro:

Quadro 7 – Critérios de XI-XVII aplicados aos Descritivos Coreanos

	Critério	Descritivos
XI	Função Adverbial	Não
XII	Parâmetro de Comparação	Sim, apresentam.
XIII	Modificação por Intensificadores	Sim, apresentam.
XIV	Marcação de Negação	Sim, há diferenças.
XV	Afixos Exclusivos	Sim, apresentam
XVII	Pares Antônimos	Sim, apresentam.

Fonte: Autoria Própria

Passa-se assim à análise dos dados encontrados.

## 4 Análise dos Dados

Ao analisarmos os dados e como esses dados se comportam de acordo com os critérios utilizados, temos o seguinte quadro:

Quadro 8 – Quadro-Resumo dos Resultados Obtidos com os Dados

	Descrição	Japonês		Coreano
		Desc. Flexionados	Desc. Não-flexionados	Descritivos
		Há distinção entre a classe e os verbos?		
I	Limitações morfológicas	Sim, limita-se em sufixos de TAM	Sim, requer uso de cópula	Sim, limita-se em sufixos de TAM
II	Diferenças semânticas	Sim, recebem sufixos diferentes	Sim, recebem sufixos direntente	Sim, marca de exclamação em descritivos
III	Modo Imperativo	Sim, inexistente imperativo	Sim, inexistente imperativo	Sim, inexistente imperativo
IV	Processos Derivacionais	Sim, inexistem vozes passiva e causativa	Sim, inexistem vozes passiva e causativa	Sim, há limitações (morfema {-kyep-})
V	Transitividade	Sim, difere por não apresentar pares	Sim, difere por não apresentar pares	Inconclusivo
VI	Reduplicação	Sim, difere no sufixo de TAM	Inconclusivo	Inconclusivo
VII	Nominalização	Não	Sim, requer a cópula	Não, compartilham o sufixo {-um}
VIII	Função Atributiva	Não	Sim, requer a cópula	Sim, tem distinções de TAM reduzidas
IX	Núcleo de Argumento Verbal	Não	Sim, requer a cópula	Inconclusivo
X	Núcleo de Predicado Subordinado	Sim, recebem sufixos de polidez únicos	Sim, podem requerer uso de cópula	Inconclusivo

		Comportam-se como adjetivos?		
XI	Função Adverbial	Sim, possuem função adverbial	Sim, possuem função adverbial	Sim, possuem função adverbial
XII	Parâmetro de Comparação	Sim, podem servir de parâmetro	Sim, podem servir de parâmetro	Sim, podem servir de parâmetro
XIII	Modificação por Intensificadores	Sim, podem ser modificados	Sim, podem ser modificados	Sim, podem ser modificados
XIV	Marcação de Negação	Sim, apresentam estratégia exclusiva	Não, compartilham com nominais	Sim, apresentam diferenças com verbos
XV	Afixos Exclusivos	Sim, há o sufixo {-gar-}	Sim, há o sufixo {-gar-}	Sim, a necessidade do auxiliar {-ha}
XVI	Restrições Morfosintáticas	Sim, forma restrita de polidez	Sim, forma restrita de polidez	Inconclusivo
XVII	Pares Antônimos	Sim, apresentam pares antônimos	Não foi possível identificar	Sim, apresentam pares antônimos

Fonte: Autoria Própria

Na língua japonesa, em 82% dos critérios (14 de 17), os descritivos flexionados se comportam como uma classe distinta dos verbos e apresentam características morfossintáticas de adjetivos, havendo uma identidade com os verbos em outros 12% dos critérios (2 de 17).

Os descritivos não-flexionados, por sua vez, também se comportam como uma classe distinta de adjetivos em 14 dos 17 critérios, ou seja, em 82% dos critérios. Em 6% dos critérios, houve um compartilhamento de características morfossintáticas com os nominais da língua. No caso, também há diferenças entre as classes lexicais que justificariam o reconhecimento de pelo menos duas categorias adjetivais na língua, e não apenas uma.

Já em língua coreana, os descritivos se comportaram como adjetivos em 64,7% dos critérios (11 de 17), havendo compartilhamento de características morfossintáticas com os verbos em 5,88% dos critérios (1 de 17). Não foram encontrados, em coreano, exemplos de reduplicação nos descritivos, ou motivos para dividirmos a classe adjetival. Não foi possível obter dados confiáveis para verificar 5 dos 17 critérios. Esses critérios seriam importantes para um melhor entendimento da classe lexical, mas não somariam mais de 30%, não tendo impacto no resultado final.

A tendência das classes adjetivais das línguas da região de poderem ser núcleo de predicado intransitivo, sem a presença de cópula, não parece levar, portanto, a uma identidade entre essas classes e os verbos.

O que parecemos encontrar nessas línguas é uma interseção entre as propriedades morfossintáticas, e por vezes semântica, das três grandes classes lexicais (nomes, adjetivos e verbos). Isso, entretanto, é esperado na literatura (DIXON, 2010, p. 99), motivo pelo qual construtos teóricos, como protótipos (GIVÓN, 2001, p. 31) para classificações linguísticas e conceitos comparativos (HASPELMATH, 2010, p. 665) para comparações interlinguísticas são usados para

fazer análises mais detalhadas. No caso das línguas do nordeste asiático, há algumas aproximações morfossintáticas que lembram os verbos das línguas, mas ainda sendo possível detectar diferenças entre as classes lexicais.

Ao que tudo indica, ainda que haja semelhanças sintáticas entre os keiyoushi e os verbos em japonês, não é possível afirmar, seguindo Suzuki (2016, p. 95), que haja alguma espécie de identidade morfossintática entre os adjetivos e os verbos da língua japonesa. Em coreano também, a visão de que há duas classes lexicais distintas parece oferecer um retrato mais detalhado da língua.

Quanto às características possivelmente aerais, percebem-se as seguintes características morfossintáticas comuns às duas línguas:

- A tendência de classes adjetivais aparecerem como núcleo de predicado intransitivo sem a necessidade de uso de cópula (com exceção dos adjetivos não-flexionados em japonês);
- Ainda que existam algumas similaridades, a morfologia presente em verbos e adjetivos nas duas línguas apresentam diferenças significativas, não só em relação a morfemas de Tempo-Modo-Aspecto, mas também no que se refere à polaridade, apresentando menos possibilidades do que nos verbos;
- Apesar de haver a possibilidade de construções para marcação de aspecto progressivo ser usado com verbos de ambas as línguas, essa possibilidade é restrita aos verbos;
- Adjetivos relacionados a estados psicológicos em ambas as línguas requerem construções especiais quando se referem a pessoas que não sejam o falante.

Mesmo uma versão mais moderada destas afirmações também teria desafios, uma vez que tanto em japonês como em coreano, os critérios utilizados indicaram que poderia haver um provável prejuízo em descrições linguísticas em que haja uma supressão da classe adjetival como uma subclasse verbal, uma vez que há diferenças significativas no comportamento morfossintático das classes lexicais analisadas.

## Conclusão

Os dados obtidos apontam para uma possibilidade de considerarmos os descritivos em ambas as línguas como adjetivos, uma vez que apresentam características já tipificadas na literatura. Também é possível perceber que há a tendência em ambas as línguas de apresentar adjetivos que compartilhem características morfossintáticas com os verbos, ainda que guardando também propriedades únicas que permitam a diferenciação entre as classes.

Apesar da constatação de que há classes adjetivais nas línguas do nordeste asiático, esse não é um fim por si só.

Uma vez reconhecidos os desafios na identificação das classes adjetivais nas línguas da região, e quais são suas características morfosintáticas comuns, seria importante verificar se nas outras línguas nas quais não se há um consenso sobre a existência de uma classe adjetival (como Ainu e Nivkh), também não há uma situação similar. Também são necessárias mais pesquisas para aprimorar as investigações onde os resultados da aplicação dos critérios foram inconclusivos.

Outra necessidade seria entender, não só na região, mas nas outras línguas do mundo, os fenômenos que levam à emergência de múltiplas categorias adjetivais, como parece ser o caso da língua japonesa, em oposição a outras línguas em que isso não ocorre. A cisão na categoria de adjetivos em japonês em duas categorias distintas se deve a quais fatores? Eles são compartilhados com outras línguas que apresentam cisões similares, como Macushi e Manange? (DIXON, 2010, p. 93-95)

## Lista de Abreviaturas

ABL	Caso Ablativo
ACU	Caso Acusativo
ADV	Forma Adverbial
ALA	Caso Alativo
ATR	Forma Atributiva
CAUS	Voz Causativa
COMP	Comparativo
CONJ	Forma Conjuntiva
COP	Cópula
DECL	Forma Declarativa
DESID	Desiderativo
EXCL	Exclamação
HORT	Voz Hortativa
IMP	Voz Imperativa
INF	Infinitivo
PASS	Voz Passiva
PRED	Forma Predicativa
NEG	Negação
NOM	Caso Nominativo
NMLZ	Nominalizador
Ñ.PSD	Não Passado



PL	Plural
POL	Polidez
PSD	Passado
SG	Singular
SUS	Suscetível
SUPERLAT	Superlativo
TOP	Marca de Tópico

## Referências

- BACKHOUSE, A. E. Inflected and Uninflected Adjectives in Japanese. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **Adjective Classes: A Cross-Linguistic Typology**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2004. p. 50-73.
- BAKER, M. C. **Lexical Categories: Verbs, Nouns, and Adjectives**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.
- BYON, A. S. **Basic Korean: A Grammar and Workbook**. Oxon, UK: Routledge, 2009.
- CHANG, S. J. **Korean (London Oriental and African Language Library)**. Amsterdam, NL: John Benjamins Publishing Co, 1996.
- CROFT, W. **Typology and Universals (Cambridge Textbooks in Linguistics)**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.
- DIXON, R. M. W. **Basic Linguistic Theory - Volume 2: Grammatical Topics**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2010.
- FERREIRA, M. V. D. L. **Classes Lexicais e Gramaticalização: Adjetivos em Línguas Geneticamente Não-Relacionadas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.
- FLEMING, S. I.; KAY, S. E. **Colloquial Russian**. 3. ed. Oxon, Oxfordshire: Routledge, 2010.
- FRELLESVIG, B. **A History of the Japanese Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- GIVÓN, T. **Syntax: An Introduction - Volume I**. Amsterdam, NL: John Benjamins Publishing Co, 2001.
- GREENBERG, J. H. Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, J. H. **On Language: Selected Writings of Joseph H.**

Greenberg. Stanford, California: Stanford University Press, 1990. p. 40-70.

GRUZDEVA, E. **Nivkh (Languages of the World / Materials 111)**. Munique: Lincom Europa, 1998.

HASPELMATH, M. Comparative concepts and descriptive categories in crosslinguistic studies. **Language**, v. 86, n. 3, p. 663-687, 2010.

HINDS, J. **Japanese: Descriptive Grammar (Croom Helm Descriptive Series)**. Oxon, Oxfordshire: Routledge, 1986.

IWASAKI, S. **Japanese (Longon Oriental and African Language Library)**. Amsterdam, NL: John Benjamins Publishing Company, 2013.

KAISER, S. et al. **Japanese: A Comprehensive Grammar**. 2. ed. London and New York: Routledge, 2013.

KIM-RENAUD, Y.-K. Modern Korean. In: TRANTER, N. **The Languages of Japan and Korea**. New York, NY: Routledge, 2012. p. 123-167.

MATTISSEN, J. **Dependent-Head Synthesis in Nivkh: A Contribution to a Typology of Polysynthesis**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Co., 2003.

NEDJALKOV, I. **Evenki (Descriptive Grammar)**. Londres: Routledge, 1997.

NEDJALKOV, V. P.; OTAINA, G. A. **A Syntax of the Nivkh Language: The Amur Dialect (Studies in Language Companion Series - 139)**. Tradução de Emma Š Geniušienė. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2013.

NGUYỄN, Đ. H. **Vietnamese: Tiếng Việt không son phần**. Amsterdam, NL: John Benjamins Publishing Co, 1997.

NIKOLAEVA, I.; TOLSKAYA, M. **A Grammar of Udihe (Mouton Grammar Library, 22)**. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2001.

REFSING, K. **The Ainu Language: The Morphology and Syntax of the Shizunai Dialect**. Aarhus: Aarhus University Press, 1986.

SCHACHTER, P.; SHOPEN, T. Parts-of-Speech Systems. In: \_\_\_\_\_ **Language Typology and Syntactic Description - Volume 1: Clause Structure**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007. p. 1-60.

SHIBATANI, M. **The Languages of Japan**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1990.

SHIMOJI, M. **A Grammar of Irabu, a Southern Ryukyuan Language**. Canberra: Australian

National University, 2008.

SMYTH, D. **Thai: An Essential Grammar**. London, UK: Routledge, 2002.

SOHN, H. M. **The Korean Language (Cambridge Language Surveys)**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1999.

SOHN, H. M. The Adjective Class in Korean. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **Adjective Classes: A Cross-Linguistic Typology**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2004. p. 223-241.

SONG, J. J. **The Korean Language: Structure, Use and Context**. Oxon, UK: Routledge, 2005.

STASSEN, L. Predicative Adjectives. In: HASPELMATH, M., et al. **World Atlas of Language Structures**. [S.l.]: [s.n.], 2005. p. 478-481.

SUZUKI, T. Prefácio. In: SUZUKI, T; NINOMIYA, S R L; OTA, J; MORALES, L M. **Teorias Gramaticais da Língua Japonesa**. São Paulo, SP. Humanitas, 2012. p. 7-12.

SUZUKI, T. Predicador de Qualidade (Keiyôshi, 形容詞). In: MUKAI, Y.; SUZUKI, T. **Gramática da Língua Japonesa para Falantes do Português**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 95-100.

TRANter, N.; KIZU, M. Modern Japanese. In: TRANter, N. **The Languages of Japan and Korea (Routledge Language Family Series)**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2012. p. 268-312.

TSUJIMURA, N. **An Introduction to Japanese Linguistics**. 2. ed. Malden, MA, US: Blackwell Publishing, 2007.

YEON, J.; BROWN, L. **Korean: A Comprehensive Grammar (Routledge Comprehensive Grammars)**. Oxon, UK: Routledge, 2011

# ブラジル・ポルトガル語を母語とする日本語学習者における「結果残存のテイルNがある」の使用に関する一考察

## UM ESTUDO SOBRE COMO OS FALANTES DE PORTUGUÊS DO BRASIL ESTUDANTES DE JAPONÊS UTILIZAM A ESTRUTURA “TEIRU N GA ARU”

### A STUDY ABOUT HOW BRAZILIAN-PORTUGUESE SPEAKERS LEARNING JAPANESE USES THE STRUCTURE “TEIRU N GA ARU”

Julia Toffoli<sup>1</sup>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5875-4361>

Recebido em 15/04/2020

Aceito em 05/05/2020

**要旨：**日本語で「結果残存のテイル」とブラジル・ポルトガル語（以下BP）の「estar＋過去分詞」は基本的に対応する。そのため、「結果残存のテイル」は比較的習得が困難ではないと思われるが、日本語母語話者が「結果残存のテイル」を使用しているのに対して、BPを母語とする日本語学習者（以下BPS）が「ついている電気がある」のような「結果残存の「テイルNがある」」を使用している場合がある。これはBPにおける不定冠詞の影響だと思われる。この現象を確認するため本研究ではBPSを対象とし、アンケート調査と文法性判断調査を通して、その特徴を提示した。その結果、不定冠詞がつく場面では「結果残存の「テイルNがある」」の使用が見られ、母語の影響があることが考えられる。

**キーワード：**ブラジル・ポルトガル語、結果残存のテイル、冠詞、母語の影響

**ABSTRACT:** *The Japanese resultative structure teiru corresponds basically to ‘estar + past participle’ in Brazilian Portuguese (BP). For this reason, we can state that for Brazilian learners (BPS) the resultative teiru is not difficult to master. However, in some situations, while Japanese native speakers use the resultative teiru, BPS uses “teiru noun ga aru”; e.g. “tsuiteiru denki ga aru”. I believe this occurs due to BP influence by the use of indefinite articles. To confirm this hypothesis, in this study I have analyzed the possible causes and presented its features through the results of a questionnaire survey and grammatical judgment test applied to BPS. As a result, in situations where the indefinite article is attached, we can observe the use of “teiru noun ga aru”, which may be due to the influence of mother tongue.*

**Keywords:** *Brazilian-Portuguese. Resultative teiru. Articles. Mother tongue influence.*

<sup>1</sup> サンパウロ大学日本語科卒業。一橋大学言語社会研究科修士課程修了。同学博士課程在学中。e-mail: toffoli.julia@gmail.com

## 1 はじめに

これまでのテイルの習得の先行研究では、「進行中」と「結果残存」の2用法のうち「結果残存」は習得が困難だとされている(黒野1995)。ブラジル・ポルトガル語(以下BP)には対応する形式があるため、BPを母語とする日本語学習者(以下BPS)にとってはテイルの習得は困難ではないと思われるが、現場では以下のようなテイルの使用が見られる。

- (1) ついでている電気がある。
- (2) 死んでいる犬がいる。

要するに、状態描写に対して、BPSにとっては「Nが結果残存のテイル」の他に「結果残存の「テイルNがある」」を使用する場合がある。

本稿ではBPSにおける「死んでいる犬がいる」のような「結果残存のテイル+Nがある・いる」(以下「テイルNがある」)の使用を考察し、母語がどのように影響するか検討する。

## 2 先行研究

テイルの習得について、これまで多くの研究がなされてきた。テイルとアル/イルの関係について、陳(2009)は、日本語母語話者(以下NS)と中国語を母語とする日本語学習者(以下CS)の「結果残存のテイル」と「アル・イル」の使用傾向の違いに注目し、どのような種類の「結果残存のテイル」が「アル・イル」との使い分けで問題になるのかを調査を通して提示した。その結果、CSにとって「移動」を表す動詞の「結果残存のテイル」は、「変化の結果の持続」というより、むしろ「存在」のほうに近い。そのため、「移動」を表す動詞の「結果残存のテイル」が非用となる可能性があることが分かる。

陳(2009)を踏まえた上で、庵(2010)は「結果残存」に二つの種類があると述べている。一つは、例えば「財布が落ちている」のテイルは財布が落ちた結果、財布は道に「存在」することになるという意味を表している。それに対して、「電気がついでている」のようなテイルの使用にはそのような関係は見られないという。そのため、前者のタイプは「存在形」、後者のタイプは「非存在形」と呼ばれている。

トッフオリ(2019)ではアンケート調査と文法性判断調査を通してBPSにおける「結果残存のテイル」の習得傾向の考察がなされている。日本語における「結果残存のテイル」とBPの「estar (be)+過去分詞」が基本的に対応するため「結果残存」は相対的に習得が困難ではないが、BPSのテイルの使用に関してはBPにおける冠詞の影響が考えられるという。NSが「結果残存のテイル」を使用しているのに対して(3)、BPSが母語における不定冠詞の影響でテイルの代わりにアル・イルを使用している(4)。

(話し手が落ちている財布を発見して)

- (3) あ、あそこに財布落ちている。
- (4) あ、あそこに財布がある。

これらの例文をBPで考えると、不定冠詞がつく場面であることが分かる。

- (3) Tem uma carteira caída ali.  
ある 不定冠詞 財布 落ちる(過去分詞) あそこ

## (4) Tem uma carteira ali.

ある 不定冠詞 財布 あそこ

BPではどちらの例文も自然であるが、BPSは「財布が落ちている」より「財布がある」と言いがちであることを報告されている。それは、BPで不定冠詞を用いる文であれば、存在を表す「estar」ではなく、日本語のアルに当たる「ter」が使われるため、テイルよりアルにしてしまうと指摘されている。

またBPでは、定冠詞を用いる文でも、動詞によっては、動詞を表す過去分詞の「結果残存のテイル」を省略しても、アル・イルだけで表現したいことが伝わるため、テイルの非用が見られる。しかし、文法性判断調査の結果から、定冠詞がつく場面のみ、テイルの代わりにアル・イルの使用だけではなく、タ形の使用も同じ平均で見られると報告されている。

このように、存在形のテイル(庵2010)の使用は現象としてBPと中国語は重なるが、BPSの発言では(1)と(2)の「テイルNがある」のような非存在形のテイルにアルがつく言い方も見られ、さらに検討する必要があると思われる。

### 3 「テイルNがある」の使用とBPにおける不定冠詞との関係

日本語の結果残存のテイル形式に対して、BPではestar+particípio (estar+過去分詞) が用いられる。

## (5) A janela está aberta. (窓が開いている)

定冠詞 窓 be (現在形) 開く (過去分詞)

BPには、日本語における主体変化動詞のような動詞の分類はないが、(5)の形式は変化後の結果の継続を表すため、変化の概念を含まない動詞としては用いられにくい(儀保2014)。さらに、結果残存を表す形式「estar+過去分詞」の「estar」という動詞の一つの主な用法は、動くことの出来る、あるいは動かすことのできる生き物・物などの一時的な存在を表す場合に用いられる(彌永2011)。

## (6) O gato está em cima do telhado. (猫は屋根の上にいる)

定冠詞 猫 be に 上 の 屋根

また、不定冠詞を用いる文であれば、一時的な存在を表す「estar」ではなく、存在の位置か所有を表す「ter」が使われる。

## (7) Tem um gato em cima do telhado. (屋根の上に猫がいる)

アル不定冠詞 猫 に 上 の 屋根

さらに、状態描写の場合でも同じ定・不定冠詞と「estar/ter」の関係が見られる。

(8) A sua caneta está caída ali. (あなたのペンはあそこに落ちている)

定冠詞あなたのペン be 落ちる(過去分詞) あそこ

(9) Tem uma caneta caída ali. (あそこにペンが落ちている)

アル 不定冠詞 ペン 落ちる(過去分詞) あそこ

日本語で「結果残存のテイル」とBPの「estar+過去分詞」は基本的に対応するが、定・不定冠詞によって存在を指す動詞が変わる (estar/ter)。また、動詞によって(8)と(9)で分かるように、日本語ではハとガの違いも目立つ。

寺村(1982)で取り上げられているように、存在表現に関しては、新情報・旧情報と定冠詞・不定冠詞の関係は英語でも見られる。

(10) The pen is over there. ペンはあそこにある

ここではX(ペン)は既知のもので、その場所Yが新情報であるため、Xはハをとり、英語ではペンの前に定冠詞が置かれる。

(11) There is a pen over there. あそこにペンがある

ここでは、場所の方が既知であり、存在するものが新情報であるため、X(ペン)はガをとり、英語ではペンの前に不定冠詞が置かれる。

しかし、Hinds(1986)で述べられているように英語は存在より所有に焦点を当てるため、状態描写に関しては、英語は(8)の英訳の(12)より、所有表現を持つ(13)を好むと言えるだろう。

(12) (?) The pen is fallen over there.

(13) Your pen is fallen over there.

また、「There is」構文に関しては、(14)の現在分詞を用いられるが、過去分詞の場合、(15)より能動文の(16)の方が好まれると言えるだろう。

(14) There is a man walking on the street. 道を歩いている男がいる。

(15) (?) There's a pen fallen over there. あそこに落ちているペンがある。

(16) Someone dropped a pen over there. 誰かあそこにペンを落としました。

ロマンス語は英語と同じようにHinds(1986)の言う「人間中心言語」で、能動文を好むとは言えるが、BPは、(9)のように不定冠詞を用いる場面によって、日本語のように「状況中心言語」な要素もあり、「不定冠詞・ある」のような静的な関係もある。しかし、日本語では(1)と(2)は自然だと言えるだろうか。日本語においては状態描写により何かを制限するか特定するとき「テイルNがある」の使用は自然な場合もあるが、形式名詞「の」の方が採択されやすい。

- (17) (コップセットの箱を開けて、一つのコップが割れていることに対して)  
あ、割れているのがある。いやだな。

要するに、NSにとっては場面によって自然・不自然だと思われる場面に対してBPSにとっては母語の影響で「テイルNがある」はどんな場面でも自然であると思われる。この現象を確認するために調査を行った。

## 4 調査

BPSとNSは同じ場面で「テイルNがある」を使用するかどうか確認するために指示した場面に発話を自由に記入してもらうアンケート調査を行った。提示した各場面はBPで「ter+不定冠詞+動詞（過去分詞）」（cf. “tem uma luz acesa”）を用いやすい状況を狙った。次に、BPSとNSにとって「テイルNがある」の許容度を確認するためにアンケート調査と文法性判断調査を行った。

### 4-1 アンケート調査の概要

調査は陳(2009)の調査をモデルにし、2015年8月から9月にかけて実施した。NS 35名とブラジル（サンパウロ）のある一般人向けの日本語学校のBPS71名（日本語能力試験N4レベル以上：N1-7名、N2-7名、N3-20名、N4-37名、以下N1, N2, N3, N4）を対象として、提示した場面に発話を記入してもらう形で行った。母語でどのように考えているのかが分かるように、同じ問題を日本語だけでなく、BPでも（別の質問紙で）答えてもらった。また、カウンターバランスを取るために、BPで書かれている質問紙（以下BP版）で行ってから、日本語で書かれている質問紙（以下日本語版）で行う組と日本語版で行ってからBP版で行う組に分けて行った。

### 4-2 アンケート調査の結果

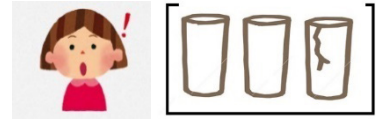
以下の図1～4は調査で用いた問題である。表1～4はそれぞれの日本語版とBP版の問題の結果である。表中のBはBPSを表す。N1/N2/N3/N4はそれぞれBPSの日本語能力試験の合格級である。「自/他動詞+テイル」の回答は自他関係を問わずテイル形に含めて合計したが、テアル形を用いた回答は別に計算した。



**【問題1】**

あなたはコップのセットを買いました。箱を開けたら...

あなた：あっ！ \_\_\_\_\_



Você comprou um jogo de copos. Ao abrir a caixa...

Você: Ah! \_\_\_\_\_.

<図1 調査で用いた図（問題1）>

<表1 問題1の調査結果>

日本語版	NS (35名)	B (71名)	BN1 (7名)	BN2 (7名)	BN3 (20名)	BN4 (37名)
テイル形	30 (85.7%)	37 (52.1%)	7 (100%)	5 (71.4%)	11 (55%)	14 (37.8%)
テアル形	0	1 (1.4%)	0	0	0	1 (2.7%)
テイルNがある	2 (5.7%)	0	0	0	0	0
タ形	0	23 (32.4%)	0	2 (28.5%)	7 (35%)	14 (37.8%)
その他	3 (8.5%)	10 (14%)	0	0	2 (10%)	8 (21.6%)

BP版	B (71名)	BN1 (7名)	BN2 (7名)	BN3 (20名)	BN4 (37名)
テイル形	36 (50.7%)	3 (42.8%)	2 (28.5%)	12 (60%)	19 (51.3%)
テアル形	0	0	0	0	0
テイルNがある	29 (40.8%)	4 (57.1%)	4 (57.1%)	7 (35%)	14 (37.8%)
タ形	5 (7%)	0	0	1 (5%)	4 (10.8%)
その他	1 (1.4%)	0	1 (14.3%)	0	0

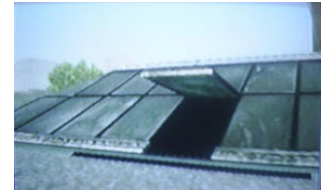
問題1の日本語版ではNSとBPSの多くはテイル形（コップが割れている）を使用している。また、数が少ないが、NSの中では「割れているのがある」のような「テイルNがある」型を用いる例もあった。これに対して、BP版ではテイル形（“um copo (es)tá quebrado”）と「テイルNがある」（“tem um copo quebrado”）を使用している数の間にはあまり差がない。

**【問題2】**

あなたは会議室の準備をしています。

同僚：窓は全部閉まっているよね？

あなた：えっと、あっ！見て\_\_\_\_\_



Você está arrumando a sala de reuniões.

Colega: As janelas estão todas fechadas né?

Você: Hmm...Ah, olha! \_\_\_\_\_

<図2 調査で用いた図（問題2）>

<表2 問題2の調査結果>

日本語版	NS (35名)	B (71名)	BN1 (7名)	BN2 (7名)	BN3 (20名)	BN4 (37名)
テイル形	28 (80%)	50 (70.4%)	7 (100%)	6 (85.7%)	13 (65%)	24 (64.8%)
テアル形	0	2 (2.8%)	0	0	2 (10%)	0
テイルNがある	1 (2.8%)	2 (2.8%)	0	0	1 (5%)	1 (2.7%)
その他	6 (17.1%)	17 (23.9%)	0	1 (14.3%)	4 (20%)	12 (32.4%)

BP版	B (71名)	BN1 (7名)	BN2 (7名)	BN3 (20名)	BN4 (37名)
テイル形	18(25.3%)	4 (57.1%)	1 (14.3%)	0	13 (35.1%)
テアル形	0	0	0	0	0
テイルNがある	45 (63.4%)	3 (42.8%)	6 (85.7%)	17 (85%)	19 (51.3%)
その他	8 (11.2%)	0	0	3 (15%)	5 (13.5%)

問題2の日本語版ではNSとBPSの多くはテイル形を使用している。数は少ないが、NSでもBPSでも「テイルNがある」（開いている窓がある）を用いる例もあった。BP版では「テイルNがある」（“tem uma janela aberta”）を使用している数が圧倒的に多い。

**【問題3】**

あなたは遅くまで残業しました。同僚と会社を出たら...

同僚：ああ、遅いね。会社のみんなはもう帰っているでしょう。

あなた：そうね。あっ、でもあそこ見て。\_\_\_\_\_



Você e seu colega ficaram até bem tarde trabalhando.

Você: Nossa já está tarde né? Todos já devem ter ido embora.

Colega: É mesmo né. Ah, mas olha ali. \_\_\_\_\_

<図3 調査で用いた図（問題3）>

<表3 問題3の調査結果>

日本語版	NS (35名)	B (71名)	BN1 (7名)	BN2 (7名)	BN3 (20名)	BN4 (37名)
テイル形	17 (48.5%)	18 (25.3%)	4 (57.1%)	3 (42.8%)	3 (15%)	8 (21.6%)
テアル形	0	4 (5.6%)	1 (14.3%)	0	0	2 (5.4%)
テイルNがある	10 (28.5%)	6 (8.4%)	0	0	2 (10%)	4 (10.8%)
人がいる	4 (11.4%)	25 (35.2%)	2 (28.5%)	1 (14.3%)	9 (45%)	13 (35.1%)
その他	4 (11.4%)	18 (25.3%)	0	3 (42.8%)	6 (30%)	9 (24.3%)

BP版	B (71名)	BN1 (7名)	BN2 (7名)	BN3 (20名)	BN4 (37名)
テイル形	2 (2.8%)	2 (28.5%)	0	0	0
テアル形	0	0	0	0	0
テイルNがある	38 (53.5%)	2 (28.5%)	5 (71.4%)	8 (40%)	23 (62.1%)
人がいる	13 (18.3%)	3 (42.8%)	1 (14.3%)	5 (25%)	4 (10.8%)
その他	18 (25.3%)	0	1 (14.3%)	7 (35%)	10 (27%)

問題3の日本語版ではNSの多くはテイル形を使っているが、「帰っていない人があ  
る」のような「テイルNがある」を使用している。また、BPSの多くは「人がいる」  
を使用しており、「ついている電気がある」を使用している例も見られる。BP版で  
は「テイルNがある」（“tem uma luz acesa ali”）を使用している数が圧倒的に多い。

**【問題4】**

あなたは車を運転しています。前を見たら...車を止めて

あなた：あ！\_\_\_\_\_。かわいそう...



Você está dirigindo. Ao olhar para frente você percebe que tem alguma coisa na pista e para o carro.

Você: Ah!\_\_\_\_\_. Tadinho...

<図4 調査で用いた図（問題4）>

<表4 問題4の調査結果>

日本語版	NS (35名)	B (71名)	BN1 (7名)	BN2 (7名)	BN3 (20名)	BN4 (37名)
テイル形	27 (77.1%)	15 (21.1%)	6 (85.7%)	2 (28.5%)	2 (10%)	5 (13.5%)
死んだ系	1 (2.8%)	34 (47.8%)	0	0	12 (60%)	22 (59.4%)
死んだ犬だ	0	3 (4.2%)	1 (14.3%)	0	1 (5%)	1 (2.7%)
タNがある	0	4 (5.6%)	0	1 (14.3%)	0	3 (8.1%)
その他	7 (20%)	15 (21.1%)	0	4 (57.1%)	5 (25%)	6 (16.2%)

BP版	B (71名)	BN1 (7名)	BN2 (7名)	BN3 (20名)	BN4 (37名)
テイル形	8 (11.2%)	2 (28.5%)	1 (14.3%)	2 (10%)	3 (8.1%)
死んだ系	8 (11.2%)	0	0	2 (10%)	6 (16.2%)
死んだ犬だ	6 (8.4%)	1 (14.3%)	1 (14.3%)	1 (5%)	3 (8.1%)
テイルNがある	13 (18.3%)	3 (42.8%)	1 (14.3%)	3 (15%)	7 (18.9%)
その他	36 (50.7%)	1 (14.3%)	4 (57.1%)	12 (60%)	19 (51.3%)

問題4の日本語版ではNSは殆どテイル形を使用しているが、BPSの多くは死んだ系（犬が死んだ）を使用している。また、数少ないが、テイルの代わりにタ形を用いる「死んだ犬がある」のような例も見られる。BP版では多くのBPSは「犬は車に轢かれた」（“o cachorro foi atropelado”）を使用しているが、「テイルNがある」（“tem um cachorro morto ali”）の使用も見られる。

### 4-3 アンケート調査の結果の分析

アンケート調査ではテイル形の使用が多かったが、BPの直訳で「ついている電気がある」のような「テイルNがある」の表現を選ぶ例もあった。さらに、「死んだ犬がある」のような「タNがある」という形も見られた。

レベル別の結果を見ると、問題1では「テイルNがある」の使用はなく、N1, N2レベルのBPSの多くはテイル形を使用しているのに対して、N3, N4レベルのBPSはほとんど動詞の過去形を使用している。N1, 2の調査協力者数が少ないため使用傾向ははっきり見えないが、N3, N4の場合は、この結果から「結果残存のテイル」の定着はまだ出来ていないと言える。問題2ではレベル問わず、テイル形の使用が多く、N3, N4レベルのBPSにとっても「開いている」の使用は他の動詞より定着していると考えられる。一方、問題3ではN3, N4レベルのBPSはテイル形ではなく、「人がいる」を使用し、また「テイルNがある」の使用はわずかだが、他の場面より多い。NSにも「残っている人がいる」「働いている人がいる」という使用が目立つ。これは、場面の設定が「電気がついている」より「人がいる」、つまり、電気がついていることが人の存在を指しているため、こういう結果が出たと思われる。しかし、BP版の結果を見ると、「テイルNがある」の使用例が一番多く、異なる場面の設定で「ついている電気がある」という言い方がBPSにとって自然であるかどうか再確認する必要があるという結論にたどり着いた。

BP版の結果から、BPSには「テイルNがある」の方が自然であり、レベルを問わず母語の影響で状態より存在の感覚が強いため、日本語で発話しても違和感を抱きにくいと思われる。そこで、BPSにとって「テイルNがある」はどの程度自然な言い方なのかを確認するために文法性判断調査を行った。

### 3-4 文法性判断調査の概要

2016年9月に文法性判断調査を実施した。NS 30名とブラジル（サンパウロ）のある一般人向けの日本語学校、サンパウロ大学とブラジリア大学在学中のBPSを合わせ、96名（日本語能力試験N4レベル以上：N1-18名、N2-20名、N3-26名、N4-32名）を対象とし、アンケートに答えてもらった。BPSが母語でどのように考えているのかが分かるように、1つの問題について、設問を日本語で書いたものと、BPで書いたものの2種類を準備し、答えてもらった。また、カウンターバランスを取るために、BP版を行ってから、日本語版を行う組と日本語版を行ってからBP版を行う組に分けて行った。

稲垣(2010)の調査をモデルにし、文法性判断タスクを用いてデータを収集した。各問題の右隣には4段階のリッカート尺度があり、調査協力者にそれぞれの文がどの程度自然であるかを判断するよう指示した（図5）。

	不自然		自然	
a.あ！あそこについている電気があるよ！消しておいて	1	2	3	4
b.あ！あそこについて電気があるよ！消しておいて	1	2	3	4

<図5 調査で用いた問題の例>

#### 4-5 文法性判断調査の結果

BPSにとって「テイルNがある」はどの程度自然な言い方なのかを確認するために、アンケート調査で用いた4つの場面を提示し、自然か不自然かを選んでもらった。アンケート調査ではBPSのレベルによって「テイルNがある」だけでなく、「タNがある」の使用もあったため、文法性判断調査では両方のパターンを用いた。BPSのそれぞれのレベルを厳密に見るため、全問題の平均値の差、問題別の平均値の差を分散分析により検討した。最後に、NSは同じ4つの場面に対してどのように感じるのかを比較するため、同じ文法性判断アンケートに答えてもらい、結果を2要因分散分析（混合計画）によって検討した。以下の図6～9は調査で用いた問題である。表5～9はそれぞれの日本語版とBP版の問題の結果であり、表10と11は全問題の合算結果である。表中のMeanは平均で、SDは標準偏差を表している。

##### 【問題1】

設問1： あ！あそこについている電気があるよ！消しておいて。

設問2： あ！あそこについた電気があるよ！消しておいて。

設問1： Ah! Ali tem uma luz acesa! Apaga por favor.

設問2： Ah! Ali tem uma luz que acendeu. Apaga por favor.

<図6 調査で用いた問題1>

<表5 問題1の結果>

問① 設問→	日本語版の回答				BP版の回答			
	テイルNがある		タNがある		テイルNがある		タNがある	
レベル↓	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD
N1 (n=18)	3.50	0.83	2.00	0.94	3.89	0.31	1.78	0.85
N2 (n=20)	3.75	0.54	1.65	0.79	3.95	0.22	1.50	0.81
N3 (n=26)	3.38	0.79	2.50	1.15	3.81	0.39	1.58	0.88
N4 (n=32)	3.41	0.82	2.63	0.99	3.78	0.60	1.91	0.84
NS (n=30)	2.00	1.13	1.20	0.40				

表はBPSの日本語回答とBP回答、そしてNSの回答の問題1の平均と標準偏差を示したものである。日本語回答では2要因分散分析（混合計画）を行った結果、交互作用が有意であった（ $F(4,121)=3.98, p<.01$ ）。そこで、設問別にレベルの単純主効果を検定したところ、どちらも1%水準で有意だった（テイルNがある： $F(4,121)=14.70$ 、タNがある： $F(4,121)=10.24$ 共に $p<.01$ ）。Bonferroni法を用いた多重比較の結果、以下のようになった。

&lt;表6 問題1の多重比較の結果&gt;

設問	レベルの平均間の差	MSe
テイルNがある	N1, N2, N3, N4>NS	0.7779, $p<.05$
タNがある	N3, N4>N1, N2>NS	0.8211, $p<.05$

他の設問でのレベル間の平均の差は有意ではなかった。また、レベル別に設問の単純主効果を検定したところ、全レベルとNSでは1%水準で有意であった (N1 : F (1,121)= 26.83, N2 : F (1,121)= 52.59, N3 : F (1,121)= 9.33, N4 : F (1,121)= 7.28, NS : F (1,121)= 7.63共に $p<.01$ )。

この結果から動詞「つく」の使い方に関して、N1とN2のBPSにとっては「ついている電気がある」という言い方は自然で、「ついた電気がある」は不自然であり、N3とN4のBPSにとっては、「ついている電気がある」は自然であるが、「ついた電気がある」という言い方もやや自然であることが分かった。さらに、NSにとって、いずれの設問も不自然であるが、「タNがある」は「テイルNがある」より不自然ということが分かった。

一方、BP回答では2要因分散分析（混合計画）を行った結果、設問1と2の主効果のみが有意であった (F (1,92)= 513.11,  $p<.01$ )。設問1と2の平均を比べると、設問1、「ついている電気がある」の方が高く、BPでは最も自然な言い方であると言える。

### 【問題2】

(あなたは新しいコップセットを買いました。箱を開けたら...)

設問1： あ！割れているコップがある！いやだな。

設問2： あ！割れたコップがある！いやだな。

Você comprou um jogo de copos. Ao abrir a caixa...

設問1： Ah! Tem um copo quebrado! Que droga...

設問2： Ah! Tem um copo que quebrou! Que droga...

&lt;図7 調査で用いた問題2&gt;

&lt;表7 問題2の結果&gt;

問② 設問→	日本語回答				BP回答			
	テイルNがある		タNがある		テイルNがある		タNがある	
レベル↓	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD
N1 (n=18)	3.39	0.95	3.28	1.04	3.94	0.23	2.72	0.80
N2 (n=20)	3.55	0.74	3.40	0.86	3.95	0.22	2.85	0.91
N3 (n=26)	3.35	0.96	3.38	0.84	3.92	0.27	2.46	1.08
N4 (n=32)	2.66	1.11	3.59	0.82	3.97	0.17	2.84	0.91
NS (n=30)	3.03	1.02	3.23	1.05				

表はBPSの日本語回答とBP回答，そしてNSの回答の問題2の平均と標準偏差を示したものである。日本語回答では2要因分散分析（混合計画）を行った結果，設問1と2の主効果が有意ではなかった。しかし，設問別にレベルの単純主効果を検定したところ，「テイルNがある」では5%水準で有意だった（ $F(4,121)=3.01, p<.05$ ）。さらに，レベル別に設問の単純主効果を検定したところ，N4では1%水準で有意だった（ $F(1,121)=9.73, p<.01$ ）。最後に，Bonferroni法を用いた多重比較の結果，「テイルNがある」ではN2の平均がN4の平均よりも有意に大きい（ $MSe=1.0025, p<.05$ ）が，「タNがある」では全レベルの平均間の差は有意ではなかった。要するに，レベルを問わず，BPSにとって「つく」と異なり，動詞「割る」の場合は「割れているコップがある」と「割れたコップがある」のどちらも自然であり，N4レベルのBPSは「テイル」より「タNがある」の方が自然と思う傾向があると言える。また，NSにとっても，どちらの設問もやや自然であることが分かった。

BP回答では2要因分散分析（混合計画）を行った結果，設問1と2の主効果のみが有意であった（ $F(1,92)=145.60, p<.01$ ）。問題1と同じように，設問1，「割れているコップがある」がBPでは最も自然な言い方であるということが分かる。

### 【問題3】

設問1： あ！あそこに死んでいる犬がいる...かわいそう。

設問2： あ！あそこに死んだ犬がいる...かかいそう。

設問1： Ah! Ali tem um cachorro morto... tadinho.

設問2： Ah! Ali tem um cachorro que morreu... tadinho.

&lt;図8 調査で用いた問題3&gt;



&lt;表8 問題3の結果&gt;

問③ 設問→	日本語回答				BP回答			
	テイルNがある		タNがある		テイルNがある		タNがある	
レベル↓	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD
N1 (n=18)	3.56	0.83	3.06	1.13	3.89	0.46	2.33	0.88
N2 (n=20)	3.15	1.19	3.10	1.14	4.00	0.00	2.30	1.01
N3 (n=26)	2.62	1.15	3.38	0.92	3.81	0.48	2.96	0.98
N4 (n=32)	2.19	1.16	3.63	0.70	3.88	0.33	2.59	1.03
NS (n=30)	3.03	1.02	3.00	1.15				

表はBPSの日本語回答とBP回答，そしてNSの回答の問題3の平均と標準偏差を示したものである。日本語回答では2要因分散分析（混合計画）を行った結果，交互作用が有意であった（ $F(4,121) = 5.07, p < .01$ ）。そこで，設問別にレベルの単純主効果を検定したところ，「タNがある」では有意ではなかったが（ $F = 1.61$ ），「テイルNがある」では1%水準で有意だった（ $F(4,121) = 5.35, p < .01$ ）。Bonferroni法を用いた多重比較の結果，「テイルNがある」ではN1とN2とNSの平均がN4の平均よりも有意に高い（ $MSe = 1.2313, p < .05$ ）。また，レベル別に設問の単純主効果を検定したところ，N3では5%水準で有意であり（ $F(1,121) = 5.03, p < .01$ ），N4では1%水準で有意だった（ $F(1,121) = 17.58, p < .01$ ）。

この結果から，「死ぬ」の使い方に関してはN1とN2のBPSにとっては「死んでいる犬がいる」は自然であるが，「死んだ犬がいる」という言い方もやや自然であり，N3とN4のBPSにとっては，「死んだ犬がいる」という言い方は自然で，「死んでいる犬がいる」は不自然であるということが分かった。最後に，NSにとって，問題2と同じように，いずれの設問もやや自然であることが分かった。

BP回答では2要因分散分析（混合計画）を行った結果，設問1と2の主効果のみが有意であった（ $F(1,92) = 128.36, p < .01$ ）。問題1と2と同じパターンで，「テイルNがある」がBPでは最も自然な言い方であると言える。

#### 【問題4】

- まだ残っているケーキがあるけど，誰か食べる？
- まだ残ったケーキがあるけど，誰か食べる？

設問1： Ainda tem bolo sobrando. Alguém quer comer?

設問2： Ainda tem bolo que sobrou. Alguém quer comer?

&lt;図9 調査で用いた問題4&gt;

&lt;表9 問題4の結果&gt;

問④ 設問→	日本語回答				BP回答			
	テイルNがある		タNがある		テイルNがある		タNがある	
レベル↓	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD
N1 (n=18)	3.67	0.75	2.39	0.89	3.83	0.37	3.06	0.85
N2 (n=20)	3.40	1.02	2.95	1.07	3.80	0.68	3.25	0.77
N3 (n=26)	3.12	0.85	2.88	1.01	3.62	0.79	2.62	1.08
N4 (n=32)	2.97	1.02	3.19	0.88	3.75	0.56	2.69	0.98
NS (n=30)	3.37	0.95	2.40	1.17				

表はBPSの日本語回答とBP回答，そしてNSの回答の問題4の平均と標準偏差を示したものである。日本語回答では2要因分散分析（混合計画）を行った結果，交互作用が有意であった（ $F(4,121)=3.59, p<.01$ ）。設問別にレベルの単純主効果を検定したところ，「テイルNがある」では有意ではないが，「タNがある」では5%水準で有意だった（ $F(4,121)=2.80, p<.05$ ）。Bonferroni法を用いた多重比較の結果，「タNがある」ではN4の平均がNSの平均よりも有意に高い（ $MSe=1.0740, p<.05$ ）。また，レベル別に設問の単純主効果を検定したところ，N1では1%水準で有意であったが（ $F(1,121)=16.70, p<.01$ ），NSでは5%水準で有意であった（ $F(1,121)=9.56, p<.05$ ）。

この結果から，N1のBPSには「残っているケーキがある」の方が自然であるのに対して，N4レベルのBPSは他の問題と同じように「タNがある」，問題4の場合では「残ったケーキがある」の方が自然ということが分かり，N2とN3レベルのBPSにとっては，「残る」に関してはどの言い方でも自然であることが分かった。そして，NSにとっては，「テイルNがある」はやや自然で，「タNがある」はやや不自然ということが分かった。

BP回答の2要因分散分析（混合計画）を行った結果，設問1と2の主効果のみが有意であった（ $F(1,92)=45.05, p<.01$ ）。この全問題は同じパターンを示し，「テイルNがある」がBPでは最も自然な言い方であることが明らかになった。

&lt;表10 全問題合算結果&gt;

全問	日本語版の回答				BP版の回答			
	テイルNがある		タNがある		テイルNがある		タNがある	
レベル↓	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD
N1 (n=72)	3.53	0.85	2.68	1.13	3.89	0.36	2.47	0.97
N2 (n=80)	3.46	0.93	2.78	1.18	3.93	0.38	2.48	1.10
N3 (n=104)	3.12	0.99	3.04	1.06	3.79	0.53	2.40	1.13
N4 (n=128)	2.80	1.13	3.26	0.95	3.84	0.46	2.51	1.01
NS (n=120)	2.86	1.15	2.46	1.27				

表10はNSとBPSの日本語の回答とBPの回答のそれぞれの全問題の平均と標準偏差を示したものである。日本語回答の2要因分散分析（混合計画）を行った結果、交互作用が有意であった（ $F(4,499) = 9.45, p < .01$ ）。そこで、設問別にレベルの単純主効果を検定したところ、どちらも1%水準で有意だった（テイルNがある： $F(4,499) = 9.78$ ，タNがある： $F(4,499) = 7.42$ ，共に $p < .01$ ）。Bonferroni法を用いた多重比較の結果、以下のようになった。

<表11 全問題合算の多重比較の結果>

設問	レベルの平均間の差	MSe
テイルNがある	N1, N2 > NS, N4	1.0925, $p < .05$
タNがある	N4, N3 > NS, N1, N2	1.2580, $p < .05$

他のレベルとNSの平均間の差はどちらの設問でも有意ではなかった。また、レベル別に設問の単純主効果を検定したところ、N1, N2, N4では1%水準で有意であり（N1： $F(1,499) = 25.21$ ，N2： $F(1,499) = 16.60$ ，N4： $F(1,499) = 7.21$ 共に $p < .01$ ），NSでは5%水準で有意だった（ $F(1,499) = 5.62, p < .05$ ）。

この結果から全体的にN1とN2のBPSにとっては「テイルNがある」という言い方がもっとも自然で、N4のBPSにとっては「タNがある」という言い方が最も自然であることが分かった。また、NSにとっては、いずれも不自然であるが、「タNがある」は「テイルNがある」よりも不自然ということが分かった。

日本語回答の結果に対して、BP回答の2要因分散分析（混合計画）を行った結果、設問1と2の主効果のみが有意であった（ $F(1,380) = 524.19, p < .01$ ）。設問1と2の平均を比べると、設問1、つまり、「テイルNがある」の方が高く、BPでは最も自然な言い方であると言える。

#### 4-6 文法性判断調査の結果の分析

BPSにとっては「テイルNがある」はどの程度自然なのかについて、4つの問題を通して、全問題の平均値の差と問題別の平均値の差を分散分析により検討した。最後にNSは同じ問題に対してどのように思うのかを比較するため、同じ文法性判断アンケートに答えてもらい、結果を2要因分散分析（混合計画）によって検討した。その結果、日本語版の調査ではNSは場面によって「テイルNがある」はやや自然だと判断しているのに対して、BPSの場合は全体の結果でも問題別の結果でも、いずれの動詞も「テイルNがある」は自然であることが分かった。

BP版では「テイルNがある」が最も自然という結果が出たにもかかわらず、日本語版の方では、レベルが低ければ低いほど、特にN4には、「テイル」より、「タNがある」という言い方が最も自然であることが明らかになった。この理由の一つとして、「テイル」の習得段階の観点から考えると、N4には、動作の継続を表す「テイル」の感覚がまだ強く、4つの場面の「テイル」を動作の継続として解釈したと思われる。それに対して、N1とN2の結果を見ると、「テイル」のそれぞれの意味と使

い方が定着していると思われるレベルでは期待されるのNSと一致する結果であったが、「テイルNがある」と「タNがある」に対する判断はBP版の結果と一致し、前者はどんな場面でも自然で、後者は不自然ということが明らかになったため、母語の影響があると考えられる。

このように、BPSにはレベルを問わず「テイルNがある」という言い方は自然であることが分かったが、全体的に「テイルNがある」か「タNがある」という使用はレベルによって分かれる。それに対して、BP版の結果でわかるようにBPでは「テイルNがある」が最も自然である。これらの結果によって母語の影響と共に日本語力の影響もあるということが分かった。

また、NSの回答の結果をBPSの回答の平均と比べるとNSの全回答の平均は低くBPSにはNSよりも「テイルNがある」は自然と言える。しかし、問題別の結果から問題1（ついている電気がある）は不自然であるのに対し、問題2（割れているコップがある）3（死んでいる犬がいる）4（残っているケーキがある）はやや自然と、二つの傾向に分かれることが分かった。この結果から、BPSにはどの動詞でも「テイルNがある」が自然であるのに対して、NSには、問題2と4（コップとケーキ）では物を制限するまたは特定するのに「テイルNがある」は自然だと思われる。しかし、問題3（犬）では制限するまたは特定する場面ではない。そこで、庵(2010)による存在形と非存在形のテイルがあげられる。つまり、NSにとっては物を指す場面であれば（問題2：コップ、問題3：犬、問題4：ケーキ）、ある程度その物の存在も表しているため、「テイルNがある」は場面によって自然であると思われる。一方、物を指さない場面（問題1：電気）の場合は「テイルNがある」は不自然である。

このように、調査の結果から、NSにとっても、場面によって「テイルNがある」は自然であることがわかった。しかし、上述したようにこれらの場面はBPでは不定冠詞を用いるため、BPSは日本語で話しているときでも、動詞 “ter”（ある）を使う必要性を感じるのではないかと考えられる（cf. “tem uma luz acesa” 「ついている電気がある」）。したがって、母語の影響でその使用場面の判断は難しく、場合によってNSが違和感を覚える発言をしてしまう可能性があるのではないかとと思われる。

## 5 おわりに

以上、本稿ではBPSにおける「テイルNがある」の使用傾向を明らかにし、母語の影響による特徴を考察した。日本語の「結果残存のテイル」とBPの「estar+過去分詞」が基本的に対応するため相対的に習得は困難ではないが、冠詞の影響により違いが見られた。BPでは不定冠詞を用いる文であれば、存在と所有を表す「ter」（在る）が使われており、「ter+過去分詞」は自然である。それを日本語にすると「テイルNがある」となり、BPSは母語の影響により自然・不自然な使用場面の判断が難しく、どんな場面でも「テイルNがある」は自然であると思ってしまうことが分かった。

しかしながら、今回の調査では問題項目数が少なかったため、十分に実証できていないと思われる。その上、各問題文の様々な性質に影響を受けている可能性が排除できない。今後は問題文を増やして改めて調査を行う必要があると思われる。

日本語には冠詞がないと言われているが、冠詞を持つ言語を母語とする日本語学習者は大勢いることから、BPSのための日本語教育を考えるにあたってBPにおける冠詞の知識が重要なのではないかとということが調査の結果からもわかった。冠詞を考慮することによって「結果残存のテイル」の理解と産出がより容易になると思われる。

文法性判断調査でのNSの結果から場面によって「テイルNがある」に関する感覚はBPSの冠詞の感覚と共通している点があるのではないかと考える。その共通点が実際に存在するかどうか、さらに調査を行い、今後検討したい。

## 参考文献

庵功雄 (2010) 「第1回 アスペクトをめぐって」『中国語話者のための日本語教育研究』創刊号, 中国語話者のための日本語教育研究会編, 41-48.

稲垣俊史 (2013) 「テイル形の二面性と中国語話者によるテイルの習得への示唆」『中国語話者のための日本語教育研究』第4号, 中国語話者のための日本語教育研究会編, 29-41.

彌永史郎 (2011) 『新版ポルトガル語四週間』大学書林.

儀保ルシーラ悦子 (2014) 「ブラジル・ポルトガル語のアスペクト・テンス体系ー日本語のアスペクト・テンス体系との比較研究」『ロマンス語研究47号』, pp.1-10, 日本ロマンス語学会.

黒野敦子 (1995) 「初級日本語学習者における「ーテイル」の習得について」『日本語教育』87, 153-164.

陳昭心 (2009) 「「ある／いる」の「類義表現」としての「結果の状態のテイル」ー日本語母語話者と中国語を母語とする学習者の使用傾向を見てー」『世界の日本語教育』, 国際交流基金.

寺村秀夫(1982)『日本語のシンタクスと意味I』くろしお出版.

トッフオリ・ジュリア (2019) 「ブラジル・ポルトガル語を母語とする日本語学習者の結果残存のテイルの使用傾向ー一定冠詞と不定冠詞による影響」『一橋大学国際教育交流センター紀要』創刊号, 一橋大学国際教育交流センター, 29-40.

Hinds, John (1986) *Situation vs. Person Focus*.くろしお出版



# Seção Livre

---

**IDEOLOGIAS, POLÍTICAS LINGUÍSTICAS FAMILIARES E BILINGUISMO: ESTUDO DE CASO DE UMA FAMÍLIA DE DESCENDENTES DE JAPONESES RESIDENTES EM PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL**

Vinicius Borges de Almeida  
Isabella Mozzillo

**A INTERMODALIDADE NA LEITURA DE JOGOS NÃO DIDÁTICOS EM LÍNGUA JAPONESA – UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Valdeilton Oliveira

**VOZES DE ERIKO: UMA ANÁLISE *QUEER* SOBRE *KITCHEN***

Wanderson Tobias Rodrigues

**NO SANGUE ESCORRIDO: *TAKASEBUNE*, *HAN NO HANZAI* E A MORTE**

Fabio Pomponio Saldanha

# IDEOLOGIAS, POLÍTICAS LINGUÍSTICAS FAMILIARES E BILINGUISMO: ESTUDO DE CASO DE UMA FAMÍLIA DE DESCENDENTES DE JAPONESES RESIDENTES EM PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL

## IDEOLOGIES, FAMILY LANGUAGE POLICIES AND BILINGUALISM: CASE STUDY OF A JAPANESE DESCENDANT FAMILY LIVING IN PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL

Vinicius Borges de Almeida<sup>1</sup>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4436-4880>

Isabella Mozzillo<sup>2</sup>

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-8445-9174>

Recebido em: 25/2/2020

Aprovado em: 13/4/2020

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de analisar algumas ideologias e políticas linguísticas adotadas por uma família de descendentes de japoneses residentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Primeiramente, serão introduzidos alguns aspectos da imigração japonesa neste país e da condição dos imigrantes no início do século XX. Em seguida, será apresentado o aporte teórico sobre o qual a investigação se baseia e, por fim, será feita a análise dos dados obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas com a família.

**Palavras-chave:** Imigração japonesa. Línguas em contato. Bilinguismo. Políticas linguísticas familiares.

**ABSTRACT:** *This article aims to analyze some ideologies and linguistic policies adopted by a family of Japanese descendants living in Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil. First, some aspects of Japanese immigration in this country and the condition of immigrants in the early 20th century will be introduced. Then, the theoretical contribution on which the investigation is based will be presented and, finally, the analysis of the data obtained from semi-structured interviews with the family will be made.*

**Keywords:** *Japanese immigration. Language contact. Bilingualism. Family language policies.*

<sup>1</sup> Licenciado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestrando em Letras na área de Aquisição, Variação e Ensino pela mesma instituição. [vinibalmeida@hotmail.com](mailto:vinibalmeida@hotmail.com)

<sup>2</sup> Licenciada em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora titular do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da UFPel. [isabellamozzillo@gmail.com](mailto:isabellamozzillo@gmail.com)

## Introdução

Mil novecentos e oito é o ano de que se tem registro da primeira leva de imigrantes japoneses em direção ao Brasil. O navio, vindo da cidade de Kobe, trazia o total de 781 nipônicos, dentre os quais expressiva parcela seria responsável pelo trabalho em lavouras de café. Essa migração foi motivada sobretudo por questões de sobrevivência, já que no início do século XX o Japão passava por um período de escassez de alimentos e de ofertas de trabalho. Isso também levou a processos migratórios para outros países além do Brasil, como a China, a Rússia e os Estados Unidos (principalmente em direção ao Havaí pela questão da proximidade).

Esse movimento de um território para o outro traz consigo implicações diretas nas vidas desses indivíduos, desde questões de necessidades básicas – como uma propriedade para viver e comida para se alimentar – até preceitos sociais, culturais, religiosos e filosóficos. Os *isseis*<sup>3</sup> que aqui chegaram, tendo sido frutos de uma educação baseada na “Lealdade ao Império e Amor à Pátria”, não queriam se instalar definitivamente no país: consideravam a vida no Brasil como algo temporário. Por isso, preferiam se organizar em colônias rurais do interior, favoreciam os casamentos entre pessoas da mesma colônia e utilizavam estritamente a língua japonesa.

Evidentemente, esses aspectos de isolamento acima mencionados não eram factíveis em todas as realidades em que os imigrantes se inseriram. Afinal, muitos deles trabalhavam para os donos das lavouras, que eram brasileiros. Moriwaki e Nakata (2008, p. 16) relatam que “o imigrante, não acostumado ao contato com outros povos de hábitos e culturas diferentes, conscientizou-se de sua condição de japonês somente ao se distanciar da sua terra natal.” É interessante perceber que esses processos transculturais (e, portanto, translinguísticos) refletem bem o que diz José Saramago: “É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós.” Para o caso do japonês, o “sair da ilha” pode ser visto metafórica e literalmente.

Conforme Moriwaki e Nakata (op. cit., p. 20), a situação do imigrante japonês entre os anos de 1908 e 1915 poderia ser assim resumidas: as condições de vida, infraestrutura e alimentação eram tão ruins que nenhum japonês poderia sequer imaginar; as diferenças linguísticas entre os *isseis* e os administradores das terras culminavam em uma comunicação incipiente; a colheita do café era muito menor do que o que lhes havia sido prometida uma vez que apenas as partes mais velhas e de menor qualidade do grão lhes eram fornecidas; o sentimento de superioridade do imigrante desmoronou perante a arrogância dos donos das fazendas, que ainda mantinham costumes e atitudes da época da escravidão; por fim, esses *nikkeis* se viram desamparados, o que os levou à insatisfação crescente diante da Companhia de Imigração do Japão. Nessas condições, o sonho de vir ao Brasil para trabalhar temporariamente e, em pouco tempo, retornar rico ao Japão cada vez mais se distanciou da realidade. Por isso, uma parcela dos imigrantes começou a ressignificar essa mentalidade de *decassêgui* (trabalhador temporário) e a se fixar em outras áreas rurais e também urbanas.

<sup>3</sup> Issei é o imigrante japonês e nissei é o filho de imigrantes japoneses, que tem, portanto, a nacionalidade brasileira. Já nikkei refere-se a todo cidadão que está fora do Japão, mas tem ascendência japonesa, incluindo o issei.



Ainda segundo esses autores (ibid., p. 29), foi a partir desse momento que se começou inclusive a pensar na educação dos *nisseis*. Havia fundamentalmente duas posturas: a que priorizava o Brasil (e deixava o Japão em segundo plano), optando-se pelo ensino brasileiro em primeiro plano, colocando a língua japonesa de lado nesse processo de educação formal; e a que priorizava o Japão (e deixava o Brasil em segundo plano), ainda alicerçada no ideal do imigrante conservador de retornar, assim que possível, ao seu país natal.

Morales (2009, p. 5) concorda com a existência dessas posturas, evidenciando que “o japonês era ensinado aos descendentes como língua materna, porque os pais tinham como projeto retornar ao Japão”. Já em meados dos anos 1940, no período Pós-Guerra, a língua passou a ser transmitida aos descendentes na perspectiva de língua de herança<sup>4</sup>, a fim de manter o elo linguístico-cultural com os ancestrais.

O presente trabalho é um estudo de caso de uma família de descendentes de japoneses residentes em Pelotas. Trata-se do início de uma investigação histórica e linguística que será posteriormente desenvolvida, uma vez que pesquisas desse tipo são escassas na região.

## 1 Referencial teórico

Nesta seção, serão explicados os conceitos de bilinguismo, indivíduo bilíngue, alternância de código, línguas em contato e políticas linguísticas familiares, que serão utilizados posteriormente na análise dos dados e discussão.

Primeiramente, conforme a explicação de Mozzillo (2001 p. 2), o bilinguismo “constitui-se, em seu sentido lato, no uso alternado de duas ou mais línguas por parte de um mesmo indivíduo.” Esse conceito engloba um arcabouço muito diverso de falantes que têm características próprias e que se utilizam das línguas em situações específicas conforme sua competência nas habilidades tanto de produção quanto de compreensão, sejam elas orais ou escritas. Por isso, esse fenômeno é observado em todas as classes sociais, em todas as faixas etárias e em todos os países, até naqueles em que se crê haver uma cultura monolíngue ou apenas uma língua considerada oficial.

A fim de compreender os indivíduos bilíngues, pode-se levar em conta um *continuum* que parte dos monolíngues até chegar aos equilíngues. Entre as duas extremidades, incluem-se

os aprendizes recentes de outra língua (bilíngues incipientes) assim como aqueles que apenas leem em outro sistema ou ainda os que, por razões de competência ou por razões de ordem estratégico-afetiva não querem ou não conseguem falar outra língua apesar de bem compreendê-la (bilíngues passivos ou receptivos).

São também bilíngues os falantes que desenvolvem todas as habilidades, com vários graus de domínio, em outra língua, e que, mesmo atingindo grande fluência

<sup>4</sup> O termo língua de herança (LH) aqui mencionado está conforme o conceito empregado por Morales (2009, p. 145): no caso brasileiro, uma língua que não seja o português e tenha particular relevância para as famílias. A isso também se pode agregar o forte desejo de os pais transmitirem a cultura e a língua do seu país de origem.

e precisão, não passam por nativos ao serem julgados por quem o seja realmente. Por fim, existem indivíduos equilíngues, pessoas que são reconhecidas por falantes nativos dos seus dois idiomas como pertencentes a ambos os grupos. Embora dificilmente sejam verdadeiramente equilibrados porque não se desempenham nas duas línguas nos mesmos contextos, impressionam por ter, do ponto de vista dos interlocutores, idêntico domínio das línguas, constituindo-se no que, classicamente, se denominava “bilíngues perfeitos”. (MOZZILLO, 2001 p. 4 e 5).

Todo falante bilíngue, ainda que não perceba, detém um comportamento linguístico muito singular. Um dos fenômenos recorrentes em seus momentos de interação é o *code-switching*<sup>5</sup>, cujo conceito tem sido amplamente utilizado na literatura como inerente da conversação bilíngue (GROSJEAN, 1982). Ele consiste em alternar a língua (considerada a língua de base) para outra (língua convidada) durante o discurso entre bilíngues que compartilham o mesmo par de línguas. Esse fenômeno não é aleatório, pois, ainda conforme o autor, ele configura um ganho comunicativo e pragmático; fornece características únicas às conversações; e tem sempre uma motivação sociolinguística ou psicolinguística subjacente.

Além disso, uma vez que há coexistência de duas ou mais línguas nos bilíngues e esses falantes estão interagindo entre si, pode-se concluir que esse contato de línguas se dá tanto individual quanto socialmente. Aplicando-se tal ideia no contexto do Brasil do século XX outrora mencionado, percebe-se que a situação de coexistência dos imigrantes japoneses e dos cidadãos brasileiros leva, neste país, ao contato das línguas japonesa e portuguesa. Para se analisar esse contato, é mister averiguar o poder político, econômico, militar e de prestígio de cada uma dessas línguas dentro do território no qual elas estão inseridas. Couto (2009, p. 51) considera que, no Brasil, há uma sociedade estruturada e a língua portuguesa é a língua estabelecida e estabilizada. Portanto, os japoneses (e, por conseguinte, a língua japonesa) representa, nesse lugar, o lado mais fraco conforme os quatro aspectos anteriormente mencionados. É por isso que, nesse caso

frequentemente se dá o que se tem chamado de **Lei das Três Gerações**. De acordo com ela, a primeira geração (quando migra já adulta) aprende quando muito uma variedade pidginizada da língua hospedeira. Os seus filhos geralmente aprendem a língua do país hospedeiro e a dos pais, sendo, portanto, bilíngues, continuando a usar a língua original em todas as interações intragrupalas. Os netos, porém, tendem a preferir a língua da nova terra, mantendo, quando muito, um conhecimento passivo da língua original de seus avós. (COUTO, *ibid.*, p. 29 e 30, grifo do autor).

<sup>5</sup> Aqui emprega-se o termo *code-switching*, em inglês, muito embora sua tradução literal, alternância de código, também seja empregada com o mesmo sentido.

O ensino e a transmissão da língua japonesa para as gerações subsequentes àquelas vindas do Japão muito têm a ver com questões ideológicas e políticas, sejam elas públicas ou familiares. Para este trabalho, apenas as políticas familiares serão colocadas em evidência, a fim de revelar práticas dentro desse ambiente que podem, por sua vez, promover o bilinguismo (a língua de imigração e a língua dominante já estabilizada no território) ou o monolinguismo (apenas a língua de imigração ou apenas a língua dominante).

As interações familiares são, dessa forma, a chave para o processo de aquisição da linguagem nas crianças. Essa aquisição monolíngue ou bilíngue está intimamente ligada às ideologias e ao conhecimento que os pais e parentes têm sobre o desenvolvimento da linguagem, isto é, qual será o produto resultante dessas interações e o que se poderá esperar desse ambiente em que exclusivamente uma língua será utilizada ou se haverá coexistência de duas ou mais.

Para tanto, Spolsky (2004 apud KING e LOGAN-TERRY 2008) comenta que

o estudo de políticas linguísticas inclui análises de crenças linguísticas ou ideologias (o que as pessoas *acham* sobre a língua); práticas linguísticas (o que as pessoas *fazem* com a língua); e esforços para modificar ou influenciar essas práticas através de quaisquer tipos de intervenção, planejamento ou gerenciamento linguístico (o que as pessoas *tentam fazer* com a língua). (Tradução nossa)<sup>6</sup>

Dentre as ideologias sobre o bilinguismo em ambiente familiar, uma das mais comuns encontradas é a crença de que, se a criança for exposta a duas ou mais línguas, isso lhe causará confusão mental ou irá prejudicá-la posteriormente em período escolar. Embora já mostrado cientificamente por De Houwer (2006) de que o infante seja capaz desde tenra idade de acessar a melhor língua em dada situação comunicacional, essa crença ainda é muito presente, o que pode levar pais e professores a optarem pelo monolinguismo a fim de não prejudicar a criança.

Tomando por base esses preceitos de ideologias linguísticas e políticas familiares em relação ao bilinguismo, esta pesquisa tem por objetivo analisar comportamentos e atitudes de uma família de descendentes de japoneses residentes em uma cidade no sul do Rio Grande do Sul. Assim como já foi feito em outros trabalhos na região, que investigaram esses fenômenos com o pomerano e com o espanhol de fronteira, por exemplo, pretende-se avaliar: o que se pensa sobre a(s) língua(s), em que domínios ela(s) é(são) utilizada, quais foram os fatores que determinaram as decisões de promovê-la(s) ou abandoná-la(s), se o uso delas é alternado (em havendo mais de uma língua).

<sup>6</sup> the study of language policy includes analysis of language beliefs or ideologies (what people think about language); language practices (what people do with language); and efforts to modify or influence those practices through any kind of language intervention, planning, or management (what people try to do to language). (KING e LOGAN-TERRY, p. 6, grifos dos autores).

## 2 Metodologia

Para a pesquisa, de caráter qualitativo, um questionário foi organizado e utilizado para o levantamento dos dados durante entrevista semiestruturada.

Os três informantes da mesma família foram selecionados por se encaixarem no perfil da pesquisa, isto é, são descendentes de japoneses e residem em Pelotas. Abaixo, as informações sobre eles, com nomes fictícios a fim de preservar-lhes a identidade:

1. Sandra, sexo feminino, trinta e oito anos, ensino médio completo, desempregada, *sansei* (a avó materna era japonesa). Natural de Belém-PA, mudou-se para o Japão durante a infância, onde ficou alguns meses. De volta ao Brasil, conheceu o rapaz que depois se tornaria seu marido. Após terem a primeira filha, foram ao Japão e lá residiram na cidade de Tochigi, onde nasceu o segundo filho. Após morarem um tempo nordeste, há sete anos vivem em Pelotas.
2. Michiro, sexo feminino, vinte anos, desempregada, *sansei* (os avós paternos são japoneses). Natural de Belém-PA, morou no Japão durante a infância e lá estudou até o quarto ano. Após esse período, a família retornou ao Brasil e ela concluiu o ensino básico. Mora com a mãe e os irmãos há sete anos em Pelotas e estuda Letras – Bacharelado em Tradução Português/Inglês na Universidade Federal de Pelotas (UFPel).
3. Jedi, sexo masculino, dezoito anos, desempregado, *sansei* (os avós paternos são japoneses). Natural de Tochigi (Japão), estudou lá até o segundo ano. Após esse período, a família retornou ao Brasil e ele concluiu o ensino básico. Mora com a mãe e as irmãs há sete anos em Pelotas e estuda Ciência da Computação na Universidade Federal de Pelotas.

A família é também composta pelo marido de Sandra, que atualmente está no Japão, e Megumi, filha mais nova do casal, que não esteve presente na entrevista. Ela tem dez anos e nasceu no Brasil. Nunca foi ao Japão, mas estuda japonês como língua estrangeira com a professora Rosane<sup>7</sup> há um ano, além de incipientemente usá-lo em casa com a mãe e com os irmãos.

O questionário utilizado foi o seguinte:

1. Havia mais de uma língua na tua casa durante a tua infância? Quais? Por quê?
2. Consideras que essas línguas que te rodeavam na tua infância são tuas línguas maternas? Por quê?
3. Qual é o teu histórico linguístico? Que línguas aprendeste mais adiante de forma natural? (em contato com nativos, no lugar onde elas eram faladas naturalmente). E quais de forma artificial? (em cursos de línguas, escola).

<sup>7</sup> Rosane é brasileira, tem cinquenta e um anos e aos vinte e sete teve a oportunidade de ir ao Japão através de programa de bolsas de estudo oferecido pelo governo japonês (Mext) e lá fez pós-graduação em Artes. Estudou língua japonesa na Universidade de Sofia (上智大学 – Jōchi Daigaku) e trabalhou durante nove anos em uma escola de idiomas em Tóquio. De volta ao Brasil, ela ensina japonês há oito anos, contando, atualmente, com 41 alunos (crianças, adolescentes e adultos) de nível básico a avançado, além de preparatórios para a Avaliação de Proficiência na Língua Japonesa (日本語能力試験 – Nihongo Nōryoku Shiken).

4. Qual a ordem de aprendizado de todas as línguas com as quais tiveste contato?
5. Em que nível consideras que as dominas? E em quais habilidades (ler, falar, entender, escrever)?
6. Teu cônjuge e tu falam em que língua(s) entre si? É sempre a mesma? Em que circunstâncias?
7. É(são) a(s) mesma(s) usada(s) com os filhos?
8. Sofres algum preconceito por usares alguma língua em particular? Por parte de quem? Em que situações?
9. Terias preferido não ser falante de mais de uma língua? Por quê?
10. O que pensas da alternância de uma língua para a outra durante a conversa ou conforme a situação comunicativa? Por quê?
11. Essa alternância referida na questão 10 é feita em casa? E noutros lugares? Com quem?

Por uma questão de disponibilidade, a primeira entrevista foi realizada com Sandra e Michiro; em outra data, separadamente, com Jedi. Todos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A entrevista com Sandra e Michiro ocorreu no dia 23 de outubro de 2019 na casa da professora Rosane, enquanto Megumi fazia sua aula de japonês; e a de Jedi, no dia 27 de novembro de 2019 no campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Por vezes, pode haver sobreposição de trechos das falas dos informantes, uma vez que os dados são complementares. Os excertos foram escolhidos conforme a ordem das perguntas da entrevista, o que não representa fielmente a ordem da gravação. A seguinte legenda será empregada: S para Sandra, M para Michiro, J para Jedi e E para o entrevistador.

A análise das entrevistas é de caráter interpretativo, através de exame de vinhetas narrativas concretas dos próprios informantes. Elas foram transcritas ortograficamente – pois a reprodução fiel de pronúncia e entonação não está sendo considerada.

### 3. Análise dos dados

#### 3.1. As memórias e o histórico da família

A primeira parte da análise será o relato de Sandra sobre suas memórias dos antepassados:

S: (...) lá em Belém, grande... Tomé-Açu... se você pesquisar, você vai ver. Tem muito japonês lá.

E: E essa comunidade, ela é, assim, mais afastada ou é bem integrada com a zona urbana? O que tu achas?

S: Tem a da zona urbana e tem a da colônia...

E: Da colônia mesmo... sim, sim.

S: Tem os dois... esse da colônia é um pouco longe, fica umas 4 horas de Belém. Que lá, nossa, você vai lá e parece que tá no Japão mesmo lá. Muito japonês, muito, muito lá. Comida também tem bastante.

E: E entre eles, o que é que tu lembras?

S: Falam *nibongo* entre eles, falam *nibongo*.

E: E eles costumam assim, casar com pessoas da colônia?

S: Eles costumam manter a tradição...

E: São bem fechados ao externo...

S: Sim, principalmente nessa colônia lá do interior... Tipo da minha mãe, é... da minha mãe... a minha vó, ela... o pai da minha mãe era brasileiro e a família da minha vó rejeitou ela, porque ela casou com um brasileiro. Então, quando a minha vó faleceu, a minha mãe e a minha tia foram pra um orfanato, porque a família... tio, irmão que tinha não quis... porque tinha mistura. Então, as minhas duas tias foram pro orfanato. Quando elas tavam maiorzinha, com 12 anos mais ou menos, esse tio foi pegar, mas pra ser empregada da casa dele, porque ele não considerava da família... que tinha mistura. Então no interior de Belém e em várias partes do Brasil ainda tem isso. Não querem que case com um brasileiro...

Esse primeiro relato de Sandra sobre sua família reforça a ideia de que os imigrantes japoneses, por quererem manter sua cultura e o *nibongo* (língua japonesa), preferiram se organizar em colônias rurais onde só houvesse relações entre eles. O contato e, logo, a miscigenação com os brasileiros eram passíveis de exclusão, preconceito, desprezo e violência. Consequentemente, esses fatos apontam para traumas expressivos nesses indivíduos, e podem levar a atitudes de rejeição perante essas posturas (e, portanto, levar ao abandono da língua japonesa, como será visto adiante).

Após narrar esses fatos, Sandra volta um pouco na história para contar a vinda da avó japonesa para o Brasil:

S: Minha vó nasceu no Japão, ela veio no pós-guerra. Quando a Segunda Guerra acabou...

E: Ali pela década de 40?

M: Isso.

S: Aí ela veio num daqueles navios, minha vó. E meu pai é brasileiro.

E: Então tu és considerada o que a gente chama de *sansei*, é isso?

S: Isso, *sansei*. E do meu marido, meu sogro e minha sogra são japoneses.

E: Então ele é *nissei*.

S: Ele é *nissei*. (...) Minha sogra veio quando ela era adolescente e meu sogro também.

E: E na casa dos teus pais, (...) vocês só se comunicavam em português?

S: Sim, todo o tempo. Porque a minha vó faleceu, minha mãe era muito novinha, tinha 8 anos. Então, a gente não teve convívio com a parte da minha mãe.

E: E tu não sabes, assim, ela nunca te contou se com a mãe ela falava japonês, como é que era?

S: A minha vó falava português arrastado, ela lembra pouquinho... porque ela perdeu a minha vó muito novinha.

E: Então a tua mãe até aprendeu um pouquinho...

S: Mais entendia do que falava.

E: Entendi, perfeito. Então o teu contato com a língua japonesa foi mais...

S: Quando eu fui pro Japão, é... quando eu fui pequena, lá eu aprendi *hiragana*, *katakana*, um pouquinho do *kanji*, porque as duas vezes que eu fui, eu passei muito pouco. (...) Eu fui pra escola, mas fiquei da primeira vez nove, e na segunda vez oito meses. Então não foi o suficiente pra aprender.

E: E muito pequena também, né?

S: Uhum... e depois que eu voltei, eu só retornei pro Japão com 17, então se passaram mais nove anos... se foi tudo o que eu tinha aprendido.

E: Porque aqui no Brasil, tu falavas português todo o tempo...

S: Sim...

Neste trecho, percebe-se que o ambiente familiar de Sandra era praticamente monolíngue em português, pois sua avó japonesa, cujo sotaque é revelado como “arrastado” (provavelmente indicando um português aprendido em idade adulta), já havia falecido quando ela e seus irmãos nasceram. Ela comenta que sua mãe mais compreendia do que falava, o que é considerado um bilinguismo apenas passivo (quando há compreensão e não produção). Isso confirma a Lei das Três Gerações mencionadas em Couto (2009), pois Sandra, sendo da terceira geração, não tem mais contato (ou tem um contato muito pequeno) com a língua dos seus antepassados imigrantes.

Por outro lado, Sandra relata que seu contato com a língua japonesa se deu no momento em que sua família decide viajar para o Japão. É lá, ainda quando criança, que ela tem contato com a aprendizagem formal da língua e de seus sistemas de escrita. Entretanto, por ter sido um breve período de tempo e por ter deixado de praticar, ela não a considera como língua materna.

Há outros fatores que também influenciam na relação de Sandra com a língua japonesa. Na época em que conheceu seu marido, por exemplo, ela comenta posturas violentas parecidas com as que sua mãe e sua tia sofreram:

M: Com a senhora também foi assim?

S: A minha sogra também não me aceitava no início, porque eu não pareço...

E: (...) Ou seja, tu tens sangue, mas não tens a fisionomia...

S: Porque eu sou misturada, né? A mamãe casou com um brasileiro... por mais... ela mandou os dois filhos pro Japão, porque ela queria que continuasse a linhagem... só que meu marido é a ovelha negra da família, a gente se apaixonou só que... eu sou *sansei*, mas sou mestiça, né?

E: (...) Mas tu já teve algum tipo de reflexão do tipo “ser mestiça como algo assim que te trouxe um peso ou uma dor?”

S: Muito, muito... eu não sei nada... muita coisa do *nibongo* por pura revolta... porque eu sofri isso no Japão... sofri com minha sogra... meu sogro não, mas minha sogra não me aceitava, ela me humilhava... então eu não queria aprender. E eu falava com meu marido: “não, eu não vou ficar aqui... eu não vou aprender”.

M: Ela usou o português como forma da resistência...

S: É...

Morando no Japão, depois de casar e dar à luz Michiro e Jedi, o ambiente familiar de Sandra alterou-se:

E: (...) Mas como tu (para Michiro), enfim, ainda criança na escola lá... em casa, que língua vocês falavam entre vocês?

M: Japonês com o papai...

S: E português, porque o nosso medo era de eles esquecerem a língua. O Jedi, o meu filho do meio, quando ele voltou pro Brasil, ele não falava mais português... ele entendia tudo, mas na hora de responder, ele respondia... ela (Michiro) sempre foi esperta... ela sempre teve muita facilidade de falar os dois. Ela não esqueceu nunca.

E: Entendi. Ela sabia com quem falar o quê.

S: É. (...) Porque lá quando entra... toda série que entra, primeiro, segundo, terceiro... o professor da turma vai conhecer a família de cada aluno... e eu não era fluente. (...) Ela (Michiro) fazia a tradução... ela pequena. E aí o professor perguntava se eu não entendia... “Michiro, o que é que ele tá falando?” Aí ela traduzia pra mim e traduzia pro professor, isso ela pequena.

(...)

E: Então, quer dizer, tu exigia que ela te respondesse em português?

S: E falasse comigo em português... é, ela numa boa. Ela tinha... já quando ela tava ficando grandinha, era automático... respondia em japonês e eu “Como é mesmo em português?” Daí ela falava em português. Entender, os dois, ela e o Jedi, entendiam... (...) E ele entendia tudo o que eu falava, mas responder... ele só queria responder em japonês.

E: E aí tu não exigias?

S: E eu “Como é Jedi? Como é em português?” E ele ficava assim, pensando... aí ela (Michiro) falava pra ele e eu “Não fala, Michiro... deixa ele falar.” Aí ele demorava, mas respondia.

E: Que interessante. E o teu pai, ele não dizia nada? No sentido de... qual era a opinião dele em relação a esse bilinguismo dentro de casa?

M: Ele nunca se manifestou ser contra... ele era neutro...



Nesta passagem, há o relato das diferenças em relação ao uso do português e do japonês dentro de casa. Sandra sempre exigia que as duas línguas fossem usadas dentro de casa, o que favoreceu um ambiente bilíngue sem que uma língua se sobrepusesse à outra. Michiro, desempenhando-se como nativa nas duas línguas, desde tenra idade funcionava como uma mediadora na comunicação entre sua mãe e seus professores; seu irmão Jedi, embora também nativo das duas línguas, costuma apenas utilizar a língua dominante do lugar, ou seja, o japonês. Outro ponto importante que merece destaque é o fato de elas considerarem neutra a postura do cônjuge/pai, isto é, ele não se mostrava nem a favor nem contra o bilinguismo familiar; Sandra foi, portanto, a que impulsionou esse processo com seus filhos.

### 3.2 A visão do bilíngue sobre seu bilinguismo

Os trechos a seguir se referem às vantagens e aos inconvenientes em ser bilíngue conforme as experiências dos informantes. Em primeiro lugar, Michiro:

M: Eu acho que... estar inserido nesse ambiente bilíngue fez bem pra mim, tá fazendo... porque as oportunidades que chegam pra mim são a mais do que os que... eu me comparo muito com os meus amigos, por exemplo. Essa oportunidade que a Rosane tá me dando, eu tenho certeza que se eu fosse... se eu tivesse só o português, isso jamais iria acontecer... entendeu? É o que acontece muito com os meus amigos também. Tipo, eu tenho uma outra possibilidade além do inglês, que é o japonês... não teve nada de negativo.

S: Fora as várias culturas que eles aprendem.

M: Exato.

S: Já aprenderam japonês, a gente foi pro nordeste, aprenderam o nordestino. Nós somos do norte... e agora aqui no sul. Então, o ruim é que a gente tá sempre longe da família, que eu digo pai e mãe. Mas o bom é que a gente conhece muita cultura...

Neste excerto, Michiro aponta para os benefícios de ter o português e o japonês como línguas maternas. Ela vê o fato de ser bilíngue, principalmente, como uma oportunidade de destaque profissional, pois Rosane, uma professora de língua japonesa na cidade, ofereceu-lhe uma chance de ministrar algumas aulas para alunos iniciantes. Sandra concorda com a filha e ainda adiciona que o contato multicultural também traz vantagens para a formação de suas identidades.

A seguir, Jedi também relata suas experiências no que tange essas questões:

E: Tu achas que tu sofre algum tipo de preconceito por usar alguma dessas línguas? Por parte de quem? Em que situação... consegues me relatar?

J: Acho que não diria preconceito, mas brincadeiras, né...

E: Que tipo de brincadeiras?

J: Tipo meu sotaque, eles zoam e tal... pastel de “flango” e tal..., mas, sei lá. Ficou tão... me acostumei tanto que eu hoje levo na brincadeira também.

E: E tu acha que essa questão do sotaque por que tu és bilíngue ou por que tu moraste noutra região que não aqui?

J: Acho que é porque morei em outra região.

E: Tu achas que o fato de falar japonês e inglês não altera teu sotaque em português?

J: Altera sim, mas... eu até teve uma época que eu tive que fazer “fono” ... pra melhorar um pouco.

E: Sim, uhum. E... tu terias preferido não falar mais de uma língua? Tu achas que se tu falasses uma língua só seria melhor?

J: Não, não... até porque se falasse só uma língua eu seria muito limitado... eu só levo na brincadeira essas coisas aí...

É interessante reparar que Jedi considera que o monolinguismo seria uma limitação ao seu modo de vida. Além disso, relatou que o único inconveniente teriam sido as brincadeiras que sofreu por seu sotaque – que, na verdade, não é identificado por causa do seu bilinguismo, mas sim pelo fato de haver convivido em regiões cujas variedades do português brasileiro são diferentes do que as do sul do Rio Grande do Sul. Há também a brincadeira com “pastel de flango”, que denotaria a maneira como ele pronunciaria a palavra “frango”. Essa brincadeira, evidentemente feita por leigos, revelaria uma incapacidade de articular o /r/, a ele associada talvez pelos seus traços orientais. Por um lado, é possível compreender a brincadeira, pois tal fonema não está no repertório de falantes monolíngues de mandarim, por exemplo. Mas mal sabem eles que em japonês existe /r/ – o que não existe é, justamente, o /l/!

Para complementar a fala de Jedi, sua irmã e sua mãe também relataram essa questão das brincadeiras:

S: Ele reclamava “Ah, mãe, coisa ruim é isso, tudo mundo pergunta... fala aí japonês.” (...) Ele já é tímido, ele se retraiu muito em Recife... por causa dessas brincadeiras também...

M: É, sim...

Em relação à preferência de falar apenas uma língua, elas se mostraram totalmente opostas a essa ideia:

E: Vocês acham que, não sei se já tiveram essa reflexão, se vocês pudessem teriam preferido só usar uma língua?

M: Não, não, não...

S: Mas eu queria ter inteligência pra aprender várias...

E: 200 se fosse possível!

S: Porque é de mim, eu gosto de viajar... isso é de mim, né? Então eu queria aprender outras.

### 3.3 A alternância de código (*code-switching*)

Quando perguntadas sobre se havia alternância das línguas em ambiente familiar, os informantes relataram o que segue:

E: Me contem mais assim, por exemplo... vocês estão em casa, conversando. Hmm... nalgum momento vocês alternam pro japonês? Tão comendo e...?

S: Não... no Japão até que era, mas aqui... se bem que a Megumi entrou aqui, entrou na Rosane... e como a gente vai voltar, eu falei pra ela (Michiro) e pro Jedi: “vamo falar palavrinhas para que ela (Megumi) possa ir reconhecendo quando chegar lá”. E aí na TV eu sempre coloco programas japoneses e procuro falar palavras para ela ir reconhecendo...

E: Sim, essa alternância... e claro, é uma alternância, não é só alternar do tipo “a partir de agora, a gente só fala japonês... na próxima hora...” não, é estar tomando café e dizer café em japonês, por exemplo... alternou!

M: (enfaticamente) Isso! Uhum.

E: Esse tipo de alternância então acontece.

M: Sim.

E: E é só esse tipo?

Ambas: Isso.

E: Mas então em função da pequena que tá aprendendo?

Ambas: Uhum.

O discurso de Sandra e Michiro parece levar a crer que a alternância é sobretudo motivada pelo fato de a caçula da família, Megumi, estar aprendendo japonês com a professora Rosane. Então, já que Megumi está aprendendo o japonês em ambiente formal, a família considera que essas alternâncias, aliadas aos programas de televisão japoneses a que essa criança é exposta, vão fazer com que esse aprendizado seja potencializado, auxiliando a menina caso a família resolva voltar para o Japão.

Ainda em relação ao *code-switching*, Jedi relata que:

J: Ah, eu... tanto japonês quanto inglês eu falo só brincando... eu repito as frases de um anime, mas na maioria do tempo é português.

E: Por exemplo, vocês estão tomando um café e alguém diz uma palavra em japonês ou em inglês...

J: Sim, sim, sim...

E: Então é mais essa coisa de fazer uma piada... Então... E com os teus amigos, tu tens amigos que falam também japonês, ou que falam inglês... como é que é?

J: Japonês eu não tenho nenhum amigo..., mas amigo que fala inglês eu tenho alguns. De vez em quando eu brinco também. Seria a mesma...

E: Alternância...

J: É.

O trecho adiciona a ideia que a alternância dentro do seio familiar também tem uma motivação de comicidade, como esclarece Mozzillo (1997), ao citar: “os exemplos em que o efeito pretendido é o de divertir o interlocutor, imitar a fala de alguém ou expressar ironia.” No caso de Jedi, ele realiza a alternância para o japonês quando imita falas de personagens de animes e para o inglês com os amigos, este, porém, fora do ambiente familiar.

## Considerações finais

Este trabalho buscou construir um breve panorama do início da imigração japonesa no Brasil relatando e descrevendo as condições a que os primeiros imigrantes foram submetidos. Ademais, foi realizada uma entrevista com uma família de descendentes japoneses que residem no sul do Rio Grande do Sul a fim de compreender algumas ideologias e políticas adotadas por eles em relação ao seu histórico social, cultural e, principalmente, linguístico.

A partir da entrevista, conclui-se que Sandra adquiriu apenas uma pequena capacidade de compreensão oral do japonês em casa (configurando um bilinguismo passivo) e incipientemente as habilidades de produção (oral e escrita) e compreensão escrita (*hiragana*, *katakana* e poucos *kanjis*) enquanto esteve no Japão. Quando retornou ao Brasil, deixou de usá-lo frequentemente, o que ocasionou perda parcial das habilidades de produção.

Já Michiro, sua filha mais velha, é equilíngue, pois desempenha-se como nativa tanto em português como em japonês. Isso ocorre porque houve a decisão explícita de manter o português em casa mesmo estando no Japão, o que impulsionou o bilinguismo no ambiente familiar.

Por fim, as falas de Jedi mostram seu interesse pelo japonês, mesmo que ele não seja equilíngue como sua irmã. Ele considera que a língua faz parte de sua identidade e de seus ancestrais, além de que ela lhe fornece mais oportunidades de estudo e de emprego.

Portanto, foi possível perceber uma atitude positiva perante o espaço da língua de imigração no ambiente familiar, tendo em vista a forte ligação que eles ainda mantêm com o Japão. Os dados indicaram um percurso linguístico bem diverso na família, mas vemos que todos eles são bilíngues em diferentes graus e níveis. Ademais, o *code-switching* também foi identificado nesse contexto familiar, conforme já esperado, por se tratar de um fenômeno descrito em outros trabalhos sobre bilinguismo como característico de grupos que compartilham o mesmo par de línguas.

Este tipo de investigação deverá ser expandido para outras famílias de imigrantes japoneses residentes no sul do Rio Grande do Sul, a fim de que se possa averiguar e catalogar quais são as ideologias e as políticas linguísticas adotadas por essas famílias e qual o *status* da língua japonesa nessa região.

## Referências

- COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.
- DE HOUWER, Annick. *Two or more languages in early childhood: some general points and some practical recommendations*. AILA News. (The twice-yearly newsletter of the Association Internationale de Linguistique Appliquée) Vol. 1, Nº. 1, 1998.
- GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Massachusetts. Harvard University, 1982
- \_\_\_\_\_. Individual Bilingualism. *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1994, pp. 1656-1660.
- KING, Kendall. A.; LOGAN-TERRY, Aubrey. Additive bilingualism through family language policy: strategies, identities & intercultural outcomes. *Calidoscópico*. Vol 6, n. 1, jan/abr 2008.
- MORALES, Leiko Matsubara. *Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como ensino de língua estrangeira*. 2008. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.8.2009.tde-28052010-140321. Acesso em: 2020-04-19.
- MORIWAKI, Reishi. e NAKATA, Michiyo. *História do ensino da língua japonesa no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- MOZZILLO DE MOURA, Isabella. Motivações para a alternância de código no discurso bilíngue. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, Jan/Jun de 1997, pp.51-67.
- \_\_\_\_\_. A conversação bilíngüe dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (orgs.) *Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira*. Pelotas: Educat, 2001.

# A INTERMODALIDADE NA LEITURA DE JOGOS NÃO DIDÁTICOS EM LÍNGUA JAPONESA – UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

## THE INTERMODALITY ON THE READING OF NON-PEDAGOGICAL JAPANESE GAMES – AN EXPLORATORY RESEARCH

Valdeilton Oliveira (UnB)<sup>1</sup>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7014-9471>

Recebido em: 09/04/2020

Aceito em: 04/07/2020

**RESUMO:** Uma das maiores questões ao pesquisar o uso de jogos eletrônicos, não didáticos, como propiciadores de algum tipo de aquisição de línguas estrangeiras é a constante indagação: será que os jogadores conseguem ler os dizeres durante as partidas do jogo? Por se tratar de uma mídia multimodal (KRESS, 2009), jogos não são apenas texto estático e sua compreensão não depende somente da decodificação do modo escrito. Diferentes modos interagem e criam um ambiente de imersão (CSIKSZENTMIHALYI, 2014; SALEN; ZIMMERMAN, 2003) que até pode ser interpretado como um uso autêntico e contextualizado da linguagem (GILMORE, 2007; NEWCOMBE; BRICK, 2017), contudo pouco se sabe sobre a eficácia desse tipo de mídia para o treino da leitura, especialmente do japonês e seu complexo sistema de escrita (OLIVEIRA, 2019). Questões como: “será que meu aluno consegue ler isso? ”; “não é muito difícil para ele? ”; “Essas imagens não atrapalham? ” foram norteadoras para questionar até que ponto o ambiente contextualizado da linguagem dos jogos eletrônicos (NEWCOMBE; BRICK, 2017) pode propiciar alguma aquisição da escrita do idioma japonês (BASSETTI, 2019). Para analisar tais indagações 19 participantes informaram sobre seus hábitos de leitura em língua japonesa. Em seguida, 3 destes participantes, de diferentes níveis de proficiência, jogaram os jogos: *Osu! Tatakae! Ouendan!* e *Kukkingu Mama* em uma sessão de jogo. Os relatos foram registrados e permitiram inferir que o nível de conhecimento na língua influencia a compreensão do modo escrito. Contudo, o ambiente multimodal aparenta ser benéfico para estimular os jogadores aprendizes mesmo entre os níveis iniciantes.

**Palavras-chave:** Games. Kanji. Multimodalidade.

**ABSTRACT:** One of the most highlighted questions on the use of non-pedagogical video games as language learning tools is if the student is able to read during gaming sessions. Being a multimodal media (KRESS, 2009), games are not such as static text, and “reading” in games does not rely only on the comprehension of the written mode. Various modes interact and develop immersion (CSIKSZENTMIHALYI, 2014; SALEN; ZIMMERMAN, 2003) that can be seen as an authentic and contextualized use of the language (GILMORE, 2007; NEWCOMBE; BRICK, 2017), however, little is known about the effectiveness of this media to the reading learning practice. Specially Japanese, with its complex writing system (OLIVEIRA, 2019). Questions like “can my student read this?”; “Is it not too difficult for him?” “Do these images not disturb him?” were the guides to rise the proposition: Is the contextualized language (NEWCOMBE; BRICK, 2017) on video games capable of providing any acquisition of the Japanese writing system? (BASSETTI, 2019). In order to analyze it, 19 students informed their Japanese reading habits. Then, 3 of them, with different Japanese levels of proficiency, played the games *Osu! Tatakae! Ouendan!* and *Kukkingu Mama* in one gaming session. The reports were recorded and allow us to infer that the Japanese reading skills have an effect on the understanding of the written mode. However, the multimodal environment seems to be beneficial to encourage the gamers, even on the first levels.

**Keywords:** Videogames. Kanji. Multimodality.

<sup>1</sup> Mestre em linguística aplicada pela universidade de Brasília – UnB.

## INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

Estudos já observaram os benefícios da aplicabilidade pedagógica dos jogos eletrônicos para diferentes áreas do aprendizado, especialmente linhas mais próximas da pedagogia (GEE, 2003). Uma das maiores vantagens observados na aplicação destes recursos se encontra na reflexão sobre a mudança de postura entre aprendizes e professores, especialmente as que privilegiem maior autoria (GEE, 2003; KENSKI, 2013). Contudo, poucas foram as pesquisas que analisaram a aplicabilidade pedagógica de jogos eletrônicos, não didáticos, em particular no que tange aos fenômenos da aquisição de línguas estrangeiras, especialmente do japonês e seu sistema de escrita (OLIVEIRA, 2019).

Existem vários motivos que explicariam esta pequena quantidade de estudos, tais como as diferenças entre a “leitura” de um jogo eletrônico e um texto estático (LEFFA; BOHN; DAMASCENO; MARZARI, 2012, p. 211), a ampla quantidade de modos<sup>2</sup> (KRESS, 2009; HOWLAND, 2020; WALSH, 2020) e diferentes formas de interatividade (WOLF, 2006). Existem pesquisadores que defendem o uso pedagógico do jogo não didático, dada a sua autenticidade linguística e ampla possibilidade de customização (GILMORE, 2007; NEWCOMBE; BRICK, 2017). Já outros defendem que a excessiva carga cognitiva, decorrente das informações na tela, pode prejudicar a retenção de vocabulário (DEHAAN; REED; KUWADA, 2010). Por isso, entendeu-se que existe a necessidade de observar as questões até aqui apresentadas, especialmente o que tange o uso simultâneo de mais de um modo de comunicação (WALSH, 2020).

Desta forma, escolheu-se para este trabalho um apanhado teórico que permita observar os fenômenos decorrentes do uso de jogos eletrônicos não didáticos em situações pedagógicas (GEE, 2003). Especialmente o que tange à multimodalidade (KRESS, 2009) e a intermodalidade (MILLS; UNSWORTH, 2018). Buscando observar como se realiza a “leitura” neste ambiente e como todo esse processo influencia a percepção de leitura em língua japonesa.

### 1 Referencial teórico

#### 1.1 Jogos e sua aplicação pedagógica

A aplicabilidade pedagógica dos jogos eletrônicos, especialmente os não didáticos, já foi observada em diferentes áreas pedagógicas, assim como apresenta Gee (2003). Segundo o autor, diferentes princípios tornariam jogos ambientes adequados para o aprendizado contemporâneo. Esta consideração se assemelha às contribuições de Kenski (2013), e sua percepção acerca das mudanças de papéis nas relações contemporâneas de ensino e aprendizagem. Gee apresenta em sua obra princípios teóricos que permitiriam a aplicabilidade pedagógica dos jogos eletrônicos. Destes

<sup>2</sup> O tema será melhor apresentado na sessão “Da multimodalidade à intermodalidade”

escolhemos dois para nortear as considerações teóricas deste estudo. O princípio do aprendizado crítico e ativo e o princípio semiótico<sup>3</sup>.

Segundo ambos os autores (GEE, 2003; KENSKY, 2013) o aprendizado passivo não condiz com o cenário contemporâneo, dada a incapacidade de empoderar os aprendizes, como pode ser observado no trecho:

A utilização do aprendizado passivo em detrimento do aprendizado ativo não guiará ao empoderamento no mundo contemporâneo, contudo ele pode ser aplicável em atividades de baixo nível. Dominar letramento ou matemática como um pacote de processos automatizados sem a capacidade de utilizá-los de forma proativa em atividades compreensíveis e realizáveis dentro dos objetivos individuais de cada um não criará aprendizes que consigam aprender rápido à medida que encontram novos domínios semióticos<sup>4</sup>. (GEE, 2003, p. 69).

Ao observar as considerações acima, percebe-se que a postura ativa se faz importante no aprendizado contemporâneo, especialmente pela aplicabilidade necessária. Apesar das considerações do autor serem totalmente relacionadas à pedagogia, entende-se que é possível aplicar estes mesmos conceitos em todo o processo de aprendizagem em línguas estrangeiras. Desta forma, aprender uma nova língua, deveria possibilitar a aplicação deste conteúdo em situações reais.

O segundo princípio proposto por Gee que se faz importante neste estudo é o princípio semiótico (GEE, 2003, p. 49) que define que a inter-relação entre os diferentes signos (imagens, palavras, ações, símbolos, artefatos, etc.) se faz essencial para uma adequada aprendizagem. Esta sinestesia se assemelha ao proposto por Kress (2009, p. 179-180) como a necessidade humana de sinestesia. Desta forma, entende-se que o processo de ensino e aprendizagem deve possibilitar a autoria dos aprendizes, bem como integrar outros modos de percepção, resultando em uma multimodalidade autoral. Contudo, entende-se que se faz necessário observar o que é um modo e qual a sua repercussão nos processos de leitura contemporâneos.

<sup>3</sup> Diferentes princípios são apresentados pelo autor, contudo optou-se por utilizar apenas estes dois para interpretar os fenômenos relacionados à leitura em língua japonesa durante partidas de jogos eletrônicos.

<sup>4</sup> Tradução nossa. Doravante todas as referências em outros idiomas serão acompanhadas de traduções do pesquisador e acompanhadas do texto original.

No original: *“Passive learning – rather than active, critical learning – will not lead to much power and empowerment in the contemporary world, however much it may suit one for low-level service job. Mastering literacy or math as a set of routinized procedures without being able to use these procedures proactively within activities that one understands and for the accomplishment of one’s own goals will not lead to learners who can learn quickly and well as they face new semiotic domains, as they will throughout their lives.”*



## 1.2 Da multimodalidade à intermodalidade

Apesar de grande parte do referencial teórico que define o que é um “modo” ser importado da semiótica (KRESS, 2009, p. 179), na multimodalidade ele representa métodos de comunicação, sejam eles espaciais, linguísticos, visuais, gestuais ou áudio (SWEETLAND CENTER FOR WRITING, 2020). Apesar de parecer um conceito abstrato, Kress (2009) defende que o uso excessivo da palavra “linguagem” representa a incapacidade humana de descrever diferentes formas de comunicação. Desta forma, o termo “modo” pode ser utilizado para descrever as diferentes formas humanas de “criar significado<sup>5</sup>”, possibilitando a utilização do termo “modo escrito” para descrever comunicação escrita, “modo oral” para a comunicação falada e “modo visual” para a expressão por imagens e figuras.

O processo de mudança no uso de um modo em detrimento do outro pode parecer óbvio, especialmente se analisarmos como novas tecnologias influenciam a transmissão de informação no mundo contemporâneo. Contudo Kress (2009, p. 178) afirma que estas transformações resultam em algumas distorções sociais, neste estudo listaremos duas.

A primeira é o que o autor chama de descentralização do modo escrito (KRESS, 2009, p. 180), que pode ser observado na tendência contemporânea à “visualização” da informação. Antes somente o modo escrito servia como meio principal de emissão e transmissão de informação. Contudo, com o advento de novas mídias, formas mais eficientes de “criar significado” surgiram. Trazendo assim, um novo espaço para modelos mais visuais de informar e transmitir conteúdo e criar significado (ALCÂNTRA, 2018).

O segundo fenômeno listado pelo autor é a ausência de uma agenda que observe a correlação entre os modos, e isto pode ser percebido tanto no campo pedagógico como no campo da pesquisa em semiótica (KRESS, 2009, p. 180). Grande parte desta incongruência vem da tendência a observar somente a utilização de um modo, o que já se configura como um erro metodológico, levando-se em consideração a semiose humana e sua tendência à multimodalidade.

Desta forma, entende-se que o ponto central de um estudo sobre a multimodalidade não seria a observação de como o modo se manifesta e sim como os modos interagem para a criação de significado (KRESS, 2009; MILLS; UNSWORTH, 2019). Por isso, este estudo centrará na observação de como se dá a “leitura” envolvendo os modos escritos e visuais simultaneamente. O modo escrito se faz importante para observar sua aplicabilidade pedagógica no aprendizado da escrita do idioma japonês (OLIVEIRA, 2019) e o modo visual, inerente aos jogos eletrônicos (HOWLAND, 2020).

<sup>5</sup> Kress (2009) utiliza o termo para representar formas de emissão de significado que são compreendidas por um grupo ou sociedade. Independentemente do modo que utilizem.

### 1.3 A leitura em um ambiente multimodal

Diversas são as cognições necessárias para interagir com um jogo eletrônico, especialmente dada a sua imersão (LEFFA; BOHN; DAMASCENO; MARZARI, 2012, p. 211-212). Segundo os autores é possível afirmar que diferentes mídias propiciam diferentes níveis de imersão, contudo jogos eletrônicos podem propiciar um nível maior dada a maior quantidade de cognições necessárias durante o jogo. Estas formas de cognição podem ser inferidas no que Howland (2020) descreve como os elementos de um jogo eletrônico, sendo estes: gráficos, som, interface, jogabilidade e estória<sup>6</sup>. Estes dados foram organizados no quadro 01<sup>7</sup> apresentado por Newman (2004), como segue abaixo:

#### QUADRO 01 – COMO GRÁFICOS E ESTÓRIA SE MANIFESTAM EM JOGOS ELETRÔNICOS

<b>Gráficos</b>	Qualquer imagem que seja projetada em uma tela e qualquer efeito realizado nela. Isto inclui objetos 3D, quadros 2D, capturas de tela 2D, animações de movimento total, estatísticas, sobreposições de informações e qualquer coisa que o jogador ver.
<b>Estória</b>	A história do jogo, incluindo qualquer pano de fundo antes do jogo começar, todas as informações que o jogador recebe durante a estória ou com a vitória no jogo e qualquer informação que ele aprende sobre os personagens.

Fonte: NEWMAN, 2004, p. 11.

É interessante observar que por se tratar de uma mídia multimodal (KRESS, 2009), os jogos atuam com a utilização de diferentes modos. Ao analisar o quadro acima é possível perceber que tanto gráficos como estória servem como formas distintas de criar significado, contudo atuam conjuntamente para a criação de um ambiente de imersão (LEFFA; BOHN; DAMASCENO; MARZARI, 2012). Os gráficos podem ser compreendidos como o modo visual, culminando com uma rápida transmissão de informação (KRESS, 2009, p. 180). Já a estória é permeada pelas informações contidas tanto na estória como nos gráficos, visto que tanto o modo visual como o modo escrito podem atuar como criadores de significado. O modo escrito é observável nos trechos em que há o uso da linguagem, porém também permeia todo o modo visual, especialmente dada a percepção de multimodalidade inerente à ferramenta.

Apenas para exemplificar, apresentamos aqui um trecho do jogo *kukkingu mama* que foi utilizado neste estudo. Como pode ser observado na figura abaixo, o jogo cria um ambiente de simulação de culinária. Desta forma, o gráfico funciona como uma das formas de emissão de informação e criação de significado. Já o modo escrito se manifesta nos trechos necessários à informações do jogo.

<sup>6</sup> Para este estudo optou-se por utilizar o termo “estória” dada a sua noção de narrativa.

<sup>7</sup> No texto original o autor apresenta os mesmos itens descritos por Howland (1998) e os compila em um quadro teórico. Para este estudo utilizou-se apenas os itens: gráficos e estória, levando em consideração o foco na leitura multimodal. Entretanto, acredita-se que mais estudos são necessários, especialmente os que observem os outros elementos básicos dos jogos eletrônicos.

FIGURA 01 – TRECHO DO JOGO *KUKKINGU MAMA* E COMO OS MODOS ESCRITOS E VISUAIS SE MANIFESTAM NA PARTIDA



Fonte: Criação própria.

Pela observação da figura é possível perceber que a “leitura” que se faz neste tipo de ambiente é tanto do modo visual como do modo escrito. Desta forma entende-se que se faz necessário compreender este novo modelo de leitura multimodal e contemporâneo. Poucos estudos versaram sobre a intermodalidade nos processos de leitura, um destes foi o trabalho de Francisco (2016) que observou as estratégias de leitura em diferentes perfis de aprendizes durante o jogo eletrônico 二ノ国 (*Ni no kuni*)<sup>8</sup>. Segundo o pesquisador as estratégias de leitura se alteram entre aprendizes com maior ou menor experiência em jogos eletrônicos. Outro trabalho relevante é o de Alcantra (2018) que analisou como o uso de imagens se reduz ao longo dos níveis de um material didático. Concluindo que o modo visual pode ser utilizado em momentos iniciais e substituído pelo uso mais consciente da linguagem. Porém poucos estudos observaram a totalidade de uma leitura multimodal.

Destes, podemos listar as contribuições de Walsh (2020) que observou a amplitude da multimodalidade na leitura. Para o autor, ler é um processo de interação constante, como pode ser observado no trecho:

Leitura envolve níveis diferentes de decodificação, resposta e compreensão em níveis afetivos, cognitivos, críticos e análise. Leitura não é estática, é uma constante interação entre o leitor e o texto. Esta interação entre leitor e texto pode ocorrer em diferentes níveis de contextos simultaneamente: o contexto social ou cultural do leitor, o contexto sociocultural da produção do texto, o gênero e

<sup>8</sup> Seguindo o modelo proposto por Oliveira (2019) todas as traduções em japonês serão apresentadas no corpo do texto, juntamente com sua leitura romanizada e tradução em português. Exceto nos casos de nomes próprios que não terão tradução.

propósito do texto, os interesses e propósito do leitor e a situação em que o texto é lido em qualquer momento particular. A relação entre o texto e o leitor em todo o processo de leitura é uma via dupla discursiva e de interação dinâmica que ocorre simultaneamente em um contexto sociocultural imediato e profundo<sup>9</sup>. (WALSH, 2020)<sup>10</sup>.

Pela observação do trecho é possível depreender que a compreensão se dá pela constante troca entre o texto e o leitor. De modo que quem lê “completa” as informações restantes com sua percepção sociocultural. Este processo é semelhante em um texto multimodal. Contudo, o autor afirma que a leitura com mais de um modo necessita de uma percepção simultânea do que ocorre, como é apresentado no trecho:

A leitura de uma imagem ou um livro de informações necessita de um processamento simultâneo da mensagem nas palavras, figuras, imagens e gráficos. Em uma tela eletrônica ou digital pode ser adicionado combinações de movimento e som. (WALSH, 2020).

Pela observação de ambas as considerações de Walsh, é possível perceber que a leitura em um ambiente multimodal se dá pela interação e pela simultaneidade. Este processo é mediado pela interação entre texto e leitor e complementado com a bagagem sociocultural de quem lê. Esta percepção se aplica aos jogos eletrônicos ou outros ambientes multimodais. Em seu estudo, o autor faz a análise de diferentes mídias e de como a leitura se reconfigura em cada uma, ao final o texto apresenta as semelhanças e distinções da leitura de um texto impresso ou multimodal. Para este estudo inclui-se o quadro apresentado pelo autor para listar as diferenças através da leitura de um texto impresso e multimodal.

#### QUADRO 02 – DIFERENÇAS ENTRE A LEITURA DE UM MATERIAL IMPRESSO OU MULTIMODAL

Leitura de textos impressos	Leitura de textos multimodais
<b>Palavras:</b> As palavras “contam” incluindo o discurso, registro, vocabulário, padrões linguísticos, gramática, capítulos, parágrafos e estrutura das sentenças.	<b>Imagens:</b> As imagens “mostram” incluindo o <i>layout</i> , tamanho, forma, cor, linha, ângulo, posição, perspectiva, tela, quadros, ícones, <i>links</i> e <i>hyperlinks</i> .
<b>Uso dos sentidos:</b> Visual e um pouco de tátil.	<b>Uso dos sentidos:</b> Visual, tátil, audição, culminando em maior sinestesia.
<b>Significado interpessoal:</b> Desenvolvido através da voz verbal e do diálogo, 1ª, 2ª ou 3ª pessoa.	<b>Significado interpessoal:</b> Desenvolvido pela “voz” visual: posicionamento, ângulo, perspectiva.

<sup>9</sup> No original: *Reading involves different levels of decoding, responding and comprehending at affective and cognitive levels, critiquing and analysing. Reading is no static, it is a constant interaction between reader and text. This interaction between reader and text can occur within a number of contexts simultaneously: the social or cultural context of the individual reader, the socio-cultural context of the text production, the genre and purpose of the text. The interest and purpose of the reader and the immediate situation in which the text is being read at any particular moment. The relationship between the reader and the text within the whole reading process is a two-way recursive and dynamic interaction that occurs within both an immediate and wider socio-cultural context.*

<sup>10</sup> Este artigo não possui numeração de páginas.

<b>Estilo verbal:</b> inclui tom, entonação, humor, ironia, sarcasmo, jogos de palavras, desenvolvimento no uso de palavras, arranjo tipográfico, formatação, <i>layout</i> , fonte, pontuação.	<b>Estilo visual:</b> escolha da mídia, gráficos, animações, quadros, quadro de menu, links de hipertexto.
<b>Imaginário verbal:</b> descrição incluída, imagens, simbolismos, metáforas, símile, aliteração (dispositivos poéticos com palavras, padrões de sons).	<b>Imaginário visual:</b> uso de cores, motivos, ícones, repetições.
<b>Caminho de leitura:</b> Basicamente linear e sequencial. O leitor basicamente acompanha.	<b>Caminho de leitura:</b> uso de vetores – não sequenciais e não lineares. O leitor tem maior escolha e oportunidade de interação.

Fonte: WALSH, 2020.

Ao observar todas as considerações teóricas até aqui listadas entende-se que a leitura em um ambiente multimodal possui semelhanças e diferenças se comparada ao texto impresso. Boa parte disso provem da diferente aplicação dos modos e da diferença na simultaneidade entre ambos os ambientes. O uso do modo visual junto à interatividade permite um maior nível de imersão, tão característico dos jogos eletrônicos. Contudo, entende-se que a observação de intermodalidade se faz necessária, sendo um dos pontos principais deste estudo.

## 2. Metodologia aplicada no estudo

Entendendo-se a pequena quantidade de estudos sobre o tema e a falta de um modelo metodológico predeterminado decidiu-se pela utilização da pesquisa exploratória (CÓRDOVA, 2009). Esta categoria se adequou por proporcionar maior familiaridade com o problema, que neste estudo se apresenta como a intermodalidade na leitura em língua japonesa em jogos eletrônicos. Além disso, escolheu-se este modelo metodológico pela possibilidade do uso de entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado (CÓRDOVA, 2009, p. 35).

Escolheu-se também, um modelo qualitativo de análise, segundo o proposto por Fonseca (2001, p. 20), o que permitiu uma interpretação subjetiva de aspectos sociais e humanos. Esta percepção condiz com as contribuições de Minayo, Deslandes, Neto e Gomes (2002) que entendem a importância do estudo qualitativo para análise dos significados, motivos, crenças, aspirações, valores e atitudes.

O estudo ocorreu em duas etapas, uma de avaliação de perfil e um estudo focal. A primeira etapa serviu para observar os perfis de leitura em língua japonesa entre os participantes, bem como analisar sua proficiência na língua. Para isso, foi realizada uma pesquisa on-line com o auxílio do *google.forms*, e os participantes foram incentivados a auto avaliar sua proficiência em língua japonesa, de forma geral, e habilidade em leitura. Para a organização deste item, foi utilizado o quadro referencial do material didático *Marugoto* (KIJIMA; SHIBAHARA; HATTA, 2014), que separa os níveis de proficiência segundo o quadro comum europeu (BRUNETTI; VILELLA, 2018) em seis níveis. Sendo o A1 o mais iniciante e o C2 o mais proficiente. Apenas para ilustração, listamos abaixo a descrição de cada nível.

### QUADRO 03 – NÍVEIS DE PROFICIÊNCIA NA LÍNGUA E NA ESCRITA SEGUNDO O QUADRO COMUM EUROPEU

Proficiência em língua japonesa	Proficiência em leitura em língua japonesa
A1 – É capaz de ler expressões extremamente curtas e usadas repetidamente. Por exemplo, apresentar alguém ou propor um brinde.	A1 – Sou capaz de compreender nomes conhecidos, palavras e frases muito simples, por exemplo em avisos, cartazes ou folhetos.
A2 – É capaz de fazer uma apresentação básica curta e ensaiada sobre assuntos que lhe são familiares.	A2 – Sou capaz de ler textos curtos e simples. Sou capaz de encontrar uma informação previsível e concreta em textos simples de uso corriqueiro, por exemplo, anúncios, folhetos, ementas, horários. Sou capaz de compreender cartas pessoais curtas e simples.
B1 – É capaz de fazer uma apresentação simples, preparada previamente, sobre um assunto do seu domínio dentro de sua área.	B1 – Sou capaz de compreender textos em que predomine uma linguagem corrente do dia a dia ou relacionada com o trabalho. Sou capaz de compreender descrições de acontecimentos, sentimentos e desejos, em cartas pessoais.
B2 – É capaz de fazer uma apresentação clara, preparada com antecedência.	B2 – Sou capaz de ler artigos e reportagens sobre assuntos contemporâneos em relação aos quais os autores adotam determinadas atitudes ou pontos de vista particulares
C1 – É capaz de fazer uma apresentação de um assunto complexo de forma clara e bem estruturada.	C1 – Sou capaz de compreender textos longos e complexos, literários e não literários, e distinguir estilos. Sou capaz de compreender artigos especializados e instruções técnicas longas, mesmo quando não se relacionam com a minha área de conhecimento.
C2 – É capaz de apresentar oralmente um assunto complexo de forma clara e com confiança a um auditório que não tem conhecimento prévio sobre o assunto.	C2 – Sou capaz de ler com facilidade praticamente todas as formas de texto escrito, incluindo textos mais abstratos, linguisticamente ou estruturalmente complexos, tais como manuais, artigos especializados e obras literárias.

Fonte: Criação própria.

A enquete foi realizada entre os dias 01 e 06 de março de 2018 e contou com um total de 19 participantes. O link para o preenchimento do formulário foi compartilhado em uma rede social relacionada ao estudo de língua japonesa da universidade de Brasília – UnB. O formulário era aberto e qualquer pessoa poderia responder. Além de listar a proficiência em língua japonesa esta etapa serviu para observar os hábitos de leitura dos participantes. Para isso, utilizou-se duas questões abertas: A) Você consome algum produto em japonês? Lê livros ou *mangas*, assiste *animes*, filmes, *doramas* ou vídeos; escuta música; joga jogos em japonês? Se sim quais? B) Se você já tiver jogado algum jogo em japonês como você descreveria a sua experiência?

Após a primeira etapa foi realizado o grupo focal com 03 participantes. Estes foram escolhidos dentre os 19 da primeira etapa e se autodeclararam em níveis diferentes de proficiência escrita em língua japonesa, nos níveis A1, B1 e B2 respectivamente. Esta etapa foi realizada entre os dias 04 e 05 de abril de 2018 e consistia em uma sessão de jogo. Os participantes foram incentivados a jogar os jogos 押忍!闘え!応援団 (*Osu! Tatakae! Ouendan*) e クッキングママ (*kukkingu*

*mama*). Os jogos foram escolhidos por necessitarem de níveis distintos de compreensão do modo escrito. Assim como pode ser observado na tabela abaixo o primeiro jogo se enquadra na categoria ritmo (VIDAL, 2011) e pode ser jogado com pouca leitura e possui muito estímulo visual. Entretanto, possui trechos com informações necessárias a estória do jogo. O segundo se enquadra na categoria simulação (VIDAL, 2011) e possui uma carga maior de elementos no modo escrito. Possui apoio visual, porém algumas informações referentes à evolução no jogo só são oferecidas no modo escrito.

QUADRO 04 – LISTA DOS JOGOS UTILIZADOS NO ESTUDO E SUAS INFORMAÇÕES

<p>Capa do jogo</p>	 <p>Fonte: <a href="https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/51BBWS18K2L._AC_.jpg">https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/51BBWS18K2L._AC_.jpg</a></p>	 <p>Fonte: <a href="https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/616N1Y6RM4L._AC_.jpg">https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/616N1Y6RM4L._AC_.jpg</a></p>
<p>Descrição e jogabilidade</p>	<p>Jogo<sup>(1)</sup> de ritmo em que o jogador aperta botões na tela segundo um ritmo musical. Este ritmo é ditado por uma equipe de torcedores japoneses chamada “<i>ouendan</i>”, junto a uma música de fundo. As animações são situações problema que a equipe de torcedores deve resolver com sua torcida.</p>	<p>Jogo<sup>(2)</sup> de simulação de culinária em que o jogador utiliza uma caneta e a tela do dispositivo para preparar pratos da culinária cotidiana japonesa. Algumas das instruções do jogo aparecem através do modo escrito e são informadas por uma “<i>mama</i>” que acompanha a sua trajetória como cozinheiro e avalia os pratos.</p>
<p>Captura de tela durante uma partida</p>	 <p>Fonte: <a href="https://game.watch.impress.co.jp/docs/20050705/ouen01.htm">https://game.watch.impress.co.jp/docs/20050705/ouen01.htm</a></p>	 <p>Fonte: <a href="https://infendo.com/cooking-mama-ds/">https://infendo.com/cooking-mama-ds/</a></p>

(1) Para mais informações consultar: <https://www.youtube.com/watch?v=J5fA4DNgyg>

(2) Para mais informações consultar: [https://www.youtube.com/watch?v=QO\\_AiCTi0Zw](https://www.youtube.com/watch?v=QO_AiCTi0Zw)

Fonte: Criação própria

Os participantes foram incentivados a jogar o jogo de forma livre. Entretanto não puderam utilizar nenhum recurso externo para a tradução ou compreensão das informações no jogo. Após a sessão foram incentivados a preencher o formulário aberto com os seguintes itens: A) Como você descreveria, como um todo, a experiência de jogar jogos em japonês? Você possui alguma experiência em jogos em outros idiomas? Se sim, como você encara a diferença? B) Como você descreveria a experiência de jogar o jogo: *Osu! Tatakae! Ouendan?* Em especial sobre sua linguagem? C) Como você descreveria a experiência de jogar o jogo: *Kukkingu mama?* Em especial sobre sua linguagem?

Levando-se em consideração que um dos itens principais de uma pesquisa qualitativa é a categorização dos dados (CÓRDOVA, 2009), este estudo buscou agrupar as falas dos participantes acerca do modo utilizado durante a leitura e da intermodalidade aplicada no processo (WALSH, 2020; MILLS, UNSWORTH, 2018), especialmente com base nos dados apresentados no quadro 02. Além disso esses dados foram agrupados segundo o nível de proficiência aferido por cada participante. Desta forma, foi possível analisar qualitativamente os discursos dos informantes acerca de seus hábitos de leitura e interpretar como ocorreu o processo de leitura multimodal.

### 3 Da discussão e análise dos dados

Assim como descrito anteriormente a primeira etapa da coleta de dados ocorreu com a aplicação de uma enquete on-line acerca dos hábitos de leitura em língua japonesa dos participantes. Apesar deste não ser um estudo quantitativo decidiu-se organizar o quadro 05, abaixo, para listar os dados dos colaboradores do estudo acerca de seu nível de proficiência.

QUADRO 05 – NÚMERO DE PARTICIPANTES POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA

Primeira etapa do estudo (realizada entre os dias 01 e 06 de março de 2018 com 19 participantes)			
Proficiência em língua		Proficiência em leitura	
A1	6	A1	7
A2	4	A2	1
B1	7	B1	7
B2	2	B2	4
C1	0	C1	0
C2	0	C2	0

Fonte: Criação própria.

Pela tabela é possível perceber que a maioria dos participantes se enquadra entre os níveis A1 e A2 de proficiência, equivalendo ao nível iniciante. Para observar os hábitos qualitativos de leitura comparamos as respostas com o nível de proficiência, o que resultou no quadro 06, abaixo. Dada a quantidade de informações listaremos aqui as mais relevantes dentro de cada nível de proficiência.



QUADRO 06 – RECORTE DOS HÁBITOS DE LEITURA POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA

Participante	Proficiência em leitura	Hábito de leitura
P.03	A1	“Ouço <sup>(3)</sup> músicas em japonês com frequência; Assisto animes e filmes em japonês raramente”
P.17	A2	“Música”
P.01	B1	“Assisto anime, vídeos no youtube, escuto algumas músicas e atualmente estou jogando shingeki no kyoyjin que tem os diálogos em japonês.”
P.08	B2	“Sim, jogos Zelda, pokémon ultrasun, pokémon Go, persona 3, クロヒヨウ 龍が如く, final fantasy 5. Anime Assisto principalmente na Netflix, mushishi, b13 e mais uns dois que não me lembro o nome. Música tem muitas, The oral cigarrts, 9mm parabellum bullet, Buck tick, zabadak, najubes, kobb entre outros. Manga estou relendo em japonês, Berserk, zetman, air gear.”
P. 09	B2	“Música, anime, mangá, filmes, séries (doramas), conteúdo de blogs e notícias.”

(3) Aqui optou-se por utilizar o mesmo texto apresentado pelo participante sem nenhuma alteração.

Fonte: Criação própria.

A primeira interpretação feita através dos relatos contidos no quadro 06 é a quantidade de modos. Músicas, vídeos, notícias, *blogs* e mesmo jogos eletrônicos foram listados entre os itens de consumo dos participantes. Demonstrando, desta forma, a aparição de diferentes modos de criação de significado (KRESS, 2009). Esta variedade se adequa às considerações teóricas apresentadas neste estudo.

Em continuidade analisou-se se existiu alguma relação entre os hábitos de consumo de língua japonesa e o nível de proficiência. Percebeu-se que ocorreu uma mudança de postura ao longo dos níveis na língua alvo. Os participantes com menor nível de proficiência listaram menos o modo escrito, como pode ser observado na fala dos participantes 03 e 17. Esta mudança fica mais clara se compararmos aos comentários daqueles com maior nível de proficiência, como os participantes 08 e 09, que listam de forma mais clara seus hábitos de consumo em língua japonesa chegando a citar obras que necessitem do modo escrito como sites, *mangás* ou jogos eletrônicos.

Desta forma foi possível concluir que entre os participantes do estudo foi observada uma ampla gama de modos durante o consumo em língua japonesa, contudo não foi possível perceber de forma clara como ocorreu a intermodalidade neste processo. Entre os participantes com nível mais avançado de proficiência constatou-se uma manifestação maior do modo escrito e respostas mais concisas sobre como este processo ocorreu.

Em seguida, foram observadas as respostas qualitativas dos participantes acerca de suas experiências com jogos eletrônicos em língua japonesa. A maioria dos participantes de níveis básicos demonstrou não ter experiências. Destes, algumas respostas foram listadas e são apresentadas no quadro 07, abaixo.

QUADRO 07 – RECORTE DO CONSUMO DE JOGOS ELETRÔNICOS EM JAPONÊS POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA

Participante	Proficiência em leitura	Experiência com jogos em língua japonesa
P.04	A1	<i>Como era um jogo de plataforma, não afetou muito a diferença das línguas, mas passei muito mais tempo tentando compreender o diálogo do que o normal.</i>
P.11	A1	<i>“nunca joguei”</i>
P.01	B1	<i>“o street fight creio que tenha sido o primeiro contato com um jogo em japonês. Quando joguei não entendia nada de japonês e como os nomes dos ataques dos personagens eram todos em japonês, não entendia nada, na verdade fazia deduções erroneamente. Cheguei a jogar também cavaleiros do zodíaco, esse era inteiramente em japonês. Conseguia jogar de maneira totalmente intuitiva porque realmente não entendia nada do que estava escrito, até mesmo os passwords eram em hiragana.  Atualmente estou jogando shigenki no kyoujin e já consigo entender melhor os diálogos e ordens para algumas missões sem precisar recorrer as legendas.”</i>
P.05	B1	<i>Era tudo chutômetro, pois havia muitos kanji desconhecidos para mim. *foi um jogo de corrida de gatinhos fofo pelo celular.*</i>
P.06	B1	<i>“Foi muito agradável, pois o jogo que joguei (Ni no kuni) tem grande suporte visual, o que não me fazia depender tanto do texto e eu podia jogar com relativa facilidade.”</i>
P.13	B2	<i>“Joguei Pokémon e Animal Crossing: Pocket Camp em japonês, ambos depois de conferir a versão em inglês.”</i>
P.09	B2	<i>“Joguei jogos simples, que não exigiam grande conhecimento do idioma. Tenho a pretensão de jogar jogos mais complexos em um futuro próximo.”</i>

Fonte: Criação própria.

Levando-se em consideração que todo jogo eletrônico é um ambiente multimodal (GEE, 2003; KRESS, 2009) não foi necessário listar como os modos se distribuíram ao longo das percepções dos jogadores. No lugar disso, buscou-se analisar como a intermodalidade atuou neste processo e quais modos foram mais proeminentes ao longo dos níveis de proficiência. Entre os participantes com menor nível na leitura em japonês foi constatado um volume maior de respostas que demonstravam pouca ou nenhuma experiência com jogos eletrônicos no idioma, de forma semelhante ao listado pelo P. 11.

Dentre os participantes que possuem alguma experiência diferentes perfis podem ser observados, como a atitude do P. 05, que afirmou lidar com o jogo através da tentativa e erro. Ou o comentário do P. 04 que cita que o jogo foi agradável exatamente pelo suporte do modo visual. No entanto não foi possível traçar alguma relação entre esta postura e os níveis de proficiência, seja pela jogabilidade baseada em tentativa e erro<sup>11</sup> ou pelo apoio visual. Porém foi possível identificar uma mudança de perfil ao longo dos níveis de proficiência. Enquanto nos níveis mais básicos os

<sup>11</sup> Um estudo que observa como a tentativa e erro se configura como uma característica inerente aos jogos eletrônicos é o de Oliveira (2019, p. 41).

jogadores demonstraram uma maior dificuldade com o modo escrito, nos níveis mais avançados isso se dilui. Especialmente se compararmos as falas do P. 04, que afirma que o tempo gasto na leitura foi maior que a média, à fala dos P. 13 e 09, que afirmaram ter uma experiência tranquila com o jogo em japonês.

Desta forma, é possível concluir que dentre os participantes do estudo diferentes formas de intermodalidade foram observadas, especialmente se compararmos os aprendizes com menor nível de proficiência em língua japonesa. Levando-se em conta o processo de trocas e interação, inerente à leitura (WALSH, 2020), os participantes com menor nível de proficiência se apoiaram mais no modo visual, utilizando estratégias como a tentativa e erro ou a experiência em jogos do mesmo estilo para prosseguir no jogo.

Assim como descrito anteriormente a segunda etapa foi realizada em um grupo focal com 03 participantes, seus dados estão listados no quadro 08, abaixo. Todos foram escolhidos pela disponibilidade em participar desta etapa da coleta e pelos níveis distintos de proficiência em leitura, também descrito na tabela abaixo.

QUADRO 08 – DADOS DOS PARTICIPANTES DO GRUPO FOCAL

Participante	Proficiência auto declarada em língua japonesa	Proficiência autodeclarada de leitura em língua japonesa
P. 02	B2	B2
P. 03	A1	A1
P. 05	A2	B1

Fonte: Criação própria.

Após uma sessão de ambos os jogos os participantes responderam ao questionário on-line com suas impressões sobre o tema, gerando assim os quadros 09, 10 e 11. Para a adequada categorização decidiu-se por analisar os dados dos participantes em nível de proficiência crescente, começando pelas informações do P. 03.

QUADRO 09 – COMENTARIOS DO PARTICIPANTE 03

**Participante 03 – Nível de proficiência em leitura A1**

Como<sup>(4)</sup> você descreveria, como um todo, a experiência de jogar jogos em japonês? Você possui alguma experiência em jogos em outros idiomas? Se sim como você encara a diferença?

Como você descreveria a experiência de jogar o jogo: *Osu! Tatakae! Ouendan?* Em especial sobre sua linguagem?

Como você descreveria a experiência de jogar o jogo *Kukkingu mama?* Em especial sobre sua linguagem?

*Em geral, jogo jogos na língua inglesa. Jogar em japonês parece mais expressivo. Não sou fluente em japonês, então talvez soe mais interessante para mim porque não sei decifrar.*

*Achei bem visual e intuitivo, sabia mais ou menos o que fazer e fui me ajustando e aprendendo de acordo com as mecânicas do jogo.*

*Achei similar ao primeiro na questão de expressividade e intuição, porém achei que a barreira linguística foi mais limitadora nesse. Principalmente na hora de colocar os ingredientes na tigela para misturar. Eventualmente, após jogar várias vezes e perceber o que me fez ganhar ou perder, eu aprenderia aquele vocabulário de comida em função das mecânicas do jogo.*

(4) Para melhor organização do texto este trecho não será repetido nos quadros 10 e 11.

Fonte: Criação própria.

Na primeira resposta do participante é possível constatar que ele não possui experiência com jogos em língua japonesa, porém possui com jogos em língua inglesa. Este fato é relevante, especialmente se nos atermos às considerações de Gee (2003) de que esta expertise em jogos eletrônicos se aprimora ao lidar com títulos diferentes que tenham uma temática semelhante. Isto é notado na fala do participante após o jogo *Osu! Tatakae! Ouendan!*, onde os termos “visual” e “intuitivo” foram utilizados para descrever a sessão de jogo. Desta forma, entende-se que o jogador possa ter realizado as tarefas do jogo tanto pelo apoio do modo visual como pelo seu conhecimento prévio em jogos eletrônicos.

No segundo jogo o participante afirmou que a barreira linguística foi maior. É possível afirmar que o jogador compreendeu o ambiente do jogo, graças ao suporte do modo visual. Entretanto não foi capaz de compreender com precisão as orientações de preparo do prato. Desta forma, é possível afirmar que o participante 05 utilizou do modo visual e da expertise em jogos para transitar entre os desafios do jogo. Por não ter muito conhecimento do idioma japonês teve maior dificuldade para lidar com o modo escrito. Contudo, mesmo esta falta de conhecimento não foi um limitador para jogar ambos os jogos. É interessante notar que o participante acredita que após uma maior exposição e tentativa e erro talvez o vocabulário seria memorizado. Em seguida apresentamos os comentários do participante 05.

#### QUADRO 10 – COMENTARIOS DO PARTICIPANTE 05

##### Participante 05 – Nível de proficiência em leitura B1

*Os jogos japoneses nesse estilo são mais viciantes e divertidos. Mas acabo inferindo muita coisa por não saber o que tá escrito. Algumas vou pela experiência de outros jogos. Mas acredito que se tratando de jogabilidade para poder inferir, quase não existe diferença comparando com jogos em outro idioma.*

*Eu achei interessante, pois gosto desses estilos de personagens, eu entendi mais ou menos o que era pra fazer, por inferência novamente pq não sabia alguns kanji e não estava acostumada com o vocabulário. Não consegui jogar direito pois não sou muito boa em jogos de ritmo, gostei das musiquinhas elas são repetitivas e ficam na cabeça, acredito que se jogar bastante a linguagem vai fazendo sentido, gostaria de tentar mais uma vez.*

*Ele foi mais fácil de entender, pq já é um contexto familiar do dia a dia e assim podendo inferir mais facilmente sobre o significado em japonês, consegui entender quase tudo. Achei legal praticar antes de começar a fazer as receitas, apesar de errar várias vezes. Gostei bastante do jogo e pretendo jogar em casa.*

Fonte: Criação própria.

Ao observar os comentários do participante 05 é possível perceber que este também possui experiência em jogos eletrônicos, especialmente pela fala acerca da experiência em jogos como um todo. É interessante notar também o comentário acerca de vocabulário e inferência. Assim como descrito na sessão teórica deste estudo, o modo escrito é uma das formas de desenvolver a estória da narrativa. No entanto se o jogador não for apropriado deste código de escrita pode simplesmente inferir o significado do que ocorre, seja pelo uso do modo visual, pela tentativa e erro ou pela experiência em jogos semelhantes. Esta percepção não se aplica somente aos jogos em japonês, mas qualquer jogo em que o jogador não seja apropriado do modo escrito. Vale ressaltar que o idioma japonês possui especificidades no que tange o sistema de escrita (OLIVEIRA, 2019).

Ao lidar com o primeiro jogo o participante afirma que alguns dos ideogramas eram desconhecidos, por isso recorreu a inferência e a expertise na categoria de jogo. No entanto, afirma também que não é familiarizado com o estilo. Levando em conta todo o autotelismo inerente ao momento do jogo, acredita-se que isso pode influenciar o bom fluir de uma partida. Contudo, assim como o participante anterior, este afirma que com maior repetição<sup>12</sup> poderia se familiarizar com os vocábulos.

Por fim, ao lidar com o último jogo o participante afirma que a inferência dos termos foi facilitada pela observação do modo visual. Entende-se que aqui tivemos uma manifestação mais clara da intermodalidade. O participante utiliza o modo visual para preencher as lacunas de compreensão referentes ao modo escrito. Contudo, este mesmo trecho cria mais problematizações com a próxima frase “consegui entender quase tudo”. Será que o participante se refere ao modo escrito, ou às atividades que deveria realizar no jogo? Com base na bibliografia aqui apresentada, entende-se que esta percepção ampla e não centrada somente no modo escrito se adequa à análise deste trecho. Desta forma, entende-se que o participante utilizou uma ampla gama de modos para lidar com as situações do jogo. Utilizando o modo escrito quando tinha conhecimento e demais modos quando não tinha familiaridade com o jogo ou com o vocabulário.

Isso fica mais claro na observação do trecho “achei legal praticar antes de começar”. No jogo, antes da partida começar é possível realizar um treino de preparo do prato, porém para entrar neste menu é necessário ler um campo com os dizeres れんしゅう (*Renshuu* – treino). Aqui é possível depreender que o participante se apropriou do modo escrito para entender a funcionalidade do menu do jogo e, com isso, lidar de forma mais completa com a jogabilidade. Por fim observamos as respostas do participante 05 no quadro 11.

<sup>12</sup> Oliveira (2019, p. 44) descreve como a repetição pode ser importante para a aquisição de vocábulos durante partidas de jogos eletrônicos.

## QUADRO 11 – COMENTARIOS DO PARTICIPANTE 02

Participante 05 – Nível de proficiência em leitura B2		
<p>“Jogos em japonês tendem a ser 2 vezes mais interessante. Como aluno/professor de japonês, estar praticando o idioma enquanto pratica uma atividade mais “lúdica” é bem proveitoso. Desde criança que tenho contato com o inglês, então jogos em inglês não geram a mesma sensação.”</p>	<p>“Os balões de textos eram bem pequenos e o texto passava bem rápido, mas é uma linguagem mais informal, mais simples de ser entendida.”</p>	<p>“Como o jogo é direcionado para um público infantil, é notável que a linguagem é adaptada para crianças. Com as escrita em maioria em hiragana, as instruções são bem mais objetivas.”</p>

Fonte: Criação própria.

Ao observar a primeira fala, referente a experiência com jogos eletrônicos em japonês de forma ampla, é possível perceber uma postura proativa do participante. No trecho “*estar praticando o idioma enquanto pratica uma atividade mais lúdica é bem proveitoso*” é possível observar que diferente dos demais jogadores este acredita que o jogo no idioma japonês se configura como uma prática, ao passo que alguns dos outros participantes demonstraram que a dificuldade com os vocabulários ou ideogramas chega a dificultar o processo de leitura. Esta postura é reforçada com a próxima fala, em que o participante afirma que jogos em língua inglesa não propiciam o mesmo. Dada o autotelismo necessário aos jogos (GEE, 2003) entende-se que este jogador possuirá uma atitude positiva frente aos jogos no idioma japonês.

Ao lidar com o primeiro jogo o participante afirmou que os balões de fala passavam rápido, demonstrando que ele se ateu ao modo escrito durante a partida. O que se reforça com o segundo comentário, acerca da linguagem e sua informalidade. É interessante observar que a aplicação deste tipo de linguagem pode ser melhor observada através de um contexto, que se amplifica com uso de textos autênticos (GILMORE, 2007; NEWCOMBE; BRICK, 2017). No entanto o acesso a compreensão de como a linguagem se organiza também depende da compreensão de seu modo escrito. Pela fala do participante é possível perceber uma maior preocupação e compreensão do modo escrito.

Por fim, ao observar os comentários acerca do segundo jogo é possível perceber que o participante teve uma compreensão adequada do modo escrito. Toda a proposta visual e textual do segundo jogo pode ser interpretada com o foco em crianças. Tanto pelo uso simplificado da escrita<sup>13</sup> como pela temática casual e infantil. Esta compreensão também foi observada na última fala, acerca da objetividade das instruções.

Desta forma é possível concluir que o participante 05 teve a maior compreensão do modo escrito e pôde lidar de forma mais autônoma com as informações e instruções do jogo. Além disso, por ter maior proficiência, teve a possibilidade de fazer maiores observações acerca da aplicabilidade e uso do vocabulário e linguagem do jogo, passando também pela informalidade do vocabulário. Acredita-se que esta percepção se ancora na maior compreensão do modo escrito e na postura mais ativa sobre o próprio aprendizado, percebida no primeiro comentário.

<sup>13</sup> Na situação o modo escrito era organizado com maior aparição dos sistemas de escrita *Hiragana* e *Katakana*. Para mais informações sobre o tema consultar Oliveira (2019, p. 12)

## Considerações finais

Ao observar os comentários dos participantes em todas as etapas do estudo foi possível encontrar uma ampla gama de modos de criação de (KRESS, 2009). Esta amplitude condiz com as considerações teóricas acerca das mudanças contemporâneas no ensino e aprendizagem (KENSKI, 2013; KRESS, 2009). O uso de diferentes modos aparenta ser natural aos participantes do estudo, mesmo no consumo em língua japonesa, o que também condiz com as considerações de Kress acerca da descentralização do modo escrito (2009, p. 180).

Tanto no consumo de mídias em geral como nos hábitos relacionados aos jogos eletrônicos percebeu-se que os participantes com menor proficiência utilizam menos do modo escrito, no entanto é possível afirmar que todos fazem o consumo multimodal em alguma mídia.

Sobre os jogos eletrônicos percebeu-se, novamente, que quanto maior o nível de proficiência maior foi o consumo de mídias que utilizem o modo escrito. Tanto na observação dos históricos de uso de jogos no idioma japonês quanto nos dados coletados no grupo focal percebeu-se padrões de postura como a tentativa e erro, o uso do suporte visual e o uso do conhecimento prévio em jogos semelhantes. Acredita-se que a tentativa e erro seja uma das características mais comentadas e entende-se que ela é benéfica por criar um ambiente de testagem de hipóteses (GEE, 2003). O uso do modo visual é observado em todos os níveis, porém isso se diluiu entre os participantes com maior proficiência no idioma.

Dentre os participantes com maior proficiência no idioma percebeu-se uma maior reflexão sobre o contexto de uso do modo escrito e visual. Esta reflexão se ampliou à aplicação e contexto de uso da linguagem (GILMORE, 2007; NEWCOMBE; BRICK, 2017). Desta forma, acredita-se que a reflexão sobre a linguagem necessite de um maior conhecimento dos sistemas de escrita do idioma japonês. Entretanto, entende-se que o ambiente multimodal permitiu que todos os participantes lidassem com os mesmos jogos e obtivessem resultados distintos, próximos de seus conhecimentos e objetivos. Critério que se assemelha às considerações de Gee (2003) e Kensky (2013) sobre os novos paradigmas do ensino contemporâneo.

A questão final, será que eles lêem? Pode ser respondida de muitas formas. Se interpretarmos que somente o modo escrito é o ponto principal de análise podemos afirmar que eles não necessariamente lêem. Porém fazer isso descaracteriza jogos eletrônicos e desprestigia a amplitude de modos que utilizamos inconscientemente na contemporaneidade. Além de não contribuir com uma nova agenda que observe quais as necessidades do ensino e aprendizagem contemporânea. Se observarmos a amplitude de modos, podemos afirmar que sim, eles lêem e interagem com o texto, utilizando de formas distintas o modo escrito com base em sua proficiência na língua. Culminando em um uso reflexivo e contextualizado da linguagem.

## Referência

- ALCÂNTRA, A. **Análise dos recursos visuais do livro didático de japonês Marugoto**. 2018. 35 f. Monografia (Graduação em Letras) - Graduação em Língua e Literatura Japonesa, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2018.
- BASSETTI, B. **Learning second language writing systems**. Disponível em: <://www.llas.ac.uk/resources/gpg/2662>. Acesso em jul. de 2019.
- BRUNETTI, C.; VILELLA, S. O papel do quadro comum europeu de referência para idiomas: aprendizagem, ensino e avaliação (qcer! na internacionalização das IES: uma análise sob a perspectiva do letramento crítico e dos multiletramentos. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 57 , n. 2, pp. 1164-1188, 2018.
- CÓRDOVA, D. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. SILVEIRA, D. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: UFRGS. 2009, p. 31-42.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. **Flow and foundations of positive psychology**: The collected works of Mihaly Csikszentmihalyi. New York: Springer, 2014.
- DEHAAN, J.; REED, M.; KUWADA, K. The effect of interactivity with a music video game on second language vocabulary recall. **Language Learning & Technology**, v. 14, n. 2, 74-94, 2010.
- FONSECA, J. **Metodologia da pesquisa científica**. UECE, Fortaleza - CE, 2002.
- FRANCISCO, J. **Videogames e ensino de japonês: aplicabilidade e possibilidades de uso para o desenvolvimento de estratégias de leitura**. 2016. 91 f. Monografia (Graduação em Letras) - Graduação em Língua e Literatura Japonesa, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2016.
- GEE, J. **What video games have to teach us about learning and literacy**. New York: Macmillan, 2003.
- GILMORE, A. Authentic materials and authenticity in foreign language learning. **Lang. Teach**, n. 40, p. 97-118, 2007.
- HOWLAND, G. Game design: the essence of computer games. Disponível em: < http://facweb.cs.depaul.edu/andre/gam244/Lecture3/Lecture3.ppt>. Acesso em: 04 jan. 2020.
- KENSKI, V. **Tecnologias e tempo docente**. São Paulo: Editora Papirus, 2013.
- KIJIMA, H.; SHIBAHARA, T.; HATTA, N. **Marugoto**. Tokyo: Sanshusha, 2014.
- KRESS, G. Multimodality. **Pedagogies, an International journal**, v. 4 n.3, p. 164-195, 2009.
- LEFFA, V.; BOHN, H.; DAMASCENO, V.; MARZARI, G. Quando jogar é aprender: o videogame na sala de aula. **Rev. Est. Ling.**, v. 20, n. 1, p. 209-230. 2012.
- MILLS, K.; UNSWORTH, L. Multimodal literacy. Oxford research encyclopedia, Education. **Resumos...** Oxford University, 2018. p. 1-32.



MINAYO, M.; DESLANDES, S.; NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2002.

NEWCOMBE, J.; BRICK, B. Blending video games into language learning. **International Journal of Computer-Assisted Language Learning and Teaching**, v. 4, p. 75-89, 2017.

NEWMAN, J. **Videogames**. Nova York e Londres: Routledge, 2004.

OLIVEIRA, V. **A aplicação do jogo jukugeemu: é possível aprender vocabulário e ideogramas de língua japonesa jogando?**. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2019.

SALEN, K.; ZIMMERMAN, E. **Rules of play: Game design fundamentals**. Massachusetts. MIT Press, 2003.

SWEETLAND CENTER FOR WRITING. Supporting Multimodal Literacy. Disponível em: <<https://lsa.umich.edu/sweetland/instructors/teaching-resources/supporting-multimodal-literacy.html>>. Acesso em: 04 fev. 2020.

VIDAL, C. **Multimodalidade e traduções funcionais para investir a aquisição de segunda língua em gamers**. Dissertação (Mestrado em Tradução) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

WALSH, M. Reading visual and multimodal texts: how is “reading” different?. Disponível em: <HYPERLINK “<https://pdfs.semanticscholar.org/f9aa/e98fbd67bb2a9ddaa43ed2415e8f689fd7c9.pdf>” <https://pdfs.semanticscholar.org/f9aa/e98fbd67bb2a9ddaa43ed2415e8f689fd7c9.pdf> 2020>. Acesso em: 13 jan. 2020

WOLF, M. J. Assessing interactivity in videogame design. **Mechademia**, v. 1, p. 78-85, 2006.

# VOZES DE ERIKO: UMA ANÁLISE QUEER SOBRE *KITCHEN*

## ERIKO'S VOICES: A QUEER ANALYSIS ABOUT *KITCHEN*

Wanderson Tobias Rodrigues<sup>1</sup>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8598-8788>

Recebido em: 16/04/2020

Aceito em: 21/04/2020

**RESUMO:** O presente artigo tem como interesse analisar, diante das teorias *queer*, as leituras possíveis em cima da personagem Eriko, da novela *Kitchen*, escrito por Yoshimoto Banana e publicado no mercado nacional em 1995. Em diálogo direto com a pesquisadora britânico-australiana Sara Ahmed, o trabalho trará debates sobre os aspectos da violência contra transexuais na literatura, assim como a comunidade *queer* em geral, a negligência sobre os lutos enfrentados pela comunidade, a composição de família e o combate contra as tradições heterocisnormativas perpetuadas nos estilos de vida japonês e global. Como veículo, por meio de Eriko, propomos fazer uma leitura de encontro das vozes entre a personagem fictícia com as Erikos do mundo real e como encontrar esperanças nessas jornadas.

**Palavras-chave:** *Kitchen*. Yoshimoto Banana. Teoria *queer*. Transexualidade.

**ABSTRACT:** *The purpose of this article is to analyze, based on queer theories, the possible readings on the character Eriko, from the novel Kitchen, written by Yoshimoto Banana and published on the national market in 1995. In direct dialogue with the British-Australian researcher Sara Ahmed, the work will bring debates about the aspects of violence against transsexuals in the literature, as well as the queer community in general, the neglect of the mourning faced by the community, the composition of the family and the fight against the straight, cis-normative traditions perpetuated in the Japanese and global lifestyle. As a vehicle, through Eriko, we propose to read the voices between the fictional character and the real-world Erikos and how to find hope in these journeys.*

**Keywords:** *Kitchen*. Yoshimoto Banana. *Queer theory*. *Transsexuality*.

<sup>1</sup> UnB, Brasília, Mestrando em Literatura, Professor Substituto TEL/UnB. E-mail: wanderson.tobiasrodrigues@gmail.com

Entendi o que ela estava tentando dizer, mas me lembro que pensei, perplexa: “Então, viver feliz é isto?” Mas agora compreendo tão claramente que gostaria de gritar. Por que temos tão poucas opções? Por que vivemos como vermes? Sempre derrotados, preparando o que comer, comendo e indo dormir. Mesmo os que amamos vão morrer um dia. Ainda assim, parar de viver é inaceitável. (YOSHIMOTO, 1995, p. 91)

Muitos concordam que Yoshimoto Banana representa atualmente um dos principais carros-chefes de literatura de autoria feminina no Japão, utilizando o conflito dos sentimentos de suas personagens para condescender a psique contemporânea. Normalmente, suas histórias centram nas lutas das mulheres para superar as armadilhas de uma sociedade aparentemente paralisada entre ingenuidade infantil e responsabilidade adulta (FAITH, 2008, p. 18). Até o momento, reconhecemos essa temática como o fio condutor entre grande parte da fortuna literária atual, principalmente aquelas que competem a autoria feminina.

De modo geral, a contemporaneidade articula entre os problemas inerentes do sistema social japonês e a representação do íntimo dos sujeitos que transitam nesse espaço, assim como as crises enfrentadas por estes. Atingindo o cenário da pós-modernidade, Yoshimoto contribui com a dualidade entre o interno e o externo, como no caso da obra aqui discutida, *Kitchen* (1995), em que a autora aplica à cozinha o espaço de uma nova dimensão, flutuando e transitando entre o real, o imaginário e o distópico.

De acordo com Stuart Hall (2006), não há uma identidade fixa, pois está em constante movimento, formando e transformando-se a partir das relações entre os sistemas culturais que estamos vivendo.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13)

Não nos compete aqui a discussão acerca da pós-modernidade nos trabalhos da autora, já há uma fortuna crítica acessível para essa temática. A proposta da nossa pesquisa é de analisar e discutir elementos presentes nas teorias *queer* que colaboram com a leitura humanizada da violência presente na morte da personagem fictícia Eriko.

*Kitchen* foi publicado no país de origem em 1988, ganhando os mais prestigiados prêmios literários japoneses, sendo adaptado para longa metragem em 1989 no Japão e em 1997 em Hong Kong. A novela traz como protagonista a jovem órfã Mikage Sakurai que, fugindo das convenções, tem a cozinha como o seu lugar favorito no mundo. Logo no início da narrativa, a avó da protagonista morre, deixando-a totalmente só para seguir sua vida e tomar conta da casa. De forma inesperada, nos é apresentado o jovem Yuichi Tanabe, um ano mais novo que Mikage, que a convida para

morar em sua casa até que ela consiga se organizar novamente. O rapaz, que foi de grande ajuda para o funeral da senhora, disse ter conhecido a falecida em uma floricultura quando trabalhava lá em meio período.

Acreditamos que começa aqui a trilha que nos permite ter uma leitura com o olhar *queer*. Mikage estranha o carinho de Yuchi por sua avó, acreditando que os dois tinham um romance unindo-os. Mas a suspeita não é apresentada em tom de preconceito ou julgamento, surge como uma possibilidade totalmente justificável, não permitindo ao leitor uma sensação de perigo por parte do rapaz. Nos é apresentado uma forma de amor que ultrapassa a faixa etária, que quebra o padrão esperado de um relacionamento heterossexual.

Foi naquele dia que Yuichi Tanabe surgiu de repente. Lembro que me perguntei seriamente se ele não era amante de minha avó. Na hora de queimar o incenso, fechou os olhos cheios de lágrimas, e sua mão tremia. Quando ele viu o retrato de minha avó no altar, as lágrimas desabaram de novo. A primeira coisa que me ocorreu foi que o meu amor por vovó não era nada comparado com o daquele rapaz desconhecido. Ele estava tão triste. (YOSHIMOTO, 1995, p. 13)

Pouco após o enterro, Yuichi visita Mikage e a pergunta se deseja passar alguns dias em sua casa. A protagonista estranha o convite, mas acaba por aceitar. Em períodos curtos, Yoshimoto atravessa o cenário da novela, provocando uma sensação de flutuação por parte do leitor, como se o caminhar das personagens não deixassem pegadas em seu histórico narrativo.

Ao chegar na casa de Yuichi, a autora nos traz a visão do espaço pela ótica de Mikage, a sala de estar que emendava com a cozinha, o sofá imenso que desperta a imaginação da garota, fazendo-a pensar numa família inteira sentada e assistindo televisão e, ao lado, estendido, um cão, daqueles enormes, que não existem no Japão (YOSHIMOTO, 1995, p. 15).

Temos, na passagem citada, o encontro do leitor com o ideal de uma família nuclear, aquela de “propaganda de margarina” que muitos de nós, assim como a protagonista, estão acostumados a imaginar e receber como referência. Tampouco acreditamos que esse momento de devaneio de Mikage tenha sido em vão. Podemos trabalhar com a hipótese de que a autora utilizou desse momento para promover uma expectativa de conforto, para em seguida cunhar o desconforto.

Para pensarmos nos termos “conforto” e “desconforto”, vamos considerar a proposta da teórica Sara Ahmed, quando ela diz que o conforto é sobre o “encontro entre mais de um corpo, que é a promessa de um sentimento de “afundamento”<sup>2</sup>. Afinal, é a dor ou o desconforto que devolve a atenção às superfícies do corpo como corpo” (AHMED, 2014, p.148). Em outras palavras, temos que o conforto é a capacidade de transitar em um espaço aglomerado por vários sujeitos e passar despercebido, já que lhe é possível a adaptação ao ambiente.

<sup>2</sup> A autora utiliza da metáfora de sentar em uma poltrona e ter o seu corpo adaptado ao objeto, por isso resgata a expressão “afundar”.

Relacionando o sujeito *queer* com a teoria do desconforto, é preciso tomar como consciência que não há de fato uma definição para *queer*, tendo em vista que classificá-lo é eliminá-lo. De qualquer modo, podemos interpretá-lo como aquele que foge, vai contra ou põe em cheque as expressões de heteronormatividade. Então, um *queer* em estado de desconforto, é ser aquele situado em condições de diferenças e é visto como marginal diante da cultura de poder. Ahmed não elimina a situação de conforto para essas identidades, reforça que não é possível *sobreviver* em total desconforto. Ainda vivemos em uma sociedade que exige a adaptação daqueles que simplesmente existem e performam fora da margem. Retornaremos a análise desse conceito mais adiante, aplicando-o na leitura da novela em questão.

Retornando a ficção de família criada por Mikage, Yoshimoto apresenta uma família que grande parte dos leitores de obras japonesas - talvez de obras no geral, independente do recorte - não estão acostumados em ter contato. No apartamento que passa a ser a nova morada da protagonista, vivem apenas duas pessoas, Yuichi Tanabe, como já informamos e a personagem que nos levou a escrever esta pesquisa: Eriko Tanabe. De início, não há nenhum fator que provoca uma surpresa na narrativa da protagonista, mas a admiração pela matriarca não escapa em nenhum momento. No momento de sua primeira aparição, nos é mencionada como uma mulher de beleza incrível, realmente estupenda (YOSHIMOTO, 1995, p.17).

Aquela era a mãe? Eu estava estupefata e não conseguia tirar os olhos dela. Os cabelos luminosos batendo nos ombros, o brilho profundo dos olhos amendoados, a forma perfeita dos lábios, o perfil decidido e a clareza vibrante da força vital que se irradiava de todo o seu ser... Ela não parecia humana. Jamais tinha visto uma pessoa assim. (YOSHIMOTO, 1995, p. 18)

Não só de beleza ímpar faz a composição da mulher, a presença de Eriko promove a sensação de calor, ela abraça o leitor e todas as personagens que transitam em *Kitchen*. Conforme suas cenas são narradas conseguimos sentir o perfume doce, ouvir o estalo dos saltos contra o chão, imaginar o ondular dos seus cabelos. Eriko não apenas é uma mulher de ficção literária, ela também é uma ficção que criamos para nós mesmos, criada pelo imaginário de uma sociedade que em algum momento atinge o perfeito para não ser atacado.

-Bem, nunca vi uma mulher tão bonita - disse, francamente.

-Sim, mas... - Yuichi entrou na sala, e sentando no chão diante de mim, continuou sorrindo: - Ela fez uma plástica.

-Ah. - Procurei disfarçar meu embaraço. - Na verdade achei que vocês não são nada parecidos.

-Mas isso não é tudo - disse quase não conseguindo conter o riso. - Ela é um homem. [...]

-Mas você sempre disse “minha mãe isso... minha mãe aquilo...”

-Sim, mas... Você chamaria uma pessoa assim de “papai” - respondeu com calma. Ele tinha razão. A resposta era no mínimo adequada. (YOSHIMOTO, 1995, p. 19)

A verdade nos é trazida, então. Eriko é uma personagem transexual. Encontramos falhas e discursos que podem ser lidos como transfóbicos ao longo do texto. Não vamos nos atentar e discutir as melhores formas que eles deveriam se fazer presentes. Entretanto, acreditamos ser pertinente manifestar que houve também uma expectativa criada em cima dessa característica atribuída à personagem, e como de praxe, costumam acabar em frustração. Poderia ter sido utilizado um vocabulário mais adequado por parte da autora, quando a mesma solta “ela é um homem” (YOSHIMOTO, 1995, p. 19). Ela não é.

Enquanto disputa com a frustração, encontramos outro fator que colabora para a expressão pós-moderna da autora, a reconstituição de família que remove o elemento do patriarcado ameaçador (FAITH, 2008). A representação trazida pela figura de uma mulher transexual que mora apenas com o seu filho único e uma, até então, desconhecida vai contra toda a concepção de família tradicional japonesa, oriunda do confucionismo arraigado durante o *bakufu*<sup>3</sup>.

Pensando ainda na composição de família não nuclear como a formação do enredo da obra, vamos reiterar alguns aspectos que contribuem para o aspecto *queer*. Temos a presença de Mikage, uma jovem, solteira, órfã, ainda na faculdade, sem nenhuma ligação de sangue que a aproxime de qualquer outra família que, para atender suas necessidades particulares, migra para outra família também “desajustada”. Acreditamos que esse é o principal elemento para formar essa nova noção de família: o desajuste, o desconforto. Grande parte dos sujeitos *queer* carrega a sina, assim como a benção, de ter que buscar os seus similares, andar com outros “desajustados, para formar o seu novo lar. Ou seja, entrar em um ambiente *queer* é encontrar amor.

Sem amor, nossos esforços para libertar a nós mesmas/os e nossa comunidade mundial da opressão e exploração estão condenados. Enquanto nos recusarmos a abordar plenamente o lugar do amor nas lutas por libertação, não seremos capazes de criar uma cultura de conversão na qual haja um coletivo afastando-se de uma ética de dominação. (HOOKS, 2006, p. 289)<sup>4</sup>

O amor, em suas várias manifestações na narrativa, não é apenas de ideal romântico. Consolida toda a vida de Eriko. Ao nascer e ser batizado de Yuiji, ao assistir o nascimento de seu único filho, viver ao lado da esposa, cuidar de sua planta, a morte da amada. Acreditamos que o marco da vida de Eriko foi a morte de sua esposa, a partir deste momento, passou a encarar a vida de forma diferente. Os espelhos já não faziam referência àquilo que ela julgava ser real, talvez nada mais fizesse sentido além do amor pelo filho, então renasceu. Yuiji tornou-se Eriko, e como mulher viveu até ser assassinada.

<sup>3</sup> Período do xogunato, ditadura militar feudal estabelecida no Japão por Tokugawa Ieyasu, governada pelos xoguns da família Tokugawa no período de em 1603 a 1868.

<sup>4</sup> Tradução por Wanderson Flor do Nascimento, disponível em <<https://medium.com/enugbarijo/o-amor-como-a-pr%C3%A1tica-da-liberdade-bell-hooks-bb424f878f8c>>

Somando o amor proposto por hooks com o desconforto de Ahmed, podemos destacar um momento no texto que a protagonista traz para o leitor o estranhamento com a demonstração de afeto de uma mãe pelo filho, colocando em xeque as relações intrafamiliares japonesas, que em sua maioria não tem o costume de expressar afeição entre eles.

## O SOL QUE NÃO A TOCA

Se adicionarmos o olhar sobre a configuração da mulher japonesa na sociedade contemporânea em meio à zona de gênero de *Kitchen*, encontramos as mais diversas disparidades consideradas frustrantes dos lares japoneses. A maneira agitada pela qual Eriko entra e sai de casa a caminho do e para o trabalho, pode refletir de forma sutil a figura de um pai assalariado e muitas vezes ausente. (FAITH, 2008, p. 75)

A proposta assinalada por Faith pode provocar um certo conflito ao colocar a figura de Eriko como o pai da família, mas a questão que se faz presente é o papel profissional desenvolvido pelas mulheres no Japão, pós “revolução Meiji”.

Em 1871, temos a criação do Ministério da Educação. Logo no ano seguinte, houve a publicação do primeiro regimento da educação, que em seguida foi promulgada a Ordenação do Sistema Educacional. As diretrizes dividiam as escolas em quatro grupos: Escola primária, Fundamental, Nível Médio e Universidade Imperial. Por trás desse sistema havia uma filosofia básica: a de que todas as crianças fossem fiéis e leais ao Imperador, para além da Nação.

Quatro anos após a criação do Ministério da Educação, em 1875, Masanao Nakamura dedicou um artigo sobre a importância do papel feminino para o avanço do Japão e para a criação de novos líderes.

Precursor da educação baseada nos preceitos Confucionistas, de obediência ao pai e ao marido, Masanao Nakamura acreditava na necessidade de ensinar os valores a serem seguidos às garotas e, assim que se tornassem mães, elas é quem educaria os homens que levariam o Japão à glória de um país forte, harmonioso e unificado. (ISOTANI, 2016, p. 43)

Seguindo esse preceito do educador confucionista, o Ministério da Educação divulgou a regulação do comportamento dessas mulheres, criando então o termo “Boa esposa, mãe sábia” (良妻賢母 - *Ryōsai kenbo*).

Os efeitos do *ryōsai kenbo* foram muito além das “obrigações femininas”, promovendo a construção de uma nova categoria de cidadão, a “mulher”. Ao dizer que essa categoria foi criada, não queremos dizer que até então as mulheres não faziam parte da sociedade, como poderia ser visualizado na agenda literária, o ponto a ser discutido é a retirada dessas identidades de um coletivo e realocadas em um grupo individual. Dessa forma, toda a competência doméstica foi destinada às mulheres, colocando-as em papéis passivos socialmente, culturalmente, politicamente e economicamente.

Construiu-se, então, um manual da performance de gênero feminino. A mulher para ser “desejada” tinha que possuir certas qualidades, como ser uma boa cozinheira, saber costurar, aparência física (fortemente alimentada pela estética utópica desenvolvida e alimentada por Jun’Ichirô Tanizaki), fora dotes artísticos, como a arte do *ikebana*, a música e pintura. Desse modo, podemos perceber como a cultura conservadora do Confucionismo tentou resgatar os “bons costumes” alimentados na corte de Heian, tanto para a configuração do ideal feminino, quanto para a formação do estereótipo de uma boa esposa.

Além dos cuidados da casa, seguindo a proposta do *ryôsai kenbo*, as mães tinham como obrigação o acompanhamento do ensino das crianças, logo elas também deveriam ter estudo, mas não o suficiente para enchê-las de “opinião”. Para manter um controle da educação dessas mulheres, foi instaurado um grande número de escolas destinadas às mulheres, preparando-as para seguir esse padrão heteronormativo e heterossexual compulsório.

Infelizmente, o cenário atual não mudou muito, ainda há o domínio patriarcal no mercado de trabalho. As mulheres ainda são incentivadas a abandonar seus empregos ao se casarem, dedicando-se ao marido e a casa, deixando para o homem a função de trabalhar e trazer o dinheiro.

É importante salientar que, nesse sentido, Eriko desempenha o papel de “pai” assalariado ausente, mencionado anteriormente. Seguindo o fluxo de comportamentos atípicos por parte da matriarca, o local que trabalha também não é o esperado das mulheres: é dona de um clube LGBTQIA+<sup>5</sup>. Não apenas movimentado pelo grupo de sexualidade plural, mantinha travestis e *drag queens* como companheiras de trabalho.

De uma certa maneira, podemos analisar que o distanciamento do espaço físico atribuído à essas identidades desajustadas é um movimento cíclico na história. No contemporâneo que arquiteta *Kitchen*, temos a presença dos clubes noturnos como espaço de livre transição da comunidade *queer*. Nesse aspecto, notamos duas questões pertinentes: são clubes específicos para essa sociedade e, como segundo fator, temos a presença da noite, das trevas. Embora ainda existente, é inconteste a ilusão de representação de um sujeito *queer* como aquele que não caminha nas sombras, que é permitido ser tocado pelo sol e ser iluminado.

Voltando no tempo, encontramos uma cultura similar: o *ukiyo*. De acordo com Donald Keene, o termo *ukiyo*, no período medieval ao qual pertencia, significava “o mundo triste”, passando a ser compreendido na atualidade como “o mundo flutuante”, de forma a expressar a constante mudança da vida (KEENE, 1996, p. 14). Ambas as definições abraçam a ideia de isolamento e suas complexidades. Os bairros do *ukiyo* eram ocupados por artistas, prostitutas e prostitutas, atores mirins de *kabuki*, que durante um período, os jovens garotos se travestiram de mulher para atuar - e se envolver em práticas sexuais com seus clientes, em muitos casos, os samurais - e como o pode ser lido<sup>6</sup>, era considerado um espaço que não ocupava o nosso plano real.

Colocando os dois cenários em confronto, notamos a promessa de felicidade presente em cada um. Há o objeto de aproximação, assim como a imaginação de uma boa vida por meio deles. Você pode ser feliz, pode existir e viver, desde que dentro do recorte que lhe é oferecido.

<sup>5</sup> Embora na novela não apareça esse termo, e sim “gay”, decidimos por utilizar este, considerando a datação da escrita da obra e os termos empregados no período em questão, que julgamos não serem os mais adequados.

<sup>6</sup> Em japonês temos a grafia 浮世, compostos pelos dois kanji que significa flutuar e mundo, respectivamente.



Eriko Tanabe, enquanto vida, ainda representa o estereótipo de mulher e *queer* utópico. Ao pensarmos na sua performance de gênero, resgatamos a estética construída por Jun'ichirô Tanizaki, citada previamente: é uma mulher extraordinariamente bela, forte, desejada, alegre, cativamente e gentil. Nota-se aqui uma metaficção. Como se para ter a presença de uma mulher trans na narrativa, fosse necessário representá-la como perfeita e inalcançável, de modo a não torná-la real. Destacamos que essa não é uma crítica direcionada a autora, muito pelo contrário, é uma crítica à literatura em sua finitude.

Coincidentemente, grande parte das aparições de Eriko na narrativa e as interações que ela teve com a nova moradora se deram no período da noite. Entretanto, acreditamos que em todas essas ocasiões a mãe trouxe momentos de iluminação para Mikage, da mesma forma que agiu como uma força gravitacional, resgatando-a de suas ilusões e trazendo-a para a realidade.

## CAMINHANDO NO CREPÚSCULO

Conforme mencionamos anteriormente, o amor foi um elemento crucial na formação da personagem Eriko, desde o início de sua jornada até a sua morte. De certa forma, podemos dizer que mesmo após a sua morte, a sua identidade foi responsável por consolidar um romance entre Yuichi e Mikage, mas vamos analisar as partes aos poucos.

Eriko morreu no fim do outono.

Foi assassinada por um louco que a perseguia. O homem tinha visto Eriko pela primeira vez na rua e ficara fascinado por ela; seguindo-a, descobrira que o lugar onde ela trabalhava era um bar *gay*. Saber que aquela mulher lindíssima era um homem foi um choque para ele. Começou a mandar-lhe longas cartas e a frequentar o bar com assiduidade. Aborrecidos com a insistência do homem, Eriko e o pessoal do clube tinham começado a tratá-lo com frieza. Uma noite, de repente, golpeou Eriko com uma faca, gritando que ela o estava fazendo de bobo. Embora perdendo muito sangue, ela conseguiu agarrar um haltere que decorava o balcão e erguendo-o com as duas mãos golpeou de morte o agressor. (YOSHIMOTO, 1995, p. 52)

Acreditamos que o termo “desapontamento” perdeu força nesta pesquisa. Provoca surpresa, raiva e tristeza, mas a morte de Eriko já era algo previsto. Infelizmente são poucos os objetos que temos acesso que o sujeito *queer* termina com um final “feliz”. Crescemos em uma cultura que tanto por meio da literatura quanto do cinema, a tragédia é o destino desses sujeitos. De acordo com Ahmed, essa é uma forma de censura que foi se consolidando por meio dos anos, que, caso ela não tivesse sido desempenhada, haveria a “promoção” do valor social da vida *queer*, ou uma tentativa de influenciar os leitores a se tornarem como eles. (AHMED, 2010, p. 88)

A partir do parágrafo citado, podemos nos embasar nas teorias de Ahmed para a Infelicidade *Queer* e iniciar o debate acerca do luto *queer*. Seguindo de tal maneira, ao pensar nas tragédias envolvidas com o final das personagens, é necessário destacar além do trágico, também a violência.

Por meio da obsessão do assassino de Eriko, notamos a cultura da violência presente no universo das pessoas transexuais, que por diversos veículos ainda usam da força física para causar suas mortes. Embora o texto afirme que o fato da mulher ter nascido do sexo masculino provou choque no homem, não há informações suficientes para saber as reais consequências da descoberta. O sujeito que até então já era fascinado, manteve seu comportamento anormal e obsessivo. Nos cabe decidir qual forma interpretar suas atitudes. Há a possibilidade dele ter ser surpreendido e em seguida ignorando essa questão, de tal forma que ele aceitou Eriko como mulher, sem ter pensamentos transfóbicos. Igualmente nos é permitido fazer a leitura de um comportamento altamente transfóbico e preconceituoso, onde o homem cis heteronormativo se sentiu ferido por ter sido “enganado”, criando para si a ficção de um herói másculo lutando pela sua honra.

(...) a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida a seus corpos. Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo iniciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura. (LOURO, 2018, s/p.)

Não sabemos e não podemos afirmar nada, mas por esses meios acreditamos no alcance de Yoshimoto com as realidades das mulheres transexuais, assim como o uso de sua voz para colocá-las em cena, da mesma forma que entra em luto e nos permite compartilhá-lo.

Flavia Teixeira (2012) utiliza em sua pesquisa um título muito conveniente para a nossa análise: “Histórias que não têm era uma vez”. O artigo em questão baseia-se em fragmentos das histórias de vida de pessoas trans, e em sua finitude, traz os dilemas e as dificuldades dessas identidades. A ideia de não ter um “era uma vez” colabora com a proposta de Ahmed, citada anteriormente, porém é aplicada no cenário da nossa situação real e não fictícia. Ao tratar-se da transexualidade de Eriko, no início surge a ideia de deslumbre e encanto, mas não tarda a destruir o conto de fadas e construir a tragédia do seu assassinato.

Em complementação a violência, temos o objeto do luto enfrentado pelos entes de Eriko. Antes de mais nada, é preciso entender que até nesse aspecto a comunidade *queer* é privada de transitar livremente. Durante as décadas de 1980 e 1990, enfrentamos a guerra contra o HIV e as inúmeras mortes causadas pelo vírus. Até hoje, embora o cenário tenha melhorado bastante, em muitos casos é considerada uma doença especificamente gay, e que foi responsável por “limpar” grande parte deles nas sociedades. Durante o ápice da contaminação, amantes perderam seus pares, famílias<sup>7</sup> perderam seus membros e na maioria dos cenários não puderam sofrer pelas suas memórias, tampouco homenageá-las. Em alguns casos, temos as questões legislativas, que em hospitais<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Tanto famílias *queer*, quanto as heteronormativas.

<sup>8</sup> É importante destacar também, que em consequência da propagação do vírus do HIV, foi neste mesmo período que surgiu a proibição de pessoas LGBTQIA+ realizarem a doação de sangue. Desde então, para realizar a ação, os doadores têm que mentir sua orientação afetiva-sexual para ter o sangue aceito nas redes de saúde.

ou em serviços burocráticos só permitem a presença da família biológica, do marido ou da esposa oficialmente casados. Ou seja, durante um longo período e em espaços geográficos diferentes, os gays, as lésbicas e pessoas transexuais que mantinham um casamento informal, não tinham o direito de lutar pela herança, patrimônio ou tomar grandes decisões à respeito de seus cônjuges.

Ainda neste cenário, muitos tinham que mentir sua relação com a pessoa falecida, para ao menos conseguir ir ao funeral. Em outros aspectos, há a constante presença da violência e da morte em suas realidades, principalmente durante o período no qual o romance *Kitchen* fora escrito. As más notícias corriam mais forte do que o vento, o falecimento de um amigo, o espancamento, o estupro, o assassinato, eram informações que chegavam aos montes, nem dando tempo de chorar pela que chegou um pouco antes.

Em *Kitchen*, o luto funciona de uma forma um pouco mais disfarçada e menos dolorida. Eriko morreu durante o outono e Mikage só soube do acontecido no inverno. Yuichi, ao descrever o acontecido, mencionou que realizaram um enterro discreto, apenas com os amigos do clube que a mulher trabalhava. Notamos aqui essa forma de impedimento no luto de Mikage. Embora ela tivesse se distanciado um pouco e saído da casa dos Tanabe, ainda tinha Eriko como uma mãe, a amava independente de qualquer coisa, e ela não pode comparecer ao seu funeral pois não foi convidada. Todos os sentimentos que Yuichi e os colegas de Eriko tiveram tempo para entender e lidar, Mikage não teve. Ela sequer pôde juntar suas lágrimas com aqueles que se uniram em memória da matriarca.

O comportamento de Yuichi também se manifesta de maneira intrigante, como se o seu juízo não existisse mais, se torna conflituoso e frio, mostrando-nos que o calor da obra era sua mãe. Embora tenha sido por meio da avó que os Tanabe conheceram Mikage, foi Eriko que os manteve unidos, energizados e com suas chamas acesas. Novamente o clima interfere na narrativa, pela presença da estação do ano, a primavera. Eriko se foi, o frio chegou, tudo tornara-se pálido, sem vida.

Entendemos então por meio dessas pequenas leituras em cima da personagem Eriko, mediada pelas teorias *queer*, que há em pequenos detalhes uma série de crenças e representações das personagens trans que perpetuam através da literatura e traçam encontros com a realidade. Esse é um movimento doloroso, amargurado, não é fácil trabalhar com ele. Mas em contrapartida, traz o calor, sentimos uma ponta de conforto nessa imensidão de desconforto disparado contra nossos corpos. E avaliar o inverno que marca a segunda metade da novela pode significar mais do que a dominação fria, também pode servir como uma esperança. O gelo também atua para conservar a vida, para que na estação seguinte todas as vidas congeladas renasçam com maior força e espetáculo, e assim, durem mais duas estações. Não temos que temer o inverno, mas sim o outono.

## A LUTA PELO AMANHECER

“...Compreendi que eu não era o centro do mundo. Por certo minha quota de sofrimento não era diferente da dos outros. Não era eu quem podia decidir . Então, pensei, é melhor aproveitar ao máximo o que resta.

... assim me tornei mulher, e aqui estou eu”

Entendi o que ela estava tentando dizer, mas me lembro que pensei, perplexa: “Então, viver feliz é isto?” Mas agora compreendo tão claramente que gostaria de gritar. Por que temos tão poucas opções? Por que vivemos como vermes? Sempre derrotados, preparando o que comer, comendo e indo dormir. Mesmo os que amamos vão morrer um dia. Ainda assim, parar de viver é inaceitável. (YOSHITOMO, 1995, p. 91)

A partir da nossa leitura, acompanhamos uma série de tragédias e dores, mas assim como a comunidade *queer* não devemos nos conformar com aquilo que já é rotineiro, precisamos buscar as disparidades, ir contra a corrente, não aceitar o convencional. Pensando dessa maneira, resgatamos o filósofo argelino Albert Camus, que talvez tenha oferecido por meio de sua filosofia do absurdis- mo uma forma de pensarmos o *queer*.

Acreditamos ser importante levantar aqui uma forma de definição para liberdade, que para muitos pode ter significados e sentidos extremamente diferentes. Camus cita “Se eu fosse uma árvore entre as árvores, gato entre os animais, a vida teria um sentido, ou antes, o problema não teria sentido porque eu faria parte desse mundo” (2017, p.58), então podemos interpretar que a liberdade não seria, necessariamente, estar longe dos problemas do mundo, protegido contra suas agressões, mas fazer parte disso. Liberdade aqui seria o absurdo de viver mais, não de viver melhor. Isso não significa viver por mais tempo, mas com mais intensidade, tendo como referencial a po- tência da vida cotidiana. Dessa forma, se cria o homem absurdo - ou, como também podemos ver, o sujeito *queer* -, ser absurdo é viver diante do caos.

Em diálogo com as questões acima, temos então Mikage como esse homem absurdo pro- posto por Camus. Ela decide por viver, parar de viver é inaceitável! E a protagonista, seguindo a sua vida, carrega o legado de Eriko para todos nós, os leitores. Eriko sempre estará viva dentro de cada um de nós, ela deixar de existir também é inaceitável.

## Referências

- AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014
- AHMED, Sara. **The Promise of Happiness**. London: Duke University Press, 2010
- CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 9. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- FAITH, Laura S. **Rewriting japanese women: survivors, escapees, and defeatists in the fic- tion of banana yoshimoto**. 2008. Dissertação de Mestrado em Artes em Humanidades - Califor- nia State University Dominguez Hills. California.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.  
hooks, bell. Love as the practice of freedom. In: **Outlaw Culture. Resisting Representations**.  
New York: Routledge, 2006, p. 289–298

ISOTANI, Mína. **A Representação do Feminino: a construção identitária da mulher japonesa moderna**. São Paulo, 2015, 219p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Keene, D. (1). Japanese life in the Edo period as reflected in literature. **Estudos Japoneses**, (16), 11-26.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

TEIXEIRA, Flavia do Bonsucesso. Histórias que não têm era uma vez:1 as (in)certezas da transexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, 2012, p. 501-512

# NO SANGUE ESCORRIDO: TAKASEBUNE, HAN NO HANZAI E A MORTE<sup>1</sup>

## IN DRAWN BLOOD: TAKASABUNE, HAN NO HANZAI AND DEATH

Fabio Pomponio Saldanha<sup>2</sup>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8655-1334>

Recebido em: 29/04/2020

Aceito em: 12/05/2020

**RESUMO:** Entendendo a literatura como uma instituição na qual se pode ou não dizer tudo, este trabalho tenta conciliar a essa definição uma problemática discursiva em torno da morte. Os contos selecionados parecem de alguma forma não se opor ao sugerido, porém, trazem complicações tanto para o entendimento da obra quanto para a forma na qual seu conteúdo é narrado, assim, busca-se entender como morte, literatura e ética podem se relacionar em estruturas narrativas que partem de um elemento tão díspar como, por exemplo, o assassinato.

**Palavras-chave:** Mori Ogai. Shiga Naoya. Ética. Literatura Moderna.

**ABSTRACT:** *Understanding literature as an institution in which everything can or cannot be said, this work tries to reconcile to this definition a discursive problem around death. The selected stories seem somehow not to oppose what was suggested; however, they bring complications both to the understanding of the work and to the way in which its content is narrated, thus, it seeks to understand how death, literature and ethics can be related in narrative structures that start from an element as diverse as, for example, murder.*

**Keywords:** *Mori Ogai. Shiga Naoya. Ethics. Modern Literature.*

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado em versão anterior como requisito para composição de nota na disciplina Literatura Japonesa V, no ano de 2017, ministrada pela Professora Doutora Neide Hissae Nagae na Universidade de São Paulo (USP).

<sup>2</sup> Graduando em Letras (Português-Japonês) pela Universidade de São Paulo (USP).

Apesar de tentadora em um primeiro e nada metucioso olhar, a relação entre biografia e literatura parece saltar das páginas de qualquer livro, seja qual for seu gênero literário – estamos aqui falando de poemas, contos, romances, crônicas etc. No entanto, baseada na dicotomia história/literatura, na qual a primeira seria o domínio da verdade e, a segunda, o domínio da ficção, estaríamos, de fato, contribuindo para uma produção de conhecimento baseada em uma especulação moderna, determinista<sup>3</sup>.

Conhecida pela historiografia literária como a corrente do *watakushi shōsetsu*, o Romance do Eu, a escola literária Shirakaba poderia ser tida como exemplo perfeito do dito acima, quando da comparação história/literatura, objetividade/realidade, fato/fetice. No entanto, muito mais do que partindo dessa suposição e tomando-a como verdadeira, este trabalho busca, de certa forma, salientar discussões a respeito de um conto do escritor Shiga Naoya, membro salutar da Shirakaba-ha, comumente associado à ideia do *watakushi shōsetsu*, em que questões autobiográficas não serão, nem minimamente, tocadas; em seguida, o trabalho buscará fazer uma comparação do conto com *Takasebune*, escrito por Mori Ōgai, membro da Yoyu-ha, escritor comumente associado, graças à publicação de seu romance *Vita Sexualis*, como contrário à experiência naturalista no Japão e ao gênero do *watakushi shōsetsu* em si.

Por mais que possa ser considerado estratégia para fugir ou tentar, de alguma forma, romper com a tradição da historiografia literária, o almejado por este trabalho é simplesmente a abertura de outros olhares para a produção literária principalmente do autor filiado à Shirakaba-ha – dado que a produção, não só do foco aqui, mas como da maior parte da escola literária de Shiga Naoya, é extensa; busca-se aumentar o leque de análise, diminuindo a necessidade de se discutir a vida pessoal daquele que assina o texto, voltando-se, particularmente, para os mecanismos intrínsecos ao, e somente ao, texto<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Parte-se, neste trabalho, de discussões feitas tanto por Karatani (1993), quanto por Natali (2016), referentes às análises sobre a modernidade. É no período Moderno, tanto na história da literatura japonesa, quanto na latino-americana, que dois conceitos começam a ser utilizados: o de literatura e o de história. Um seria, então, a negação do outro, partindo do princípio que literatura e história são formas discursivas que partem de lados contrários – o primeiro baseado na subjetividade e na ficcionalização do mundo, e, o segundo, no relato objetivo dos fatos como eles são. Assim, quando deparados com um gênero literário baseado na figura do eu, toma-se a discussão como referencialista, ou seja, o anunciador do texto corresponderia àquele que o assina; isso feito dessa forma reduz o escopo de análise pois não se leva em consideração que a produção de um discurso híbrido, rompendo com a dicotomia história/literatura, ao talvez poder falar dos fatos como eles foram sem deixar de lado uma possível ficcionalização do mundo, visando algo. A literatura, assim como a história, assumiriam faces mais complexas frente a um texto que quebraria o molde subjetividade/objetividade, quando lidos primariamente como textos, não como confissões, pessoalismos, ou fatos como relatados.

<sup>4</sup> Isso não deixa de revelar movimento pessoal feito por quem, aqui, assina e mantém a responsabilidade por tudo aquilo que será dito aqui.

Assim, a escolha de *Han no Hanzai* (O crime de Han) é tomada como uma tentativa de olhar para a produção literária de Shiga Naoya por outros caminhos, como tomados por Dunlop (1992, p.vii): “As histórias de Shiga podem ser divididas em três categorias: aquelas baseadas na experiência e na observação; aquelas que são fiéis ao ideal e à imaginação e aquelas mais, ou menos, autobiográficas”.

Apesar da recusa em discutir a existência da autobiografia ou não, além da necessidade [ou dos motivos pelos quais o *eu* é dito como de alguma forma vista pela crítica como *referencialista*, o conto escolhido para esta análise pode ser definido pelo escopo da segunda categoria – o ideal e a imaginação. Assim, o que se busca é reforçar um tipo de olhar para a narrativa do autor em que o texto, a literatura, possa ser vista como um discurso, assim como também seu conteúdo pode ser lido, como aqui sugerido, pelas vias da Ética, não pelos olhares do outro, mas até mesmo pelas próprias considerações sobre o literário – é possível narrar, de fato, tudo? Ou, de certa maneira, quando a narrativa se encontra perto de momentos grotescos – como a morte e o assassinato –, pode-se considerar o feito como literatura? De que maneira, então, a morte e o assassinato podem conviver sem que outras questões, doravante envolvendo a ética, apareçam?

O segundo conto escolhido, *Takasebune*, é traduzido para o português como *O barco no Rio Takase*, tendo o nome original mantido em traduções como a inglesa. Apesar de se filiarem a movimentos literários diferentes, que pensam, escrevem e lêem a literatura de maneiras díspares, Mori Ôgai entra como autor comparativo porque, dentro de sua ficção histórica<sup>5</sup>, pode-se ver questões parecidas, dado o âmbito da comparação, entre *Takasebune* e *Han no Hanzai*. Mesmo em outros momentos sendo considerado um crítico ao romance do Eu, Mori Ôgai, assim como Shiga Naoya, tem vasta produção literária que atravessa diversas formas e modos de narrar, assim como também a própria motivação do escrever assume maneiras variadas para o autor.

Assim, o que se almeja fazer é comparar, posteriormente a uma mínima apresentação dos textos selecionados, as relações entre a morte e a própria capacidade de narração dos fatos pelos dois autores, buscando sempre, quando possível, enxergar a possibilidade de resposta [ou a recusa da mesma] para as perguntas anteriormente feitas.

Começemos.

<sup>5</sup> Não é intenção deste trabalho discutir toda a especificidade da obra de Mori Ôgai, nem de Shiga Naoya. Porém, como minimamente exemplificado para o autor da Shirakabaha, Mori Ôgai possui um grande marco em sua carreira literária que é o abandono da ficção [considerado pela fortuna crítica como um ato influenciado diretamente pelo suicídio do General Nori; sobre a influência desse fato na obra, não só de Ôgai, mas também de Natsume Soseki, ver: BARGEN, Doris G. Suicidal honor: General Nogi and the writings of Mori Ôgai and Natsume Sôseki. Honolulu. University of Hawaii Press, 2006], já que o mesmo a considerava uso, mentira. Após trabalhos extremamente diferentes, como *Gan*, *Vita Sexualis*, *Seinen* e *Kaijin*, Mori Ôgai passa a se utilizar do passado, ou seja, da história do Japão como mote, plano de fundo e até ponto de partida para sua escrita – essa parte de sua produção é conhecida como produção histórica: dentre os mais variados contos escritos, duas são as subdivisões – o fato como ele é, ou seja, uma narração reconstruída do que foi determinado acontecimento e, o outro, uma história contada a partir de um fato – *Takasebune* pode ser considerado uma ficção histórica do segundo tipo, já que a existência do barco no Período Edo é suficiente para que Mori Ôgai crie a história de um prisioneiro, além de toda uma estrutura paralela que não se baseia somente no conhecimento de mundo japonês a respeito de sua própria história. Há ainda uma terceira categoria dentro da produção histórica do autor, sendo essa a produção de biografias, majoritariamente ligadas a figuras importantes, selecionadas pelo próprio autor, do Período Edo. Para mais informações a respeito da produção histórica de Mori Ôgai, ver: DILWORTH, David A. & RIMER, J. Thomas. *The Historical Fiction of Mori Ogai*. UNESCO Collection of Representative Works: Japanese Series. Honolulu: University of Hawaii Press, 1991.



||

“Antes disso [a morte da esposa] eu já havia pensado que seria melhor se ela estivesse morta” (SHIGA, 1928, p.349)<sup>6</sup> é uma das conclusões de Han a respeito de seus sentimentos sobre sua mulher, a sinal, sem nome demarcado; suas únicas características, além da nacionalidade diversas vezes citada no texto, é a família em bancarrota, a acusação de relações incestuosas com o primo e os pés pequenos – começemos por essas.

A esposa de Han era sua assistente de palco e, na manhã de um determinado dia, após uma briga na noite anterior sobre a maneira demorada pela qual a mesma arrumava a refeição do marido, fora morta por ele durante a apresentação na qual eram atiradas, em sua direção, diversas facas. A frase que abre essa seção do trabalho é do próprio protagonista que, mediante o juiz, depois dos inquéritos com o dono do circo e o assistente de palco, é chamado a testemunhar. Tanto Han quanto o assistente de palco dizem que a família da esposa havia entrado em sérios problemas devido às atitudes devassas de seu irmão, que trouxeram instabilidade e a logo consequente quebra dos laços familiares entre os membros – assim, o único que a acompanhava era o primo, responsável pela apresentação dos dois e pelo constante incentivo para o matrimônio.

Dois anos anteriores ao fato que o leva a julgamento, a esposa de Han havia dado a luz. De acordo com o inquerido, o mesmo não havia nascido prematuro, como alegado no depoimento do assistente de palco, mas sim, esse era fruto de uma relação incestuosa entre a esposa e o primo, assim ressaltado: “É claro [que o bebê era fruto de uma relação incestuosa]. O bebê nasceu oito meses após o nosso casamento” (SHIGA, 1928, p.347)<sup>7</sup>. Quando requisitado a responder o porquê, então, de permanecerem juntos, é do réu a seguinte afirmação:

Acho que o primeiro fator era a necessidade de continuar vivendo. Seu irmão mais velho havia destruído completamente o núcleo familiar e era de seu conhecimento que nenhum homem sério aceitaria receber uma mulher que havia sido itinerante. Além disso, trabalhar seria impossível porque ela tinha pés muito pequenos. (SHIGA, 1928, p.348)<sup>8</sup>

Han, ao fim do julgamento, é considerado inocente. Assim, como caracterizado dentro do discurso de Dunlop na obra de Shiga Naoya, estaríamos diante não de algo ocorrido e assistido ou autobiográfico, mas sim de uma produção pautada no ideal e na imaginação. Se, de fato, considera-

<sup>6</sup> No original: 「その前に死ねばいいとよく思いました。」. Todas as traduções são próprias.

<sup>7</sup> No original: 「もちろんです。赤児は私の所へ来て八月目に生れたのです。」 - tradução própria.

<sup>8</sup> No original: 「一つは生きて行く必要からだったと考えます。実家は兄がつぶしてしまいましたし旅芸人の妻だった女を貰うまじめな男のないことを知っているからです。また働くにしても足が小さくてだめだからです。」 - tradução própria.

Os tais pés pequenos são os chamados, como em exposição, pés de lótus. Prática comum na China desde o século X, afligindo no corpo feminino uma lesão intensa que, além de diminuir o tamanho do pé, dificultava a locomoção – assim, a mulher transformava-se, de fato, em alguém que só poderia ser esposa, dona de casa, sem que de fato trabalhasse, ou realizasse qualquer outra ação que exigisse movimentos variados. Para mais informações, além de fotos de uma exposição que circundou o mundo, ver [http://www.huffpostbrasil.com/2014/06/18/pes-de-lotus-estas-imagens-expoem-a-realidade-barbara-de-uma\\_a\\_21673475/](http://www.huffpostbrasil.com/2014/06/18/pes-de-lotus-estas-imagens-expoem-a-realidade-barbara-de-uma_a_21673475/). Acesso em 20 de abril de 2020.

-se a descrição de um julgamento idealizado ou imaginado, aqui, o foco sofre outras indagações, e as mesmas serão, agora, feitas a partir das descrições tanto de Han, quanto do assistente de palco, das características da esposa, assim como das assertivas a respeito dos chineses em geral.

A identidade demarcada pelo próprio assistente de palco em seu depoimento é um traço negativo; “de acordo com o vosso conhecimento, os artistas itinerantes não são os mais conhecidos por seus bons comportamentos” (SHIGA, 1928, p.345)<sup>9</sup> já mostra uma confirmação da situação precária na qual vivem os imigrantes chineses, dada a publicação do conto. Além disso, os pés de lótus da mulher de Han não parecem, ao desenrolar dessa argumentação, uma crítica aos costumes chineses – nem se busca reforçar alguma noção de destino manifesto pela parte dos japoneses, incorporados na escrita do autor, como uma noção de dever civilizatório da salvação aos entes subalternos no país – mas sim uma confirmação de uma situação de precariedade, depreciação e a própria retirada de traços humanos das personagens: aqui, os chineses retratados no circo já estão em uma rotina, manifestada pelas características da mulher, de extrema pobreza – além de não conseguir ter sequer a chance de imaginar um futuro pelo qual pudesse ter uma vida própria por causa de seus pés, é retirada também a chance de se imaginar em um novo casamento, dada a imagem que o povo do circo tem.

A questão central do conto então parece permanecer gravada nas descrições que, dada à circunstância de um julgamento, podem passar despercebidas. A busca da inocência ou culpa de Han está a todo o momento circundando o texto, já que de fato se acompanha os depoimentos, as narrações dos fatos cada qual na sua versão, mas aquilo que é dito pelo próprio autor do ato a se definir crime ou não, traz para a página da discussão não uma tipografia a ser analisada sobre categorias de textos de Shiga Naoya, mas sim, reflexões que não eram tomadas como centrais na Shirakabaha, como a literatura e a ética. Por serem conhecidos como a corrente do romance do Eu, pouco se diz de fato a respeito de outras circunstâncias das quais não se tangenciam a (auto) biografia ou a descrição do testemunho – obviamente, a criatividade e a imaginação do autor categorizadas por Dunlop e citadas na introdução deste trabalho não são aqui questionadas, mas se busca a todo tempo (re)afirmar que ponto central de uma literatura aqui voltada para a questão da morte não se encerra na consumação de um deleite, mas sim, na necessidade de reflexão sobre os próprios limites da literatura, do narrar e da relação de todo esse construto com a ética, a sociedade e o mundo que lê o produto oferecido.

Assim, o ponto central de *Han no Hanzai* é a inserção de uma crítica dentro de um mundo literário censurado<sup>10</sup>. Han foi considerado inocente exatamente por viver em uma condição tangente ao inumano, cuja característica principal era a proximidade da decadência, da vida na qual não se vive realmente algo digno, mas sim, na constante luta e viagem pela busca do mínimo, do necessário para que talvez se possa conseguir ter o suficiente para comer e, dada a constante mudança e o incessante traslado, as relações que as personagens conseguem ter sempre beiram o ataque

<sup>9</sup> De acordo com o original: 「ご承知のとおり旅芸人というものは決して風儀のいい者ばかりではありません。」 – tradução própria.

<sup>10</sup> Para ver mais sobre a noção de censura e repercussão da literatura no Período Meiji, ver RUBIN, Jay. **Injurious to Public Morals: Writers and the Meiji State**. Seattle: University of Washington Press, 1984

de nervos – assim como descrito no conto, a personagem se encontra em estado de *neurastenia*, intenso desgaste nervoso e mental. Pálido, sem a capacidade de conseguir conviver com sua própria esposa, da qual já desconfiava e não se sentia mais hábil para viver porque, de certa forma, ambos não possuíam mais uma vida – ele por ser imigrante, afastado da sociedade e agora inserido em um casamento que não lhe era mais agradável e ela por ser, além de imigrante e afastada, mulher – o julgamento chega ao fim, e o que existe, de verdadeira questão fulcral para o leitor é a situação para além das bordas centrais da sociedade: afinal, existiria culpa, dada a situação na qual o réu se encontrava? Existiria um modo de responsabilizar alguém que não conseguiria nem mesmo se definir ou não culpado, dado o intenso estado de choque e desumanização no qual o réu se encontrava? Para o autor do texto, não.

Por fim, antes de continuarmos com a relação literatura-morte-ética, será apresentado e minimamente tensionado o conto *Takasebune* para que, já nas conclusões, as pontas soltas pelas questões sejam, por fim, atadas.

### III

É no Período Edo (1600-1868), mais delimitado para o Período Kansai (1789-1800), sob a assistência de Matsudaira Sadanobu (1758-1829) na região de Kyoto que *Takasebune* começa. O barco em si é o cenário sobre o qual todo o conto será passado – esse meio de transporte retira de Kyoto aqueles que eram considerados criminosos ou inimigos do xogunato Tokugawa, com a ressalva de que

A maior parte dos criminosos que subiam no Barco Takase eram os conhecidos por suas imprudências, pessoas que cometeram – em grande proporção – crimes sem ter verdadeira intenção. Se fossemos exemplificar de forma simples, tomaríamos como exemplo os casos de duplo suicídio amoroso, nos quais o homem obtém sucesso em matar a mulher, mas de alguma forma ele mesmo sobrevive. (MORI, 2006, n.p.)<sup>11</sup>

Apesar de ser liberada a presença de um familiar daquele que será levado para o exílio, aquele chamado de Kisuke, um homem de 30 anos de idade, sem nenhum endereço fixo, está sozinho. Somente acompanhado de seu *dôshin*<sup>12</sup>, – quem sabe de todo o seu caso e condenação e foi designado especificamente para Kisuke, acompanhando todo o trajeto de Kyoto até o exílio – chamado Haneda Shobei, o acusado de fratricídio, por ter matado seu irmão mais novo, se encontra, nas palavras do acompanhante, calmo, quase como se isso não fosse um navio amontoado de prisioneiros prontos para serem exilados, o réu pudesse sair nasalizando uma música<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> No original: [高瀬舟に乗る罪人の過半は、いわゆる心得違いのために、思わぬ科を犯した人であった。有りふれた例をあげてみれば、当時相対死と言った情死をはかって、相手の女を殺して、自分だけ生き残った男というような類である。] – tradução própria.

<sup>12</sup> 同心 – subordinado.

<sup>13</sup> No original, parafraseado: [庄兵衛はまともには見ていぬが、始終喜助の顔から目を離さずにいる。そして不思議だ、不思議だと、心の内で繰り返している。それは喜助の顔が縦から見ても、横から見ても、

É por meio dessa primeira impressão de Kisuke que Haneda tenta se aproximar daquele a quem acompanha. Já é de se notar, até pela citação anterior, o julgamento do *dôshin*, um homem perto dos seus cinquenta anos de idade, com quatro filhos, uma esposa e uma mãe idosa, para com o prisioneiro que está acompanhando. Apesar de não ser extremamente rico e só ter para si próprio o uniforme de oficial e suas roupas para dormir, Haneda é um homem possuidor de privilégios destoantes daquele que está acompanhando – sua esposa é, de acordo com ele, a responsável por não conseguir fazer as despesas baterem com o salário do marido; porém, já que a mesma é advinda de família rica, de fato ninguém na residência dos Haneda passa fome ou dificuldades das quais Kisuke e seu irmão passavam.

Quais eram então essas dificuldades da personagem principal e qual foi, de fato, o seu crime? Assim como Han, sua versão dos fatos só surgirá no meio do conto, causando um intenso desconforto para o oficial que o acompanha, já que, como supracitado, o mesmo tecia diversas teorias a respeito do comportamento de Kisuke. Quando Haneda questiona os motivos pelos quais o futuro exilado está tão calmo, é de pronta vontade e obediência<sup>14</sup> que Kisuke responde: a vida não estaria se tornando um inferno na terra, mas sim, ela estava deixando de ser um. O que vemos no testemunho do acusado de fratricídio é um relato de uma vida agourada pelo sofrimento e pela ausência – sem um endereço fixo, sem uma fonte de renda estável, Kisuke e seu irmão mais novo haviam se tornado órfãos quando crianças, perdendo seus pais para uma grande epidemia.

Após esse fato, os dois órfãos começaram a receber ajuda dos vizinhos, em troca de favores e resoluções de pequenas coisas, assim, os dois começaram a ganhar alguma independência em troca do mínimo para sobrevivência. No entanto, seis meses antes do exílio de Kisuke, quando ambos estavam trabalhando fixamente em uma fábrica, o irmão mais novo havia ficado severamente doente – assim, o mais velho era o responsável por alimentar, cuidar e providenciar o auxílio necessário, contando até com a ajuda de uma senhora vizinha para medicar o irmão, tentando curar seu querido irmão mais novo, de quem jurou nunca se separar. Foi nesse contexto que, um dia, voltando do trabalho, Kisuke encontra seu irmão no chão, envolto por sangue por ter tentado cometer suicídio cortando seu pescoço – como não conseguira de fato realizar um dano grave o suficiente para matá-lo rapidamente, seu irmão pede para que ele o ajude a morrer de forma a sofrer cada vez menos<sup>15</sup> e, depois de muita discussão, Kisuke cede, retira a faca do pescoço de seu irmão e esse

---

いかにも楽しそうで、もう役人に対する気がねがなかったなら、口笛を吹き始めるとか、鼻歌を歌い出すとかしように思われたからである。] – tradução própria.

<sup>14</sup> Eis aqui outra diferença entre Kisuke e os outros prisioneiros do barco: Haneda considera a obediência de Kisuke, seu respeito, verdadeiros; em contrapartida, quando olha para o resto do barco, ou relembra suas experiências antigas, o *dôshin* vê Kisuke como uma exceção, não só na sua atitude mais respeitosa [tanto que, com o desenrolar do texto, Haneda ignora as condições de hierarquia impostas e chega a chamar Kisuke de Kisuke-san, demonstrando respeito, formalidade] mas como genuína, tudo isso o intriga mais e mais, até que fica sabendo de fato a história do prisioneiro.

<sup>15</sup> “すまない。どうぞ堪忍してくれ。どうせなおりそうにもない病気だから、早く死んで少しでも兄きらしくがさせたいと思ったのだ。笛を切ったら、すぐ死ねるだろうと思ったが息がそこから漏れるだけで死ねない。深く深くと思って、力いっぱい押し込むと、横へすべってしまった。刃はこぼれはしなかったようだ。これをうまく抜いてくれたらおれは死ねるだろうと思っている。物を言うのがせつなくていけない。どうぞ手を借して抜いてくれ” – “Eu sinto muito. Por favor, tenha paciência comigo. Como não vejo chances em melhorar logo, pensei que com a minha morte você ficaria melhor. Quando cortei a traqueia, achei que morreria rápido, mas o ar fica saindo por aqui e eu não consigo morrer. Quando forcei a faca cada vez mais fundo, ela acabou indo para a lateral.... Parece que não quebrou nada. Eu acho que se isso for retirado com jeito, eu conseguirei morrer. Falar as coisas é dolorido demais, por favor! Tire isso de mim com as suas mãos, por favor!” (MORI, 2006, n.p.) – tradução própria.

morre. Dada essa cena, a vizinha idosa, responsável por ajudar Kisuke na medicação de seu irmão, entrava na casa dos dois e, com o irmão todo ensanguentado, cheio de dúvidas, o réu relata sua paralisia e dúvida da seguinte forma:

Como a faca estava apontando para o lado de fora, parecia ter cortado somente aquela parte. Eu mal havia retirado a faca do pescoço dele, quando uma senhorinha entrou em nossa casa, para logo em seguida sair, tendo visto muito pouco e de maneira rasa. Essa senhorinha, que acabou indo em casa para cuidar de meu irmão, chegou quando ele já não estava mais respirando. Da ferida saía um monte de sangue. Foi a partir daí, enquanto eu ainda olhava para o corpo morto do meu irmão, com os olhos semicerrados, que o chefe da vila chegou e me levaram para a prefeitura. (MORI, 2006, n.p.)<sup>16</sup>

Quando Kisuke chega ao fim de seu relato, Haneda só consegue pensar que, de fato, o julgamento deverá permanecer aos deuses e à decisão judicial, não conseguindo chegar a uma conclusão que não fosse desafiadora ao decidido de fato – o réu fora considerado culpado e, após seis meses de inquéritos, a cena ainda continuava tão gravada em sua cabeça que conseguiria repeti-la quantas vezes fosse necessário. No entanto, o *dôshin* considerava que o mesmo era inocente e permaneceria de mãos atadas, como já dito, entregando a sua consciência e opinião para qualquer instância maior que a sua, até como possível desengano de consciência. Assim, o conto se encerra com o barco no rio Takase caminhando pela noite escura, seguindo em direção ao exílio.

Questões de literatura e ética, assim como suas interfaces e possíveis [desde que consideradas assim] cruzamentos estão na base desse trabalho. Assim, como considerar essas facetas frente ao relato de Kisuke e a conclusão do texto? Afinal, em termos gerais, quais seriam as discussões pertinentes para encaminhamentos e, na próxima seção, enfim, tornar clara a comparação entre os dois textos?

*Takasebune* é fruto da produção histórica de Mori Ogai, como supracitado. Isso indica que, de fato, de acordo com suas pesquisas, o transporte de passageiros do período Tokugawa para o exílio existia – mas, por que, então, retratar um caso de dentro do barco? A tese, aqui, se sustenta a partir da descrição da pobreza, da ausência, do relato de Kisuke frente ao seu *dôshin* e como o narrador permite a descoberta dos pensamentos iniciais e como os mesmos se encerram também em Haneda, dado o fim do texto.

O contraste começa, por exemplo, pela própria maneira de se enxergar a situação do exílio – para Kisuke, o exílio não significaria perder alguma raiz ou a base de sua vida, afinal, como o texto em si prova, o exilado não possuía endereço fixo, nem renda fixa, nem família: o suposto inferno do qual todos falavam era a vida de fato deixada para trás. Além disso, vemos a descrição da

<sup>16</sup> No original: “刃が外のほうへ向いていましたから、外のほうが切れたのでございましょう。わたくしは剃刀を握ったまま、ばあさんのはいって来てまた駆け出して行ったのを、ぼんやりして見ておりました。ばあさんが行ってしまってから、気がついて弟を見ますと、弟はもう息が切れておりました。傷口からはたいそうな血が出ておりました。それから年寄衆がおいでになって、役場へ連れてゆかれますまで、わたくしは剃刀をそばに置いて、目を半分あいたまま死んでいる弟の顔を見詰めていたのでございます。” – tradução própria.

regularidade da alimentação, além dos 200 *mon*<sup>17</sup> que lhe foram dados no momento da embarcação: saber que agora não precisaria mais repassar todo o dinheiro que ganhava para as mãos de outrem, tendo necessariamente que retroalimentar um sistema de dívidas [afinal, pagava aquilo que devia e acabava contraindo novas dívidas para conseguir continuar vivendo], e que sua alimentação diária não se tornaria mais algo amenizador das constantes dores advindas dos mais diversos e degradantes trabalhos aos quais se submetia para conseguir sobreviver, Kisuke se enxergava realmente indo em direção a algo melhor do que o obtido até então – independentemente das condições nas quais seria forçado a viver, seu estado não pareceria pior do que a anterior, responsável pelo suicídio do irmão.

Um frente ao Outro, Kisuke e Haneda, demonstram uma tensão que, aqui, parece ser o tema central destacado por Mori Ogai: a pobreza e a distinção, sem nenhuma tomada de consciência ou atitude, perante aquilo levantado diante de si; ou seja, questões de alteridade que pareceriam, contrariamente ao frequentemente acreditado, retratar mais a modernidade do que período no qual de fato a história toma cena. “Voltar no tempo” reconduzindo a história para outros momentos que não o presente é, de fato, uma técnica utilizada, quando se considera a caracterização do Período Meiji<sup>18</sup>, para ressaltar uma série de críticas ao seu próprio tempo – as dificuldades do dizer e do narrar com sinceridade, quando não se precisava encobrir o dito, (re)inscrevê-lo em uma série de palimpsestos para que as intenções do texto saíssem da crítica e passassem para uma possível função de deleite do ato de ler, são uma chave em que se pode encarar *Takasebune*: esconde-se no passado para falar sobre o presente, esconde-se a crítica para um conto em que, talvez, o destaque pudesse recair facilmente sobre a vida de Kisuke, sua relação com Haneda, e por aí finalizar o conto e a análise, dada a finitude do momento de leitura.

#### IV

Quando da entrevista que fez surgir o livro **Essa estranha instituição chamada Literatura**<sup>19</sup>, Jacques Derrida afirma que essa é o local no qual se pode dizer tudo. Essa premissa norteou a composição desse trabalho, principalmente quando, observando a abrangência dessa afirmação, podemos ver que ao ser permitido a uma instituição dizer *tudo*, o direito da não-resposta, do *silenciamento*, também não só é possível, como provável.

<sup>17</sup> No sistema monetário do Período Edo, aproximadamente, 5 quilos de arroz.

<sup>18</sup> Como já ressaltado anteriormente, uma época de intensa censura. O próprio autor fora anteriormente censurado pela publicação de seu livro *Vita Sexualis* e, dado o início de sua produção histórica, chega a dizer que abandona o mundo da ficção de vez, considerando-o o mundo da mentira [uso]. Um texto interessante para realizar o contraponto é uma carta enviada por Mori Ogai a uma revista, da qual pedia o desligamento de suas atividades, alegando o intenso cansaço de ser criticado por diversas características de suas obras, destacando as reclamações de que tudo o dito e escrito por ele era ressaltado como reclamação [愚痴] ou sarcasmo [嫌味]. Para mais, ver “Resignation の説[setsu]”. Em: <[http://www.aozora.gr.jp/cards/000129/files/45272\\_19217.html](http://www.aozora.gr.jp/cards/000129/files/45272_19217.html)>. Acesso em 20 de Abril de 2020.

<sup>19</sup> Na tradução brasileira, feita por Marileide Dias Esquerda. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014

Ao ser um norte para esse trabalho, o que se buscou sugerir era uma relação intrínseca entre a morte, o silenciamento, a ética e a literatura: dessa forma, questões como a pobreza em *Takasebune*, a exclusão social e tensões relacionadas a aspectos mais profundos do ser humano, como em *Han no Hanzai*, parecem modificar o escopo da literatura, ou exigir dela e do momento da escritura certas condições não tão libertadoras na hora de se garantir o direito de resposta, ou mesmo o de pronúncia. Como fora ressaltado, o Período da escritura dos dois contos, apesar de diferente, trazia para a cena da publicação um cerceamento do *dizer*: Mori Ōgai já havia sofrido diversas represálias em suas obras, chegando até a dizer que a ficção era uma mentira e estaria deixando-a de lado, buscando outras fontes de produção que não algo a ser possivelmente chamado de experiência ou imaginação<sup>20</sup>; assim também com Shiga Naoya – durante a vida e produção, recebeu críticas, não obteve apoio, teve suas condições de escrita cerceadas e escolheu, assim, um viés de produção que pudesse permitir a liberdade de escrita, com um falseamento do produto final<sup>21</sup>.

A figura do palimpsesto é então importante, visando uma conclusão, nos textos de Mori e Shiga, porque é a garantia de que o texto final traz em si uma série de (re)elaborações, edições, nas quais o fato – seja ele o barco no Rio Takase, ou um julgamento – vai ganhando novas faces e fontes, na medida em que se sai de algo possivelmente ligado a noção de objetividade e permeia o dito, o elaborado, o *feitiche*<sup>22</sup> de Bruno Latour. A literatura, como *feitiche*, ganha inúmeras possibilidades de interpretações que, de acordo com o exposto, ficam cerceadas a um número menos abrangente quando pensamos na escritura: Mori Ōgai recorre à reconstrução histórica e Shiga Naoya foca seu texto majoritariamente na produção de um julgamento verossímil, assim, as questões aqui levantadas também estão tão à margem quanto os assuntos a serem tratados pelos próprios autores – para garantir a capacidade de dizer algo, de conseguir realizar assim a atividade crítica, para conseguir comover o leitor na medida em que se espera dele uma série de percepções para de fato entender o texto da maneira com a qual ele foi pensado, é necessário um sacrifício: elabora-se um texto desviado do tema devido à censura, transformando o leque de possibilidades em algo mais abrangente, mas garante-se a possibilidade de publicação.

<sup>20</sup> Apesar de ser frase do autor e ter isso como fato em grande parte da produção crítica, chego a discordar da veracidade desse fato. Tratar a literatura como mentira [uso] é reforçar a ideia de que o âmbito da verdade e da objetividade estaria ligado à história, pertencendo a ela e a somente ela o uso dos fatos e da possibilidade de mudança. Durante sua carreira, Mori Ōgai escreveu não só ficções históricas mas também biografias, como a da família Abe – e é assim que o autor encerra sua produção literária, se mantendo mais perto do mundo dos “fatos”. No entanto, considero que, mesmo dentro de sua ficção histórica ou da escolha das personalidades a serem “biografadas”, existe um porquê, uma escolha subjetiva que se transpõe no traço, na escritura: como dito durante a análise de *Takasebune* – utilizar a existência do barco e contar uma história a respeito de um condenado a exílio tão díspar do que seria o conhecimento de mundo estereotipado para um exilado revela algo que está às margens da história hegemônica: mostrar o contraexemplo é conseguir chegar em alguma espécie de crítica, seja ela clara ou não, a respeito da realidade e da segregação entre as pessoas, além do cenário de pobreza que degrada e limita as pessoas às tais margens já referendadas.

<sup>21</sup> Referenciar a si mesmo em um texto, como o gênero *watakushi shōsetsu*, parece uma estratégia para conseguir continuar dizendo algo mesmo em tempos de censura – são os detalhes, as nuances, as condições fora do livro, no mundo da escritura, que revelariam certamente os porquês das narrativas estarem das formas que estão; como um argumento muito em voga na cena literária: é necessário desconfiar dos autores, é necessário que se veja um pouco mais além da mera relação biografia-literatura e, mesmo que o gênero tenha sido de intensa importância no Japão, para não deixá-lo como simples relação da leitura com a vida daquele que assina o texto buscando só o deleite na leitura, saber reinserir o autor na sua época parece oferecer uma nova chance de leitura para o próprio gênero em si – a literatura como não só deleite, mas como crítica, como força comovedora, assim pontuado, por exemplo, em Wallace (2005).

<sup>22</sup> Para o autor, *feitiche* traz em si uma nova categoria que não é dicotômica como a do fato/fetichismo: a palavra é por si só o fato, pois existe, mas é em si algo que também é feito e logo possui características mágicas de elencar inúmeras possibilidades, logo, o fato no texto é um *feitiche*, sendo interpretável, discutível. Ver: LATOUR, Bruno. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Tradução de Sandra Moreira. Bauru: EDUSC, 2002.

Ética, morte e literatura relacionam-se nos textos escolhidos a partir da ideia de que, dentro do próprio texto, é necessário que uma crítica explícita não tenha voz para permitir que o produto final possa circular, logo, foca-se em um ou outro aspecto que garanta a publicação, correndo-se o risco de que as possibilidades de interpretação divirjam, no entanto, de acordo com o entendimento deste que escreve, é essa a verdadeira capacidade mágica, de *feitiche*, do texto: a liberdade de interpretação mesmo nos momentos de maior restrição.

## Referências

BARGEN, Doris G. **Suicidal honor: General Nogi and the writings of Mori Ôgai and Natsume Sôseki**. Honolulu. University of Hawaii Press, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada Literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Tradução de Marileide Dias Esquerda. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

DILWORTH, David A. & RIMER, J. Thomas. **The Historical Fiction of Mori Ogai**. UNESCO Collection of Representative Works: Japanese Series. Honolulu: University of Hawaii Press, 1991.

DUNLOP, Lane. “Translator’s Preface”. In NAOYA, Shiga. **Shiga Naoya: The paper door and other stories**. Tradução de Lane Dunlop. Tóquio: Charles E. Tuttle Company, Inc., 1992.

HUFFPOST Brasil. “Pés de lótus”: estas imagens expõem a realidade barbara de uma tradição antiga”. Em: <[www.huffpostbrasil.com/2014/06/18/pes-de-lotus-estas-imagens-expoem-a-realidade-barbara-de-uma\\_a\\_21673475/](http://www.huffpostbrasil.com/2014/06/18/pes-de-lotus-estas-imagens-expoem-a-realidade-barbara-de-uma_a_21673475/)>. Acesso em 20 de Abril de 2020.

KARATANI, Kôjin. **Origins of Modern Japanese Literature**. Tradução de Brett de Bary. Londres: Duke University Press, 1993.

LATOURET, Bruno. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Tradução de Sandra Moreira. Bauru: EDUSC, 2002.

MORI, Ôgai. “Takasebune”. Disponível em <[www.aozora.gr.jp/cards/000129/files/45245\\_22007.html](http://www.aozora.gr.jp/cards/000129/files/45245_22007.html)>. Acesso em 20 de Abril de 2020.

\_\_\_\_\_. “Resignation no setsu”. Em: < [HYPERLINK “http://www.aozora.gr.jp/cards/000129/files/45272\\_19217.html”](http://www.aozora.gr.jp/cards/000129/files/45272_19217.html) [www.aozora.gr.jp/cards/000129/files/45272\\_19217.html](http://www.aozora.gr.jp/cards/000129/files/45272_19217.html)>. Acesso em 20 de Abril de 2020.

NATALI, Marcos. **A literatura em questão**. Tese de Livre Docência: Universidade de São Paulo, 2016.

RUBIN, Jay. **Injurious to Public Morals: Writers and the Meiji State**. Seattle: University of



Washington Press, 1984.

SHIGA, Naoya. “Han no Hanzai”. Disponível em <<https://archive.org/details/shiga-naoyashu00shiguoft>>. Acesso em 2 de Abril de 2020.

WALLACE, David Foster. “Pense na Lagosta”. In: **Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo**. Tradução de Daniel Galera e Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Edição eletrônica, n.p.



# Tradução

---

NOVA COLÔNIA JAPONESA DA GRANDE AMAZÔNIA (DAI AMAZON NO NIHON SHOKUMINCHI) DE TSUKASA UETSUKA  
Minoru Uchigasaki



# NOVA COLÔNIA JAPONESA DA GRANDE AMAZÔNIA (DAI AMAZON NO NIHON SHOKUMINCHI), DE TSUKASA UETSUKA<sup>1</sup>

## GREAT AMAZON'S NEW JAPANESE COLONY (DAI AMAZON NO NIHON SHOKUMINCHI), BY TSUKASA UETSUKA

Minoru Uchigasaki<sup>2</sup>

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-5837-2024>

Recebido em: 29/06/2020

Aceito em: 12/07/2020

**RESUMO:** Trata-se da tradução do plano de Tsukasa Uetsuka para o desbravamento da Amazônia, que iniciou o caminho prodigioso da lavoura da juta nas várzeas dos estados do Amazonas e Pará, levando o Brasil à autossuficiência de fibra de juta em 1951. Uetsuka (1890-1978) foi responsável pela nova modalidade de imigração japonesa mediante formação de um grupo de líderes (*koutakusei*) e desenvolvimento de um instituto de pesquisa na Vila Amazônia no município de Parintins-AM. O texto amplia a compreensão da arquitetura inicial do processo migratório, o contrato de concessão de um milhão de hectares pelo governador do Amazonas Efigênio Salles, em 1927, aos japoneses e os primeiros passos para a efetivação do assentamento no estado do Amazonas, da apresentação da Amazônia e suas riquezas aos futuros desbravadores. O texto foi publicado na revista mensal japonesa *Kingu*, em junho de 1931, e encontra-se disponível no site digital da biblioteca do Congresso Nacional Japonês.

**Palavras-chave:** Imigração japonesa. Plano de colonização. Japoneses na Amazônia. Tsukasa Uetsuka. Tradução

**ABSTRACT:** This is a translation of Tsukasa Uetsuka's plan for the exploration of the Amazon and which paved the way for the success of jute farming in the floodplains of the States of Amazonas and Pará, leading Brazil to self-sufficiency in jute fiber in 1951. Tsukasa Uetsuka (1890-1978) was responsible for the new Japanese immigration modality through the formation of a group of leaders (*koutakuseis*) and the development of a research institute in Vila Amazônia in the municipality of Parintins-AM. From this text it is possible to understand the entire initial process, the concession contract of one million hectares by the governor of Amazonas Efigênio Salles in 1927 to the Japanese and the first steps of the exploration of the State of Amazonas, presentation of the Amazon and its wealth to future explorers. The text was published in the Japanese monthly magazine *Kingu* in June 1931 and is found today on the digital website of the Library Diet Library.

**Keywords:** Japanese immigration. Colonization plan. Japanese in the Amazon. Tsukasa Uetsuka. Translation.

<sup>1</sup> Este texto é encontrado em versão japonesa no site da Biblioteca do Congresso japonês, disponível em: <https://www.ndl.go.jp/brasil/text/t063.html>. Acesso em 20/06/2020.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação de Sociedade e Cultura da Amazônia da UFAM. E-mail: miuchigasaki@gmail.com



Fonte: National Diet Library em <https://www.ndl.go.jp/brasil/pt/data/R/099099-001r.html>  
 Acessado em 20/06/2020.

同胞よ！ 行け南米の理想境

Meus compatriotas! Vá ao lugar ideal da América do Sul.

大アマゾンの日本新植民地<sup>3</sup>

Nova colônia japonesa da grande Amazônia

台湾九州四国を併せた大面積の処女地が、新に日本の植民地として諸君の開發を待つ

Uma grande área de terra virgem do tamanho de um Taiwan, Kyushu e Shikoku juntos está a espera de vocês para o desbravamento como novos colonos japoneses

アマゾン調査隊長 前代議士 上塚 司

Tsukasa Uetsuka, ex-deputado e chefe da equipe de pesquisa da Amazônia

<sup>3</sup> O texto em japonês é uma cópia fiel do original contida no site. Constatei em alguns kanjis uma diferença de escrita moderna, mas mantive como no original.

**アマゾンを支配するものは世界を支配す**

昭和五年十一月廿二日、此日こそ我国殖民史上忘るべからざる記念日といつたよからう。

何となれば、此日を以て、南米アマゾナス州——即ち世界の驚異として知られてゐるアマゾン河流域中、地味最も豊沃なアマゾナス州に於て、地域百万町歩といふ広大な新日本植民地が建設された有意義の日だからである。

今日、我国は人口、食糧の問題で可なり悩まされてゐる。而も海外に送つた移住民の成績は、思つた程好成績でなく、我将来の経済国策をいかにすべきかといふことは、実に朝野を通じての大問題である。

斯うした時、『アマゾンを支配するものは世界を支配する』と迄いはれてゐるあの大アマゾン流域中に、無限の富を蔵してゐる新天地が、我同胞のために新植民地として開かれたといふことは、実に天来の福音とも云ふべく。

私は帝国政府の委嘱を受けて彼地に渡り、土地の調査は勿論、州政府との交渉から契約、或は将来の計画等迄、万般の問題について、親しく其衝に当つたものであるが、ここにキングの誌上をかりて此喜ぶべき事業の経過と現状を報告し、併せて我国民の海外雄飛の資に供するの機会を得たことは、私の洵(まこと)に喜に堪へない所である。

**Aquele que dominar a Amazônia, dominará o mundo**

Pode se dizer que hoje, 22 de novembro de 1930, seria um dia inesquecível, aniversário da história da imigração do nosso país.

Hoje é um dia significativo, pois uma nova e vasta colônia japonesa é construída na região da Amazônia, no afluente da Bacia do rio Amazonas, do Estado do Amazonas, na América do Sul - conhecido como a maravilha do mundo.

Hoje, o meu país está sendo atormentado pelo excesso populacional e problema de falta de alimentos. Além disso, os resultados dos emigrantes que foram enviados para o exterior não foram tão bons quanto se esperava. O que se deve fazer com a nossa futura política econômica, de fato, é um grande problema que envolve a nação inteira.

Deste modo, na grande Bacia Amazônica em que se diz “o que controlar a Amazônia, controlará o mundo”, no novo paraíso onde se encontra infinitas riquezas, será aberto uma nova colônia para nossos compatriotas, deve se dizer que é uma providência divina.

Fui à Amazônia sob a incumbência do governo do Império, obviamente para investigar a terra concedida, mas também negociar com o governo do estado para concluir o contrato e até planos futuros, tomando medidas efetivas para vários problemas. Usando este espaço da revista *King*, relatarei a situação atual e o sucedido processo do empreendimento. Além disso, estou muito feliz em ter esta oportunidade de estender estas atividades para o meu povo ao exterior.

## 移民を要求するアマゾナス

一体、我国とアマゾナス州との間に移民問題の交渉の起つたのは、大正十五年、我ブラジル公使、田付氏が公使の資格を以てアマゾナスを訪問した時からであつて、当時、アマゾナス州政府の歓迎振りたるや、正に王侯に対するが如く頗る懇懃を極め、或は儀仗隊を付け、或は楽隊を奏して之を迎ふるといふ有様であつた。蓋し公使としてこのアマゾナスを公式に訪問したことは世界各国中、田付(たつき)氏が始めてであるといふことと、我国の移民に対して大に期待する所があつたからと思はれる。

そこで、田付氏が州当局者に逢つて見ると、向ふから、『日本は従来、サンパウロ州に向つた沢山の移民を送つてゐるが、アマゾナスは、その数十倍の必要さを以て、日本移民の来ることを要求してゐる。御覧の通り、西欧羅巴洲と殆ど同じだけの広さを持つこのアマゾナスが、人口といへば僅かに三十余万に過ぎぬ、何とか方法を講じてくれまいか、土地はいくらでも提供する』ときり出して来たのであつた。と、偶々此公使の一行中に、私の年来の友人、粟津金六君が通訳として加はつて居つたが、これが、不図(はからず)も今回の大事業となつたのであつた。

## 比類なき有利の契約

粟津君は神戸高商卒業後、直ちにブラジルに渡り、爾来、今日に至るまで十七年の永い間、彼方に生活し立派な成功者の一人であるが、田付公使と行を共にした直後、彼は私の所へ彼の抱負を云つてよこした。其大要は、『ブラジルに於て成功を期するには、どうしても土を土台としてやらなければウソだ。その土地はア

## Amazonas que requisita imigrantes

No princípio de tudo, as negociações sobre as questões de imigração entre Japão e o Estado do Amazonas se iniciou a partir da visita do nosso ministro no Brasil, Sr. Tatsuki, ao Amazonas, em 1926. Naquela época, a recepção oferecida pelo governo do Estado de Amazonas foi extremamente cordial como se fosse para uma família real; uma festa cerimoniosa, acompanhado de guardas de honra e uma banda musical. Talvez seja porque Sr. Tatsuki foi o primeiro embaixador dentre muitos países a fazer visita oficial a Amazonas. Além disso, havia uma grande expectativa em relação aos nossos imigrantes japoneses.

Então, o senhor Tatsuki, ao encontrar com o governador do estado, recebeu a proposta: “O Japão tem enviado muitos imigrantes para o Estado de São Paulo, mas o Amazonas precisa de uma quantidade dez vezes mais de imigrantes japoneses. Como você pode ver, o Amazonas possui quase o mesmo tamanho da Europa Ocidental, mas sua população não passa mais que 200 a 300 mil habitantes. O senhor poderia nos oferecer alguma solução porque nós podemos fornecer qualquer quantidade de terra”. E, por coincidência, um membro do corpo diplomático era um velho amigo meu, Kinroku Awazu, estava conosco como intérprete. A sua ajuda fez surgir um inesperado projeto audacioso.

## Contrato de vantagem incomparável

Sr. Awazu foi a Brasil logo depois de ter se formado em Kobe Kôto Shôgyô Gakkô<sup>4</sup> e, desde então, viveu por dezessete anos lá, tornando-se uma das pessoas vitoriosas. Logo após ter acompanhado o ministro Tatsuki, ele me transmitiu suas aspirações. De forma concisa, basicamente foi isso: “Para se ter um empreendimento de sucesso no Brasil, é fundamental fazê-lo, tendo a terra como base. E na Amazônia também fun-

<sup>4</sup>Escola Técnica Comercial de Kobe

マゾニヤに於て斯々の次第だ。土地を開く人間も相当自分の手で集めることも出来さうだ、唯、これを開発するには相当の資金を要するが、その辺準備を整へ、国家の為に尽力してはどうか.....』大体こんな意味のことであつた。

元来、私も植民事業には非常の興味を持った段々と研究中であつたから、之は是非国家の為に実現したいものだと思つてゐると、幸に山西源三郎君と云ふ有力な共鳴者が出来、山西君は、厥然(けつぜん)起(た)つてブラジルに渡り、栗津君と手を携へて、其年(大正十五年)の秋、アマゾナスを訪問、州政府と植民地譲与の交渉を開始するに至つたのであつた。

栗津君は、前申す通りの人物、州当局者は、大に歓迎して、快く折衝の結果遂に三ヶ所に互り、千四百万町歩の土地をコンセツション(譲与地)として提供し、次の契約を結んでくれた。

○昭和二年三月から二ヶ年間に、千四百万町歩の土地を踏査し、其結果、一事業区域の単位を百万町歩とし、千四百町歩に対して十四の会社を設立すること。

○地域がきまつたら、二年の間に移民を送る方法を講ずること。

ciona assim. Acho que posso fazer um esforço para juntar um considerável número de pessoas para desbravar a terra, mas também é preciso juntar muito dinheiro para desenvolvê-la, preparar isso, que tal dedicar para a pátria...”.

Há muito tempo, eu também tenho tido enorme interesse em projetos coloniais e venho pesquisando sobre o assunto. Assim, tenho pensado que devo realizar tal projeto em prol da nação, e por felicidade tive oportunidade de conhecer uma pessoa influente que compartilha a mesma ideia, Sr. Gensaburô Yamanishi. Ele tinha decidido ir ao Brasil, acompanhado de Sr. Awazu, para visitar o Amazonas, no outono de 1926, para iniciar as negociações com o governo do estado sobre a concessão de colônias.

Sr. Awazu, pessoa que referi anteriormente, foi muito bem recebida por funcionários do estado, e, como resultado da negociação de boa vontade, concluiu determinando, em três lugares no contrato, concessão de 14 milhões de hectares, assinando o seguinte contrato:

- No período de dois anos a partir de março de 1927, será realizada uma pesquisa no terreno de 14 milhões de hectares, e, após resultado da investigação, será dividido para cada empreendimento uma área de 1 milhão de hectares. Serão estabelecidas 14 empresas no terreno de 14 milhões de hectares.

- Estabelecido o lugar, no período de dois anos, serão tomadas as medidas de enviar os imigrantes.

これが其主な条項であるが、尚その外に、

○設立した会社は十年間無税。学校、病院に対しては極力政府が援助する等頗る有利な特権が多くつけられてゐたが、此契約が、アマゾンヤ州に於ける新日本植民地の基をなすものであることは今更云ふまでもない。

## 第二次調査隊出発

契約を実行するための調査隊は、間もなく政府の手によって組織された。当時、私は大蔵大臣秘書官として官途にあつたが、及ばず乍ら之には相当尽力したつもりである。

第一次調査隊の出発したのは、昭和三年八月であつた。併しながら第一次調査隊は、日数と費用の関係上、残念ながら予定の踏査を行ふことが出来ず、わづかに、第一事業区域百万町歩の中、マウエス、ウラリオ、アバカシの三支流沿岸の地、三十万町歩だけの地域を確定して帰朝した。

但し其時に、更らに追加契約として、

○残りの七十万町歩は、昭和六年三月までに確定し、且つその地域は、先に提供された千四百万町歩の地域のみに限らず、アマゾナス全体、どこから選定しもよろしい。

といふ素晴らしいお土産を得て帰て来た。

Esta é a cláusula principal, mas, além disso,

- Para empresa estabelecida será concedida isenção de impostos durante 10 anos. Para escola e hospital terão muitos privilégios vantajosos concedidos pelo governo, que irá oferecer assistência necessária. Não há necessidade de postular que esse contrato será uma base da nova colônia japonesa na Amazônia.

## Partida da segunda equipe de investigação

A equipe de investigação foi organizada pelo governo para executar o contrato. Naquela época, trabalhando como secretário do Ministro das Finanças, não foi suficiente, mas dediquei muito para essa organização.

A primeira equipe de investigação saiu em agosto de 1928. No entanto, a primeira equipe de pesquisa, infelizmente, não conseguiu realizar a investigação local como planejado, de um milhão de hectares. Devido aos custos e a falta de tempo, apenas três regiões, de 300 mil hectares, regiões costeiras de afluentes de Mauês, de Uariá e de Abacaxis foram observados e, em seguida, tive que retornar ao Japão.

Mas naquele momento, com o contrato adicional,

- Os outros 700 mil hectares seriam confirmados até março de 1931. Além disso, a área não mais estaria limitada àquela anteriormente fornecida de 14 milhões, podendo escolher em qualquer uma no Estado do Amazonas.

Retornei ao Japão com um presente maravilhoso obtido.



この結果として更らに政府は、第二次調査団を組織し、どうしても昭和六年三月までには、残りの七十万町歩の地域確定の必要に迫られ、不肖私を団長とする一行十四名の第二次調査隊の編成を見るに至り、昭和五年六月、各般の準備を終り、燃ゆるが如き希望と決心を以て日本を出発するに至つたのである。

### 植民事業の大局より見て

私たち第二次調査隊の使命は、第一事業区域として残された七十万町歩の地域を確定することは勿論であるが、尚その外に、植民事業といふ大局から見て、私は渡航に当って二つの抱負を実現すべく努力した。

その一は、われわれの調査は通り一遍の外面的な調査であつてはならない。あくまでも徹底的に産業方面はもちろん、衛生保健、気象観測等其他百般の事を調査して、将来移住する人々の基礎的参考の材料を提供するやうにしたい。それがためには、植民地中、適当な土地を選んで産業研究所及実業練習所を設立したいといふこと

第二には、植民地に於ける指導的人材の養成である。由来植民地経営の成否は、調査の完全不完全は勿論だが、今一ツ忘れてならぬのは人の問題である。従来、北米方面で、邦人排斥の声をきく主なる原因は、移住民の素質が悪かつたり、教養が乏しかつたりしたことである。すなわち植民地を永遠に栄えしむるためには、移住民の中堅となるべき指導階級を作ること。

A partir desse resultado, o governo japonês organizou uma segunda equipe de pesquisa, já que tinha que escolher e confirmar os 700 mil hectares restantes até março de 1931. Organizei e liderei a equipe de 14 pessoas e terminei todos os preparativos até junho de 1930. Com firme determinação e grande esperança partimos do Japão.

### A visão geral do empreendimento de colonização

Obviamente que a missão da segunda equipe de pesquisa era definir a área dos 700 mil hectares que ainda não tinha sido demarcado. Além disso, a partir da visão geral do empreendimento colonial, a minha viagem estava relacionada num esforço para realizar dois planos.

Primeiro, nossa investigação de maneira alguma deveria ser apenas formal e superficial, era preciso investigar minuciosamente não apenas na esfera industrial, mas também sobre a higiene e a saúde, a observação meteorológica, e diversos outros assuntos, para poder fornecer materiais de referência básicas para aqueles que migrarão no futuro. Para fazer isso, desejava selecionar uma terra apropriada na colônia e poder estabelecer um instituto de pesquisa industrial e um local de treinamento prático.

O segundo, é o treinamento de líderes em colônias. O resultado do sucesso ou insucesso no gerenciamento das colônias anteriores, obviamente, está em uma situação completa ou incompleta. Contudo, um fator que não se pode esquecer é questão humana. No passado, a principal causa da rejeição de cidadãos japoneses na América do Norte foi a pouca qualificação dos imigrantes ou a baixa escolaridade. Em outras palavras, para que uma colônia prospere para sempre, deve se formar um grupo qualificado para liderar os imigrantes.

第一の目的のために私は同行する団員についても予め、之に適応する人々を選択した。即ち、農業の専門家、医師、測量家、或は建築家等を伴った渡航した。さうして、アマゾン河口より七百五十哩(マイル)の上流、この新植民地の中心たるべきヴィラ・バチスタの地をトシ、未だ完全といふ事は出来ないが、とにかく組織立った産業研究所を設立した十九名の所員—家族と合はせて三十有余名のものが早くも研究に着手して居る次第である。

第二の人材養成の第一歩として、私は昨春渡航前に、東京市外に国士館高等拓植学校(在学一ヶ年)を設立した。

中学校卒業程度の思想堅固にして健康な青年を入学せしめ、将来、新植民地の中堅たるべき人物の養成に着手したが、既に読者諸君の中には御存じの方もあらう、第一回の卒業生、五十名の諸君が四月十九日打揃って、サントス丸船上の客となりバレンケンス指して出発して行つたのである。私は衷心から我帝国の将来のためにも、若人の前途に幸多かれと望んで止まぬものである。

### 調査隊の活動

扱、吾々一行十九名の者は、九月一日ブラジルの首府リオデジャネイロを出帆、アマゾン河を溯つた十九日目に河口より千哩上流アマゾナス州政府の所在地マナオスに到着した。実に日本出発後五十日であつた。

Para alcançar o primeiro propósito, escolhi, com antecedência, cidadãos com qualificação adequada para acompanhar a equipe, ou seja, viajamos acompanhado com especialista na agricultura, médico, agrimensor e arquiteto e outros. Escolhemos a terra de Vila Batista<sup>5</sup> como centro da nova colônia, que fica no rio abaixo 750 milhas em direção ao estuário do rio Amazonas, centro da nova colônia. Ainda não tínhamos chegado à condição perfeita, mas estabelecemos um instituto de pesquisa industrial, composta de dezenove membros, totalizando trinta contando com os membros de cada família, para iniciarmos a pesquisa.

Como primeiro passo para formar recursos humanos, na primavera do ano anterior, estabeleci a Escola Superior de Colonização Kokushikan, de um ano de estudo, localizado no subúrbio de Tóquio.

Fiz ingressar jovens formados no Ensino Fundamental, saudáveis e de pensamento firme, para começar a formar pessoas que tornassem líderes na futura colônia. Mas talvez já seja de conhecimento de alguns leitores, o primeiro grupo de formados, 50 homens, partiu em direção a Alenquer em 19 de abril, no Barco Santos Maru. Eu, do fundo do meu coração, espero que seja o futuro do nosso Império, desejo infinitamente a felicidade dos jovens imigrantes.

### As atividades da equipe de pesquisa

Em 1º de setembro, nossa equipe composta de 19 pessoas, partiu do Rio de Janeiro, capital do Brasil e, navegando por rio Amazonas, depois de 19 dias, chegamos em Manaus, capital do Estado do Amazonas, a milhares de milhas rio acima. Na realidade, foram 50 dias após a saída do Japão.

<sup>5</sup>Futura Vila Amazônia, próxima a Parintins.

初め、吾々は、弥々(いよいよ)船がアマゾン河に入つたと云はれても、実際船が河の中に泛(うか)んでゐるやうにはどうしても感ぜられなかつた。申すまでもなく余りに河が広いのである。

何にしても、西の方、はるかにアンデス山頂に、源を發して、東、大西洋に注ぐまで、延長実に四千、河口の幅だけでも百〇六哩(マイル)といふ素晴らしい大河だ。河とはいひ条海も殆んど同じこと。只、コバルト色の水の色がやや濁つたナと思ふだけであつた。

下流に於ける航行は勿論、河口より千哩(マイル)上流にある首府マナオス迄は、堂々一萬噸(トン)級の汽船が平気で上下し、現に英国リバプールとの間には、月六回の定期航路が開けてゐる位である。三千五百噸(トン)級の汽船は、二千五百哩(マイル)の上流、毎日往復してゐる。偉大そのものとは、アマゾン大河のことである。

さて、我等は首府マナオスに上陸、州統領を訪(と)ひ、公式の打合せを了へたので、弥々(いよいよ)、植民地地域を踏査すべくそこから船を一艘借り入れて檣頭(しやうとう)高く日章旗をひるがへしつつ、一先づアマゾン大江を約二百五十哩(マイル)程下り、アマゾナス第二の都会パレンチンス迄戻つた来た。

パレンチンス地方は一体に地味豊沃、加ふるに、この地方八百万町歩を潤ほすマムルー、ウアイクラツパ、アンデラ、ラモスリオ、マウエス、ウラリヤ、カヌマといふアマゾン大江の七大支流が、恰もこのパレンチンスの下二哩(マイル)の地点に於てアマゾン大江に合して居る此の地方切つたの交通便利の地、パレンチ

No início, mesmo que tivéssemos sido avisados que o barco havia entrado no rio Amazonas, não podíamos sentir de forma alguma que o barco estava navegando realmente em um rio. Não preciso dizer, que isso era devido ao rio ser demasiado imenso.

De qualquer forma, é um maravilhoso rio que nasce no Oeste, no cume da Cordilheira dos Andes, derramando no Leste, no Oceano Atlântico. Ele tem o comprimento de quatro mil milhas e só a largura do estuário e de 106 milhas. É um rio, mas assemelha-se ao mar. Achei que só a cor da água, em vez de cor cobalto, é turva.

O rio Amazonas não se opera somente na jusante, até capital Manaus, que fica a mil Milhas rio acima. Os navios a vapor, de 10 mil toneladas, movem-se para rio acima e rio abaixo e existem seis rotas mensais regulares para Liverpool, Inglaterra. Um navio a vapor de tamanho de trezentos e cinquenta toneladas faz a viagem de ida e volta todos os dias subindo 2,5 mil milhas rio acima até Yukitos. O notável está na própria grandeza do rio Amazonas.

Bem, desembarcamos na capital Manaus, visitamos o governador estadual, realizando a reunião oficial. E, finalmente, para investigar a área da colônia, embarcamos em um navio emprestado e com uma bandeira japonesa hasteada para alto, descemos primeiro rio abaixo, percorrendo por cerca de 250 milhas de Manaus até chegarmos a Parintins, segunda maior cidade do Amazonas.

Além de ser uma região de terra fértil, Parintins se junta com sete grandes afluentes da Amazônia: Mamuru, Uaicurapá, Andirá, rio Paraná do Ramos, Mauês, Uraria, Kanuma. Esses são os sete grandes afluentes do rio Amazonas que umedecem os oito milhões de hectares da região. A cidade de Parintins fica a duas milhas na área rente ao rio Amazonas, numa região em

ンスの町は、このために出来たやうなものといったもよい所である。

此地方を日本に譲つて貰へるならば此上ない仕合である。乃ち吾々一行は先づこのパレンチンスを中心として、この七大支流の流域を隈なく、数十日間に亙つた調べて見たのであつた。支流といつてもウアイクラツパ河の如きは、川幅二哩(マイル)乃至三哩(マイル)、アンヂラ河に至つては五哩(マイル)半位の所もある、而も何れも絶好の景色、兩岸の砂は真白である。その向ふには千古の大森林がつづいてゐる。而して川の中には又到る処、緑の島が点在してゐる。白い水鳥も飛んでゐる。丁度、瀬戸内海に遊ぶやうな感じがする。

その中を我等の船は日章旗をひるがへしつつ悠々と上下し、或は船を留めて千古の原生林をきり拓いて土壤を検査し、或は土人の血液を取つたマラリヤの有無を調査する等、東奔西走、遂に此地方が植民地として理想的であることを確めて、此地域三箇所に亙つた七十万町歩を選定するに至つたのである。

### 極楽もさう遠くない

爰(ここ)で私は暫くの間、私たち調査隊の眼に映じたアマゾンについて物語ることとしよう。

由来、アマゾンといふと、赤道直下だ、悪疫の流行地だ。猛獣毒蛇は人の近づくことを許さない所だ.....こんなやうに多くの人々は想像して来た。併し、これは決してアマゾンの真の姿ではない。よし又一步をゆづつた、蜒々(えんえん)四千哩(マイル)のアマゾンの事だ、上流も上流、奥の奥へ行つたなら或はそんな

que o transporte marítimo é conveniente. Parintins é uma cidade que foi feita para isso.

Se essa região for concedida ao Japão, será uma felicidade tremenda. Ou seja, em primeiro lugar, considerando Parintins como centro, no período de dez dias, investigamos a bacia hidrográfica dos sete grandes afluentes. Embora sejam afluentes. O rio Uaicurapá tem 2 a 3 milhas de largura; o Andirá fica a 5,5 milhas de distância. Além disso, a paisagem é das melhores, a areia de ambas as margens do rio é bem branca. E em frente, bem longe, nota-se uma grande floresta antiga. E ilhas verdes estão espalhadas por toda parte no rio. As aves aquáticas brancas também voam. É como sentir estar brincando no mar Seto do Japão.

No meio disso, nosso barco, tremulando a bandeira japonesa, se dirigia tranquilamente pelo rio acima ou para baixo. Ora parava o barco e abria a exuberante floresta para inspecionar o solo, ora coletava sangue dos nativos para verificar a existência ou não de malária. Atarefadamente fomos de um lugar para outro e chegamos à conclusão de que a região era ideal para desenvolver uma colônia. Inicialmente decidimos selecionar os 700 mil hectares em três locais da região.

### O paraíso não está longe

Aqui por breve tempo, vou contar um pouco sobre a Amazônia aos olhos da nossa expedição.

Originariamente, a Amazônia localizada logo abaixo da linha do Equador, tem sido considerada um local de epidemias, de víbora feroz, onde ninguém pode se aproximar. Isso é o que muitas pessoas imaginam. Mas isso não é de forma alguma verdade sobre a Amazônia. Tudo bem que há quatro mil milhas na Amazônia, e mesmo que se dirija rio acima e mais além, ou vá do fundo ao mais fundo, pode ser que haja

所もあるかも知れぬとして見ても、少くも私たちの調査範囲に於ては、決してそんな恐ろしい所のやうには考へることが出来ない。

否これは私たち調査隊が云ふ許りではない。有名な探険家、アメルゴ・ベスプシーが嘗て洋々として明るいアマゾン河を溯る時、岸に広がる大原生林の連続を眺め、晴れたる空、やはらかい気候に接した時、彼は言つてゐる。

『世界に若し極楽といふ所がありとすればもう此所からは、さのみ遠い所ではあるまい』と。

調査不行届のためにアマゾンは、人類の住むに堪へられぬ場所の如く想像してゐた事は、アマゾンにして若し霊あるならば、恐らく其人を恨んでゐることと思ふ。

私たちの調査が、我植民政策の上に於て、貢献するに留らず、進んで謎のアマゾンの扉を開く鍵の一つとなつたなら、それこそ望外の幸といふべきである。

### 静かに揺ぐアマゾン大江

水が流れるのではなくて、海の如くに揺いでゐるアマゾン大江は、あくまで明るく平和である。

両岸には亭々として天を覆ふ大原生林が、太古を夢みるが如く静かに広くつづいてゐる。

船の上から之を眺めると、鏡の如くキラキラと光る水面に、せまい額縁がとつてあるかのやうに見えて、その美しさつたらぬ。

lugares assim, mas pelo menos no escopo da nossa investigação, é impossível pensar em um lugar tão terrível assim.

Não, isso não é o que a nossa equipe de investigação diz, mas um famoso explorador Américo Vespúcio que antes subiu o imenso e luminoso rio Amazonas, observando no litoral uma série de vastas florestas virgens e o céu ensolarado, de clima ameno, dizia:

“Se existe um lugar que seja paraíso no mundo, não será longe daqui”.

Devido à má investigação, a Amazônia foi imaginada como um lugar onde os seres humanos não podiam viver de maneira alguma. Acho que se houvesse um espírito na Amazônia, muito provavelmente estaria com raiva desse mito.

Se a nossa pesquisa não limitar na contribuição para política colonial, e avançando for também uma chave para abrir as portas para o mistério da Amazônia, será uma alegria inesperada.

### Grande rio Amazônia flui silenciosamente

O caudaloso rio Amazonas, em que não flui a água, mas balança como mar, brilhante e pacífica.

Erguem se grandes florestas virgens a ponto de cobrir o céu em ambas margens do rio, continua ampla e silenciosa, como que sonhando com o tempo imemorial.

Quando olho do alto do barco, parece que há uma pequena moldura na superfície cintilante da água como um espelho. Não há beleza igual.

斯うした情景に、一種の趣を添へるものは無尽蔵の魚類である。朝早く起きて船首に立てば、カノアにのつた土人が弓を束ねて何ものかを待つてゐるのが、朝霧の間に見ることが出来る。

これはピラルクーといふ大魚の水面に現れるのを待つて之を射ようとしてゐるのだ。長さ一間半もあらう。丁度、それは五月の鯉の吹流しに似た形で、赤い腹を現はしてサツと飛び上つたは、又水に沈む。其姿の壮大さ。洵(まこと)にアマゾンの大王といはうか、代表者といはうか、而もその味は—刺身にしても、塩漬にしても極めて美味しい。吾々日本人は一椀の米とこのピラルクーさへあれば、生活には何等の不安を感じない。況んや一尾漁すること得ば、優に二十日間の食糧とするに充分であるに於てをやだ。

又、時々、洋々たる流れの中に、オットセイのやうに、頭を突き出しては、又静かに沈んで行く怪物を見ることがある。これはベツシボーイ(牛魚)と云つた、その大きき四米に達する。肉は食用とするには、不適當であるが、油をしぼつた豚油の代用とすることが出来る。

其他、アマゾンの魚類の豊富さは枚挙に暇がない。アマゾンの魚類の種類と其量は、全大西洋のそれに匹敵する』と或る西洋の学者のいつた言葉でも想像される程、実に、無尽蔵である。此意味に於てアマゾンの水産物の前途について吾々は、非常の期待をもつてゐる。

此際、私は一言つけ加へておきたいことは、アマゾンの鱶についてである。アマゾンには勿論鱶はある。本流にはあまり見受けないが、殊に支流へ行くとアチコチで二間、三間といふ大きいのに出逢ふことがある。

Nesta cena, acrescenta-se certo encanto com o inesgotável número de peixes. Ao levantar cedo, pela manhã, e ficar de pé na proa, poderá ver os nativos em canoa com seu feixe de flechas, esperando por algo na névoa da manhã.

Ele está à espera de um grande peixe, denominado Pirarucu, vir à superfície da água para flechá-lo. O comprimento dele chega a 2,7 metros. Assemelha-se a forma de carpas desfraldadas de *koinobori*<sup>6</sup> ao vento, mostrando a barriga avermelhada. De forma rápida, vem à tona e mergulha na água. A grandiosidade do peixe é formidável. Pode ser um grande rei ou representante da Amazônia. Além disso, o sabor é extremamente gostoso, seja ele em *sashimi* ou conserva em salmoura. Enquanto nós, japoneses, tivermos uma tigela de arroz e Pirarucu, será o suficiente para viver sem sentir insegurança. Ao pescar tal peixe, será suficiente para alimentar-se bem por 20 dias.

Além disso, algumas vezes, enxergamos um “monstro” a emergir a cabeça da água e, sem seguida, afundar-se como uma foca, silenciosamente repetidas vezes. É o denominado peixe-boi e pode chegar a quatro metros de tamanho. Sua carne não é comestível, mas é possível extrair dela o óleo, substituindo a banha de porco.

Ainda, a abundância de peixes da Amazônia é incalculável. “O tipo e a quantidade de peixes na Amazônia são comparáveis aos de todo o Oceano Atlântico”. Pode-se contemplar tal afirmação assim como expressou um estudioso ocidental, *são verdadeiramente inesgotáveis*. Nesse sentido, temos grandes expectativas sobre o futuro da produção de pesca da Amazônia.

Há algo que quero deixar acrescentado, é sobre o crocodilo da Amazônia. Obviamente que há crocodilo na Amazônia. No rio principal não se vê muito, mas quando navegamos em afluentes, encontramos de dois a três deles bem enormes.

<sup>6</sup> *Koinobori* são as bandeiras de carpas hasteadas em comemoração do dia das crianças em maio no Japão.

然し、アマゾンの鱶は従順だ、私はアマゾンの鱶を見て、日本人は、鱶についてもつてゐる、従来の考へ方をかへねばならぬと思つた程おとなしい。人間に対して決して積極的攻撃の態度をとらない。船が進んで行くと、みんな水中に沈んでしまふ。思ふにアマゾンには、ありあまる程、食物があるから、満腹の結果、人間にまで及ぼす必要がないではなからうか、蓋し、衣食足つた礼節を知るは、人間だけではないらしい。

## 果物の天国

有名な博物学者ベーツは『一平方キロメートル（約九町四方）のアマゾン森林中に分け入ると、どんな博物学者でも、一生涯の研究対象を得るであらう』と云つてゐる。それ程、植物は豊富で種類が多い。

原生林といへば、到底人間の行き得ない所のやうに解釈されてきた。所が、聞くと見るとは大ちがひ、亭々二百尺に及ぶ大木は、決して密接して立つてゐるのではない。十五米乃至二十五米おき位に離れて立つた枝を張り、その大樹の下に直径七寸乃至一尺迄の木が並んでゐるに過ぎない。その木立の間には、自然の道が開けて、木の間を通して来る風は、いかにも涼しい、而も、地面は、苔蒸した日本の深山幽谷の冷たさ——ジメジメさは全くことかはり、適当な湿度をもつたゐて頗る気持がよい。

而もこれ等樹木の悉くは、木材用或は果樹用、食用等として私たち人間の来るのを歓迎してゐるのだから林産方面から見たアマゾンだけでも大したものである。

No entanto, o crocodilo da Amazônia é dócil e, quando o vi tão calmo, pensei que os japoneses tinham que mudar o modo de pensar sobre o animal porque nunca tomava uma atitude agressiva direta em relação aos seres humanos. À medida que o barco avançava, todos mergulhavam na água. Imagino que na Amazônia há muito alimento e eles estão de barriga cheia e não há necessidade de atacar as pessoas. Acho que não seja só o homem que conheça a frase “bem comido, bem-educado”.

## Paraíso das frutas

O famoso naturalista Bates argumentou uma vez: “Qualquer naturalista pode obter um objeto de pesquisa de sua vida inteira ao entrar em um quilômetro quadrado (cerca de nove hectares) da floresta amazônica”, tamanha é a diversidade e abundância de plantas nela encontrada.

Ao se falar em floresta virgem, era entendida como um lugar em que os homens de maneira alguma podiam viver. No entanto, há uma grande diferença entre o ver de fato e o ouvir falar. As grandes árvores, que atingem 60,6 metros, não ficam muito próximas umas das outras. Os seus galhos estendem por cerca de 15 a 25 metros e, apenas nessa circunferência, estão outras árvores, com diâmetros que varia de 2,1 a 0,3 metros, enfileiradas no entorno. E entre essas árvores há um caminho natural e o vento fresco transita. Além disso, o solo é frio como os musgos dos vales das montanhas japonesas. Bem diferente do ar úmido e abafado, é de umidade adequada que provoca uma sensação bem agradável.

Além disso, todas as árvores estão à espera de nós, humanos, para uso como madeira, árvores frutíferas e alimentos; portanto, somente do ponto de vista da produção florestal, a Amazônia já é abundante.

中にも建築材料としてのセーズロー、アンヂユロバーなどは、調査隊中の大工が驚いた程の良材で我国の檜の如きは到底及ばぬ立派なものである。

殊にアマゾン森林の大王といはれるサブカイヤーは、直径六尺、高さ二百尺にも及び、其の上には、直径一尺位の、梨形の実が、枝もたわわに結んである。実の中には無数のソラ豆形のブラジル納豆が入つてゐる。これは菓子をつくるにも使ふが、ただ食べても栗よりもはるかに美味い。

それから又日本に來ると、果物の王様としていばつてゐる、マンゴーの如きは、アマゾンでは問題にならぬ程、沢山あつた、土人の子供でさへ平常食べてゐる位だ。百尺以上にもものびた樹は、常緑の葉を茂らし、殆ど年中実を絶やさない。

其他椰子類の果物は無数に多い。殊に、ババサーといふ葡萄の如きものは、其一房を採れば、十四五人のものが、充分に食べられるだけの量がある。竹の筥(ざる)に入れて汁だけを搾り出し、生のままコップに汲んで飲む時の味の爽快さは譬へやうもない。私たちは、これを食べることによつた、沁々(しみじみ)アマゾンに來たことを味ふことが出来る。

殊に、私が乳木と名づけた樹は珍しい樹で直径三四尺から一間に及ぶ。それに斧で切形をつけて行くと、幹の上の方から、スーツと白いミルクの如きものが流れて来る。

Entre materiais para construção, cedro e an-di-roba e outros são madeiras adequadas. Os carpinteiros da equipe de pesquisa se surpreenderam pela qualidade. De maneira nenhuma, como *hinoki* (cipreste japonês), pode alcançar a qualidade das árvores mencionadas.

Destaco em especial a sapucaia, considerada o grande rei da floresta amazônica, seu tronco pode chegar a 1,8 m de diâmetro e 69,6 m de altura. A fruta tem formato de uma pera e fica presa em galhos que se dobras. Dentro dela há inumeráveis sementes em formato de fava (grão típico do Brasil). Essas sementes são usadas para fazer doces, mas podem ser comidas *in natura* e possui gosto muito melhor do que a castanha.

E, quando venho ao Japão, a manga é considerada como a fruta *mor*. Contudo, na Amazônia, a manga é uma fruta muito comum, que nunca falta, até criança dos nativos comem normalmente. Mangueiras podem crescer até 30 metros e permanecem com as folhas verdes e frutíferas, quase o ano todo, sem se esgotar.

Além disso, há inúmeras frutas de palmeiras. Em especial, a chamada babaçu, cuja fruta, como uva em cacho, existe quantidade suficiente para 14 a 15 pessoas comerem. Elas são colocadas numa cesta de bambu e espremidas para extrair um sumo. Se tomada crua no copo, o gosto é incomparável e muito refrescante. Ao comermos isso, sentimos um sabor de que chegamos à Amazônia.

Especialmente, a que chamo de Árvore de Leite, é uma árvore rara, de 0,9 - 1,2 m a 1,8 m de diâmetro. Quando se faz um corte em seu tronco com um machado, uma substância como um leite branco escorre.



二百尺以上もある高い幹の上から押し  
て来るその水をコップで受けて飲む時の  
美味さ。これ又アマゾンでなくては、味  
へぬ特権である。

其他、薬用樹としては、下剤に必要なピ  
ンニオン、茶の代用をするアルバレデラ  
ー、それから咳止め薬のエンビーラ等々  
実に沢山の種類がある。他日研究所の調  
査が進むにつれて世界に貢献する所も、  
蓋しすくなくないことと信じてゐる。

代産業に必須なる繊維用樹木に至つた  
はこれ又非常なもので、殊に製紙材料と  
してはアマゾン大江に沿つた何十哩(マイル)  
とも知れず無限に続くエンバウバーと  
云ふ樹がある。其他エンビーラ、メルメ  
ラーアニングー等、殆ど枚挙に暇のない  
程で、一方に於て果物の天国たるアマゾ  
ンは、他方に於て、近代産業の母たる資  
格を持つてゐるものと云はなければなら  
ない。

### 魅惑的なアマゾンの夜

次ぎに私は、アマゾンの気候風土につ  
いて一言しておかう。今までアマゾンの  
気候は、随分誤解されてゐた。

恐らく、これは大アマゾンがその源泉  
より海に入るまで、殆ど赤道と並行し、  
赤道直下にあるといふ事が、その誤解の  
主なる原因ではあるまいか？

殊に私たち日本人には、赤道といふ言  
葉が如何にも酷熱堪へ難き炎暑を想像さ  
せてゐる。併しながら赤道は決して地球  
上の最高熱線を示すものでないことは、  
世界の学者の観測によつた明らかな所  
である。

私の経験によれば、アマゾンに於ける  
一番暑い季節—九月から十一月の一日中

A delícia de beber um copo de água tirada de  
um tronco de árvore, que chega a mais de 60 m  
de altura, é um privilégio que só se pode sabo-  
rear na Amazônia.

Além disso, há muitos tipos de árvores medi-  
cinalis, como: pinhão, usado como laxantes; al-  
vadeira, que substitui o chá e Envira, remédio  
contra a tosse. Acredito que poderá contribuir  
cada vez mais para o mundo na medida em que  
a investigação do instituto de pesquisa progrida.

Foi encontrado uma árvore para produção de  
fibra, essencial para indústria moderna, muito  
importante como material para fabricar papel,  
que se chama emboaba. Elas podem ser vistas  
em dezenas de milhas das margens de infinita  
continuidade do rio Amazonas. Além disso, há  
envira, merumeraniga, entre outras inumeráveis  
plantas. Se de um lado, a Amazônia é um paraí-  
so das frutas, do outro, deve se dizer como uma  
mãe da indústria moderna.

### Deslumbrante noite da Amazônia

A seguir, irei postular sobre o clima- tempo da  
Amazônia. Até hoje tem tido muitos equívocos  
sobre isso na região.

Provavelmente, a principal causa do mal-enten-  
dido esteja em pensar que a partir da grande  
Amazônia até o mar esteja localizado quase em  
paralelo e logo abaixo da linha do Equador.

Principalmente para japoneses, quando a pala-  
vra linha do Equador faz nos imaginar a sensa-  
ção de um calor insuportável. Mas, já é evidente  
pelas observações dos estudiosos mundiais que  
essa linha não representa a região mais quente  
da Terra.

Pela minha experiência, a estação mais quente  
da Amazônia é de setembro a novembro; o ho-

最も暑い午後一時から三時迄でさへ、漸く摂氏三十四度（華氏九十三度、二分）を越えることは極めてまれである

十二月の雨季に入ると、日中でも摂氏三十度を越すことは少く、夜は二十一、二度（約六十八度）華氏の涼しさである。

要するに、アマゾンには、香港、シンガポールに比べれば比較にならぬ程涼しく、台湾や東京の夏よりも凌(しの)ぎよといふことになるわけ、論より証拠最近アマゾン旅行をされたパステル画の大家矢崎千代二氏が、マナオスを写生した絵につけ加へた言葉を引用してみよう。

### マナオスの画に就て

矢崎千代二

今度のアマゾン旅行には、平常非常に病身な一人の娘を伴った。自分も先年巴里で大病をしてから、腎臓病が出て未だなほらない虚弱な体であるが、二人共アマゾンの二ヶ月間一度も病気をしなかつた。

この図はマナオスの劇場で、通りは此の画にある様な、四角や円形に刈り込んだ美しい並木の連続で、此の町の特徴をなしている。

写生旅行は到る所容易に、其の地の人気の善悪を、知ることが出来るものであるが、今度の経験で、此の地程善良な所はないと思つた。生活のらくなことも、その原因の一つであらう。

rário mais quente do dia é das 13h às 15h, não mais do que 34°C (93,2°F), que é raro.

Quando se entra na estação chuvosa de dezembro, mesmo durante o dia, raramente excede os 30°C e durante a noite é fresca, em torno de 21 graus (cerca de 68°F).

Ou seja, o tempo na Amazônia é tão fresco que nem se compara com o de Hong Kong ou de Cingapura e no verão é muito mais suportável que o de Tóquio ou de Taiwan. Para falar em evidências, citemos as palavras do grande mestre de pintura em pastel, Chiyoji Yazaki, que foram acrescentadas na pintura sobre Manaus, realizada quando viajou para a Amazônia recentemente.

### Sobre a pintura de Manaus

Chiyoji Yazaki

Na viagem que fiz desta vez à Amazônia fui acompanhada de minha filha que costumava adoecer fácil. E eu também com corpo debilitado, ainda sem me curar de doença renal, desde que tinha adoecido gravemente em Paris, no ano anterior. Mesmo assim, nos dois meses que estivemos na Amazônia, nunca adoecemos.

Esta pintura é do Teatro de Manaus, mostra as ruas com belas fileiras de árvores em forma de quadrado e redondo, caracterizando a cidade.

É fácil conhecer a bondade e a maldade de uma paragem popular em uma viagem de esboço/pintura em qualquer lugar, mas na minha experiência diversa, pensei que não havia um lugar bondoso como esse. Talvez a vida fácil é uma das causas.

## 厳粛な入植祭

前に述べたやうに植民地の地域は確定したが、今度はアマゾンヤ産業研究所及び実業練習所を設置する根拠地を選定する必要がある。これには非常の苦心をしたが、結局、前に云った七大支流がアマゾン大江に合流するヴェキラ・バチスタといふパレンチンス近くの土地に一哩(マイル)半、奥行三哩(マイル)の所を買取つて十月二十一日午前十一時から立柱式、斧下し式を兼ねた入植祭を行ふこととなつた。此式につらなおつたのは、前日案内状を出しておいたパレンチンス市長、裁判長、其他三十余名のブラジル人、日本人としては山越、鳥海両拓務事務官、稲垣技師で、団員一同、小人数ながらも厳重な式をあげることが出来た。

『維(これ)時(とき)昭和五年十一(ママ)月二十一日、爰(ここ)にアマゾンヤ州ヴェキラ・バチスタの地に於て、新日本植民地入植の祭を行ふ……』

と云ふ祭文を、故国同胞に響けよと許りに緊張して読んだ其時の気持は、未だに私は忘れることは出来ない。

十月二十四日から、団員の活動は開始され原生林の伐採は始まつた。

其間に私は州政府と談判の必要上、首府マナオスに引返したが、明日、地域確定の承認を州統領にもとめると云ふ其前夜から、ブラジル全体に革命が突発、其為、交渉がだんだんとおくれたが、漸くにして十一月二十一日、革命政府の任命した新州統領と会見してその確認を得、二十二日の官報によつた一般に公布され

## Solene Festival de Colonização

Como mencionei antes, a área da colônia havia sido confirmada, mas agora é necessário escolher o terreno para estabelecer o Instituto de Pesquisa Industrial da Amazônia e um local para o treinamento de atividades. Foi feito um esforço grande, mas ao final, compramos a terra de Vila Batista, de 1,5 milhas de frente e três milhas em direção ao interior, próxima a Parintins. Ali os sete afluentes se encontravam no rio Amazonas. E no dia 21 de outubro, às 11 da manhã, foi realizada o Festival da Colonização com cerimônia do início da fundação (levantar postes e cortar com machado). Na cerimônia, participaram o prefeito de Parintins, chefe dos juizes e mais trinta brasileiros. Todos foram convidados no dia anterior. Os representantes japoneses foram Yamakoshi e Chôkai, ambos engenheiros e secretários de administração do Governo da Colonização Inagaki. Apesar da pequena cerimônia, realizamos uma cerimônia solene, todos unidos.

“Em 21 de novembro de 1930, aqui no Estado do Amazonas, na Vila Batista, foi realizado o Festival de Assentamento da Nova Colônia Japonesa”.

Ainda não consigo esquecer do sentimento forte vivenciado quando li a oração que ressoasse aos meus compatriotas.

A partir do dia 24 de outubro, foi iniciado a atividade dos grupos de corte de árvores da floresta virgem.

Nesse ínterim, tive que voltar a capital Manaus, devido a necessidade de negociar com governo estadual. Mas ocorreu repentinamente uma revolução em todo Brasil, um dia antes da negociação da confirmação da área pelo governador do estado, o que atrasou. Mas logo depois, em 21 de novembro, finalmente pude encontrar com o novo interventor do estado nomeado

て爰(ここ)にアマゾンヤ新植民地百万町歩といふものは、完全にきまつたのである。

## 産業研究所の生活

さて、政府との交渉をすませ、約一ヶ月ぶりで再び産業研究所に帰って見ると、既に団員の手で附近の原生林五十町歩は伐採され、従前からあつた三十町歩、尚牧場地の五十町歩、三十七頭の乳牛は、私の帰りを心から歓迎してくれるやうであつた。

私は、これから産業研究所の生活について物語ってみよう。

朝は大抵、日の出る前、午前五時頃に起床する。アマゾンの朝は爽かだ。ベツドを離れて研究所の外に出て見ると、緑の大空が高く遠く広がつた、南の果原生林に続いてゐる。森の上に金色の光明が照り映えるかと思ふうちに、朝の世間は開けて行く。

産業研究所第一の仕事は、農作物の試作だ。米の試作は何より大切だ。又、大豆、もろこし、ごま、煙草、綿、斯うした一年生の作物の試作と同時に、ゴム、ココア、カスターニヤ等の永年生作物をも植ゑてゐる。

研究所を中心としての庭園には、数百種の植物がある、これを以て植物園をつくると同時に、東側の傾斜地を利用して、蔬菜園を造り、菜、人参、大根、蕪青(かぶら)等、各種の野菜を栽培した。

pelo governo revolucionário e receber a confirmação. No dia 22, foi promulgado no Diário Oficial a nova colônia de um milhão de hectares, tornando-o definitivo.

## Vida no Instituto de Pesquisa Industrial

Depois de terminar a negociação com o governo, aproximadamente um mês depois, pude retornar ao instituto de pesquisa. Os membros já tinham derrubado 122,5 acres nos arredores da mata virgem. Os 73,5 acres que já havia até então, mais os 120 acres de pasto e os 37 cabeças de gado, pareciam que, alegremente, estavam a minha espera.

A partir de agora, vou tentar contar sobre a vida no instituto de pesquisa.

Pela manhã, geralmente levanta-se por volta das cinco horas, antes do nascer do sol. A manhã na Amazônia é fresca. Quando saio da cama e vou para fora do instituto de pesquisa, vejo um céu azul ao alto que continua na floresta longa e que se alarga ao extremo sul. Quando penso que em cima da floresta há uma luz amarela a brilhar, abre-se a vida matutina.

O primeiro trabalho do instituto de pesquisa é o cultivo experimental de produto agrícola. O cultivo de arroz é o mais importante. Também, soja, sorgo, gergelim, fumo, algodão, cultivos anuais. Além disso, ao mesmo tempo, planta-se produtos de cultivo permanente como borracha, cacau, castanha e outros.

Ao redor do jardim do instituto de pesquisa, há centenas de espécies de plantas, com isso se fez quintal, ao mesmo tempo, aproveitando o solo inclinado para o Oriente, se fez um quintal de verdura com hortaliças, cenoura, nabo, rabanete e outros, cultivo de cada espécie de verduras.

是等、植物の生長力の旺盛なことは、実に驚くばかりで、野菜類の如きは、今夕種をまけば明夕は既に芽を出す、モロコシの如きは一ヶ月半で実を結ぶといふ有様だ。

成程、これでは怠け者の土人では、この旺盛な生長力をコントロールして行く事は到底出来ない。仕事に追はれて捨ばちになる筈だと思はせる。

単に、農産だけではない。水産、林産、牧畜、悉くが無尽蔵の宝庫を持つてゐる。一度、勤勉にして智力ある我大和民族が、此豊沃の地に移住したならば、此の大宝庫はどんなに拓けて行くことだらう。思うて爰(ここ)に至れば私の胸は自(おのづか)ら高鳴つて来る。

鋤や斧は肩にして仕事に出て行く私たちの髪を、そよそよと涼しい風が吹き渡つて行く時の快さ。或時は、奥深く進んで千古の原生林を焼いて巨大な木材を倒し、一步々と開拓の手を拡げて行く。その時の豪快さ。

斯うした愉快は、到底内地のせまくるしい天地では味はれない。

午後六時のサイレンと共に、研究所へ帰つて来る。岸を下つた板のやうになつた水成岩の上に真裸となつた、ほこりにまみれた身体を、アマゾン大江の水で拭ふ。

夕方の食卓の上には、新鮮な果物あり、食肉あり、香の高い牛乳がある。一日の疲れも忽ちに忘れて満腹の腹をなで下ろす。

Essas plantas têm excelente crescimento, que de fato é espantoso. Por exemplo, plantou-se a semente de uma verdura num final da tarde, na noite do dia seguinte já germina. Admiravelmente, o sorgo frutifica só com um mês e meio.

Dessa forma, para nativos indolentes, é muito difícil controlar esse espetacular crescimento. Isso me faz sinceramente achar que estão desesperados com tanto trabalho.

Isso não é só na agricultura, mas também na pesca, produção florestal, pecuária, em tudo há uma inesgotável fonte de riqueza. Quanto a esse grande depósito de tesouros, irá ser extraído, se nós japoneses, trabalhadores diligentes e inteligentes, pudermos imigrar para a terra fértil. Ao pensar nisso, meu peito começa espontaneamente a palpitar forte.

O momento em que estamos indo ao trabalho com enxada e machado nos ombros, sentindo uma leve brisa fresca soprar nos nossos cabelos, é de prazer. Em alguns momentos, avança-se para o interior da floresta virgem queimando e derrubando árvores gigantes, e passo a passo, vai se alargando o alcance das mãos dos desbravadores. Que momento maravilhoso.

Nunca se pode ter uma experiência agradável como essa, se estiver num mundo apertado e incômodo.

Quando a sirene toca às 18h, retornamos ao instituto de pesquisa. E na descida da beira do rio, em cima de uma rocha em forma de uma tábua, nu com o corpo coberto de poeira, tomamos um banho com a água do grande rio Amazonas.

Na mesa de jantar, há frutas frescas, carnes, leite de cheiro nobre. Rapidamente esquece o cansaço do dia, ao suspirar com a barriga cheia.

夕飯がすむと、きまつたやうにバンコ（長い腰掛）を持ち出し、団員一同車座になった、今日の出来事や将来の計画を語り合ふ。

### 夜のアマゾンは全く魅惑的だ。

アマゾン大江の彼方には、北斗七星と北極星が閃(ひら)めき、東の方原生林の上には、日本の冬の夜中に見えるオリオン星座がハツキリと三ツ星を現はしてゐる。

この星が、一夜明ければ故国の夜、天高く現はれるかと思へば、自分の身体が遙か一万七千哩(マイル)を隔てて、地球の裏と表、正反対の位置にあるなどの感は起らない。

十二時を過ぎると、南の方四十五度のあたりには、若人の血を躍らすサウザンクロス（南十字星）が、その麗はしい姿を現はす。ここに至つた私たちは始めて自分で南半球にあることに心づく。

### 白人の顧みなかつた理由

諸君、

諸君の多くは、恐らく従来世に紹介されたアマゾンと、私の述べたことと余りにその距離の隔つてゐるのに驚いたことと思ふ。

それと同時に、此の天恵の沃土が、何故に今日まで欧米人の手によつた開拓されずに残されたかといふことについて疑問を起された事と思ふ。私は他日、この問題について評論する機会があると思ふから今日は、その結論だけ申述べておく。

Depois do jantar, rotineiramente, pegamos os bancos longos e sentamos todos juntos, em forma de círculo, e conversamos sobre as coisas que aconteceu no dia e os planos futuros.

### A noite da Amazônia é totalmente fascinante.

Além do grande rio Amazonas, brilham a constelação da Ursa Maior e a estrela polar; em cima e ao leste da floresta virgem, se vê claramente as três estrelas da constelação de Órion, vista no Japão na madrugada de inverno.

Se pensar que, depois de uma noite, essa estrela aparece no alto do céu noturno do meu país, não sinto que eu esteja situado diametralmente oposto, separado por 17 mil milhas, do outro lado da terra.

Depois da meia noite, em 45 graus ao sul, aparece a estrela do Cruzeiro do Sul (que emociona o sangue dos jovens), mostrando sua bela aparência espiritual. É nesse momento que percebemos que estamos no hemisfério sul.

### A razão dos brancos não terem se interessado

Caros,

Penso que a maioria dos senhores tenha se surpreendido com a grande diferença entre o que eu disse e o que tem sido apresentado até hoje em relação a Amazônia.

E ao mesmo tempo, acho que podem se questionar o porquê dessa terra tão rica e abençoada ser deixada sem desenvolvimento pelos ocidentais até hoje. Penso que terei oportunidade de analisar sobre esta questão outro dia, por isso, expresso as conclusões disto aqui hoje.

他にいろいろの原因もあるが、結局『白人は熱帯国内にあつたは、自ら労務に服するだけの自信と体力がない』といふことになる。

日本の六倍、欧羅巴洲と殆ど同じ広さをもつアマゾンヤの住民は三十七万人にしか過ぎないのだ。彼等白人が、アフリカ、インド、濠洲等に於て駆使する程の多くの先住民族がゐないのだ。アマゾンの富源を開拓しようとするならば彼等自身が働かねばならない。それは彼等にとつたは非常に苦痛とする所なのだ。

かく觀じ来ると、世界に残された唯一の大自然、無限の宝庫を開拓すべき使命は我大和民族の上に懸つてゐると云つて差支ない。私は斯うして楽しい希望を満ちた生活を約一ヶ月間続けたのち、一先、研究所員と訣別をつげ、帝国政府へ調査報告旁々将来の計画を具体化すべく歸つた来た。

今や百万町歩の地域は確定し、その根拠地も定まつた。そこには、産業研究所と実業練習所といふ基礎的機関も出来上つた。残された仕事は、大衆移民を送るべき会社の設立だけだ。私は我が大和民族の発展を啓示するが如き、彼のアマゾン原生林の中に、我等が同胞の打下ろす槌の音が木(こ)だまする日の一日も早からん事を切望すると共に、諸君の奮起を望んで止まないものである。

Há várias outras causas, mas no fim das contas “Os brancos não tiveram força física e confiança por si mesmo para se submeter ao trabalho no país equatorial”.

A Amazônia é seis vezes maior que o Japão e quase o mesmo tamanho da Europa, mas tem a população de apenas 37 mil habitantes. Aqui não tinha tantos nativos como na África, Índia, Austrália, que os brancos pudessem fazer trabalho por eles. Se for para desbravar a riqueza da Amazônia, eles tinham que trabalhar. E isso foi para eles o mais doloroso.

Ao olharmos assim, pode se dizer que depende do meu povo japonês a missão de desbravar a riqueza infinita da única natureza que resta no mundo. Depois de eu ter vivenciado, em torno de um mês, uma vida agradável e de realização, me despedi dos pesquisadores, retornei ao Japão para relatar a pesquisa ao governo imperial e concretizar os planos futuros.

Já agora, a área de um milhão de hectares foi definida e seus fundamentos legais foram estabelecidos. As instituições básicas como o Instituto de Pesquisa Industrial e o local de atividades práticas também foram construídos. O que falta é criar uma empresa para enviar imigrantes em massa. Tenho desejo ardente de que os nossos compatriotas entrem na floresta amazônica e ouçam o som de um deles derrubar uma árvore com um machado, para o desenvolvimento do nosso povo, o mais rápido possível, e também que haja inspiração dessas pessoas.

## Referências

COELHO, Jaime; HIDA, Yoshifumi. **Shogakukan Dicionário Universal Japonês – Português**, Shogakukan, 1998.

SAKANE, S., HINATA, N. **Dicionário Português–Japonês Romanizado**. Tóquio: Kashiwa Shobo, 1986.

100 anos de imigração japonesa no brasil (Burajiru no imin no hyakunen). National Library Diet. Disponível em: <https://www.ndl.go.jp/brasil/text/t063.html>, 2009. Acesso 01/04/2020 a 27/06/2020.





**UFAM**



**FACULDADE  
DE LETRAS  
· U F A M ·**



**LÍNGUA E  
LITERATURA  
JAPONESA**